

Gabrielli Ciasca Veloso

**MODELO PARA A INTEGRAÇÃO DE PROFESSORES E
ALUNOS DO ENSINO BÁSICO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E CULTURAL DE ARARANGUÁ-SC E REGIÃO: uma
perspectiva quanto ao resgate e a manutenção da identidade
cultural**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Tecnologias da
Informação e Comunicação da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
mestre em Tecnologias da Informação
e Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa
Cristina Trierweiller

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Solange
Maria da Silva

Araranguá
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Veloso, Gabrielli

MODELO PARA A INTEGRAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS
DO ENSINO BÁSICO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL
DE ARARANGUÁ-SC E REGIÃO : uma perspectiva quanto
ao resgate e a manutenção da identidade cultural /
Gabrielli Veloso ; orientadora, Andréa Cristina
Trierweiler, coorientadora, Solange Maria da
Silva, 2018.

239 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Campus Araranguá, Programa de Pós-
Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação,
Araranguá, 2018.

Inclui referências.

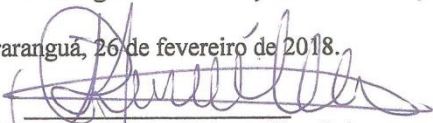
1. Tecnologias da Informação e Comunicação. 2.
Patrimônio Histórico e Cultural. 3. Patrimônio
Histórico Digital. 4. Recursos de Informação na
Internet. I. Trierweiler, Andréa Cristina . II. da
Silva, Solange Maria. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Tecnologias da Informação e Comunicação. IV. Título.

Gabrielli Ciasca Veloso

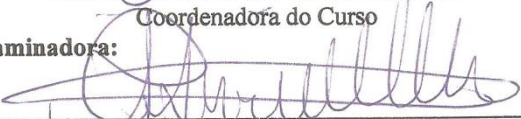
MODELO PARA A INTEGRAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO BÁSICO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE ARARANGUÁ E REGIÃO: uma perspectiva quanto ao resgate e a manutenção da identidade cultural


Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação.

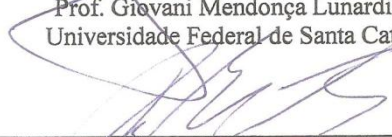
Araranguá, 26 de fevereiro de 2018.

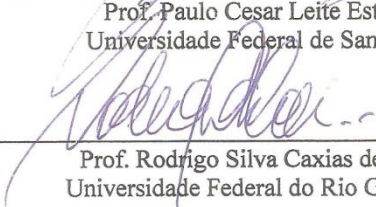

Prof.ª Andréa Cristina Trierweiler, Dr.ª
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:


Prof.ª Andréa Cristina Trierweiler, Dr.ª
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof. Giovanni Mendonça Lunardi, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof. Paulo César Leite Esteves, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof. Rodrigo Silva Caxias de Sousa, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho é dedicado à minha
família.

AGRADECIMENTOS

Meus maiores e eternos agradecimentos são dirigidos a minha família, meus maiores incentivadores e apoiadores desde sempre. A vocês, agradeço por todo suporte nesta fase da minha vida: sem o amparo de vocês nada disso seria possível! Saibam que cada manifestação de orgulho, se transforma em mais energia para buscar os meus sonhos sempre junto de vocês. “Tamo junto, gurizada!”

Ao Tiago e a Kislinha, que me ampararam nas crises e celebraram as pequenas vitórias do dia a dia: obrigada! Vocês foram, e são, fundamentais.

Gostaria de agradecer imensamente ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial a coordenadora, e minha orientadora, professora Dr^a. Andréa Cristina Trierweiler pela colaboração, paciência e por toda troca de conhecimento e crescimento acadêmico e pessoal que me proporcionaste. Sem dúvida, tive o prazer de aprender muito contigo!

Quero também estender meus agradecimentos aos colegas e amigos do programa, em especial aos do laboratório, LABeGIS, pelas conversas que acalmam e estimulam; pela cooperação e colaboração desde o início desta importante etapa das nossas vidas. Valeu, gente!

Agradeço também as pessoas que pude cruzar pelo caminho, deste o meu estágio na graduação até hoje, que acreditaram no projeto e de diferentes formas contribuíram: prof. Paulo Esteves, Josi Zanette do Canto, Alessandra Ferreira, Daniel Vieira, Linda Garcia e Micheline Rocha. Obrigada pela confiança!

Meus agradecimentos a CAPES pelo aporte financeiro.

E finalmente, agradeço a todas as brasileiras e os brasileiros, de dentro e de fora da UFSC, que contribuem na construção de uma universidade pública e de qualidade, pela oportunidade de vivenciar, mais uma vez, a educação pública do país, que com todas as suas limitações e dificuldades, conta com a nossa luta para se manter viva e cada vez mais inclusiva. Força na luta!

Muito obrigada!

Figura 1 - Antigo Aeroporto de Araranguá - SC.



Fonte: Acervo Digitalizado do Arquivo Histórico do Município de Araranguá.

“Desfazer a sociedade para refazê-la” (RIBEIRO, 1995, p. 209).

RESUMO

A disseminação e o compartilhamento de informações é a concepção do que se propõem as Tecnologias da Informação e Comunicação, as chamadas TICs. Seu uso em ambientes museológicos possibilita um complemento digital ao patrimônio cultural pertencente ao Museu e, deste modo, um novo canal de difusão e preservação, que aplicado em ambiente escolar, permite a criação de um meio propagador, tendo em vista o caráter integrador que a escola possui em uma comunidade. Dentro desta perspectiva, este trabalho possui dois objetivos nucleares: Desenvolver e aplicar um modelo de integração de professores e alunos de escolas da Rede Básica de Educação para seleção de informações e construção dinâmica do conhecimento referente ao Patrimônio Histórico Cultural da região de Araranguá, através de aplicação metodológica. A partir do acesso às imagens do acervo histórico-cultural digitalizado, orientado pelo modelo proposto neste trabalho, baseado na combinação e adaptação de conceitos e processos como: Educação Patrimonial do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Gestão Social e Abordagem Social da Aprendizagem, buscou-se, fomentar o conhecimento e a valorização do patrimônio público cultural da região, para que os participantes, identificando e se apropriando do patrimônio histórico e cultural local, tornem-se agentes ativos na construção do respeito a este patrimônio, tal como do resgate da identidade cultural individual e coletiva. Para alcançar o segundo objetivo nuclear: Analisar a experiência do aluno quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da *internet*, utilizou-se de técnicas como, entrevista com especialista e grupo foco, tendo sido elaborado e aplicado um questionário. Dentre os resultados, foram envolvidos 12 professores e 161 alunos voluntários. No decorrer do projeto mais de 70% dos alunos teve o primeiro contato com o acervo digitalizado e mais de 60% foi visitar o Museu local. De modo geral, o modelo se mostrou uma ferramenta efetiva na orientação de professores e alunos para valorização do patrimônio histórico-cultural da região.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação. Patrimônio Histórico e Cultural. Patrimônio Histórico Digital. Educação Patrimonial. Recursos de Informação na *Internet*. Gestão Social.

ABSTRACT

The dissemination and sharing of information is the conception of what is proposed by Information and Communication Technologies, the so-called ICTs. Its use in museological environments allows a digital complement to the cultural heritage belonging to the Museum and, in this way, a new channel of diffusion and preservation, applied in a school environment, allows the creation of a propagating medium, considering the integrative character that the school in a community. In this perspective, this work has two core objectives: To develop and apply a model of integration of teachers and students of schools of the Basic Education Network to select information and dynamic knowledge construction related to Cultural Heritage of the region of Araranguá , through methodological application. Based on the access to the images of the digitized historical-cultural heritage, guided by the model proposed in this work, based on the combination and adaptation of concepts and processes such as: Patrimonial Education of IPHAN (National Historical and Artistic Heritage Institute), Social Management and Social Approach learning and promotion of the cultural public heritage of the region, so that the participants, identifying and appropriating the local historical and cultural patrimony, become active agents in the construction of the respect to this patrimony, as and of the rescue of individual and collective cultural identity. To reach the second nuclear objective: To analyze the student's experience in interaction with the historical collection through Internet tools, techniques such as interview with a specialist and focus group were used and a questionnaire was developed and applied. Among the results, 12 teachers and 161 volunteer students were involved. During the project more than 70% of the students had the first contact with the digitized collection and over 60% went to visit the local Museum. In general, the model has proved to be an effective tool in guiding teachers and students to value the region's historical and cultural heritage.

Keywords: Information and Communication Technologies. Historical and Cultural Heritage. Digital Historical Heritage. Patrimonial Education. Information resources on the Internet. Social Management.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antigo Aeroporto de Araranguá - SC.....	6
Figura 2 - Antigo Coreto, atualmente Biblioteca Pública de Araranguá.....	18
Figura 3 - Logotipo do Museu Histórico de Araranguá.....	23
Figura 4 - Estrutura do trabalho.....	28
Figura 5 - Enchente de 1948 em Araranguá.....	30
Figura 6 - Estrutura e Organograma do IPHAN.....	46
Figura 7 - Organograma da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina.....	49
Figura 8 - Estrutura organizacional do Governo Municipal de Araranguá a partir de 2016.....	51
Figura 9 - Metodologia de educação patrimonial do IPHAN.....	63
Figura 10 - Conceitos-chave nos Estudos Baseados em Prática.....	75
Figura 11 - Tradições dos Estudos Baseados em Prática.....	76
Figura 12 - Pressupostos e benefícios da Coprodução.....	80
Figura 13 - A tragédia do <i>commons</i>	84
Figura 14 - <i>Commons</i> Digital.....	86
Figura 15 - Hospital Bom Pastor em Araranguá.....	88
Figura 16 - Delineamento geral da pesquisa.....	90
Figura 17 - Conceitos que compõem o modelo proposto.....	104
Figura 18 - Atores e suas interações durante o projeto.....	105
Figura 19 - Captura de tela da plataforma web Memórias Digitais de Araranguá.....	110
Figura 20 - Farol do Morro dos Conventos.....	115
Figura 21 - Etapas do projeto.....	117
Figura 22 - O papel de mediador do professor no projeto.....	119
Figura 23 - Interações do aluno, no processo de pesquisa e recolha de Informações para a criação do texto da fotografia.....	120
Figura 24 - Captura de tela referente à publicação do projeto na página da escola no Facebook.....	121
Figura 25 - Estrutura geral do projeto aplicado nas escolas.....	123
Figura 26 - Exposição (Re)conhecendo Araranguá.....	129
Figura 27 - (Re)conhecendo Balneário Arroio do Silva.....	130
Figura 28 - Tipo de fonte de pesquisa escolhida pelos alunos da primeira escola.....	131

Figura 29 - Tipo de fonte de pesquisa escolhida pelos alunos da segunda escola.	131
Figura 30 - Índice de participação por turma referente à primeira escola.	132
Figura 31 - Índice de participação por turma referente à segunda escola.	133
Figura 32 - Etapas de construção do questionário.	139
Figura 33 - Fontes de consulta utilizadas para redigir legenda da imagem na primeira escola.	143
Figura 34 - Fontes de consulta utilizadas para redigir legenda da imagem na primeira escola.	144
Figura 35 - Colaboração dos alunos da primeira escola na atividade.	145
Figura 36 - Colaboração dos alunos da segunda escola na atividade.	145
Figura 37 - Colaboração dos alunos da primeira escola na atividade, além da dupla ou trio.	146
Figura 38 - Colaboração dos alunos da segunda escola na atividade, além da dupla ou trio.	146
Figura 39 - Colaboração dos professores da primeira escola para legenda da imagem.	147
Figura 40 - Colaboração dos professores da segunda escola para legenda da imagem.	148
Figura 41 - Aprendizado sobre a cidade, na primeira escola.	149
Figura 42 - Aprendizado sobre a cidade, na segunda escola.	149
Figura 43 - Diferenças entre as imagens do passado e atuais observadas pelos alunos da primeira escola.	150
Figura 44 - Diferenças entre as imagens do passado e atuais observadas pelos alunos da segunda escola.	151
Figura 45 - Reconhecimento do cenário apresentado, pelos alunos da primeira escola.	152
Figura 46 - Reconhecimento do cenário apresentado, alunos da segunda escola.	152
Figura 47 - Interesse, relatado pelos alunos da primeira escola, em visitar locais representados nas fotos.	153
Figura 48 - Interesse, relatado pelos alunos da segunda escola, em visitar locais representados nas fotos.	154
Figura 49 - Engajamento de outros atores, pelos alunos da primeira escola.	155

Figura 50 - Engajamento de outros atores, pelos alunos da segunda escola.	155
Figura 51 - Conhecimento prévio dos alunos da primeira escola em relação às fotografias.	156
Figura 52 - Conhecimento prévio dos alunos da segunda escola em relação às fotografias.	156
Figura 53 - Conhecimento prévio dos alunos da primeira escola em relação ao museu de Araranguá.	157
Figura 54 - Conhecimento prévio dos alunos da segunda escola em relação ao museu de Araranguá.	158
Figura 55 - Interesse por parte dos alunos da primeira escola em participar novamente do projeto.	159
Figura 56 - Interesse por parte dos alunos da segunda escola em participar novamente do projeto.	159
Figura 57 - Gosto dos alunos da primeira escola, em utilizar tecnologias no dia a dia.	160
Figura 58 - Gosto dos alunos da segunda escola, em utilizar tecnologias no dia a dia.	161
Figura 59 - Uso das tecnologias referente à primeira escola.	162
Figura 60 - Uso das tecnologias referente à segunda escola.	162
Figura 61 - Uso das tecnologias para estudar na primeira escola.	163
Figura 62 - Uso das tecnologias para estudar na segunda escola.	163
Figura 63 - Tecnologias como suporte no desenvolvimento do projeto na primeira escola.	164
Figura 64 - Tecnologias como suporte do projeto segunda escola.	164
Figura 65 - Antigo Centro de Araranguá.	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas Metodológicas.....	65
Quadro 2 - Etapas Metodológicas do Modelo proposto.....	67
Quadro 3 - Classificações das pesquisas.....	91
Quadro 4 - Classificações desta pesquisa.....	96
Quadro 5 - Construtos e sua aplicação no modelo proposto.....	98
Quadro 6 - Etapas da metodologia de educação patrimonial. .	106
Quadro 7 - Adaptação da metodologia de educação patrimonial para construção do modelo proposto.....	107
Quadro 8 - Estrutura da organização das disciplinas e pastas do acervo digital por série na primeira escola.	124
Quadro 9 - Estrutura da organização das disciplinas e pastas do acervo digital por série na segunda escola.	124
Quadro 10 - Cronograma das etapas do projeto dentro das escolas em 2017.	126
Quadro 11 - Categorias e as perguntas que compõem o questionário.	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Respostas da Categoria A do questionário.	165
Tabela 2 - Respostas da Categoria B do questionário.....	165
Tabela 3 - Respostas da Categoria C do questionário.....	166
Tabela 4 - Respostas da Categoria D do questionário.	166
Tabela 5 - Resultados de todas as categorias que compõem o questionário.	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEC – Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina
CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos
IBAC – Instituto Brasileiro de Arte e Cultura
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBPC – Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MHN – Museu Histórico Nacional
ONU – Organização das Nações Unidas
SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	20
1.2	OBJETIVOS	24
1.2.1	Objetivo geral	25
1.2.2	Objetivos específicos	26
1.3	JUSTIFICATIVA.....	26
1.4	PROBLEMA DE PESQUISA.....	27
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO	27
1.6	ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	28
2	FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	31
2.1	CONCEITOS E PERCEPÇÕES DO PATRIMÔNIO	31
2.1.1	Do Patrimônio Palpável ao Digital	37
2.2	CONVERSÃO PARA O MEIO DIGITAL	39
2.2.1	Digitalizar para Preservar e Difundir	40
2.3	LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS.....	42
2.3.1	Instituições e Agentes Públicos para a Manutenção e o Fomento da Preservação do Acervo Cultural no Brasil ..	43
2.3.2	Instituições e Agentes Públicos de Santa Catarina para Preservação do Patrimônio	47
2.3.3	Instituições e Agentes Públicos de Araranguá para Preservação do Patrimônio	50
2.4	IDENTIDADE CULTURAL	58
2.5	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	62
2.6	FUNDAMENTOS DA GESTÃO SOCIAL.....	70
2.7	A ABORDAGEM SOCIAL DA APRENDIZAGEM.....	73
2.7.1	Estudos Baseados em Prática	73
2.7.1.1	Comunidades de Prática.....	77

2.7.1.2	Teoria da Atividade Cultural e Histórica	78
2.8	COPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	79
2.9	<i>COMMONS</i> E <i>COMMONS</i> DIGITAIS: PRESSUPOSTOS UTILIZADOS NO MODELO	81
2.9.1	A Tragédia dos Commons	83
2.9.2	Conceituando <i>Commons</i> (Bem Comum)	84
2.9.3	<i>Commons</i> digitais	85
3	METODOLOGIA DO TRABALHO	89
3.1	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	89
3.2	PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA A COLETA DOS DADOS.....	97
3.3	ANÁLISE DOS DADOS.....	101
3.4	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	102
3.5	DESENVOLVIMENTO DO MODELO PARA INTEGRAÇÃO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	103
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	116
4.1	APLICAÇÃO DO MODELO PARA INTEGRAÇÃO AO PRATRIMÔNIO HISTÓRICO	117
4.2	AVALIAÇÃO DO MODELO NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS	133
4.2.1	Entrevista com Especialista	134
4.2.2	Grupo Foco.....	135
4.2.3	Questionário	138
4.3	RESULTADOS	143
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
	REFERÊNCIAS.....	175
	APÊNDICE A – Formulário disponibilizado aos alunos voluntários do projeto pra enviar as legendas construídas.	193
	APÊNDICE B – Questionário direcionado aos alunos voluntários.....	195

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	197
APENDICE D – Transcrição da Entrevista com Especialista	201
APENDICE E – Transcrição do Grupo Foco	209
APÊNDICE F – Extrato do Caderno de Atividades do Projeto	220
ANEXO A – Plano de Aula Escola Municipal de Educação Básica do Balneário Arroio do Silva/SC	230
ANEXO B – Plano de Aula do Colégio de Araranguá/SC	235
ANEXO C – Regimento Interno da III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá – SC.....	238

Figura 2 - Antigo Coreto, atualmente Biblioteca Pública de Araranguá.



Fonte: Acervo Digitalizado do Arquivo Histórico do Município de Araranguá.

Capítulo 1

1 INTRODUÇÃO

O respeito e a valorização ao patrimônio público cultural são sentimentos que se pode fomentar em diversas idades, contextos e momentos. No entanto, os sentimentos de pertencimento e de identidade tendem a se afastar à medida que, o indivíduo não se vê inserido como agente ativo na sociedade. Uma maneira eficaz de incorporar este sujeito e proporcionar este sentimento é por meio do conhecimento. Uma vez que a informação está acessível e se é capaz de geri-la, de tal forma, a desenvolver este conhecimento, o indivíduo se reconhece no ambiente e se torna ativo na disseminação do respeito e na autoafirmação da sua identidade individual e coletiva. De acordo com Chuva (2008, p. 31):

A noção de patrimônio, embora, tenha recebido uma série de adjetivações ao longo do tempo (histórico, artístico, paisagístico, genético, tangível, intangível, material, imaterial, móvel), está relacionada ao seu papel na formação de grupos de identidade, isto é, associada a práticas voltadas para o fortalecimento dos laços de identidade de determinados grupos e de sua afirmação quanto tal. Ou seja: construir e/ou inventar e preservar o *patrimônio* se constitui na prática cultural de atribuição de valores e significados a objetos e bens que amalgamam grupos de identidade.

Nesse sentido, para que o indivíduo se sinta inserido e consciente daquilo que o pertence e o representa, ele precisa de dois elementos fundamentais: capacidade de questionamento e oportunidade de se manifestar e construir. Segundo Tenório (2007): o ambiente ideal para tal é: “(...) o espaço público como cenário no qual se propagam as potencialidades da democracia deliberativa com o protagonismo da cidadania”. Sendo assim, a gestão social seria a trilha para uma emancipação, pois estimula um “(...) gerenciamento mais participativo, dialógico no qual o processo decisório é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais” (TENÓRIO, 2008b, p. 25-26).

No entanto, a fim de que se crie uma corrente, para o resgate e a construção da identidade cultural, um cenário que oportuniza e incentiva este trabalho, é sem dúvida, a escola. Neste ambiente, são agregados à comunidade escolar, não somente os estudantes e os seus responsáveis, mas toda a comunidade externa e demais instituições de educação e

cultura locais. Dessa forma, é possível se criar uma teia, que coopera e colabora na construção desse conhecimento. Como concluem Gil e Possamai (2014):

(...) educação e patrimônio são um duplo potente que possibilita correlações fecundas. A educação, como um processo de constituição do sujeito, trama fios de vivências e experiências para humanizar. O patrimônio, servindo-se de tudo que possa representar a história, é documento para a educação, seja escolar, seja no museu.

Por fim, a difusão do conhecimento gerado é potencializada pela atuação desses conceitos em colaboração: a gestão social e a educação patrimonial, que serão detalhadas no decorrer deste trabalho, e em consonância com as Tecnologias da Informação e Comunicação, darão forma ao modelo para a integração de professores e alunos do ensino básico ao patrimônio histórico e cultural de Araranguá-SC e região, dentre outros temas, como: Abordagem Social da Aprendizagem, Coprodução do Conhecimento, Comunicação do Compromisso e *Commons e Commons Digitais*.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A princípio, a região de Ilhas e do Morro dos Conventos, era habitada por índios sambaquieiros, caçadores-coletores: Xoklengs e Guaranis, estes povos produziam agulhas, anzóis, machados e pesos de rede, viviam da caça animal e da colheita de frutas da região, por volta de 2.000 anos a.C. (PREFEITURA DE ARARANGUÁ, 2013).

A cidade de Araranguá está presente nos registros da História Brasileira, desde meados de 1835, pois consta que o povoado, ali residente, abrigou refugiados da Guerra dos Farrapos, que data do período de 1835 a 1845 (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010).

No entanto, segundo Daniel Viera, ex-coordenador do Arquivo Histórico do Município de Araranguá:

Araranguá surge na história oficial a partir de 1728 na rota dos tropeiros, com a abertura do chamado Caminho dos Conventos. O local, denominado Capão da Espera - hoje distrito de Hercílio Luz - foi um lugar de pouso destes tropeiros, onde surgiram as primeiras casas e comércios, afastando ou dizimando as populações

índigenas da região (PREFEITURA DE ARARANGUÁ, 2013, s/p).

Cézar (2011, s/p), complementa:

A ocupação e a transformação do cenário geopolítico, que abrange a região do Grande Araranguá teve início a partir da primeira metade do século XVIII com a construção do Caminho dos Conventos. No entanto, é importante frisar que tal ocupação, tanto a realizada pelos tropeiros como mais tarde pelos imigrantes europeus, não levaram em consideração os povos indígenas, que habitavam essas terras há séculos.

Pois, segundo Ribeiro (1995, p. 37):

Ao contrário dos povos que aqui [no Brasil] encontraram, todos eles estruturados em tribos autônomas, autárquicas e não estratificadas em classes, o enxame de invasores [europeus] era a presença local avançada de uma vasta e vetusta civilização urbana e classista.

Que na sequência, a exemplo do que se encontra por toda história de ocupação, desprezava as práticas mercantilistas dos povos originários, não as reconhecendo pelo governo federal, o qual definia a terra como improdutivo, e buscava nesta definição, a justificativa para estratégias de “limpar a área” (CÉZAR, 2011).

No decorrer do expansionismo, as terras do extremo sul catarinense foram ocupadas pela imigração, principalmente, açoriana, italiana e alemã; contudo, os imigrantes italianos e alemães, que apesar de serem em menor número, destinaram-se às atividades comerciais e do cultivo agrícola; e a cultura do trigo é trazida à região pelos imigrantes açorianos. Contudo, esta cultura não se adequava ao clima da região, sendo os açorianos compelidos a se adaptar ao cultivo da mandioca indígena; desta forma, nasceram grandes roças de mandioca às margens do Rio Araranguá, além de cana de açúcar, trazendo a ocupação ao sul do Rio Araranguá, reconhecido hoje, como o município de Araranguá (PREFEITURA DE ARARANGUÁ, 2013).

Com este crescimento populacional, os cultivos e o comércio instaurado, a região cresceu até que, por meio da criação da Lei

Provincial 901, Araranguá se tornou um município, emancipando-se de Laguna em 1880 (PREFEITURA DE ARARANGUÁ, 2013).

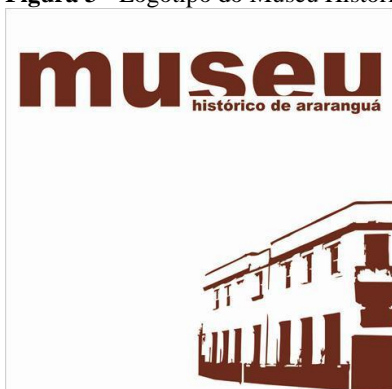
Inicialmente, a cidade era chamada de Nossa Senhora Mãe dos Homens; no entanto, pela lei provincial nº 532, de 19-03-1864, a cidade recebeu o nome de Campinas e só em 03 de abril de 1880, pela lei provincial nº 901, que o nome Araranguá surge (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010).

A origem deste nome não tem uma versão irrefutável, a mais popular, que se tem registro, é que tenha surgido de onomatopeia, com a fusão de *ararã* (papagaio grande, arara) com *guá* (vale, baixada), termos da língua Guarani, originando a denominação de “Vale das Araras”. No entanto, outra versão é que os termos: *arara* e *anguá*, também oriundos do Guarani, foram unidos, dando alusão ao barulho produzido pelos papagaios da região, e por fim, existe a versão que aponta a transformação do termo guarani *Ararerunguay* em *Araranguá*, que significa “rio de areia preta”, fazendo menção ao Rio Araranguá (SUL-SC, 2017).

A cidade de Araranguá está localizada às margens da BR 101, rodovia Brasileira de grande importância e extensão, que liga o país, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul (DNIT, 2017). Atualmente, a cidade conta com uma área de 303.299 km² e 61.310 habitantes (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010), além de duas Instituições Federais de Ensino Superior: o Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC e a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, esta com o primeiro Programa de Pós-Graduação gratuito, entre Porto Alegre – RS e Florianópolis – SC, desde 2013: o Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação – PPGTIC.

Devido a sua vasta história, que inclusive origina diversas outras cidades do seu entorno, Araranguá dispõe de grande relevância no que se refere ao patrimônio histórico-cultural da região, que necessita de cuidado e de políticas de disseminação a altura de sua importância. Para tanto, a cidade conta com o Centro Cultural Máxima Astrogilda de Souza, onde estão o Departamento de Cultura, as Salas de Exposições, o Arquivo Histórico de Araranguá, e o Museu Histórico de Araranguá, representado pela Figura 3.

Figura 3 - Logotipo do Museu Histórico de Araranguá.



Fonte: Departamento de Cultura (2017).

Em 1997, a Prefeitura do Município de Araranguá iniciou processo de recuperação e manutenção do material relativo à memória da cidade. Com a aquisição do prédio para a montagem do Centro Cultural, colocou-se em prática, a proposta de conservar a história documental do município, para onde foram transferidos todos os documentos antigos, oriundos do arquivo central da prefeitura (VELOSO, 2016).

A partir de 2005, a organização e tratamento desse acervo passaram a receber atenção, por meio de parcerias com instituições de ensino da região, que propiciaram uma pré-organização desse material (VELOSO, 2016).

Em 2011 uma pequena parte do acervo, basicamente formado por documentos antigos da municipalidade, coleções de jornais e de fotos diversas, estava disponível em formato digital para consulta pela comunidade. Entretanto, tratava-se apenas de consulta local, no computador do Centro Cultural e ainda, somente 5% do acervo fotográfico estava digitalizado, os outros tipos de documentos não haviam passado pelo processo de digitalização (VELOSO, 2016).

Foi a partir de novembro de 2011, que a Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com a então subsecretaria de Cultura, iniciou o Projeto de Digitalização do Acervo do Arquivo Histórico do Município de Araranguá, desenvolvido em duas partes, coordenado pelo Professor Dr. Paulo Cesar Leite Esteves, com participação das bolsistas Gabrielli Ciasca Veloso, Mariana dos Reis Martins e Gisele Fortunato Martins, acadêmicas do curso de Bacharelado em Tecnologias da Informação e Comunicação da UFSC, juntamente com a direção do

Centro Cultural Artesã Máxima Astrogilda de Souza de Araranguá, o subsecretário Jair Anastácio, o coordenador do Arquivo Histórico do Município Daniel Viera e a servidora Linda Nunes Garcia.

Este projeto teve o propósito de digitalizar o acervo fotográfico e documental do Arquivo Histórico de Araranguá, a fim de promover a preservação do patrimônio, sem privar o público de seu acesso e ainda, estimular o conhecimento de uma forma mais dinâmica, atrativa e interessante, propiciado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs (VELOSO; TRIERWEILLER; ESTEVES, 2017).

O projeto foi finalizado em fevereiro de 2014, nele, todas as imagens fotográficas disponíveis no Arquivo, até o final do projeto, cerca de 3.670, e em torno de 5.165 documentos soltos, foram devidamente organizados, catalogados e digitalizados, em conformidade com as regras de catalogação e criação de legendas para cada fotografia, correspondentes ao material físico e a coleção virtual.

Atualmente, este material se encontra disponível em três ambientes: no computador do Centro Cultural de Araranguá, no Totem Digital e em uma aplicação *web (site)*. O computador está no prédio do Centro Cultural e é permitido seu acesso por visitantes. O Totem Digital foi produzido e avaliado pelos alunos Luiz Fernando Rosso Perraro, Leonardo Deivid Pierre, Rafael Cabral Chaves, Juliano Almeida, Mateus Peagle e Gabrielli Ciasca Veloso, alunos do curso de Bacharelado em Tecnologias da Informação e Comunicação da UFSC, contando com a orientação inicial do professor Dr. Eugenio Simão e na sequência, sob a orientação do professor Dr. Márcio Vieira e do professor Dr. Robson Rodrigues Lemos. Atualmente, encontra-se em desuso na UFSC, aguardando processo de doação para o museu de Araranguá. Quanto à aplicação *web*, desenvolvida posteriormente, pelos alunos Juliano Almeida e Rafael Candido do mesmo curso, sob a orientação do Prof. Dr. Robson Rodrigues Lemos (ALMEIDA; CÂNDIDO, 2016), está disponível na *internet* e serviu como plataforma para acesso *mobile* do patrimônio digitalizado do Arquivo Histórico de Araranguá.

1.2 OBJETIVOS

A partir da experiência em dois anos no projeto “Digitalização do Acervo do Arquivo Histórico do Município de Araranguá”, realizado por meio do Edital Bolsa Cultura da UFSC, nos anos de 2011 a 2014, contando com a orientação do Professor Doutor Paulo Cesar Leite

Esteves, foi organizado e digitalizado todo o acervo fotográfico e parte do acervo documental, do Arquivo Histórico de Araranguá.

Em um segundo momento, buscou-se a disponibilização deste material, de forma a propiciar uma melhor condição de acesso e pesquisa, através das TICs, a todos os interessados na preservação e difusão da memória histórica do município, através de um quiosque digital, denominado Totem Digital (VELOSO et al., 2016) e posteriormente, em uma aplicação *web*, denominada Memórias Digitais de Araranguá (ALMEIDA; CANDIDO, 2016), ambos sob a orientação do Professor Dr. Robson Rodrigues Lemos.

Este trabalho, busca integrar professores e alunos da rede básica de educação à este patrimônio, por meio de dois objetivos nucleares, descritos na seção a seguir.

1.2.1 Objetivo geral

Para declaração do objetivo geral deste trabalho, faz-se necessário expor o contexto da pesquisa.

O objetivo inicial da pesquisa era, com base no modelo de Educação Patrimonial do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dos pressupostos da Gestão Social e outros construtos correlatos: **Desenvolver e aplicar um modelo de integração de professores e alunos de escolas da Rede Básica de Educação para seleção de informações e construção dinâmica do conhecimento referente ao Patrimônio Histórico Cultural da região de Araranguá.** Para tanto, trabalha-se o patrimônio digitalizado previamente, por meio da aplicação *web*, Memórias Digitais de Araranguá, já mencionada anteriormente.

Contudo, vislumbrou-se a necessidade de mais um objetivo nuclear, qual seja: **Analisar a experiência do aluno quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da *internet*;** afinal, trata-se de uma dissertação envolta em conceitos de Gestão Social e Tecnologias da Informação e Comunicação, ligada a um Programa Interdisciplinar, na linha de pesquisa de Inovação, Tecnologia e Gestão. Pretende-se assim, compreender, sob o ponto de vista dos usuários (alunos), os impactos desse acesso para a identificação e reconhecimento de si, de seus antepassados, demais personagens e fatos, no contexto cultural e histórico do município.

A interação com essas tecnologias – neste modelo – será detalhada no capítulo referente à Metodologia.

1.2.2 Objetivos específicos

Esta proposta deverá satisfazer as seguintes características:

- Promover uma maior disseminação dos arquivos e artefatos do Museu, facilitando o acesso de visitantes e visitantes em potencial ao conteúdo;
- Promover atividades de ensino em História e Geografia em escolas da rede pública e privada do município de Araranguá e Balneário Arroio do Silva, a fim de proporcionar o resgate da identidade cultural regional, por meio do patrimônio digitalizado;
- Possibilitar a autonomia e o empoderamento do indivíduo como agente ativo para a preservação e o resgate do patrimônio público cultural local.
- Desenvolver o Modelo de Interação com base nos construtos aplicados em diferentes contextos, provenientes da pesquisa na literatura;
- Aplicar, juntamente com os professores (colaboradores do projeto), o Modelo proposto, em escolas da rede básica de educação, do Município de Araranguá e Balneário Arroio do Silva;
- Buscar o recolhimento de dados, que culminem em um diagnóstico dos resultados do projeto sob a ótica dos alunos participantes, com base em métricas e ferramentas apropriadas;
- Mensurar a qualidade da experiência proporcionada pela aplicação do modelo em sala de aula, sob a perspectiva dos alunos;

1.3 JUSTIFICATIVA

Existe a iminente necessidade do envolvimento da comunidade na tomada de decisões, em especial, sobre questões relacionadas à preservação do patrimônio cultural. Para que isso seja concretizado, os mecanismos de participação, como as Tecnologias da Informação e Comunicação, as TICs, precisam sofrer uma adequação para que a população tenha, de fato, condições de discutir esse assunto tão relevante, de forma coletiva.

Sendo assim, com base em abordagem interdisciplinar, apresentada pelo modelo aqui proposto, que se fundamenta em três

pilares principais: a Gestão Social, a Educação Patrimonial e a Abordagem Social da Aprendizagem, alicerçados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, buscar-se-á proporcionar consciência, autonomia e, conseqüentemente, empoderamento, a fim de, como cita Horn (2006, p. 83): “[...] reconstruir e recuperar as relações que se estabeleceram entre os homens organizados na sua atividade social e produtiva em diferentes tempos e espaços”.

Outros construtos são fundamentais nas entranhas do modelo, para sua construção e aplicação, servindo de pano de fundo e inspiração, como: Coprodução do Conhecimento, Comunicação do Compromisso (Atos Preparatórios) e *Commons* e *Commons* Digitais, considerados neste trabalho, a fim de que, o indivíduo seja capaz de discutir e construir, coletivamente, de forma global e local, soluções relacionadas à preservação do patrimônio cultural, conferindo aos sujeitos uma identidade cultural, que se refletirá nos seus pensamentos e ações.

1.4 PROBLEMA DE PESQUISA

Por meio de projetos anteriores, focados na digitalização do patrimônio público cultural de Araranguá, percebeu-se a oportunidade de contribuição das TICs em proteger e difundir o acervo do Arquivo Histórico do Município de Araranguá. No entanto, as TICs foram apenas o meio, para que estes processos fossem efetivados. Constatou-se a importância em despertar, na população, o sentimento de pertencimento, valorização e respeito a sua identidade cultural, por intermédio deste material. Para isso, buscou-se aproximar a comunidade ao acervo, em um ambiente favorável ao compartilhamento de informações e a cooperação na construção do conhecimento, ou seja, a escola.

Diante disso, este trabalho busca responder ao seguinte problema de pesquisa: Como estimular o envolvimento de professores e alunos na proteção e difusão do patrimônio histórico-cultural de Araranguá e região, a fim de recuperar e manter sua identidade cultural, por meio das TICs?

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

O segundo capítulo deste trabalho busca um maior entendimento da problemática e contextualiza o estudo através da fundamentação teórica. Nesta, são apresentados os conceitos e percepções do patrimônio, uma breve discussão sobre identidade cultural, a relevância

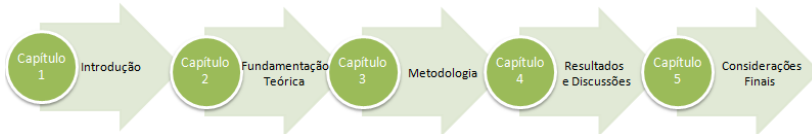
da conversão para o meio digital, instituições e agentes públicos para a manutenção e o fomento da preservação do acervo cultural no âmbito federal, estadual e municipal, os fundamentos da gestão social, definições da Abordagem Social da Aprendizagem, o conceito de Coprodução do Conhecimento e os pressupostos de *Commons* e *Commons* Digitais presentes no modelo proposto.

O terceiro capítulo trata da metodologia do trabalho. Neste momento é apresentada a classificação da pesquisa, os procedimentos utilizados para a coleta dos dados, bem como a aderência dos constructos levantados no capítulo anterior, ao modelo proposto.

Após a apresentação do contexto do trabalho e sua metodologia, no quarto capítulo, são abordados os resultados e discussões, por meio da descrição da aplicação do Modelo para Integração ao Patrimônio Histórico, sua avaliação sob a perspectiva dos alunos e os resultados observados.

A explanação da elaboração e conclusões da pesquisa, e considerações finais do trabalho como um todo, está disponível no quinto capítulo, como mostra a Figura 4.

Figura 4 - Estrutura do trabalho.



Fonte: Da autora.

Por fim, o apêndice A apresenta o formulário disponibilizado aos alunos voluntários do projeto pra enviar as legendas construídas; o apêndice B dispõe do questionário direcionado aos alunos voluntários; o apêndice C, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e o apêndice D um extrato do caderno, que na sua integra possui 42 páginas, desenvolvido para facilitar a análise dos textos produzidos pelos alunos voluntários, pela banca de professores.

E ainda, no Anexo A está acessível o Plano de Aula da Escola Municipal de Educação Básica do Balneário Arroio do Silva/SC e no Anexo B, o Plano de Aula do Colégio de Araranguá/SC utilizados por todas as disciplinas, que aderiram ao modelo, de cada escola.

1.6 ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A seguinte pesquisa se encaixa na proposta do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação - PPGTIC, especificamente, na linha de pesquisa Tecnologia, Gestão e Inovação, por se tratar de temática interdisciplinar, que tem como principal objetivo: **Desenvolver e aplicar um modelo de integração de professores e alunos para seleção de informações e construção dinâmica do conhecimento referente ao Patrimônio Histórico Cultural da região de Araranguá, utilizando-se do acervo digital constante em aplicação web.**

Dessa forma, demonstra-se a interação entre as Tecnologias da Informação e Comunicação, as organizações públicas, que pela execução de projetos para digitalização e disponibilização do patrimônio, alia os gestores da municipalidade com pesquisadores/professores da UFSC e das escolas de educação básica de Araranguá e Balneário Arroio do Silva bem como seus alunos, que com base no modelo desenvolvido, contagia ou “contamina positivamente” toda a comunidade, fortalecendo a identidade, o respeito e, por conseguinte, a conservação do patrimônio da região.

Ou seja, envolve pressupostos relacionados à Gestão Social, Abordagem Social da Aprendizagem, Comunidades de Prática, que exigem coprodução dos alunos e professores para a construção dinâmica do conhecimento, atribuindo contexto e assim, significado às imagens digitalizadas.

Por meio de conceitos importantes como Gestão social e Educação Patrimonial, neste trabalho, foi desenvolvido um modelo que propõe métodos e processos voltados para o regate e a manutenção da identidade cultural individual e coletiva, por meio do patrimônio público cultural digitalizado, pertencente ao Centro Cultural Máxima Astrogilda de Souza, de Araranguá.

Figura 5 - Enchente de 1948 em Araranguá.



Fonte: Acervo Digitalizado do Arquivo Histórico do Município de Araranguá.

Capítulo 2

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O capítulo de fundamentação teórica tem como objetivo apresentar os principais temas relacionados ao trabalho com vistas a fornecer o embasamento necessário para o desenvolvimento dos instrumentos de coleta de dados bem como da análise dos resultados. Sendo assim, recorre-se a estudos, já desenvolvidos, para avançar no conhecimento e contribuir com a área em análise.

2.1 CONCEITOS E PERCEPÇÕES DO PATRIMÔNIO

A noção de patrimônio é largamente utilizada nas sociedades complexas contemporâneas (POSSAMAI, 2012). Especialmente, considerada como de domínio das políticas culturais públicas e, de seus agentes especializados, configurados no campo do patrimônio, é noção que se propaga em diversos contextos sociais (BOURDIEU, 1996).

Segundo Funart e Pelegrini (2009): “Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater familias*, pai de família”, sendo assim, a etimologia da palavra “patrimônio”, liga-se à ideia de herança.

Designava-se patrimônio como o conjunto de bens de propriedade de uma família, de uma instituição, que pressupõe cuidado com sua manutenção, guarda, aumento e aprimoramento com a finalidade de transmissão às futuras gerações.

Neste contexto, cabe ressaltar que, *familia* compreendia tudo que pertencia ao senhor, inclusive mulher e filhos, bem como os escravos, os bens móveis e imóveis, e seus animais. O *patrimonium* era tudo que podia ser deixado por testamento, o que inclui as próprias pessoas.

O patrimônio era um valor, exclusivamente aristocrático e privado, limitado à preocupação com a transmissão de bens da elite patriarcal romana. O Estado era apropriado pelos pais de família, e o conceito de patrimônio público inexistente. Os magistrados romanos colecionavam esculturas gregas em suas casas e o patrimônio era patriarcal, individual e privativo da aristocracia (FUNART; PELEGRINI, 2009).

Foi então, através do cristianismo e do predomínio da Igreja a partir da Antiguidade tardia (séculos IV -V) e, em especial, da Idade Média (séculos VI - XV), que o patrimônio recebia outro valor simbólico e coletivo: o religioso. “Ainda que o caráter aristocrático tenha se mantido, elevaram-se à categoria de valores sociais

compartilhados os sentimentos religiosos, em uma pletera de formas materiais e espirituais” (FUNART; PELEGRINI, 2009).

O antropólogo Reginaldo Gonçalves (2003) considera que patrimônio esteja presente em diversas sociedades, afinal a acumulação de objetos materiais é prática que perpassa tempos e espaços. No entanto, é a partir da modernidade, que a ideia conformou um sentido preciso de conservação de elementos do passado.

Segundo Funart e Pelegrini (2009), os modernos Estados nacionais surgiram a partir de dois grandes sistemas jurídicos, cujas características são deflagradas até hoje, e subsistem entre as concepções oriundas do direito romano ou civil e do direito consuetudinário, anglo-saxão. “O conceito de propriedade difere bastante nessas duas tradições jurídicas, o que tem repercussão direta nas definições do patrimônio pelo Estado nacional”.

Para Choay:

(...) patrimônio, esta bela e antiga palavra estava na origem ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito nômade, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante (Choay, 2006, p. 11).

Enquanto que, na tradição latina, bem como no direito romano, a propriedade privada está sujeita a restrições, em prol dos direitos dos outros ou da coletividade em geral, no direito consuetudinário anglo-saxão, a limitação ao direito de propriedade permitiu, por exemplo, a delimitação das propriedades rurais na Inglaterra, no século XVIII, que induziu os camponeses à imigrarem para as cidades, servindo de mão de obra industrial (FUNART; PELEGRINI, 2009).

Sendo assim, qualquer bem encontrado em propriedade de posse privada, de acordo com o direito consuetudinário (anglo-saxão), é de seu proprietário e pode ser vendido ou utilizado, de acordo com seus interesses, seja este bem um lençol freático ou um artefato pertencente aos povos originários. Em oposição a este entendimento, para a tradição do direito romano, tais bens são considerados patrimônio coletivo e devem ser reportados ao Estado.

De acordo com Funart e Pelegrini (2009), “Essas duas tradições legais diversas levam a duas concepções diferentes do patrimônio, uma

voltada para a proteção dos direitos privados e outra, mais atenta ao Estado nacional.”.

De acordo com Choay (2006), na França, em meio à Revolução Francesa, verificou-se uma forma legal de destruição particular do patrimônio. O indivíduo morador da cidade e dos campos, ao adquirir bens nacionais, tinha autonomia para degradar, destruir ou transformar monumentos para converter em lotes vendáveis, com o incentivo do próprio Estado. Neste período, os antiquários perdem domínio e as atividades de preservação passam a ser papel do Estado, momento em que a proteção legal de bens culturais, e a noção de patrimônio histórico com relíquias herdadas por toda uma geração de pessoas, passam a ser entendidas como bens disponíveis ao uso e benefício de todos e não mais de grupos isolados (CHOAY, 2006).

Duas importantes reuniões, realizadas pela UNESCO, foram fundamentais para a proteção do patrimônio cultural mundial: a Convenção para a Proteção dos Bens Culturais em caso de conflito armado, realizada pela ONU e UNESCO em 1954, em Haia, e a Conferência Geral, de 1972. Na primeira, os países participantes se comprometeram a salvaguardar e a proteger os bens culturais, em caso de confronto bélico, para tanto, definiu-se o que seria considerado um bem cultural:

[...] monumentos de arquitetura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, os sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objetos de interesse artístico, histórico ou arqueológico, assim como as coleções científicas e as importantes coleções de livros, de arquivos ou de reprodução dos bens acima definidos (UNESCO, 2003, s/p).

Dezoito anos depois, em 1972, em Conferência Geral, a UNESCO, deu outro grande passo para o reconhecimento da amplitude e da relevância da diversidade cultural mundial e afirmou, com a chancela de mais de 150 países, que o patrimônio da humanidade pertence a todos os povos do mundo (UNESCO, 1972). Na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, definiu-se como patrimônio:

- Monumentos: obras arquitetônicas, esculturas, pinturas, vestígios arqueológicos, inscrições, cavernas;
- Conjuntos: grupos de construção;
- Sítios: obras humanas e naturais de valor histórico, estético, etnológico ou científico;
- Monumentos naturais: formações físicas e biológicas;
- Formações geológicas ou fisiológicas: habitats de espécies animais e vegetais ameaçados de extinção;
- Sítios naturais: áreas de valor científico ou de beleza natural.

Em 1989, surge a Recomendação da UNESCO sobre Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, na 25ª reunião da Conferência Geral desta entidade, em que, definiu-se:

A cultura tradicional popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem, oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes (UNESCO, 1989, s/p).

Segundo o documento da UNESCO (1989), deliberaram-se as seguintes recomendações:

- Definição da cultura tradicional e popular;
- Identificação da cultura tradicional e popular;
- Conservação da cultura tradicional e popular;
- Salvaguarda da cultura tradicional e popular;
- Difusão da cultura tradicional e popular;
- Proteção da cultura tradicional e popular;
- Cooperação internacional.

Por meio destas recomendações da UNESCO, cada país fica responsável em aplicar as disposições citadas no documento, adotando as medidas legislativas necessárias.

O Modelo para a Integração de Professores e Alunos do Ensino Básico ao Patrimônio Histórico e Cultural de Araranguá-SC, a ser apresentado em detalhes no decorrer deste trabalho, contempla quase todas as recomendações indicadas, faltando apenas a cooperação internacional, pois apesar do material digitalizado e disponível na *web* e a produção dos alunos, que poderá ser disponibilizada na rede mundial de computadores, a *internet*, e assim, disponível em qualquer lugar do mundo, ainda não existe um convênio com uma instituição internacional. No entanto, quanto à definição da cultura, o modelo proposto busca apresentar, a partir das fotografias, e contando com a mediação dos professores, os diferentes costumes e práticas da região.

E, por meio desta definição, é possível instruir o aluno a identificar esta cultura no seu dia-a-dia, nos seus próprios hábitos e crenças; a conservação e a salvaguarda do patrimônio e consequentemente, da cultura ali representada, acontece através do auxílio de procedimentos envolvendo as TIC, como a digitalização. E a difusão e a proteção são proporcionadas pelas ferramentas da *internet*, outras TICs, que por meio da divulgação e propagação deste material na *internet*, permite fomentar o respeito por este, o que acaba por gerar uma maior proteção e cuidado por parte dos alunos envolvidos no projeto.

E percebendo o papel fundamental do patrimônio imaterial, como fonte de identidade, e importante meio de compartilhamento e propagação da história de um povo, uma nova Conferência Geral da UNESCO, definiu os seguintes itens, a fim de assegurar a preservação e difusão deste tipo de patrimônio, tão vulnerável (UNESCO, 2006):

- A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial;
- O respeito ao patrimônio cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos;
- A conscientização no plano local, nacional e internacional da importância do patrimônio cultural imaterial e de seu reconhecimento recíproco;
- A cooperação e a assistência internacionais.

A partir destas recomendações, concebidas pela UNESCO, percebe-se a preocupação mundial com o patrimônio, como meio de conservação da cultura e identidade dos povos, demonstrando sua importância em diversas instâncias: local, regional, nacional e

internacional. Afinal, somente com o reconhecimento local e a identificação de sua importância histórica, que um monumento ou uma paisagem, por exemplo, poderá se converter em patrimônio mundial.

Importantes aliadas no cumprimento destas recomendações, de amparo ao patrimônio cultural, são a preservação e a difusão digital. Em 2003, a UNESCO lançou um documento sobre a “Preservação do Patrimônio Digital” a fim de possibilitar a identificação de conceitos, e a definição de estratégias, ações políticas e éticas, para fomentar um processo de discussão efetiva e relacionada entre as nações, uma vez que como consta na carta:

[...] a informação digital é altamente susceptível de cair tecnicamente em desuso e em decadência física e que manter um acesso aos recursos de informação digital requer um compromisso de longo termo [...] (UNESCO, 2003, s/p).

Contemplando as sugestões desta carta, o Conselho Nacional de Arquivos – Conarq, lança, em sua 34ª reunião plenária em 6 de julho de 2004, no Rio de Janeiro, a Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital – Preservar para Garantir o Acesso (CONARQ, 2004), considerando o novo conceito de patrimônio arquivístico digital, e as peculiaridades que este apresenta.

Nesta carta, são levantados assuntos fundamentais para o entendimento da dinâmica do ambiente virtual tais como:

- A Dependência Social da Informação Digital, uma vez que, atualmente, diversos setores da sociedade civil como o governo, já trabalham com documentos acessíveis, somente em formato digital;
- A Rápida Obsolescência da Tecnologia Digital e a Incapacidade dos Atuais Sistemas Eletrônicos de Informação em Assegurar a Preservação a Longo Prazo, considerando a rápida defasagem de *hardwares* e *softwares* que são grandes ameaças na preservação a longo prazo;
- A Fragilidade Intrínseca do Armazenamento Digital, dada a instabilidade no armazenamento; a Complexidade e Custos da Preservação Digital, pois não existe uma diretriz única, cada contexto exige investimento, atualização e manutenção contínuos; e por fim,
- A Multiplicidade de Atores Envolvidos, que se refere ao comprometimento de diversos segmentos da sociedade como os poderes públicos, a indústria de tecnologia da informação, as

instituições de ensino e pesquisa, os arquivos e bibliotecas nacionais e demais organizações públicas e privadas a fim de assegurar a qualidade de acesso no futuro (CONARQ, 2004, s/p).

Desse modo, é importante frisar que as Tecnologias da Informação e Comunicação, em qualquer contexto, requerem minucioso estudo, antes de sua aplicação e um grande esforço conjunto, focado em sua manutenção e atualização, para que não acabem por se tornar mais uma barreira. Neste caso, na preservação e difusão do patrimônio cultural, não devem, necessariamente, substituir outros meios de registro de informação, uma vez que, também têm suas limitações tanto técnicas quanto sociais, e sim, devem ser mais um canal de comunicação entre a sociedade e seu legado.

2.1.1 Do Patrimônio Palpável ao Digital

Atualmente, com a popularização, em certa medida, de equipamentos digitais, com capacidade de armazenamento cada vez maior, e a possibilidade de acesso a ferramentas da *internet*, o tráfego de bytes, em 2016, girou em torno de 26.600 gigabytes (GB), por IP¹, por segundo, no mundo, de acordo com estudo de tendências e análises da Cisco (2017).

A quantidade de dados digitais produzidos é crescente, e tende ainda, a progredir drasticamente, pois: de um tráfego de 100 GB por dia, em 1992, houve um salto para 100 GB por hora, em 1997 e uma previsão de 105.800 GB por segundo, em 2021, por IP (CISCO, 2017).

Só na América Latina o tráfego de dados por IP pode atingir 16 Exabytes (EB) por mês até 2021, crescendo a uma CAGR² de 21% (CISCO, 2017).

Diante deste cenário, o que se percebe é uma atenção da população, em preservar e compartilhar esses dados digitais.

No contexto que se refere a acervos digitais, essa preocupação ganha outra face, pois nem tudo o que é produzido em formato digital pode ser considerado patrimônio, criando-se, assim, uma nova categoria de patrimônio: o patrimônio digital.

¹ *Internet Protocol*, em tradução livre: Protocolo de *internet*. Serve como uma identificação do dispositivo em uma rede local ou pública.

² *Compound Annual Growth Rate (CAGR)*, em tradução livre: Taxa de Crescimento Anual Composta.

Para a UNESCO (2003), o patrimônio digital, constitui-se um bem público e pode ser definido como:

Recursos de conhecimento ou expressão humana sejam cultural, educacional, científico e administrativo, ou abrangendo a informação técnica, legal, médica e outros tipos de informação, criados digitalmente ou convertidos de sua forma analógica original à forma digital. (...) incluem textos, bases de dados, imagens estáticas e com movimento, áudios, gráficos, softwares, e páginas Web, entre uma ampla e crescente variedade de formatos. Eles geralmente são passageiros e requerem produção, manutenção e gerenciamento intencionais para serem preservados. Muitos desses materiais são de valor e significância duradouros, e por isso constituem um patrimônio que deve ser protegido e preservado para as gerações atuais e futuras. Este patrimônio existe em qualquer língua, parte do mundo, e em qualquer área o conhecimento e expressão humana (UNESCO, 2003, s/p).

Isto é, o que se considera patrimônio cultural, garante os mesmos princípios de reconhecimento e expressão humana, agora produzido em formato digital ou digitalizado posteriormente. Dodebei (2006) complementa:

O caráter efêmero e circunstancial dos recursos que transitam no ciberespaço aponta para a discussão conceitual sobre uma nova categoria de patrimônio, a do patrimônio digital. Esse novo patrimônio constituído por bens culturais criados somente em ambiente virtual ou, por bens duplicados na representação da web, cobre materiais digitais que incluem textos, bases de dados, imagem estáticas, com movimento, áudio, gráfica, software, e páginas web, entre uma ampla e crescente variedade de coleções que representam desde objetos pessoais a acervos tradicionais de instituições de memória (DODEBEI, 2006, p. 01).

Uma das principais funções do patrimônio digital é a sua possibilidade de difusão, que oportuniza acesso e inclusão social por

meio do compartilhamento e da sua preservação. Segundo Cavalcante (2007):

Para que ocorra uma possível universalização do patrimônio digital é preciso evitar o risco de pensar a cultura de forma globalizada ou uniforme, o que certamente poderia levar ao desaparecimento de pequenos patrimônios, de países pobres ou sem acesso à tecnologia, ou mesmo impossibilitados por razões econômicas, ideologias religiosas ou políticas, que defendem ou pregam a exclusão tecnológica de seus mecanismos informacionais. Há, portanto, diferenças entre universalização do patrimônio digital, sob o ponto de vista do acesso, e a difusão de uma cultura globalizada, com ênfase em documentos e acervos disponíveis especificamente em línguas de grande difusão internacional, correndo o risco do desaparecimento da diversidade cultural tão característico da raça humana (CAVALCANTE, 2007, s/p).

Sendo assim, a importância do patrimônio digital vem, cada vez mais, ganhando visibilidade pelo mundo. Com a expansão de acesso a ferramentas que possibilitam a digitalização, bibliotecas e museus tem disponibilizado parte de seus acervos em sites e outras plataformas, que facilitam o acesso de qualquer parte do mundo.

Este processo deve ser cuidadoso e ter como objetivo criar um complemento ao patrimônio físico, capaz de preservar o acervo, sem privar o público de seu acesso e difundi-lo, a fim de torna-lo conhecido ao ponto de promover a visita a bibliotecas e museus.

2.2 CONVERSÃO PARA O MEIO DIGITAL

Para efetivamente haver uma conversão para o meio digital, oportunidades e dificuldades devem ser consideradas, para que se submeta o patrimônio cultural a um processo de digitalização, onde o material já existe fisicamente e uma cópia digital sua será produzida. Para Sayao (2010):

(...) a revolução digital está constantemente transformando o modo como os acadêmicos criam, comunicam e preservam o crescimento científico, longe, entretanto, da preocupação com

a proteção dos conteúdos, no longo prazo (SAYAO, 2010, p. 71).

Para conceber a virtualização do patrimônio cultural, de origem material ou imaterial, é necessário transformá-lo em patrimônio digital por meio do suporte de diferentes recursos multimídia, tais como: áudio, vídeo, imagem, modelagem tridimensional, dentre outros, que ao passarem para o meio digital agregam mais traços à sua história.

No entanto, é essencial que o bem cultural concreto esteja sempre em evidência, afinal, sem este, a representação virtual perderia seu significado, referencial, e sua aura seria diminuída, como complementa (CAMERON, 2007 *apud* SANTIAGO, 2007). Afinal, a digitalização deve buscar pela socialização da informação em seu todo, como complemento ao patrimônio físico.

2.2.1 Digitalizar para Preservar e Difundir

Os processos de informatização têm sido utilizados em diferentes campos da sociedade. O mundo digital está, cada vez mais, indissociável do nosso cotidiano. Com isso, são acarretadas consequências negativas e positivas. A digitalização pode representar um benefício no que se refere à proteção da documentação histórica e na disseminação da informação, pois ao mesmo tempo em que a preserva do manuseio, possibilita que mais pessoas tenham acesso. Este procedimento é utilizado como mais um recurso tecnológico favorável em ações de preservação e de tratamento da informação.

De acordo com Andrade et al. (2003):

(...) a tecnologia digital permite aos Arquivos Públicos enfrentar o desafio entre conservação e acesso. Métodos, ferramentas e tecnologias avançadas no campo da digitalização, armazenamento, recuperação e apresentação de imagens e outros tipos de documentos históricos estão atualmente a disposição das instituições responsáveis pela preservação da memória. As tecnologias, que estão voltadas para atender estas importantes necessidades nestes locais de guarda, buscam aperfeiçoar o trabalho realizado e oferecido por estes. Desta forma, as técnicas e tecnologias utilizadas por eles são a microfilmagem, a digitalização, o sistema de

gerenciamento eletrônico de documentos e outros sistemas automatizados. (ANDRADE, et al. 2003, p. 02).

No entanto, algumas desvantagens devem ser observadas. Em alguns casos, obras muito antigas ou que não se tenha conhecimento sobre o tutor para se garantir os direitos autorais, restringem a disponibilidade dos acervos digitais. E ainda, outra importante situação, diz respeito à padronização da digitalização, que em momentos pode acabar não garantindo a fidedignidade. De acordo com Cabral (2001, p. 173) “há ainda a rápida evolução tecnológica, a incompatibilidade entre os sistemas levantando questões de migração de informação e a dificuldade de armazenamento”.

Segundo Eduardo Valle (2003) a tecnologia computacional não é a resposta para todos os problemas que envolvem a necessidade e a relevância da preservação documental. Para o autor, a informação digital está sujeita a outras vulnerabilidades em comparação a sua contraparte analógica, tais como: adulteração, vandalismo, perdas acidentais, e a fragilidade de seus suportes, tornando a conversão dos dados digitais, uma questão complexa. E considerando que o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação é de ser mais um meio, mais um canal de diálogo a serviço da preservação e difusão do patrimônio cultural, tem-se Innarelli (2007) que afirma:

(...) assim como a era da sociedade da informação nos traz uma facilidade imensa na geração de dados, informações e documentos, o mesmo acontece com a perda destas informações, pois a humanidade ainda não tem prática e nem experiência para a memória digital. Memória que está sendo perdida a cada dia em virtude da obsolescência das tecnologias, da deterioração das mídias digitais e principalmente pela falta de políticas de preservação digital. (INNARELLI, 2007, s/p).

Ou seja, a tecnologia tão somente, além de não apresentar todas as soluções, ainda tem o potencial de se tornar mais uma barreira se não for bem estudada e empregada, pois para se garantir a preservação e difusão é fundamental que se possa contar com políticas de preservação digital que normalizem, orientem e supervisionem ações neste sentido.

Pois, como afirma Arellano (2004, p. 2): “o desafio é muito mais um problema social e institucional do que um problema técnico, porque,

principalmente, para a preservação digital, depende-se de instituições que passam por mudanças de direção, missão, administração e fontes de financiamento”.

É pertinente ressaltar também, que sem um entendimento genuíno da plataforma utilizada como ambiente de acesso, ou seja, uma interface humano-computador - IHC³ satisfatória, eficiente e eficaz, condizente com o nível de experiência do usuário (NIELSEN, 1990), não há de fato, a socialização da informação pretendida.

Para tanto, o campo de estudos sobre IHC tem buscado, por meio de fundamento em pesquisas que tem como foco fatores humanos, desenvolver interfaces cada vez mais adaptáveis e acessíveis às necessidades dos mais diferentes tipos ou grupos de usuários, a fim de alcançar, além dos usuários de computadores da área informática, os usuários domésticos, estudantes, professores e etc. com o objetivo de oportunizar o acesso efetivo e com o mínimo de complexidade possível (DIAS, 2003). Por isso, neste trabalho, buscou-se que tanto os professores, como os alunos voluntários dispusessem de certa familiaridade com as ferramentas e recursos de informação na *internet*⁴, como demonstra a seção 4.3 Resultados.

2.3 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

O entendimento do que é patrimônio público cultural e qual o papel do Estado na sua difusão e preservação acontece por meio de mecanismos constitucionais previstos em leis nos três níveis: nacional, estadual e municipal.

No Brasil, o modelo de preservação adotado foi o francês, fundado nos princípios e valores da nacionalidade, e capitaneado pelo Estado: onde o poder político que se exerce de forma concentrada, autônoma e soberana sobre um povo e um território, dá-se por meio de um conjunto de instituições, um corpo de funcionários e de procedimentos regulamentados (FLEURY, 2001, p. 9).

³ De acordo com Baranauskas e Rocha (2000) Interface Humano-Computador ou Interface Homem-Máquina caracteriza-se pelo estudo da relação de influências entre pessoas e sistemas baseados em computadores.

⁴ Recursos de Informação na *Internet*, segundo o Thesouro Brasileiro de Ciência da Informação, podem ser: Repositórios digitais, Bibliotecas digitais, Bibliotecas virtuais, ou quaisquer outros ambientes de gestão de conteúdos na *web*. Caracterizado, neste trabalho, pela aplicação *web* que atualmente hospeda o acervo digitalizado do Arquivo Histórico de Araranguá: Memórias Digitais de Araranguá.

A Constituição Federal de 1988 pressupõe que, a proteção e promoção do patrimônio cultural sejam de responsabilidade do poder público, em cooperação com a comunidade.

Nos próximos tópicos serão apontadas instituições, agentes e leis voltadas à proteção do patrimônio cultural em esfera nacional, estadual e municipal.

2.3.1 Instituições e Agentes Públicos para a Manutenção e o Fomento da Preservação do Acervo Cultural no Brasil

Em 14 de julho de 1934, através do Decreto nº 24.735, foi criada a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN), um departamento do Museu Histórico Nacional (MHN). Neste mesmo momento, foi aprovado o novo regulamento do Museu, no qual foram determinadas as atribuições do IMN. A cargo da Inspetoria de Monumentos Nacionais estavam a inspeção das edificações de valor histórico e artístico, o controle do comércio de objetos de arte e antiguidades e a uniformização da legislação sobre a proteção e conservação dos Monumentos Nacionais de âmbito estadual. Apesar da IMN não dispor de autonomia para determinar o que de fato deveria ser considerado um Monumento Nacional, e por isso, ser protegido de demolições, reformas ou transformações, uma de suas atribuições foi a de organizar um catálogo dos edifícios de “valor e interesse artístico-histórico existentes no país” para propor ao governo federal. Através destas diretrizes, que na prática eram apenas sugestões de monumentos aos quais deveria se atribuir o título de Monumento Nacional, ficaria a cargo do MHN a fiscalização das atividades que os envolvessem a fim de proteger este patrimônio (MAGALHÃES, 2015, s/p).

No entanto, a pesar da Inspetoria não se mostrar uma ferramenta efetiva no controle e na fiscalização do comércio de objetos históricos e artísticos, pois o acervo do MHN não teve grande crescimento, tampouco houve trabalhos de fiscalização, autenticação de objetos ou a elaboração de catálogo de objetos relevantes do ponto de vista histórico ou artístico, foi no âmbito da conservação e restauração dos monumentos imóveis, que a Inspetoria teve grande relevância para o patrimônio histórico-cultural brasileiro. Em 1934, a primeira iniciativa importante, foi a organização de um catálogo iconográfico, com obras encomendadas pelo diretor do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso, que consistia em quadros pintados a óleo produzidos por José Wasth Rodrigues e Hans Nobauer e aquarelas de Alfredo Norfini,

representando paisagens e monumentos de cidades históricas brasileiras (MAGALHÃES, 2015).

Em 1937, a Inspetoria foi substituída, pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), presidido pelo historiador e jornalista mineiro, Rodrigo Melo Franco de Andrade, criador da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que teve sua primeira tiragem já, em 1937. (MARINHO, 1986)

Segundo Magalhães (2015), cabe presumir que a Inspetoria de Monumentos Nacionais foi o primeiro órgão nacional direcionado à preservação do patrimônio cultural do Brasil.

Em 1979 é criada, pela Lei nº 6.757, de 17 de dezembro 1979, a Fundação Nacional Pró-Memória, formando uma organização dual com a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), a fim de propor e efetivar políticas públicas para a manutenção e preservação do patrimônio cultural (REZENDE, 2015).

Assim a partir do final de 1979 a responsabilidade pela preservação do acervo cultural e paisagístico brasileiro passou para a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como órgão normativo, de direção superior e coordenação nacional, incumbindo a Fundação Nacional Pró-Memória, como órgão operacional, proporcionar os meios e os recursos que permitiam agilizar a Secretaria (SPHAN, 1980, p. 28-29).

As duas instituições, a Fundação Pró-Memória e a SPHAN, foram extintas pela Lei nº 8.029, de 12 de abril de 1990, ocasionando muitas demissões de funcionários públicos (DIAS, 2016). A partir de então, assumindo suas funções, foi criado o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC) (REZENDE, 2015).

A criação do IBPC se efetiva por meio da Lei nº 8.029, de 12 de abril de 1990:

É o Poder Executivo autorizado a constituir:
 II - o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC, ao qual serão transferidos as competências, o acervo e as receitas e dotações orçamentárias da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, bem como o acervo, as receitas e dotação orçamentária da Fundação a que se refere a alínea d do inciso II do artigo

anterior [ou seja, a Fundação Nacional Pró-Memória], tem por finalidade a promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro nos termos da Constituição Federal especialmente em seu art. 216 (BRASIL, 1990, art. 2, inciso II).

Em 1994, foi criada a Secretaria da Cultura da Presidência, para substituir o Ministério da Cultura. O IBPC foi constituído como uma autarquia vinculada a esta secretaria (BRASIL, 1990).

No entanto, diferente do que se passou com as tantas outras instituições federais de proteção ao patrimônio cultural, onde o complemento Patrimônio Histórico e Artístico Nacional sempre se manteve explícito, no caso do IBPC, perdeu-se a expressão original, o que gerou comoção entre os intelectuais da época:

Foram inúmeros os protestos e manifestações de intelectuais contrários a essa e outras mudanças na estrutura e nas atribuições do órgão, como por exemplo, a supressão do Conselho Consultivo e a diminuição da ação executiva da instituição. Esses críticos alegavam que o novo nome acarretava a perda da “marca” Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que ganhou legitimidade e notoriedade ao longo dos mais de cinquenta anos de sua atuação. Por outro lado, os defensores da nova denominação – IBPC – consideravam a mudança de nome mais adequada à ampliação do conceito de patrimônio cultural enunciado na Constituição de 1988, que transcendia os valores histórico e artístico atribuídos aos bens culturais (REZENDE, 2015, s/p).

Alguns anos depois, o Conselho Consultivo é reincorporado à estrutura regimental com a denominação Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em 1991, e se mantém até hoje. (BRASIL, 1991, art. 6).

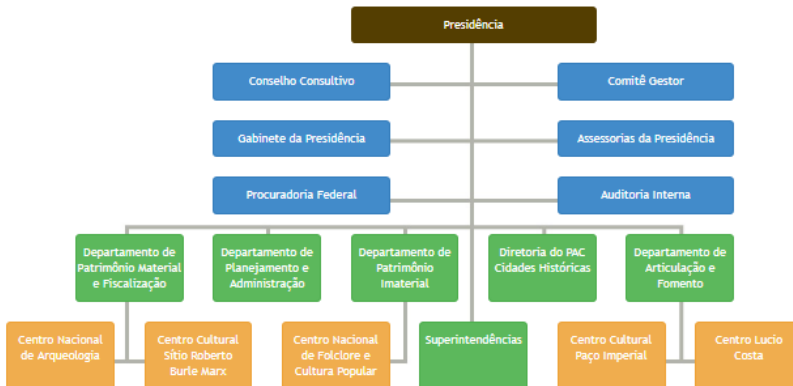
E finalmente, em 1994, a instituição retoma o nome IPHAN, por meio da Medida Provisória nº 610, de 08 de setembro, em cujo artigo 6 é definido que: “O Instituto do Patrimônio Cultural – IBPC – e o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura – IBAC – passam a denominar-se, respectivamente, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – e Fundação Nacional de Artes – Funarte, mantidas suas competências e naturezas jurídicas” (BRASIL, 1994).

Suas funções foram definidas na Portaria MEC nº. 230, de 30 de março de 1976, como:

A catalogação sistemática e a proteção dos arquivos estaduais, municipais, eclesiásticos e particulares, cujos acervos interessem à história nacional e à história da arte no Brasil. A coordenação e a orientação das atividades dos museus federais que lhe forem subordinados [...] e o estímulo e a orientação no País da organização de museus de arte, história, etnografia e arqueologia. A realização de exposições temporárias de obras de valor histórico e artístico, assim como de publicações e quaisquer outros empreendimentos que visem difundir, desenvolver e apurar o conhecimento do patrimônio histórico, artístico, arqueológico e paisagístico do País (BRASIL, 1976, art. 1).

Sendo assim, o IPHAN, constitui-se como uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pela proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, com representação em todos os Estados brasileiros. Sua estrutura é apresentada na Figura 6:

Figura 6 - Estrutura e Organograma do IPHAN.



Fonte: IPHAN (1997)

O IPHAN dispõe de 27 Superintendências, uma em cada Unidade Federativa, 27 Escritórios Técnicos e quatro Unidades Especiais – sendo três delas no Rio de Janeiro: Sítio Roberto Burle Marx, Paço Imperial e

Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular; e uma em Brasília: o Centro Nacional de Arqueologia, como disposto na Figura 6. A Administração Central funciona em dois endereços: no IPHAN Sede em Brasília - DF e no Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro - RJ.

2.3.2 Instituições e Agentes Públicos de Santa Catarina para Preservação do Patrimônio

O IPHAN chegou a Santa Catarina no ano seguinte a sua criação, 1938, com a proposta de tombamento do Sistema de Fortificações da Ilha de Santa Catarina. Em 1979, foi criada, através do Decreto Estadual nº 7439 de 24 de abril, a Fundação Catarinense de Cultura (FCC). No entanto, até 1989, Santa Catarina era subordinada administrativamente à 10ª Diretoria Regional, com sede em Porto Alegre (RS).

Ainda, em 1989, o IPHAN instalou a 12ª Diretoria Regional no Estado que, a partir de 1990, recebeu a denominação de 11ª Coordenação Regional, para, em 2009, a Coordenação, ser transformada na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no estado (SANTA CATARINA, 2014).

Às Superintendências Estaduais, segundo o Decreto nº 6.844, de 7 de maio de 2009, compete:

a coordenação, o planejamento, a operacionalização e a execução das ações do IPHAN, em âmbito estadual, além da supervisão técnica e administrativa dos escritórios técnicos e de outros mecanismos de gestão localizados nas áreas de sua jurisdição. Entre suas competências legais está a instrução das propostas de tombamento de bens culturais de natureza material e as de registro de bens culturais de natureza imaterial (SANTA CATARINA, 2014, s/p).

No entanto, antes da criação da FCC movimentos culturais, entidades e personalidades, já lutavam pela construção de políticas públicas de proteção e difusão da cultura para o Estado.

A exemplo disso, segundo Althoff (2008, p. 77), pode-se citar diferentes e antigas instituições com ações precursoras para a institucionalização da área cultural no Estado, como: a existência do Museu Provincial, na cidade de Florianópolis, desde 1879; o trabalho de José Boiteux, criador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, no final do século XIX, e o I Congresso de História,

realizado em 1948, onde foi instituída a Comissão Catarinense de Folclore.

A primeira Diretoria de Cultura, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura, foi constituída em 1950, para, em 1961, ser substituída pelo Departamento de Cultura, vinculado à Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura. O Departamento de Cultura tinha como função tratar de três áreas distintas: Ciências (de onde partia o apoio a bibliotecas e museus), Letras e Artes. Ainda, naquela administração, foi criado o primeiro Conselho de Cultura do Estado, pela Lei n.º 2975, de 18 de dezembro de 1961, que atualmente, é regido pela Lei 14.367, de 25 de janeiro de 2008 (ADAMS, 2002).

O Conselho Estadual de Cultura – CEC tem caráter consultivo e deliberativo, e tem por objetivo: “discutir, deliberar e propor, ao Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, as diretrizes da política de desenvolvimento da cultura do Estado de Santa Catarina, seguindo as orientações e determinações, contidas nas políticas governamentais” (SANTA CATARINA, 2017).

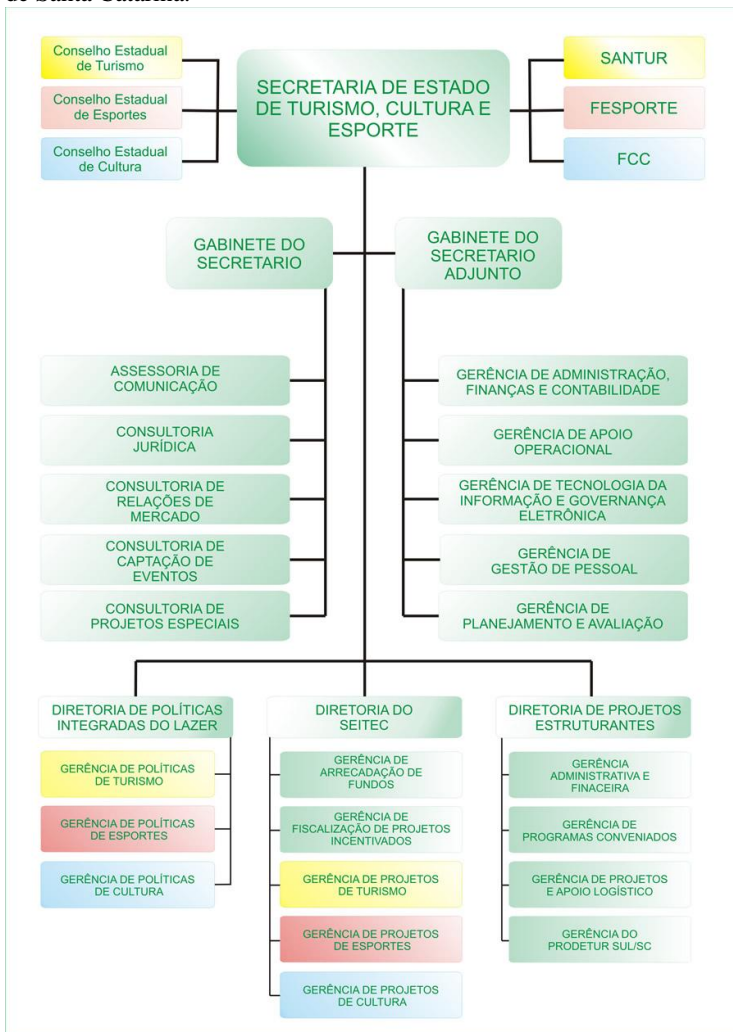
A Secretaria da Organização do Lazer – acrônimo SOL – foi criada com a Lei Complementar n. 243, de 30 de janeiro de 2003, que estabeleceu a nova estrutura administrativa do Poder Executivo. Em 2005, com a Lei Complementar n. 284 de 28 de fevereiro, passou a se chamar Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte (SANTA CATARINA, 2017). Compete à SOL, no âmbito da administração direta, autárquica e fundacional:

I - planejar, formular e normatizar as políticas integradas de turismo, cultura, esporte e lazer; [...]
III - apoiar a ampliação e diversificação da infraestrutura estadual nas áreas de turismo, cultura, esporte e lazer; [...]
VIII - elaborar programas, projetos e ações nas áreas de turismo, cultura, esporte e lazer voltados à inclusão de portadores de necessidades especiais e demais segmentos da sociedade; [...]
XI - planejar ações de defesa do patrimônio artístico, histórico e cultural do Estado; [...]
XVIII - orientar e apoiar as Secretarias de Estado de Desenvolvimento Regional - SDRs na execução e implementação de atividades e ações relativas aos setores de turismo, cultura, esporte e lazer (SANTA CATARINA, 2017, s/p).

Ligadas diretamente à Secretaria estão: o Conselho Estadual de Turismo, a Santa Catarina Turismo (SANTUR), o Conselho

Estadual de Esportes, Fundação Catarinense de Esportes (FESPORTE), o Conselho Estadual de Cultura, a Fundação Catarinense de Cultura (FCC), dentre outros órgãos, como mostra a Figura 7:

Figura 7 - Organograma da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina.



Fonte: Secretaria de Estado do Turismo, Cultura e Esporte – SOL (2017).

A Fundação Catarinense de Cultura – FCC tem suas ações orientadas para o apoio à criação e difusão das artes, e para a preservação do patrimônio cultural. Segundo Althoff (2008, p. 79), faziam parte do primeiro organograma da FCC os seguintes setores finalísticos e casas:

Unidade de Artes – Teatro Álvaro de Carvalho; Escolinha de Artes de Florianópolis; Museu de Arte de Santa Catarina; Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro. 2. Unidade de Letras – Setor de Difusão do Livro; Biblioteca Pública; Biblioteca Pedagógica. 3. Unidade de Ciências – Casa dos Açores; Museu Histórico. 4. Unidade de Patrimônio – Setor de Estudos, Pesquisas e Tombamentos; Setor de Conservação e Restauração.

O primeiro Regimento Interno da FCC traz como finalidade e meios de ação, relativos ao patrimônio cultural, os seguintes incisos, no art. 3º do Título II:

III – Apoiar a preservação dos valores culturais caracterizados nas manifestações artísticas e tradicionais representativas da personalidade da gente catarinense. IV – Prover a defesa do patrimônio histórico e cultural de Santa Catarina (FCC, 1979, s/p).

Contudo, é possível perceber que as primeiras ações em prol da conscientização da importância do patrimônio cultural catarinense, nasce de iniciativas populares e de instituições de ensino, e, atualmente, o próprio Estado se desenha de forma a considerar a vastidão étnica das manifestações culturais de Santa Catarina.

2.3.3 Instituições e Agentes Públicos de Araranguá para Preservação do Patrimônio

Em Araranguá, a estrutura governamental se refere à prefeitura, constituída por com oito (8) Secretarias, dentre elas: a Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, como denota a Figura 8:

Figura 8 - Estrutura organizacional do Governo Municipal de Araranguá a partir de 2016.

Prefeitura Municipal de Araranguá	
Procuradoria Geral do Município	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assessor Jurídico Dívida Ativa ▪ Assessor Jurídico Trabalhista ▪ Assessor Jurídico e Administrativo ▪ Procurador Geral do Município
Gabinete do Prefeito	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Chefia do Gabinete do Prefeito
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Departamento de Turismo ▪ Assessoria de Imprensa e Comunicação Social ▪ Controladoria Interna ▪ Serviço de Ouvidoria ▪ Serviços Fotográficos ▪ Serviço de Atendimento e Reivindicações
Secretaria de Governo	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretário de Governo
Secretaria de Administração e Finanças	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretário de Administração e Finanças
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Departamento Pessoal ▪ Departamento de Compras ▪ Departamento de Licitação ▪ Programa de Proteção e Defesa do Consumidor - Procon ▪ Departamento de Contabilidade ▪ Departamento de Tesouraria ▪ Gerência de Convênios e Prestação de Contas ▪ Serviço de Arquivo Geral e Patrimônio ▪ Serviço de Compras ▪ Serviço de Controle e Distribuição de Materiais ▪ Departamento de Receitas ▪ Serviço de Tesouraria ▪ Serviço de Controle e Arrecadação
Secretaria de Planejamento, Indústria e Comércio	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretário de Planejamento, Indústria e Comércio
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Departamento de Estudos e Projetos Urbanísticos ▪ Departamento de Indústria e Comércio

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviço de Fiscalização de Obras ▪ Serviço de Regularização Fundiária
Secretaria de Obras Viação e Serviços Urbanos	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretário de Obras, Viação e Serviços Urbanos
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Departamento de Obras e Serviços Urbanos ▪ Departamento de Trânsito ▪ Serviço de Fiscalização de Obras ▪ Serviço de Limpeza Pública ▪ Serviço de Oficina e Garagem
Secretaria de Saúde	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretário de Saúde
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assessoria Jurídica para Saúde ▪ Departamento de Atenção Básica para a Saúde ▪ Gerência de Assistência Farmacêutica ▪ Serviço de Expediente da Secretaria de Saúde
Secretaria de Assistência Social e Habitação	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretária de Assistência Social e Habitação
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviço de Promoção Social ▪ Serviço de Bem Estar Social ▪ Serviço de Desenvolvimento da Comunidade ▪ Serviço de Ação Social e Atenção à Criança e Adolescente ▪ Serviço de Habitação ▪ Serviço do Idoso ▪ Serviço de Expediente da Secretaria de Bem Estar Social
Secretaria de Educação, Cultura e Esportes	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretário de Educação, Cultura e Esportes
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Departamento de Ensino Fundamental ▪ Departamento de Educação Infantil ▪ Departamento de Cultura ▪ Departamento de Esportes ▪ Departamento de Orientação Pedagógica ▪ Serviço de Alimentação Escolar ▪ Serviço de Atendimento Psicológico
Secretaria de Agricultura e Abastecimento	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Secretário de Agricultura e Abastecimento
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Departamento de Agricultura e Pecuária ▪ Serviço de Agricultura e Pecuária
Fundação Ambiental do Município de Araranguá (FAMA)	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diretor Superintendente

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">▪ Diretor Operacional▪ Diretor de Estudos Ambientais e Arqueológicos▪ Assessor Jurídico |
|---|

Fonte: Adaptado de PREFEITURA DE ARARANGUÁ (2013).

Atualmente, o órgão responsável pelas políticas culturais do município, bem como a circunspeção do seu patrimônio histórico cultural, é o Departamento de Cultura, gerido pela diretora Micheline Vargas de Matos Rocha, anexo à Secretaria de Educação Cultura e Esportes, gerida pela secretária Ariane Oliveira de Almeida Pereira.

De acordo com a Lei Orgânica do Município de Araranguá (CÂMARA CONSTITUINTE, 1880), no Capítulo IV, que trata da Competência do Município, na Seção I da Competência Privativa:

Art. 24 Compete ao Município:

[...] XL - Promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual. (Correção efetuada pela Emenda Revisional nº 1/2009).

Na Seção II, da Competência Comum:

Art. 25 É de competência comum do Município, da União e do Estado, na forma prevista em lei complementar federal: [...] III - Proteger os documentos, as obras e outros bens de valores históricos e culturais, os monumentos, as paisagens naturais e os sítios arqueológicos; IV - Impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico e cultural; V - Proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência (CÂMARA CONSTITUINTE, 1880);

No Capítulo V, que se refere à Cultura, a Educação e Desporto:

Art. 188 O Município estimulará o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral, observado o disposto na Constituição Federal.

§ 1º Ao Município compete suplementar, quando necessário, a legislação federal e estadual, dispondo sobre a cultura.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para o Município.

§ 3º À Administração Municipal cabe, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 4º Ficam tombadas as obras, os documentos e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos, em articulação com o governo federal e estadual, na forma da lei (CÂMARA CONSTITUINTE, 1880, s/p).

E, ainda, nos artigos 197 e 199:

Art. 197 A lei regulará a composição, o funcionamento e as atribuições do Conselho Municipal de Educação e do Conselho Municipal de Cultura [...]. Art. 199 É da competência comum da União, do Estado e do Município proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência (CÂMARA CONSTITUINTE, 1880, s/p).

Por meio da lei orgânica da cidade, fica evidente o caráter coletivo que a questão cultural deve ter, contando com todas as instâncias governamentais, bem como com todos os setores da sociedade civil.

Quanto à proteção do patrimônio público cultural de Araranguá, fica dito que à Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo - na seção V, do decreto nº 11, de 06 de março de 1987, que visa estabelecer a organização administrativa da prefeitura municipal de Araranguá - compete:

Art. 18 - Compete à Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, difundir e estimular a cultura e o civismo em todos os seus aspectos, bem como manter as unidades de difusão cultural, proteger o Patrimônio histórico e Cultural do Município, manter convênios com a União/Estado para execução de programas e campanhas culturais, difundir e estimular os esportes, lazer e o turismo em todos os seus aspectos, organizar e orientar as modalidades esportivas do Município, elaborar os Calendários Turísticos e de lazer, promover e

divulgar o calendário de festividades do Município e também assessorar o Prefeito Municipal em tudo aquilo que estiver relacionado com a respectiva área (PREFEITURA DE ARARANGUÁ, 1987, s/p).

Para tanto, em 1994 é criada a Fundação Cultural de Araranguá, vinculada à Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, pela Lei nº1507, no período de governo do prefeito Néri Francisco Garcia, com tais finalidades, descritas no Art. 1º:

a) incentivar, difundir, promover a prática e o desenvolvimento da atividade cultural e artística; b) conservar, administrar e zelar o patrimônio cultural e artístico do Município de Araranguá; c) administrar, organizar e enriquecer o patrimônio dos seguintes órgãos: - Bibliotecas; - Museus; - Casa da Cultura; - Pinacoteca; - Teatro Municipal; - Memoriais; - Oficinas de Arte; - Outros órgãos locais que sirvam de instrumento artístico e cultural do Município; - Outras instituições que vierem a ser criadas. d) manter escolas de arte e promover cursos nos diversos ramos da arte e da cultura, em todos os graus; e) promover e patrocinar pesquisas nas áreas de arte e de cultura; f) receber e conceder bolsas de estudos nos cursos que venha a manter; g) instituir e regulamentar o tombamento artístico, cultural, histórico e paisagístico no Município de Araranguá.

A Fundação teve como seu primeiro presidente Alexandre Rocha, nomeado pelo decreto nº 524, de 23 de setembro de 1994 e exonerado em 2000, pelo Decreto nº 1058. Em 1995 é aprovado o estatuto da Fundação Cultural de Araranguá (PREFEITURA DE ARARANGUÁ, 1995), conforme proposta elaborada pela Fundação, e seu último presidente, Vânio Coral, nomeado pelo decreto Nº 2477, de 17 de janeiro de 2005 é exonerado em 2008, pelo decreto Nº 4109, de 17 de dezembro. Todos os presidentes foram designados para a função em regime de cargo em comissão, ou seja, vinculados à gestão em exercício.

Após a exoneração de 2008, não se tem mais registros da Fundação Cultural de Araranguá na plataforma⁵ *on-line* da prefeitura.

⁵ Site em que está disponível toda a legislação municipal de Araranguá: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/ararangua>

É importante salientar, a vulnerabilidade a que a questão cultural está submetida na cidade. A grande maioria dos cargos públicos responsáveis pela gerência e manutenção da cena cultural de Araranguá, em especial, o então, Departamento de Cultura, o Centro Cultural e todos os setores, que o compõem, são cargos comissionados e atrelados a cada gestão política em vigência. A cada nova eleição para prefeitura, grande parte do quadro de servidores é modificado, descontinuando projetos e planejamentos anteriores, o que acaba dificultando o andamento e o desenvolvimento de ações efetivas em longo prazo para a região.

Uma iniciativa do departamento de cultura, que pode auxiliar na continuidade de ações desta natureza, foi estabelecida a partir da III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá, que aconteceu no dia 7 de abril de 2018, contando com ampla participação da sociedade civil e poderes constituídos, onde foram debatidas diferentes metodologias e ações em prol da cultura local, bem como a constituição do Conselho Municipal de Políticas Culturais, previsto na Lei Orgânica do Município de Araranguá (CÂMARA CONSTITUINTE, 1880), no Capítulo IV, Art. 197, que visa o aprimoramento das diretrizes da política cultural do município, como consta no regimento interno da conferência, disponível no anexo C. Este conselho é composto por 16 conselheiros titulares, mais 16 suplentes, onde 8 conselheiros (e 8 suplentes) foram eleitos durante a III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá e os demais, foram indicados pelo prefeito da cidade, Mariano Mazzuco Neto, filiado ao Partido Progressista – PP, e eleito para o período entre os anos de 2016 e 2020.

Os conselheiros indicados, incluindo titulares e suplentes, representam o Poder Público, por meio dos seguintes órgãos:

- **Departamento Municipal de Cultura:** Lindomar Nunes Garcia, como titular e Fabiana Daniel, suplente;
- **Departamento Municipal de Esportes:** Marcel Nazário Pedro, como titular e Ariane Oliveira de Almeida Pereira, suplente;
- **Departamento Municipal de Turismo:** Helen Becker, como titular e Neiva de Fátima Cardoso, suplente;
- **Secretaria Municipal de Administração e Finanças:** André da Silva Bobisim, como titular e Valquíria M. Fenalli, suplente;

- **Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação:** Andrielle de Souza Joaquim, como titular e Paulo César Gonçalves, suplente;
- **Secretaria Municipal de Planejamento, Indústria e Comércio:** Vicente Marcon, como titular e Edson Camilo, suplente;
- **Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente:** Weliton S. Pereira, como titular e Douglas Michels, suplente;
- **Fundação Ambiental do Município de Araranguá:** Karina F. Neves, como titular e Flávia F. Cândido, suplente.

Os conselheiros eleitos, incluindo titulares e suplentes, representam a sociedade civil por meio dos seguintes setores:

- **Artes Visuais e Artes Cênicas do Município:** Juliana Drewke Oliveira, como titular e Abraão Scotti, suplente;
- **Dança e Música do Município:** Sérgio Hipólito, como titular e Brasileiro Mota Maciel, suplente;
- **Literatura do Município:** Gabrielli Ciasca Veloso, como titular e Sharon Custódio Andrade, suplente;
- **Artesãos e Trabalhos Manuais do Município:** Reginaldo Castro, como titular e Eliane Aparecida Casagrande, suplente;
- **Grupos Folclóricos e de Manifestações Culturais Populares do Município:** José Paulo Polla, como titular e Laenio Sebastião Gabriel, suplente;
- **Entidades Filantrópicas e Associações do Município:** Paulo Ferreira, como titular e Tomaz Luiz Abatti, suplente;
- **Universidades instaladas no Município:** Guilherme Scherer Moutinho, como titular e Ana Carla Jaques, suplente;
- **União das Associações de Moradores de Araranguá - UAMA:** Otávio Nunes Neto, como titular e Gisele Fortunato Martins, suplente.

Os nomes dos conselheiros eleitos durante a conferência serão encaminhados ao prefeito para a oficialização por meio de decreto de

nomeação para que se possam começar as atividades. Até o momento da finalização deste trabalho os decretos não foram publicados.

2.4 IDENTIDADE CULTURAL

Para Castells (1999), identidade é a fonte de significado e experiência de um povo, onde *significado*, neste contexto, é entendido como a identificação simbólica da finalidade da ação praticada por um ator social.

Calhoun (1994, p. 9-10) *apud* Castells (1999, p. 22) complementa:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros.

Ou seja, toda identidade é sempre construída e não inerente ao sujeito. O autor atenta, ainda, para a diferenciação entre o que é identidade e o que é papel social: em se tratando de atores sociais, identidade é o processo de construção de significado com base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, podendo haver identidades múltiplas em um mesmo ator coletivo; enquanto que, papel social se refere à função ou funções estruturadas pela sociedade, desempenhadas pelo sujeito, como ser mãe, ser professor, ser fumante; ou seja, está ligado a condições praticadas (CASTELLS, 1999).

Ainda que, a identidade parta da individualização, organizando-se por meio de uma identidade primária, esta serve de estrutura para as demais identidades descritas por Castells (1999, p. 24), a saber:

- **A identidade legitimadora:** introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett⁶, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo;

⁶ Para Sennett (1986) derrubar a figura de autoridade existente ou tirar sua legitimidade não é efetivo. É necessário promover a desvinculação do mundo do poder.

- **A identidade de resistência:** criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a este último, conforme propõe Calhoun⁷ ao explicar o surgimento da política de identidade;
- **A identidade de projeto:** quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo, que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos das mulheres para fazer frente ao patriarcalismo, a família patriarcal e, assim, a toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram.

Estas identidades geram benefícios para as pessoas, e não são estáticas e finitas, podendo surgir em uma perspectiva e, a partir do contexto, transformar-se em outra; afinal, o contexto histórico em que está inserida é fundamental e determinante (CASTELLS, 1999).

Para tanto, o autor afirma que: “A análise dos processos, condições e resultados da transformação da resistência comunal em sujeitos transformacionais é o terreno ideal para o desenvolvimento de uma teoria de transformação social na era da informação” (CASTELLS, 1999, p. 28), que deve ser garantida através da matéria-prima fornecida pela história, geografia, língua e ambiente.

Aqui, cabe salientar, o caráter que remete a **identidade de projeto** do modelo proposto, que consiste na apropriação de uma identidade, que transforma sujeitos em indivíduos⁸. Ou seja, que busca –

⁷ Para Calhoun (1994, p. 14): raça, gênero, nação, classe e outras, são continuamente construídas e fragmentadas, desafiando as concepções essencialistas de identidade, a história cultural e social, devem ser entendidas como recurso nesse processo.

⁸ Para Alain Touraine *apud* Castells (1999, p. 26): Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de

através da construção de uma experiência individual – a mudança de uma cultura coletiva, que contagia, a partir do núcleo familiar, até a comunidade como um todo, não enquanto nacionalismo manipulável pelas elites, mas sim, como reconhecimento e afirmação dos povos apagados da história, como o indígena e o negro, a fim de proporcionar mais conhecimento e menos preconceito (CASTELLS, 1999).

Pois, conforme Castells (1999, p. 71): “Ao longo da história da humanidade, a etnia sempre foi uma fonte fundamental de significado e reconhecimento. Trata-se de uma das estruturas mais primárias de distinção e reconhecimento social, como também de discriminação (...)”.

Outro elemento importante observado, se refere à tendência das pessoas em se agruparem em organizações comunitárias, em diferentes contextos, que segundo Castells (1999, p. 79), gera um sentimento de pertença e, possivelmente, uma identidade cultural, comunal, possibilitada por um processo de mobilização social ou movimentos urbanos. O autor ainda cita, três conjuntos de metas principais, apresentadas por essas mobilizações, que mesmo que não atinjam um objetivo efetivamente transformador, já contribuem para a memória coletiva da comunidade apenas por acontecerem, são elas: necessidades urbanas de condições de vida e consumo coletivo; afirmação da identidade cultural local; e conquista da autonomia política local e participação na qualidade de cidadãos.

A simples iniciativa pode ser um catalisador que gera consciência e engajamento para buscar mais metas.

Dessa forma, afirma Castells (1999, p. 80):

Os movimentos urbanos certamente abordam as verdadeiras questões de nosso tempo, embora não o façam na escala nem nos termos adequados a essa empresa. Entretanto, não há outra saída, pois tais movimentos representam a última reação à dominação e à exploração renovada, nas quais nosso mundo se encontra submerso. São mais que um último baluarte simbólico e um grito desesperado; são sintomas de nossas próprias contradições, sendo, portanto, potencialmente capazes de superá-las... Eles produzem novos significados históricos – a ponto de fingir que constroem, sob a proteção das “muralhas” da comunidade local, uma nova sociedade, que eles

experiências da vida individual. (...) A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades, e a dos indivíduos contra o mercado.

próprios reconhecem ser intangível. E conseguem fazê-lo alimentando embriões dos futuros movimentos sociais no universo das utopias locais, que constroem para que nunca se rendam à barbárie.

Claro que, os alunos partícipes deste projeto, referente ao modelo de integração do patrimônio histórico, proposto nesta dissertação, ainda não têm maturidade para perceber a amplitude das consequências, deles próprios conhecerem a história e envolverem a comunidade, na preservação e difusão do patrimônio cultural, do qual eles também integram. Para tanto, o modelo busca oportunizar os meios de acesso à informação, que mediado pelos professores, contribuem para que o movimento, iniciado na escola, seja apenas o começo do reconhecimento da identidade cultural local.

Pois, de acordo com Castells (1999, p. 84):

(...) as comunidades locais, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fonte específica de identidades. Essas identidades, no entanto, consistem em reações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado. Elas constroem abrigos, mas não paraísos.

Por isso, a importância da consciência e do desenvolvimento da capacidade crítica dos atores, para que a auto identificação construída por meio do conhecimento gerado, não acabe sendo apenas uma ação isolada, mas sim, uma mudança estrutural. Por isso também, a importância de continuação de aplicação do modelo nos próximos nos próximos anos letivos.

Diante disso, Castells (1999, p. 86) conclui:

Na verdade, diria que, dada a crise estrutural da sociedade civil e do Estado-Nação, pode ser esta [as comunas constituídas por agentes coletivos de transformação social] a principal fonte de mudança social no contexto da sociedade em rede.

Sem dúvida, neste cenário, as TICs desempenham um papel de mediação, essencial para disponibilizar acervo histórico via meio digital, e, neste ambiente, aproximar os cidadãos de seu artefato indetentário e,

portanto, da cultura que delinea o espaço sociocultural, de suas raízes ou ainda, de sua convivência.

2.5 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A Educação Patrimonial – EP é um processo, que conduz o indivíduo a fazer uma leitura de mundo, por meio da compreensão do universo sociocultural e da sua própria trajetória histórico-temporal. A autoestima dos indivíduos e comunidades, bem como a valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural, são suas finalidades primordiais (BRASIL, 1999).

Considera-se nesta dissertação que, patrimônio por si só, já deve ser compreendido como uma construção social e, portanto, está atrelado a uma referência, como afirma Fonseca:

A expressão referência cultural tem sido utilizada sobretudo em textos que têm como base uma concepção antropológica de cultura, e que enfatizam a diversidade não só da produção material, como também dos sentidos e valores atribuídos pelos diferentes sujeitos a bens e práticas sociais (FONSECA, 2001, p. 112-113).

Neste contexto, a EP se configura como importante dispositivo social, político e cultural, advindo da relação entre o indivíduo, a educação e o patrimônio cultural, de forma contínua e transformadora, em defesa da diversidade. Para Tolentino (2016, p. 40):

O importante é o processo dialógico e democrático dessa prática educativa, numa perspectiva freiriana⁹, que preza pela alteridade, pelo respeito à diversidade cultural e pela participação ativa dos produtores e detentores do patrimônio como sujeitos sócio-históricos.

No entanto, é fundamental que não se limite este patrimônio ao patrimônio tutelado pelo Estado, mas que seja entendido na sua complexidade, para tanto, Tolentino (2016, p. 44) ressalta: “Atuar com educação patrimonial é, sobretudo, fazer uma reflexão nesse sentido [de que muitas vezes, a EP, fica a reboque do ensino de História] e não atuar

⁹ Paulo Freire é um dos maiores educadores brasileiros, estudado em diversas partes do mundo, pela sua contribuição no campo da alfabetização como processo de vida, de cidadania e de autoconhecimento, que conduz à libertação.

de uma forma passiva em relação a um patrimônio fetichizado¹⁰, que já vem pronto e determinado”.

O autor ainda adverte:

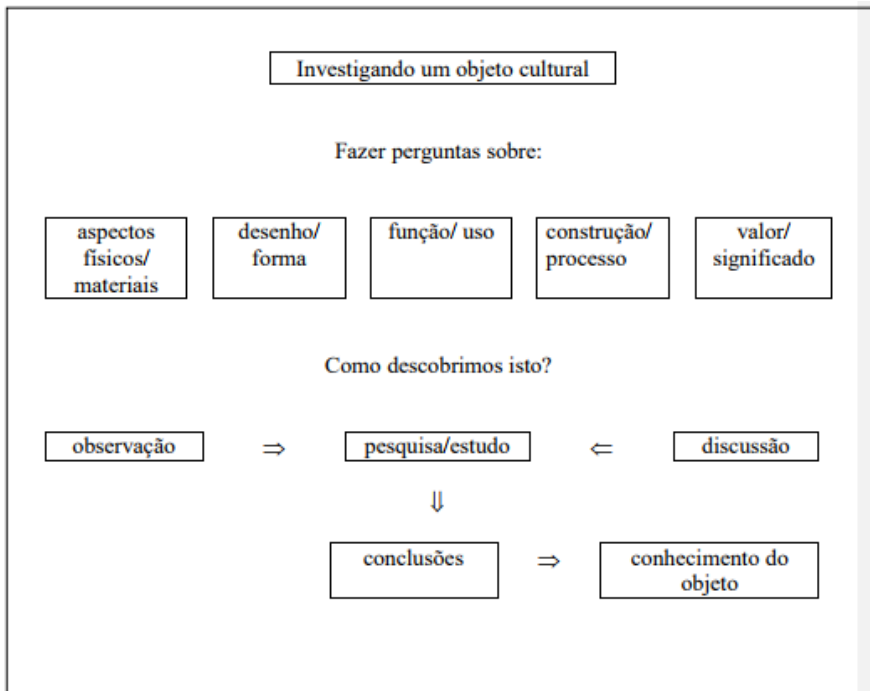
Aliada às visitas aos centros históricos urbanos, ela [a Educação Patrimonial] acaba se resumindo, em diversos projetos, à transmissão da historiografia oficial das cidades e relacionada aos bens culturais, sem considerar os usos sociais do tecido urbano na atualidade e os significados atribuídos pelos sujeitos sociais a esses determinados bens culturais (TOLENTINO, 2016, p. 44).

Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial (BRASIL, 1999), uma das metodologias baseadas na educação patrimonial, já que, segundo Tolentino (2016, p. 41): “essa prática educativa pode e deve ser baseada em diferentes metodologias que levem em conta as especificidades e peculiaridades de cada caso, dependendo do público com quem se trabalha, do ambiente e dos diferentes contextos”, envolve quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais, a saber: (1) observação, (2) registro, (3) exploração e (4) apropriação, os quais serão detalhados a seguir.

Inicialmente, utilizou-se a metodologia do IPHAN (BRASIL, 1999), Figura 9, como base, para entendimento e posterior adaptação do modelo, a ser desenvolvido e aplicado na pesquisa, que envolve esta dissertação.

Figura 9 - Metodologia de educação patrimonial do IPHAN.

¹⁰ De acordo com Marx (1867): “A existência das coisas enquanto mercadorias, e a relação de valor entre os produtos de trabalho que os marca como mercadorias, não têm absolutamente conexão alguma com suas propriedades físicas e com as relações materiais que daí se originam... É uma relação social definida entre os homens que assume, a seus olhos, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. A fim de encontrar uma analogia, devemos recorrer às regiões enevoadas do mundo religioso. Neste mundo, as produções do cérebro humano aparecem como seres independentes dotados de vida, e entrando em relações tanto entre si quanto com a espécie humana. O mesmo acontece no mundo das mercadorias com os produtos das mãos dos homens. A isto dou o nome de fetichismo que adere aos produtos do trabalho, tão logo eles são produzidos como mercadorias, e que é, portanto, inseparável da produção de mercadorias.”



Fonte: IPHAN (1999).

Avançando neste modelo, é destacada a necessidade de etapas sucessivas de percepção, análise e interpretação das expressões culturais, para tanto, é necessário definir e delimitar os objetivos e metas da atividade, conforme o que se pretende alcançar, a natureza e complexidade do objeto estudado.

Este manual traz um exemplo de museu, o qual está alinhado a esta dissertação:

[...] em um museu, definir o tema a ser abordado, em um monumento ou uma cidade, definir os aspectos a serem investigados (arquitetônico, urbanístico, social, econômico, histórico etc...). Num simples monumento podemos analisar os aspectos construtivos e materiais, a área de entorno, o interior, o aspecto decorativo, o mobiliário, os habitantes ou usuários, as transformações ocorridas no tempo. Cada um desses aspectos oferece uma infinidade de enfoques a abordar (IPHAN, 1999, p. 8).

E ainda, segundo esta metodologia, definido o fenômeno/tema de estudo, a ação educativa se desenvolverá nas seguintes etapas metodológicas (Quadro 1):

Quadro 1 - Etapas Metodológicas.

Etapas	Recursos / Atividades	Objetivos
1) Observação	<p>exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive... (BRASIL, 2004, p. 5)</p> <p><i>Exercitar a percepção sensorial através de identificação de sons, cheiros, texturas, sensações em relação aos edifícios, às ruas e aos espaços públicos (praças, largos) (BRASIL, 1999, p. 26)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> – identificação do objeto/função/significado; – desenvolvimento da percepção visual e simbólica.
2) Registro	<p>Com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo (BRASIL, 2004, p. 5)</p> <p><i>Por exemplo: A pesquisa das linguagens e termos de épocas passadas, comparadas com os da atualidade, pode contribuir para a compreensão dos processos culturais e seus diferentes aportes. A linguagem e o vocabulário dos descendentes dos imigrantes italianos está presente na designação de seus objetos culturais, dos gestos e rituais, das cantigas, jogos e ditados. Representar papéis e vivenciar experiências de outros contextos culturais no tempo e no espaço requer a compreensão da linguagem e expressões de grupos diferenciados, contribuindo para o envolvimento dos alunos com os fenômenos e grupos localizados (BRASIL, 1999, p. 34)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> – fixação do conhecimento percebido, – aprofundamento da observação e análise crítica; – desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3) Exploração	<p>Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados (BRASIL, 2004, p. 5).</p>	<ul style="list-style-type: none"> – desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, – interpretação das evidências e significados.

	<p><i>Os problemas encontrados por uma comunidade no passado levaram a soluções que deixaram suas marcas no presente. As evidências que temos hoje nos permitem analisar e identificar os problemas do passado e as soluções do presente. Exemplo: como uma vila resolveu o problema do abastecimento de água, e como hoje a cidade grande resolveu o mesmo problema com novas soluções tecnológicas (BRASIL, 1999, p. 7).</i></p>	
4) Apropriação	<p>Recriação do bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado (BRASIL, 2004, p. 5).</p> <p><i>Por exemplo, finalmente, você “descobriu” esta cadeira e se apropriou dela intelectual e emocionalmente. Você é capaz de recriar esta cadeira de alguma forma? Poética, plástica, musical, com movimentos ou dramatização? Neste momento, é a sua própria capacidade de expressão criativa que irá se revelar (BRASIL, 1999, p. 10).</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> – envolvimento afetivo, – internalização, – desenvolvimento da capacidade de autoexpressão, – apropriação, – participação criativa, – valorização do bem cultural.

Fonte: IPHAN (1999).

Segundo esta metodologia, primeiramente, deve-se:

1. Definir os objetivos educacionais e resultados pretendidos. Quais as habilidades, conceitos e conhecimentos os alunos devem adquirir e de que modo o trabalho se insere no currículo.

2. Definir a preparação do trabalho de campo e o desenvolvimento posterior em sala de aula.

Inclusive, esta metodologia, já coloca a importância da interação com um produto tangível e sugere: um vídeo ou uma pequena exposição, uma apresentação ou entrevista com outras pessoas (colegas do colégio/escola, professores, pais, avós, moradores da vizinhança), são recursos para multiplicar e reforçar o trabalho realizado.

Adaptando-se as etapas metodológicas, apresentadas no Quadro 1, para o modelo proposto nesta dissertação, tem-se, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Etapas Metodológicas do Modelo proposto.

Etapas	Recursos / Atividades	Objetivos
1) Observação	Contextualização durante as aulas de história, geografia e filosofia. Direcionamento, por perguntas, quanto ao entendimento das imagens. Exercícios de percepção visual/sensorial, por meio do: <ul style="list-style-type: none">– Observação das diversas pastas com imagens– Escolha da imagem a ser pesquisada– Observação da imagem– Identificação de elementos relevantes	<ul style="list-style-type: none">– identificação do objeto/função/significado;– desenvolvimento da percepção visual e simbólica.
2) Registro	Acesso à aplicação <i>web</i> com o patrimônio digitalizado <ul style="list-style-type: none">– Pesquisa das linguagens e termos de épocas passadas, comparadas com os da atualidade, pode contribuir para a compreensão dos processos culturais e seus diferentes aportes	<ul style="list-style-type: none">– fixação do conhecimento percebido,– aprofundamento da observação e análise crítica;– desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3) Exploração	Pesquisa para a construção da legenda: entrevistas, meios impressos e <i>internet</i> . <ul style="list-style-type: none">– Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares	<ul style="list-style-type: none">– desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico,– interpretação das evidências e significados.
4) Apropriação	Entendimento da história e da relevância do patrimônio cultural, bem como autoconhecimento e autoreconhecimento. <ul style="list-style-type: none">– Recriação do bem cultural através da interpretação da imagem, transformado em texto (construção da legenda das fotografias).	<ul style="list-style-type: none">– envolvimento afetivo,– internalização,– desenvolvimento da capacidade de autoexpressão,– apropriação,– participação criativa,– valorização do bem cultural.

Fonte: Adaptado do IPHAN (1999).

Sendo assim, vale contextualizar estas adaptações, demonstradas no Quadro 2:

1. Observação: O aluno acessa a aplicação *web* com as imagens do patrimônio digitalizadas, escolhe a foto que será objeto de sua

pesquisa. Primeiramente, observa a foto escolhida, a fim de identificar elementos relevantes para iniciar sua pesquisa.

2. Registro: O aluno parte de um registro, neste caso, da fotografia digitalizada, e tem a possibilidade de fazer um novo registro do mesmo contexto, atualmente, a fim de analisar possíveis alterações (caso seja possível, uma visita de campo).

A partir de um trabalho de observação (1ª etapa do modelo), os participantes registrarão por escrito (2ª etapa), o que se pode perguntar para esse objeto, paisagem ou evento?

Está usado ou é novo?

Foi feito à mão ou à máquina?

As ruas e praças estão bem cuidadas?

As casas dão “dicas” sobre os moradores?

Têm muitas residências, lojas, escritórios, restaurantes, clubes, comércio?

Quais as atividades que se realizam no local?

De modo geral, o Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial (2007), sugere perguntas que direcionem o aluno a perceber o contexto e o auxiliem no momento da exploração de dados, que comporão as informações, que se busca disponibilizar no *site*. Durante as aulas, cada professor adaptou esse direcionamento com perguntas pertinentes a sua disciplina, a fim de orientá-los a construção do conhecimento correspondente.

3. Exploração: Buscar informações sobre a imagem em diferentes meios: livros, *internet* e entrevista, se refere a etapa da pesquisa dos alunos, que por meio da exploração do tema constroem significado.
4. Apropriação: Através da pesquisa desenvolvida pelo aluno, de acesso a diferentes fontes de informação, o projeto como um todo, auxilia no processo de apreensão do conhecimento referente ao contexto da imagem estudada, para enfim, caracterizar-se em educação patrimonial e contribuir no processo de auto reconhecimento.

A partir da metodologia, que deu origem ao modelo desenvolvido nesta dissertação, demonstra-se a importância de tornar tangível os resultados do estudo. Ou seja, envolver os alunos na construção do

conhecimento, integra-los ao conteúdo, de forma interativa, neste caso, com o suporte da tecnologia, recurso de informação na *internet*, a aplicação *web* com o patrimônio digitalizado, cumpriu esta função. E assim, os estudos baseados em prática se constituem em um exemplo desse envolvimento do aluno, na construção do conhecimento, sem desconsiderar o foco no conteúdo, a ser cumprido por aquela unidade curricular.

Em relação ao documento do IPHAN: Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos (BRASIL, 2014), o mesmo foi considerado quanto sua menção à Teoria Construtivista de Vygotsky, em que a Educação Patrimonial é utilizada como processo de mediação.

A ação do homem tem efeitos que mudam o mundo e efeitos exercidos sobre o próprio homem: é por meio dos elementos (instrumentos e signos) e do processo de mediação, que ocorre o desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores (PPS), ou Cognição. Vygotsky considera que os PPS se desenvolvem durante a vida de um indivíduo, a partir da sua atuação em situações de interação social, da qual participam instrumentos e signos, que os levam a se organizar e estruturar seu ambiente e pensamento. Os instrumentos e signos, social e historicamente produzidos, em última instância, mediam a vida. Os diferentes contextos culturais em que as pessoas vivem são, também, contextos educativos que formam e moldam os jeitos de ser e estar no mundo. Essa transmissão cultural é importante, porque tudo é aprendido por meio dos pares que convivem nesses contextos. Dessa maneira, não somente práticas sociais e artefatos são apropriados, mas também os problemas e as situações para as quais eles foram criados. Assim, a mediação pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem humana, como incorporação da cultura, como domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo (BRASIL, 2014, p. 22).

O conceito de mediação aparece nas obras de Vygotsky, com traduções para a língua portuguesa, como: A formação social da mente, A construção do pensamento e da linguagem, com publicações, aqui citadas de, respectivamente, 1998 e 2000.

A teoria de Vygotsky parte de uma perspectiva sociocultural, ou seja, liga o desenvolvimento cognitivo à cultura. A cultura da criança modela o desenvolvimento cognitivo, determinando o que e como ela irá aprender sobre o mundo. Sugere que o desenvolvimento cognitivo está atrelado às interações com as pessoas do mundo da criança e com as ferramentas que a cultura oferece para promover o pensamento. Assim, as crianças aprendem não apenas por meio da exploração solitária do

mundo, mas se apropriando dos modos de sua cultura (VYGOTSKY, 1998, 2000).

A partir do entendimento de Vygotsky quanto o desenvolvimento cognitivo da criança estar atrelado a sua cultura, aos artefatos e pessoas desse meio cultural e simbólico, faz-se o elo com os fundamentos da gestão social, próxima temática, basilar na elaboração do modelo proposto.

2.6 FUNDAMENTOS DA GESTÃO SOCIAL

A Gestão Social pode ser definida como um sistema, que busca a valorização de processos coletivos, baseados no diálogo e na participação de pessoas com um objetivo comum, voltado à transformação do seu meio, seja ele a escola, o ambiente de trabalho, ou sociedade como um todo. Pois, segundo França Filho (2008, p. 30), a própria sociedade é capaz de contribuir na gestão de demandas e necessidades do social, por meio de diferentes formas e mecanismos de auto-organização, para além do Estado. No entanto, os autores reiteram:

Este modo de entender a gestão social, não deve aqui ser confundido com uma pretensão de reforçar em legitimidade um pressuposto normativo liberal segundo o qual seria desejável e mesmo, necessário a substituição do papel do Estado pela sociedade civil em matéria de gestão de serviços públicos. Trata-se apenas, de afirmar que o político (enquanto dimensão constitutiva da vida humana associada) não é atribuição exclusiva do Estado como instituição. Ou seja, existe uma dinâmica política de auto-organização social, através de diferentes modalidades do fato associativo, cujo papel deve ser valorizado se quisermos apostar numa democratização da sociedade.

Cabe ressaltar que, este trabalho surgiu sob a estrutura do Estado, enquanto Universidade Federal e CAPES, e que o modelo proposto, não parte da premissa de que o Estado não deva ser responsabilizado; porém sugere que ações voltadas ao patrimônio público cultural, podem e devem surgir, também, do nível societário, como definem os autores. Diferentemente do patrimônio posto e imposto, introduzido pelas instituições dominantes da sociedade, definido como identidade

legitimadora. Assim, na construção do modelo desta dissertação, os cidadãos são chamados à resistência, chamados ao projeto, tipos de identidade já citados anteriormente, lembrados por Castells (1999).

Pois ainda, segundo França Filho (2008, p. 34):

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que a gestão social se refere a algo que se elabora num espaço público, seja ele estatal ou societário, ou mesmo, na confluência entre eles, representada na articulação entre Estado e sociedade.

É, neste contexto de espaço próprio da sociedade civil, que a gestão social pode contribuir em termos culturais, como na promoção, no resgate ou na afirmação identitária, diferentemente de práticas travestidas de sociais, mas que atendem às empresas. De acordo com França Filho (2008, p. 33):

Ao descaracterizar-se seu conteúdo, é também sua finalidade que acaba se perdendo. A lógica da instrumentalização do social acaba no máximo servindo para alimentar um novo nicho de mercado constituído por algumas agências não-governamentais e grupos de consultores pouco preocupados com uma postura ética, não conseguindo eficácia na resolução dos problemas em médio e longo prazo.

Para que existam ações, é fundamental que se tenha uma esfera pública enquanto estrutura comunicacional, orientada pelo entendimento, relacionada com o espaço social. Segundo Tenório (2008a, p. 42): “Logo, as estruturas comunicativas da esfera pública devem ser mantidas operacionais por uma sociedade de pessoas ativas e democráticas.”.

Entretanto, para que seja possível contar com “pessoas ativas e democráticas”, estas devem ser preparadas para serem críticas e assertivas, a fim de que suas ações sejam capazes de movimentar a estrutura do Estado, pois, “a esfera pública deve identificar, compreender, problematizar e propor as soluções dos problemas da sociedade, ao ponto destas serem assumidas como políticas públicas pelo contexto parlamentar e executadas pelo aparato administrativo de governo” (TENÓRIO, 2008a, p. 42).

De forma que, os interesses individuais sejam submetidos pela sociedade e a orientação em direção ao bem comum seja mais uma fonte

de integração social (HABERMAS, 2004 *apud* TENÓRIO, 2008a, p. 43).

Dado o caráter intersubjetivo e baseado no diálogo da gestão social, a ideia de participação é elementar, uma vez que, trata-se de relações sociais, e isso leva a perceber a importância da associação para buscar objetivos comuns. Para Tenório e Rozenberg (1997, p. 103):

Assim, cidadania e participação referem-se à apropriação pelos indivíduos do direito de construção democrática do seu próprio destino. Sua concretização [destino] passa pela organização coletiva dos participantes, possibilitando desde a abertura de espaços de discussão dentro e fora dos limites da comunidade até a definição de prioridades, a elaboração de estratégias de ação e o estabelecimento de canais de diálogo com o poder público.

Segundo Tenório e Rozenberg (1997, s/p), a participação deve atender os seguintes pressupostos:

- Consciência sobre atos: uma participação consciente é aquela em que o envolvido possui compreensão sobre o processo que está vivenciando, do contrário, é restrita;
- Forma de assegurá-la: a participação não pode ser forçada nem aceita como esmola, não podendo ser, assim, uma mera concessão;
- Voluntariedade: envolvimento deve ocorrer pelo interesse do indivíduo, sem coação ou imposição.

Bordenave (1994) *apud* Tenório (2008b) complementa, considerando dois processos de participação: o micro e o macro, onde o micro envolve grupos primários, tais como, a família, os amigos e os vizinhos; o nível macro, que é caracterizado pela participação, que ocorre a partir de grupos secundários, como: empresas, clubes, associações; e grupos terciários, como: em movimentos de classe, partidos políticos. O primeiro nível é o que configura o aprendizado para atingir o segundo, e desta forma, a contribuição para a sociedade como um todo, pois interfere na dinâmica da história.

A partir da participação popular, por meio de uma infinidade de movimentos sociais, a sociedade tem o poder de interferir nas políticas públicas, conferindo um caráter mais plural e inclusivo, ocupando espaços, e tendo voz em diferentes instâncias do governo.

Sendo assim, partindo das interações sociais, em um ambiente sócio prático, que também valoriza os processos coletivos, dialogados e

participativos, como na Gestão Social, a coprodução do conhecimento, bem como a Comunidade de Prática, os Estudos Baseados em Prática, e outros conceitos de incentivo à colaboração na construção do conhecimento, podem contribuir para o empoderamento do sujeito, para a construção de significados e repertórios de ação, em favor do patrimônio cultural, como mostra a seção a seguir.

2.7 A ABORDAGEM SOCIAL DA APRENDIZAGEM

Para Easterby-Smith e Araujo (2001); Lave e Wenger (1991) na abordagem social, a aprendizagem acontece por meio da prática social, que é parte fundamental no processo de construção da realidade, atrelada, inerentemente, à cultura e à política, e permeia as interações humanas nos seus comportamentos cotidianos.

As atividades desta abordagem são associadas e contextualizadas quanto ao espaço, e evidenciam que tudo que se aprende é resultado das condições, em que foi aprendido e em que é manifestado (BROWN e DUGUID, 1991).

Para além de passar informações, esta abordagem, prioriza permitir acesso a recursos e oportunidades de aprendizagem, em contato com diferentes pessoas, de diferentes contextos da sua realidade, com diferentes vivências e conhecimentos, a fim de tornar este compartilhamento e colaboração, o cerne da aprendizagem por meio da geração de engajamento.

Na teoria da aprendizagem social, aprender é o caminho para o desenvolvimento da identidade, e assim, entender-se parte do mundo (ELKJAER, 2003).

Por isso, segundo Schommer e França Filho (2008), muitas vezes, o papel de mestre e aprendiz alterna entre todos, de uma situação para outra. Pois todos podem contribuir na construção coletiva de práticas e significados, através do diálogo, que abrange ação e reflexão (FREIRE, 2007).

2.7.1 Estudos Baseados em Prática

Primeiramente, é importante entender o conceito de prática social. Neste trabalho, usou-se o conceito baseado no marxismo, em que a prática é concebida como um sistema de atividades, no qual o saber está intimamente ligado ao fazer e, a aprendizagem é uma ocorrência social e não, simplesmente, uma atividade cognitiva (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

De acordo com Antonello e Godoy (2009, p. 179):

Os estudos baseados em práticas partem da noção de uma realidade emergente, do conhecimento como uma atividade material, conectada a artefatos materiais: o social não só está relacionado aos seres humanos, mas também a artefatos simbólicos e culturais. A noção de prática é rica à medida que articula a noção de espaço-tempo do fazer dos atores, isto é, como práticas “situadas”, implicando incertezas, conflitos e incoerências como características intrínsecas a essas práticas.

Dessa forma, as comunidades de prática são, basicamente, como um sistema de relacionamento entre pessoas que, por meio de atividades e de compreensão do mundo compartilhado, promovem contextos de aprendizagem situados (ROBERTS, 2006).

Os conceitos-chave para a definição de Estudos Baseados em Prática são: *learning*, *knowing*, *organizing*, Estética, Textura Organizacional, Conhecimento sensível e *taste-making*, bem explicitados na Figura 10:

Figura 10 - Conceitos-chave nos Estudos Baseados em Prática.

Conceito	Breve Descrição
Learning	Conceito relacionado a uma aprendizagem coletiva, ou seja, learning é um processo pelo qual os atores sociais tornam-se membros de um grupo (GHERARDI, 2001; GHERARDI, NICOLINI, 2001). Portanto, learning, mesmo quando estamos falando de uma pessoa, implica, necessariamente, em uma condição de grupo, seja na possibilidade de ingresso e efetivação como membro – no caso dos novatos – ou ainda, como uma forma negociada entre os membros de produzir, reproduzir ou modificar as práticas que identificam aquele grupo.
Knowing	A partir desse conceito, as práticas constituem-se, sustentam-se e modificam-se. O conceito de knowing é utilizado para evidenciar a dinâmica existente no conhecimento quando ele está associado à prática. O knowing como representação transmite a ideia de uma rede social tecida em torno de um domínio de conhecimento, ou seja, uma prática. Dessa forma, tomar contato com o knowing é tornar-se um insider numa comunidade de prática, assim o conhecimento é mediado pelas relações sociais e o knowing é parte de uma adequação a um hábito social (GHERARDI, 2001).
Organizing	Conceito que estabelece a articulação entre sujeitos (indivíduo, coletividade, organização e instituição) e objetos, também denominados de artefatos, ambos em torno de uma prática (CZARNIAWSKA, 2008; GHERARDI, 2006). O conceito significa o processo organizativo de uma coletividade representado por suas práticas que o possibilita ser identificado enquanto organização. O princípio do conceito de organizing é que aprender e organizar são fenômenos entrelaçados. Para Clegg, Hornberger e Rhodes (2005), o conceito de organizing implica em um movimento não racional permanente, o que faz com que uma organização não seja nunca definida racionalmente.
Estética	Conceito associado às faculdades sensoriais em que pessoas e estudiosos organizacionais produzem conhecimento não-verbal. Para sua compreensão é preciso uma lógica baseada no visual, gestual e outras formas de criação de conhecimento com apelo, muitas vezes, intuitivo. Entretanto, a atenção do pesquisador para os sentidos humanos e para a criação de conhecimento passa, primeiramente, pela sua capacidade de perceber suas habilidades sensoriais para pesquisa.
Textura Organizacional	Conceito decorrente da conexão estabelecida entre os atores sociais na ação (as organizações se formam a partir das práticas coletivas dos atores) e o conjunto das práticas. A textura organizacional possibilita a criação de identidade para a organização.
Conhecimento sensível	Conceito sobre o que é percebido por meio dos sentidos, julgado por meio dos sentidos, produzido e reproduzido por meio dos sentidos. Reside no visual, no auditivo, no olfativo, no degustativo, no toque e no julgamento sensitivo-estético, gerando relações dialéticas com a ação e relações próximas com as emoções (STRATI, 2007, p. 62).
Taste-making	Conceito referente a “um processo discursivo, emergente e coletivo que constantemente refina as práticas e que é feito pelas falas e dito pela ação do “fazer” ” (GHERARDI, 2009, p. 536). O taste-making é o processo pelo qual os membros de uma comunidade buscam aprimorar suas práticas por meio do sensible knowledge.

Fonte: (BISPO, 2013, p. 21).

Destes conceitos, cabe destacar aqui, os dois primeiros: *learning* e *knowing*, que respectivamente, expressam a aprendizagem coletiva e a dinâmica do conhecimento, quando este é construído através da prática, em que as relações sociais facilitam o compartilhamento de informações, que possibilita a geração do conhecimento.

Para Nicolini, Gherardi e Yanow (2003), os Estudos Baseados em Prática configuram uma alternativa de estudar a aprendizagem e a

geração de conhecimento, construído de forma coletiva. Para tanto, sugerem uma perspectiva para facilitar o entendimento, em uma classificação dividida em quatro tradições, como apresenta a Figura 11:

Figura 11 - Tradições dos Estudos Baseados em Prática.

Abordagem	Base teórica	Autores relevantes no contexto dos EBP	Descrição genérica
Cultural Interpretativa	Julgamento estético; Transmissão cultural.	Dvora Yanow Antonio Strati	Mostra como os artefatos e as interações sustentam os significados e o conhecer na prática sem um processo de intervenção. O julgamento estético é realizado a partir de alguém que faz considerações sobre as práticas relacionadas a seus sentidos.
Comunidades de prática	Interacionismo simbólico; habitus.	Etienne Wenger Marie-Léandre Gomez Isabelle Bouty Carole Drucker-Godard	Comunidades surgem e crescem da interação entre competência e experiência pessoal num contexto de engajamento com uma prática comum. As práticas sustentam as comunidades e os novos membros são admitidos num processo de legitimação periférica. As práticas são entendidas como estruturas (habitus).
Teoria da atividade cultural e histórica	Psicologia cultural de Vygostsky Praxis de Marx; elementos do interacionismo simbólico.	Yrjö Engeström Anne Puonti Laura Seppänen Frank Blackler Norman Crump Seonaidh McDonald	Nesta abordagem, as atividades são culturalmente situadas e mediadas pela linguagem e artefatos tecnológicos. As atividades são sempre desenvolvidas em comunidades e implicam em divisão do trabalho entre os membros. O trabalho orienta as práticas e as mudanças dessas.
Sociologia da translação / Teoria ator-rede	Combina elementos das outras abordagens com a distribuição do poder de Foucault e a construção de significado de Wittgenstein.	John Law, Vicky Singleton Lucy Suchman, Silvia Gherardi David Nicolini	Uma interpretação sensível e um gênero baseado na noção de que o social não é nada mais do que um padrão de rede de materiais heterogêneos que incluem não apenas pessoas, mas também máquinas, animais, textos, dinheiro, arquiteturas, entre outros elementos que se ligam por um processo de ordenação. O foco está em como o conhecimento é construído, mantido e perpetuado.
Estudos no local de trabalho (workplace studies)	A relação da tecnologia na constituição do ambiente de trabalho; tecnologia como uma prática social.	Lucy Suchman Anni Borzeix	Considera o trabalho uma atividade em que sujeitos e objetos, presentes num conjunto, constituem e dão sentido para as atividades que emergem da sua interação.

Fonte: (BISPO, 2013, p. 23)

Neste trabalho serão abordadas as tradições das Comunidades de Prática e da Teoria da Atividade Cultural e Histórica, na seção a seguir.

2.7.1.1 Comunidades de Prática

A noção de comunidade de prática se baseia na construção de um ambiente, que envolve um grupo de pessoas, que compartilha de uma identidade, engajada voluntária e mutuamente, em prol de empreendimentos comuns, que geram significados definidos coletivamente, a partir da partilha de conhecimentos, em um processo de aprendizagem contextualizada na prática, ou seja, ligada às ações cotidianas (WENGER, 1998, p. 86; WENGER, MCDERMOTT e SNYDER, 2002).

Para melhor entendimento, Wenger (2003, p. 77) define em cinco dimensões características, as Comunidades de Prática, a saber:

1. **Engajamento mútuo e empreendimento comum:** Está ligado ao processo de participação ativa numa comunidade. A vontade de se aprofundar num domínio de conhecimento é um importante fator de engajamento. O empreendimento comum, refere-se ao processo de desenvolver projetos e ideias conjuntamente, visando contribuir com a geração de conhecimentos para a comunidade de prática.
2. **Aprendizagem contextualizada na prática:** O processo de conhecer está vinculado a uma prática cotidiana. Em outras palavras, conhecer é ser capaz de participar de uma prática, socialmente legitimada, por uma comunidade.
3. **Surgimento é voluntário e informal:** Uma comunidade de prática surge sem a necessidade dos mesmos padrões, que moldam as estruturais formais de uma organização.
4. **Identidade partilhada:** Por meio da associação em comunidades, desenvolvendo projetos conjuntamente, adotam-se sistemas de crenças, rotinas, caminhos de fazer as coisas e, conseqüentemente, desenvolve-se uma identidade partilhada.
5. **Negociação de significados:** Os empreendimentos comuns constituem-se em contextos relevantes para que a negociação de significados aconteça. Assim, as pessoas, conjuntamente, negociam ativamente, experiências e vivências práticas, bem como produzem artefatos. É no relacionamento das experiências individuais e da competência social que a aprendizagem acontece.

E ainda, Yanow (2000) evidencia, que são nas práticas sociais dos indivíduos enquanto coletivo, que acontece de fato a aprendizagem individual e não ao contrário, como pode ser lido equivocadamente, em que o indivíduo determinaria as práticas, a partir das suas experiências. Pois, conforme Freire (2007), a transformação do mundo acontece por meio da combinação entre ação e reflexão.

2.7.1.2 Teoria da Atividade Cultural e Histórica

Baseado no entendimento de interação social de Vygotsky (1929), que, sob influência dos pensamentos de Marx, de que a natureza do ser humano não é fixa, e está inevitavelmente atrelada ao contexto de recursos e oportunidades vivenciado, surgem os princípios da Teoria da Atividade (BLACKLER; CRUMP; MCDONALD, 2003), que, mais tarde, Leontiev e Engeström, puderam ampliar (CAMILLO; MATTOS, 2014).

Nesta abordagem, os fatores culturais explicam os processos psicológicos das pessoas, que através da linguagem, como ferramenta, tem o poder de transformar o ambiente. Para Vygotsky (2003, p. 82): “A educação pode ser definida como a influência e a intervenção planejadas, adequadas ao objetivo, premeditadas, conscientes, nos processos de crescimento natural do organismo”.

Assim, Duarte (2002, p. 280) conclui que: “[A Teoria da Atividade é] um desdobramento do esforço por construção de uma psicologia sócio-histórico-cultural fundamentada na filosofia marxista”.

A tradição relacionada à esta teoria traduz as práticas como atividades, comenta a relação entre evento e contexto e, então, sugere uma pauta para uma ciência social interativa (BISPO, 2013).

Ou seja, as atividades surgem em comunidades, são mediadas cultural, linguística e tecnologicamente, envolvendo a divisão do trabalho e tem um objeto que as orienta (BLACKLER; CRUMP; MCDONALD, 2003).

Sendo assim, seu objetivo é proporcionar ao educando o enriquecimento e a complexificação, ou seja, aprofundar suas relações, de modo a se apropriar do já estabelecido, de tal forma, a ser capaz de criar novos caminhos coletivamente, pois, segundo Camillo e Mattos (2014, p. 225):

[...] a apropriação das aptidões humanas historicamente formadas é componente essencial no processo de constituição do indivíduo humano e do gênero humano – objetos da cultura humana

são convertidos em instrumentos de individualidade. No entanto, em uma sociedade capitalista, os indivíduos podem ser privados de se apropriarem das conquistas humanas historicamente formadas, sobretudo quando a educação (e a ausência de uma concepção de educação libertadora) serve como método de (re)produção da estrutura alienada e alienante [...].

Ou seja, uma educação crítica, que permite a percepção e valorização da cultura humana, produz consciência e liberta.

Neste contexto de necessária autonomia do sujeito, em que a identidade legitimadora é imposta pelo Estado, esta deve ser questionada, já que, conforme a mencionada Teoria da Atividade Cultural e Histórica, sua identidade é construída e, mediada, a todo momento, pelos artefatos e linguagens, na qual está imerso.

Além da disposição para coproduzir, importa a capacidade das pessoas para a realização de uma tarefa coprodutiva. Assim, Verschuere, Brandsen e Pestoff (2012) defendem que as TICs, e os recursos de informação na *internet*, podem ajudar no processo coprodutivo; um recurso para a instrumentalização dessa autonomia e participação dos cidadãos é a coprodução do conhecimento, dependendo das políticas do governo, e de cidadãos capazes de aliar coprodução com tecnologia, conforme será abordado no tópico a seguir.

2.8 COPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Conforme De Mattia e Zappellini (2014), a coprodução é um processo, que busca o envolvimento do cidadão, não apenas para eficácia e redução de custos para o Estado, mas como direito e dever subjetivo de participar da vida pública, em busca de um bem comum. Assim, as atividades coprodutivas se caracterizam por abranger: (a) A participação ativa da população na produção dos serviços públicos (ao invés da participação passiva); (b) A cooperação voluntária dos cidadãos (ao invés da obrigatória); (c) A produção de serviços públicos (ao invés da destruição).

Para De Mattia e Zappellini (2014), essa é a visão de coprodução da maioria dos estudiosos do assunto no Brasil. Aqui, o usuário do serviço público é considerado cidadão, estabelecendo uma forte ligação entre ele e o governo, já que não se trata de mero consumidor. Assim, segundo Denhardt (2012), a cidadania é concebida não como um *status* legal, mas como uma questão de responsabilidade e moralidade.

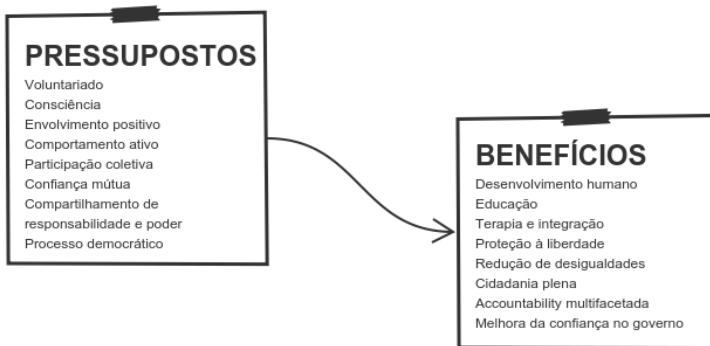
De Mattia e Zappellini (2014) ainda esclarecem que, a coprodução tem duas atribuições principais: a) original – maneiras para envolver o cidadão, visando a diminuição dos custos do serviço prestado, e b) a mais recente – envolver o cidadão, buscando valores democráticos.

Ao estudar os fatores motivacionais para a coprodução, Alford (2002) concluiu que, quando indivíduos coproduzem, não o fazem necessariamente, visando maximizar seus próprios interesses. Sendo assim, fatores como sanções e recompensas materiais são ineficientes para incentivar a coprodução. A maior motivação está em recompensas intangíveis, como socialização e valores expressivos. Entretanto, além da disposição para coproduzir, importa a capacidade das pessoas para a realização de uma tarefa coprodutiva. Uma forma de vencer tais obstáculos, e contribuir para o estímulo da coprodução, é facilitar as tarefas para as pessoas, e para isso, a tecnologia é uma poderosa aliada.

Neste sentido, Verschuere, Brandsen e Pestoff (2012) defendem que as TICs podem ajudar no processo coprodutivo. Entretanto, dependem das políticas em prática pelo governo, e da existência de cidadãos capazes de vincular coprodução com tecnologia.

De acordo com Klein Jr et al (2012), a coprodução apresenta os seguintes pressupostos e benefícios, conforme a Figura 12:

Figura 12 - Pressupostos e benefícios da Coprodução.



Fonte: Adaptado de Klein Jr. et al. (2012)

Conforme Pestoff (2012), a facilidade de envolvimento e a disposição das pessoas para participar da coprodução de serviços são questões importantes, e reforçam os fatores pelos quais decidem coproduzir. Alguns questionamentos que, possivelmente, surgirão e que

afetam o envolvimento dos cidadãos é o grau de facilidade/dificuldade que sua participação exige bem como os motivos pelos quais deve se envolver no assunto. E ainda, a distância do provedor de serviços, a informação disponível aos cidadãos sobre os serviços e o seu respectivo fornecimento. Nesse sentido, para que cidadãos participem ativamente da coprodução de um serviço, reduzir os custos de transação (tempo e esforço por parte do cidadão) facilitará a sua realização. Porém, quanto maior o esforço necessário para que os cidadãos se envolvam, menor será a chance de fazê-lo. Confirmando assim, a importância das TICs, seus recursos e facilidades colocados à disposição para o exercício da cidadania e da participação popular.

2.9 COMMONS E COMMONS DIGITAIS: PRESSUPOSTOS UTILIZADOS NO MODELO

O conceito de *commons* se baseia no trabalho desenvolvido pelo matemático William Forster Lloyd (1833), no livro “*Two Lectures on the Checks to Population*” sobre a posse comunitária da terra em aldeias medievais, e foi popularizado pelo ecologista Garrett Hardin no trabalho “*The Tragedy of the Commons*”, publicado em 1968 na revista *Science* (HARDIN, 1968).

Commons, de acordo com Hess e Ostrom (2007), são bens de uso coletivo que podem ser compartilhados por indivíduos e estarem sujeitos a conflitos sociais. É um termo geral que se refere a um recurso compartilhado por um grupo de pessoas, o qual pode servir a um pequeno grupo (a geladeira da família), pode ser comunitário (calçadas, *playgrounds*, bibliotecas, museus), ou pode se estender a níveis internacionais e globais (atmosfera, *internet*, conhecimento científico, etc). Os *commons* podem ser bem delimitados (um parque comunitário ou biblioteca); transfronteiriços (rio Amazonas, fauna migratória, *internet*); ou sem limites claros (conhecimento, camada de ozônio). Há também, os recursos compartilhados – chamados *common-pool resources* (CPR) – os quais são um tipo de bem econômico, independente de direitos de propriedade específicos.

Os *commons* são caracterizados pela **a)** ênfase na interação social; **b)** objetivos, regras e normas em comum; **c)** práticas de compartilhamento e distribuição das relações de poder; **d)** instituições para tomada de decisão (HESS e OSTROM, 2007; HARDT e NEGRI, 2009).

Os *commons* são um instrumento eficaz de governança comunitária, e o seu entendimento envolve regras, decisões e

comportamentos, que as pessoas exercitam em grupo, no tocante ao recurso que está sendo compartilhado (HESS e OSTROM, 2007).

Em seu estudo, Hess e Ostrom (2007), apresentaram os principais elementos para a compreensão de bens comuns: **equidade, eficiência e sustentabilidade**. Equidade se refere a questões de igualdade e justiça na apropriação e contribuição para a manutenção de um recurso. Eficiência lida com a melhor produção, gestão e utilização do recurso. E a sustentabilidade, busca resultados a longo prazo.

A ação coletiva de grupos voluntários que buscam objetivos compartilhados é um ingrediente chave para a compreensão dos *commons*, os quais, sendo de caráter coletivo e voluntário, se mostram mais sustentáveis do que a propriedade privada ou governamental, uma vez que sejam respeitados princípios gerais de uso do bem comum (HESS e OSTROM, 2007).

Em *Smart Mobs*, Rheingold (2002) apresenta exemplos internacionais de tecnologias móveis para cooperação, as quais possibilitam novos tipos de ações coletivas. Este tipo de ação coletiva de massa, conforme Hess (2008), ilustra a cooperação e escala sem precedentes em um *commons*; e em muitos dos *commons* de ação coletiva, percebe-se um tipo persistente de pensamento: a crença no bem comum, voltado para resultados compartilhados com base na participação voluntária e na reciprocidade.

Uma vez que o conceito de *commons* pode se referir a uma forma de gestão, aplicada a um recurso, envolvendo grupos ou comunidades de pessoas que compartilham o acesso ou o uso daquele recurso, a principal característica que distingue os *commons* é o compartilhamento institucionalizado de recursos entre os membros de uma comunidade (MADISON, STRANDBURG e FRISCHMANN, 2010).

Desta maneira, os *commons* não denotam estritamente um recurso, uma comunidade, um lugar, ou uma coisa; *commons* é o arranjo institucional desses elementos e sua coordenação através da combinação de leis e outras regras formais, bem como normas sociais e costumes (MADISON, STRANDBURG e FRISCHMANN, 2010).

Ao realizar estudos de propriedade intelectual, Hess e Ostrom (2007) verificaram que a noção de *commons* pode ser aplicada ao conhecimento e ao estudo dos dilemas provenientes da informação distribuída e digital, e a propriedade coletiva de conhecimento. Os pesquisadores concluíram que o conhecimento é um tipo distinto de *commons*, pois pode ser cumulativo e ter como fator impulsionador o interesse público. Diferentemente de recursos naturais e de bens

concretos, o uso do conhecimento por um indivíduo não impede que outro possa acessá-lo.

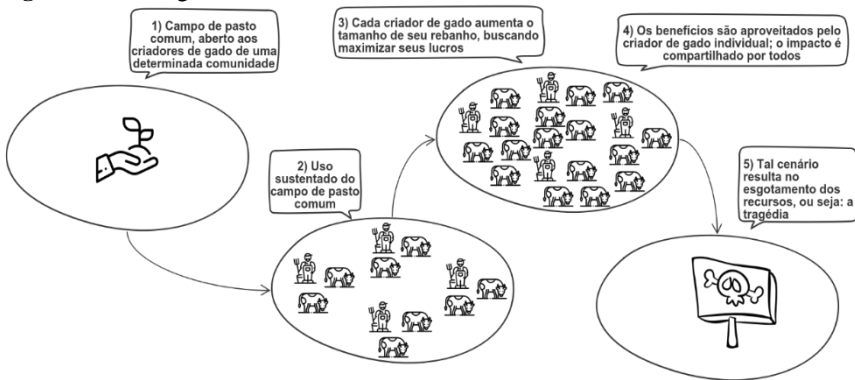
2.9.1 A Tragédia dos Commons

A Tragédia dos *Commons*, ou dos bens comuns, de autoria de Garrett Hardin (HARDIN, 1968), foi desenvolvida a partir da ideia de um campo de pastagem comum (ou seja, o bem comum) que é aberto a todos os criadores de gado de uma determinada comunidade ou região. Neste cenário, cada criador tenta manter o máximo possível de gado próprio. Sob a ótica da economia, a racionalidade do criador de gado faz com que cada um procure maximizar seus ganhos. Explícita ou implicitamente, de forma mais ou menos consciente, o criador de gado irá se perguntar: qual a utilidade em adicionar um animal a mais ao meu rebanho? Tal utilidade tem um elemento positivo e outro negativo:

- a) O **elemento positivo** será o resultado da adição de um animal, uma vez que o criador receberá a totalidade do ganho obtido pela venda daquele animal adicional; assim, o elemento positivo da utilidade é próximo de +1;
- b) Por outro lado, o **elemento negativo** será o resultado do aumento do consumo de pasto, devido ao animal adicional. Logo, como o aumento de consumo do pasto em função do novo animal adicionado por um criador é dividido entre todos os criadores, o elemento negativo da utilidade por cada decisão particular é uma fração de -1 .

Somando todos os elementos das utilidades parciais, um determinado criador pode concluir que é vantajoso adicionar mais um animal ao seu rebanho e, seguindo o mesmo raciocínio, outro animal e outro, indefinidamente. Contudo, cada um dos criadores que utilizam o campo de pastagem em comum pode chegar a esta mesma conclusão. Tem-se então a **tragédia**, em que cada criador, em particular, é impelido a aumentar seu rebanho sem limites - em um mundo limitado (Figura 13).

Figura 13 - A tragédia do *commons*.



Fonte: Adaptado de Hardin (1968)

Hardin (1968) advoga que a ruína é o destino ao qual os homens se encaminham, quando cada pessoa procura apenas o que é melhor para atender seus interesses. Tal acesso ilimitado aos bens comuns traz a ruína a todos, em especial, aos bens naturais comuns, como pastagens e parques nacionais e a pesca em mares internacionais. No tocante ao acesso ilimitado aos oceanos, o autor preconizou como consequência, a extinção de baleias e algumas espécies de peixes.

A agressão ao meio ambiente pela poluição consta do texto original de Hardin. O problema em questão não é a retirada de parte do bem comum, como a caça e extinção de baleias, mas o lançamento de esgotos humanos, químicos, ou radioativos à água; de fumaça, poeiras e gases tóxicos ao ar. Desta forma, o ser humano pode dividir uma fonte de bens comuns, como nos casos de parques e da pesca, ou a capacidade de absorção e recuperação do meio ambiente; contudo, seguindo o seu comportamento racional, independente e egoísta, pode ocasionar uma tragédia (HARDIN, 1968).

2.9.2 Conceituando *Commons* (Bem Comum)

Em 1990, o trabalho da Prêmio Nobel de Economia Elinor Ostrom, “*Governing the Commons*” (OSTROM, 1990), refutou os argumentos de Hardin e da inevitabilidade da tragédia dos *commons*, apresentando a autogestão como a estratégia mais eficiente para o enfrentamento das questões relativas aos bens comuns. Ao realizar estudos sobre bens comuns em comunidades cooperativas como, por

exemplo, o manejo da pastagem no Japão e na Suíça e os sistemas de irrigação em comunidades das Filipinas, ela identificou práticas e critérios que favoreceram a sustentabilidade.

Ostrom (1990) acredita que, tanto a privatização quanto o controle governamental são políticas baseadas em presunções generalizadas e totalizadoras. Além disso, Elinor Ostrom refuta a suposição de Hardin, de que os indivíduos são incapazes de autogovernar seus recursos. Ao contrário, para Ostrom (1990), "as comunidades de indivíduos confiaram em instituições que não se assemelhavam nem ao Estado nem ao mercado para governar alguns sistemas de recursos com razoável grau de sucesso em longos períodos de tempo". Os indivíduos não estão "presos" na tragédia do paradigma comum, mas são capazes de criar suas próprias instituições, regras e mecanismos de aplicação, que garantam o uso sustentável desses recursos.

Ao comparar estudos de caso, em que os indivíduos foram bem-sucedidos na superação da tragédia dos *commons* com os casos que resultaram em fracassos, Ostrom (1990) apresenta um conjunto de variáveis e pré-requisitos que fornecem um quadro geral para instituições autônomas e autofinanciadas. Estes incluem monitoramento mútuo, concordância com as regras escritas pelos usuários do recurso comum, definição de árbitros legítimos e a instituição de políticas que incentivem a colaboração e desencorajem o parasitismo.

2.9.3 Commons digitais

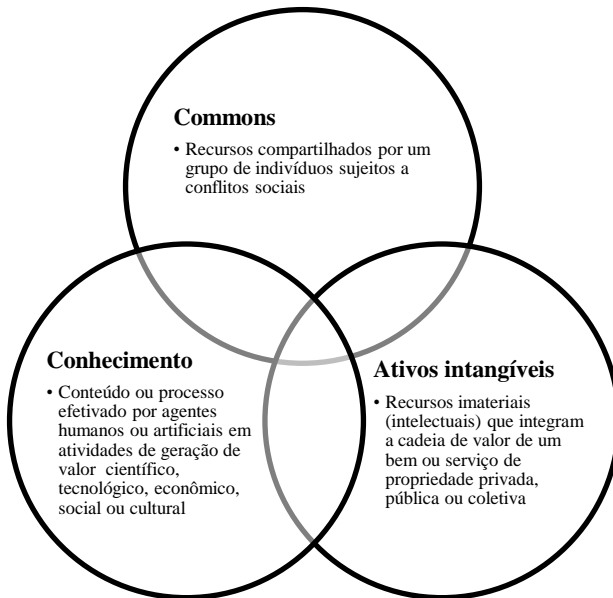
A produção coletiva e colaborativa de conteúdo – da qual *Wikipédia* ou *Linux* são exemplos conhecidos (TAPSCOTT e WILLIAMS, 2008) – foi se tornando uma prática recorrente em determinadas organizações, contribuindo assim, para a constituição de uma inteligência coletiva (WOOLLEY et al., 2010), adaptativa e criativa. Essas práticas colaborativas (*Linux*, *Wikipédia*, dentre outras) podem ser caracterizadas como *commons* digitais (OSTROM, 1990; HESS e OSTROM, 2007). O desenvolvimento da *internet* permitiu um crescimento exponencial dos bens comuns digitais (BENKLER, 2002; BOLLIER, 2007; HESS E OSTROM, 2007).

Teli et al (2015) apresentam o conceito de *commons* digital como uma possibilidade para promover, de forma renovada, a distribuição da riqueza social, a partir do trabalho de Elinor Ostrom. Conforme os autores, os *commons* foram discutidos por muitos estudiosos; alguns mais críticos, como é o caso de Bollier (2007), outros mais liberais

como Benkler (2006). Para os autores, os *commons* são um arranjo institucional de terceira via para gerenciar recursos específicos, sendo naturais ou digitais, que não são de responsabilidade do Estado ou do mercado; mas sim, um esforço coletivo das pessoas, diretamente interessadas, em meios de gestão e colaboração que se baseiam mais na democracia do que nas hierarquias (OSTROM, 1990; HESS E OSTROM, 2007; BOLLIER, 2007).

A aplicação do conceito de *commons* ao conhecimento é fundamental para o embasamento desta pesquisa. De acordo com Pacheco (2016, p. 34), ao considerar o conhecimento como um tipo de *commons*, envolvido pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, é criado um tipo de *commons*, dito digital, como segue: “*commons* digital é um recurso baseado em conhecimento, disponível em plataformas de Tecnologia de Informação e Comunicação, compartilhado por grupos e integrado em uma cadeia de valor, sob princípios de equidade, coprodução e sustentabilidade”, conforme a Figura 14.

Figura 14 - Commons Digital



Fonte: Adaptado de Pacheco (2016)

Ainda, os *commons* digitais dizem respeito ao acesso coletivo e devem ser verificáveis em relação aos princípios de equidade, coprodução, eficiência e sustentabilidade, além dos princípios de *commons* sustentáveis (PACHECO, 2016).

Enfim, com base no levantamento de literatura feita para esta dissertação, ficou claro que os construtos estão embebidos de definições em comum, como: autonomia dos sujeitos, responsabilidade, construção e compartilhamento do conhecimento e sua coprodução, necessária mediação, que pode ser facilitada pelas TICs. Dentre outras definições embasadas em clássicos da literatura, reconhecidos internacionalmente, como Vygotsky, Freire e Ostrom.

Figura 15 - Hospital Bom Pastor em Araranguá.



Fonte: Acervo Digitalizado do Arquivo Histórico de Araranguá.

Capítulo 3

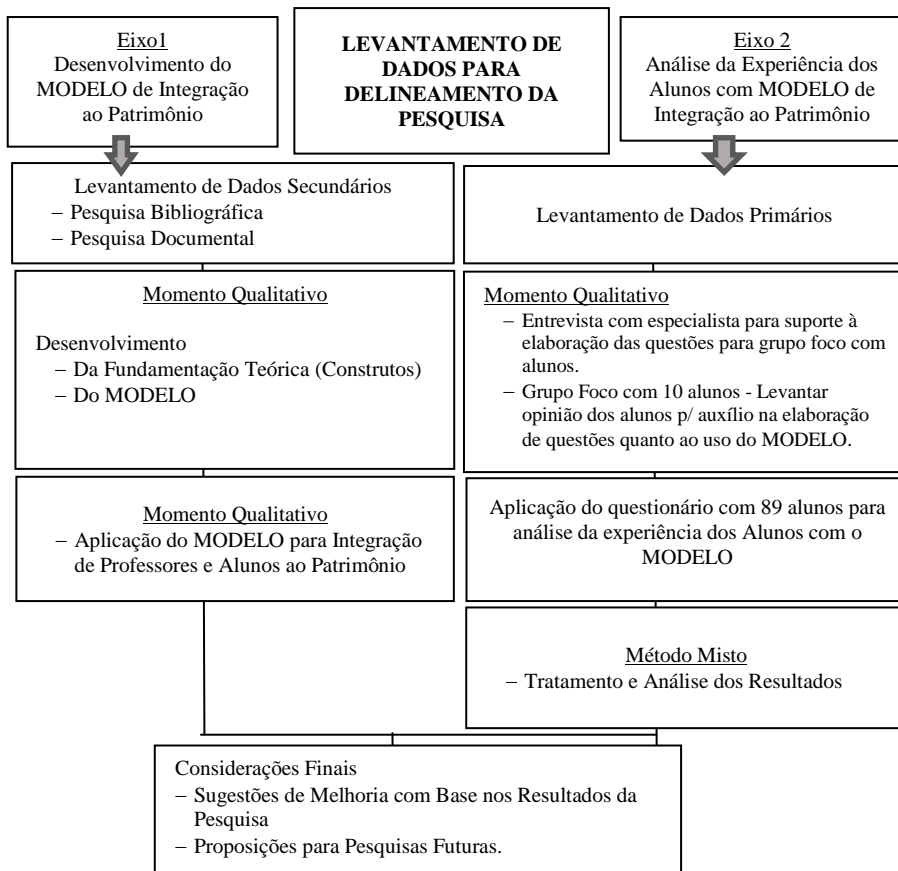
3 METODOLOGIA DO TRABALHO

O presente capítulo tem como objetivo retratar os procedimentos metodológicos aplicados na realização desta pesquisa. Assim, a partir da revisão da literatura, das teorias analisadas e do cenário apresentado foram estabelecidos os procedimentos metodológicos para embasar os resultados obtidos. Inicialmente, apresentar-se-á a classificação da pesquisa, os procedimentos utilizados para a coleta de dados, análise dos dados e, por fim, a delimitação da pesquisa.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Esta dissertação apresenta 2 eixos de desenvolvimento da pesquisa (Figura 16), com diferentes momentos, conforme os dois objetivos nucleares definidos, apresentados adiante, da seguinte forma:

Figura 16 - Delineamento geral da pesquisa.



Fonte: Da autora.

Para compreensão das tipologias da pesquisa relacionadas aos objetivos desta dissertação, é necessário retomá-los, conforme segue:

Objetivo nuclear 1: Desenvolver e aplicar um modelo de integração de professores e alunos de escolas da Rede Básica de Educação para seleção de informações e construção dinâmica do conhecimento referente ao Patrimônio Histórico Cultural da região de Araranguá. Para tanto, os alunos dispõem do acesso à aplicação *web*

Memórias Digitais de Araranguá, com o acervo digitalizado, já mencionada anteriormente, em projeto denominado Memórias Digitais (ALMEIDA; CANDIDO, 2016), sob a orientação do Professor Dr. Robson Rodrigues Lemos. Usando como inspiração inicial, a metodologia de Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (BRASIL, 1999), dos pressupostos da gestão social e outros construtos correlatos, apresentados nos capítulos de Fundamentação Teórica e Metodologia.

Objetivo nuclear 2: **Analisar a experiência dos alunos quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da internet.** Visa compreender, sob o ponto de vista dos usuários (alunos), os impactos desse acesso na identificação e reconhecimento de si, de seus antepassados, demais personagens e fatos, no contexto cultural e histórico do município.

Vale destacar que, existem inúmeras abordagens, tipologias e, portanto, classificações das pesquisas. Contudo, com vistas a alcançar os objetivos evidenciados por esta dissertação, utilizou-se a classificação de Silva e Menezes (2005) e Gil (2010), em que uma pesquisa científica pode ser classificada com base em quatro aspectos, conforme o Quadro 3.

Quadro 3 - Classificações das pesquisas.

Aspectos	Classificação
1. Natureza	Pesquisa básica e Pesquisa aplicada
2. Abordagem do problema	Pesquisa Quantitativa, Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quali-quantitativa.
3. Objetivos	Pesquisa Exploratória, Pesquisa Descritiva, e Pesquisa Explicativa
4. Procedimentos técnicos	Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental, Pesquisa Experimental, Levantamento de campo, Estudo de campo, Estudo de caso, Pesquisa <i>Ex post facto</i> , Pesquisa-Ação e Pesquisa Participante
5. Fonte de dados	Dados primários, Dados Secundários.

Fonte: Adaptado de Silva e Menezes (2005) e Gil (2010).

1. No geral, em relação à **natureza da pesquisa**, há duas categorias: (1) a pesquisa básica, com o objetivo de gerar conhecimentos novos para o avanço da ciência, em longo prazo; e (2) a pesquisa aplicada, com objetivo de gerar conhecimentos para resoluções de problemas conhecidos, em um curto espaço de tempo (PRODANOV; FREITAS, 2013; SILVA; MENEZES, 2005).

Nesta dissertação, tem-se uma pesquisa aplicada, pois há a preocupação com a geração de conhecimento para resolução de

problemas da vida real, envolvendo verdades e interesses locais (PRODANOV; FREITAS, 2013).

2. Quanto à **abordagem do problema**, há a classificação em pesquisas: qualitativa, quantitativa e quali-quantitativa.

A pesquisa qualitativa estabelece, de alguma forma, “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES 2005, p. 20).

Minayo e Sanches (1993) destacam que essa abordagem trata um nível mais profundo dos dados, dos significados, motivos, atitudes, crenças e valores, que se expressam no cotidiano das pessoas. Assim, o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, investigando as questões no ambiente em que elas acontecem (PRODANOV; FREITAS, 2013). Contudo, “o cuidado do pesquisador nas pesquisas qualitativas deve ser redobrado, pois existe uma grande margem de influência direta de sua percepção na análise dos dados, invalidando-os” (FREIRE, 2013, p. 51).

Já, a pesquisa quantitativa, trabalha com dados quantificáveis o que significa traduzir em números, as opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Nesta dissertação, a pesquisa é **qualitativa** ao atender o primeiro objetivo nuclear, ao buscar compreender fenômenos sociais, em que o pesquisador é um recurso chave para coleta das informações, atuando diretamente no ambiente dos dados. Ou seja, a autora desta dissertação (pesquisadora) e a professora (parceira do projeto) – que trabalha nas duas escolas, que participaram do projeto – atuaram junto aos alunos e professores para a aplicação do modelo aqui proposto.

O projeto teve início em março de 2017, no Colégio Murialdo, em Araranguá, e em junho de 2017, na Escola de Educação Básica Jardim Atlântico no Balneário Arroio do Silva. Todos os professores, das duas escolas, foram convidados a participar do projeto. Ao total, doze (12) professores colaboraram, em suas respectivas disciplinas: História, Geografia, Filosofia, Português, Produção Textual e Artes, convidando todas as turmas de 6º a 9º anos do ensino fundamental e 1º e 2º anos do ensino médio - na primeira escola, e as turmas de 8º e 9º anos - na segunda escola. O convite aos alunos foi feito pelos próprios professores em sala de aula, no momento, em que foi apresentada a plataforma *web*, que atualmente, hospeda as fotografias digitalizadas do Arquivo Histórico de Araranguá, o Memórias Digitais de Araranguá.

As instruções passadas faziam referência à pesquisa e elaboração de um texto, sobre uma fotografia digitalizada, disponível em

plataforma *web*, escolhida por eles, de uma das pastas, definida pelo professor, com o objetivo de detalhar a história da região. Todos os alunos participantes receberiam um (1,00) ponto na média do trimestre e o seu texto, em colaboração e coprodução com os colegas, seria disponibilizado na plataforma, para que todos os visitantes tivessem acesso. No total, 536 (quinhentos e trinta e seis) alunos foram convidados, tendo 161 (cento e sessenta e um) voluntários até o final do projeto, em que 58 (cinquenta e oito) fotografias foram objeto de pesquisa e assim, receberam uma legenda.

No momento de alcance do segundo objetivo, utiliza-se da técnica de **métodos mistos** de Creswell (2007), em que o pesquisador tem como base as alegações de conhecimento em elementos pragmáticos. Essa técnica busca a investigação por meio de coleta de dados simultânea ou sequencial, a fim de afinar o entendimento sobre os problemas de pesquisa. Por meio de informações numéricas e de texto, a coleta de dados constitui um banco de dados com informações quantitativas e qualitativas sem necessária relação de proporção equivalente entre os dois tipos, diferente da abordagem quali-quantitativa que pode remeter a uma sensação de equilíbrio entre os mesmos.

Nesta dissertação, o momento qualitativo se caracteriza na utilização da técnica de grupo foco, pois por meio de entrevistas com alguns alunos, colhe a opinião dos mesmos com o objetivo de elaborar as perguntas para o questionário a ser aplicado em maior escala, para avaliar a experiência dos usuários (alunos) com o uso da aplicação *web*. Contudo, ao tratar os dados obtidos com a aplicação desse questionário, tem abordagem quantitativa, com a apresentação dos resultados em tabelas, percentuais e gráficos.

3. Há três grandes grupos ao se considerar a classificação da pesquisa, quanto seus objetivos, conforme Gil (2010) e Silva e Menezes (2005), quais sejam: (1) exploratórias, (2) descritivas e (3) explicativas.

As pesquisas exploratórias, geralmente, são aquelas que acontecem nas fases iniciais da investigação, neste momento, o pesquisador busca se aproximar do problema; para tanto, realiza buscas exploratórias (GIL, 2010). Esse tipo de pesquisa é realizado quando existe pouco conhecimento sobre o tema (ALMEIDA, 2011).

Quanto à pesquisa Descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de certa população ou fenômeno e/ou estabelecimento da relação entre variáveis (GIL, 2010). “Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena os dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.

52). Sua principal característica, em um sentido amplo, é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados como os questionários para levantamento dos dados (GIL, 2010).

Nesta dissertação, inicialmente foi uma pesquisa **exploratória**, a exemplo do que acontece na maioria das investigações, para aproximação do problema e definição dos construtos teóricos a serem considerados para construção do modelo de integração de alunos e professores ao patrimônio histórico de Araranguá e região (modelo proposto). Sendo assim, um levantamento com palavras-chave foi feito em algumas bases de dados, principalmente a *Scopus* e *Scielo*, em busca de artigos científicos, de periódicos e congressos bem como dissertações, teses e livros, que pudessem elucidar os questionamentos iniciais, buscando maior familiarização com o problema.

Sendo assim, foram identificados 03 (três) documentos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN: (1) Guia básico da Educação Patrimonial (BRASIL, 1999), (2) Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial (BRASIL, 2007), (3) Educação Patrimonial: Histórico, conceito e processos (BRASIL, 2014), que foram a inspiração inicial para desenvolvimento do modelo proposto, além dos principais construtos: educação patrimonial, gestão social, Abordagem Social da Aprendizagem, comunidades de prática, estudos baseados em prática, comunicação do compromisso e atos preparatórios, *commons* e *commons* digitais, coprodução do conhecimento, e construção colaborativa do conhecimento.

Esta dissertação, também é uma pesquisa **descritiva**, pois utiliza de técnicas padronizadas de coleta de dados como entrevista e passo a passo do modelo junto aos alunos (para alcance do objetivo nuclear 1), além da técnica de grupo foco e questionário para levantamento dos dados (para alcance do objetivo nuclear 2).

4. Quanto aos procedimentos técnicos, as pesquisas são classificadas em: Bibliográfica, Documental, Experimental, Levantamento de campo, Estudo de campo, Estudo de caso, Pesquisa *Ex post facto*, Pesquisa-Ação e Pesquisa Participante.

De acordo com Marconi e Lakatos (2010), o processo de levantamento dos dados pode ocorrer realizado de três formas: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e o contato direto. Segundo Silva e Menezes (2005), a escolha dos procedimentos para realização da coleta de dados está ligada aos objetivos a serem alcançados.

Esta dissertação, também pode ser considerada de cunho **documental**, pois foram realizadas consultas ao *site* das prefeituras dos

municípios de Araranguá e Balneário Arroio do Silva, para levantamento de informações quanto ao número de habitantes, origem do município e outras informações para adequada contextualização dos mesmos. O *site* da prefeitura de Araranguá também foi acessado para se obter informações sobre o Centro Cultural Máxima Astrogilda de Souza e o Arquivo Histórico de Araranguá, e o Museu Histórico de Araranguá.

Nesta dissertação, ocorreu a pesquisa **bibliográfica**, de **dados secundários**, em livros e artigos científicos, dissertações e teses, tendo sido identificados 03 (três) documentos do IPHAN, inspiração inicial para desenvolvimento do modelo proposto, além dos principais construtos, conforme já mencionado.

Ainda, em relação aos procedimentos técnicos utilizados, Gil (2010) destaca que, o estudo de campo busca o aprofundamento de uma realidade específica, por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade.

Nesta dissertação, também ocorreu o **contato direto** com os sujeitos da pesquisa (alunos), o que a caracteriza como **estudo de campo**, tanto para o alcance do primeiro quanto do segundo objetivo da pesquisa, pois foi realizada coleta **dados primários** com os alunos das escolas participantes do projeto.

5. Em relação à fonte de dados, têm-se os **Dados primários** e os **Dados Secundários**. Os primários são aqueles que não foram antes coletados, sendo de primeira mão, estando na posse dos pesquisadores (GIL, 2010). Já, os dados secundários, de segunda mão, já foram coletados por outrem, estando disponíveis para consulta (relatórios, livros, artigos, informações em *sites* de organizações, dentre outros), não tendo sido criados pelo pesquisador (GIL, 2010, ROESCH, 2009).

Nesta dissertação foram utilizadas fontes de dados primários e secundários, conforme já descrito anteriormente.

Enfim, conforme as descrições deste tópico 3.1, sobre a classificação da pesquisa, percebe-se que, nesta dissertação, resumidamente, foram utilizadas as seguintes tipologias (Quadro 4):

Quadro 4 - Classificações desta pesquisa.

Aspectos	Classificação
1. Natureza	Pesquisa aplicada
2. Abordagem do problema	Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa, Método Misto (CRESWELL, 2007).
3. Objetivos	Pesquisa Exploratória, Pesquisa Descritiva.
4. Procedimentos técnicos	Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental, Estudo de campo.
5. Fonte de dados	Dados primários, Dados Secundários.

Fonte: Adaptado de Silva e Menezes (2005) e Gil (2010).

No próximo tópico, referente aos procedimentos utilizados para a coleta de dados, os mesmos serão apresentados, conforme o alcance dos objetivos nucleares 1 e 2, desta dissertação. Por fim, destaca-se que, a fundamentação teórica foi sendo construída com a apresentação e publicação de trabalhos, ao longo do período de mestrado, dentre eles:

- a) *Digital Totem for the Historical Museum of Araranguá, Santa Catarina, Brazil*, no II Congreso Internacional de Museología e Museos – AMIG Perú, em Lima no Perú;
- b) Digitalização do Acervo do Arquivo Histórico do Município de Araranguá – SC, no XVIII Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – XVIII ENGEMA, em São Paulo;
- c) Patrimônio cultural, TIC e escola: alunos como principais sujeitos na construção do conhecimento, no V Seminário Nacional Investigando Práticas de Ensino (SNIPE) e no III Seminário Internacional de Práticas Pedagógicas Inovadoras (SIPPI), em Curitiba, Paraná;
- d) As TICs na promoção da interação entre os cidadãos e o patrimônio histórico-cultural público da cidade, no IX Seminário Nacional De História: Política, Cultura & Sociedade Conflitos E Resistências: Entre Práticas, Expectativas E Rupturas – na XII Semana de História Política da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, no Rio de Janeiro;
- e) *Una metodología para la integración de profesores y alumnos de la enseñanza básica al patrimonio histórico cultural por medio de las tecnologías de la información y comunicación*, no III Congreso Internacional: Nuevos Horizontes de Iberoamérica, na Universidade de UNCUYO em Mendoza, Argentina.

- f) As TICs como suporte ao patrimônio público cultural: Projeto de Digitalização do Acervo do Arquivo Histórico do Município de Araranguá-SC, publicado na Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação – RDBCI, Qualis B1 nas áreas de comunicação e informação e na área interdisciplinar.
- g) Promovendo a integração de professores e alunos de escolas de educação básica da rede pública ao patrimônio histórico digital do município de Araranguá-SC, no VI ENSUS – Encontro de Sustentabilidade em Projeto, em Florianópolis - SC.
- h) Educação Patrimonial, TIC e Escola: O Desenvolvimento de uma Prática Pedagógica Interdisciplinar, no II SITED - Simpósio Ibero-Americano de Tecnologias Educacionais, em Araranguá – SC.

3.2 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA A COLETA DOS DADOS

Aqui, são demonstrados os procedimentos utilizados para a coleta de dados e assim, o desenvolvimento e aplicação do modelo são descritos concomitantemente.

Para o alcance do objetivo nuclear 1, que envolve a construção do modelo de integração de alunos e professores ao patrimônio histórico de Araranguá e região (modelo proposto), utilizou-se como procedimento, o levantamento bibliográfico e documental em livros, artigos científicos bem como em dissertações, teses e outros documentos. Identificando-se os 03 documentos do IPHAN, além dos principais construtos, de diferentes áreas do conhecimento, combinados e adaptados neste modelo (Quadro 5), a saber:

Quadro 5 - Construtos e sua aplicação no modelo proposto.

Construtos abordados	Descrição do constructo	Descrição da aplicação específica no modelo proposto
Educação patrimonial	Metodologia específica para patrimônio cultural.	Direcionamento prático dentro da sala, através das suas quatro etapas.
Gestão social	Conceito que explora a cooperação e autonomia.	Geração de um contexto autônomo e cooperativo entre os alunos e professores e seus meios.
Comunicação do compromisso e atos preparatórios	Envolvimento e “contagio positivo” para um objetivo coletivo.	Formação de uma rede de compromisso com o acervo histórico-cultural.
<i>Commons</i>	Arranjo institucional para gerenciar recursos específicos (naturais ou digitais) Esforço coletivo das pessoas, diretamente interessadas, em meios de gestão e colaboração que se baseiam mais na democracia do que nas hierarquias.	O museu Histórico de Araranguá, torna disponível seu acervo digitalizado, permitindo a colaboração sem valorizar hierarquia. O acesso é livre, via <i>internet</i> .
<i>Commons</i> digitais	Arranjo institucional para gerenciar recursos específicos (naturais ou digitais). É um recurso baseado em conhecimento, disponível em plataformas de TICs, compartilhado por grupos e integrado em uma cadeia de valor, sob princípios de equidade, coprodução e sustentabilidade (PACHECO, 2016).	Recursos digitais proporcionados pelas TICs. Acervo digitalizado do museu, pode ser acessado e ser um meio para construção e compartilhamento do conhecimento via ferramentas TIC, entre os usuários (neste caso, alunos e professores), sendo este conhecimento coproduzido para acesso e participação de todos os interessados.
Coprodução do conhecimento	Produção conjunta de um conceito comum.	Processos que culminam na produção de novos saberes referentes à história da região.
Comunidades de prática	Comunidades originadas da interação entre competência e experiência pessoal.	Agrupamento que valoriza entendimentos históricos e vivências para a construção do texto explicativo da fotografia.
Estudos baseados em prática	Metodologias de aprendizagem construídas através de prática.	Entendimento do valor do acervo, bem como da história que este conta, através da atividade de produção de significado.

Teoria da atividade cultural e histórica	Atividades culturalmente situadas e mediadas pela linguagem e artefatos tecnológicos, orientando as práticas.	Condução a atividades do âmbito cultural por meio de instrumento e metodologias específicos para este fim, como conduzir à visita ao museu.
--	---	---

Fonte: Da autora.

A aplicação do modelo aconteceu em duas escolas. Na primeira escola, o projeto teve início em fevereiro de 2017, e contou com a participação de alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental e alunos de 1º e 2º ano do ensino médio, nas disciplinas de História, Geografia, Filosofia, Produção Textual e Artes.

Na segunda escola, o projeto começou em maio de 2017, nas disciplinas de História, Geografia, Português e Artes, nas turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental. Em ambas, o projeto se encerrou em novembro, com a aplicação do questionário, elaborado para contemplar o objetivo nuclear 2, descrito a seguir.

Para o alcance do objetivo nuclear 2, que envolve **a análise da experiência dos alunos quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da internet**. Desenvolveu-se um questionário, a partir da técnica de **grupo foco**, também denominada de *focus group*, aplicada junto a um grupo de alunos, após uma entrevista com especialista, a professora de geografia, parceira do projeto.

Primeiramente, a autora deste trabalho, entrevistou a referida professora a fim de entender como aconteceu, de fato, a aplicação do modelo em sala de aula, e assim, construir um roteiro para aplicar durante a entrevista de grupo foco com os alunos.

Na entrevista com especialista (WELLER; ZARDO, 2013) é possível perceber a experiência, de forma a auxiliar na adequação das ferramentas e métricas, que melhor representem a experiência no projeto, considerando o público alvo: crianças e adolescentes da rede básica de ensino.

Durante o grupo foco, o pesquisador lança uma pergunta aberta aos participantes e a partir das discussões, registra os principais fatos levantados, por meio de anotações ou mesmo, de um gravador (KOTLER, 2000).

A pesquisa de **grupo foco** é uma etapa exploratória útil para ser utilizada, anteriormente à aplicação do questionário, em maior escala. É empregada por meio da discussão de alguns convidados (neste caso, alunos), entre seis a dez convidados, conduzida por um moderador (autora desta dissertação) (OLIVEIRA; FREITAS, 1998).

Sheth et al (2001) colocam que, discussões em grupo ocorrem com a participação de um pequeno número de convidados, em que o moderador conduz a discussão sobre determinadas questões de interesse do pesquisador; assim, os participantes – geralmente selecionados em termos de facilidade de acesso e disponibilidade de tempo – demonstram suas percepções sobre os questionamentos lançados.

Nesta dissertação, em relação à técnica de grupo foco, foram convidados, em 29/06/2017, 10 alunos da primeira escola, de diferentes idades, dentro da faixa de 10 a 15 anos, já que são alunos do ensino básico, para participação das discussões, com o objetivo de levantar sua **experiência quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da internet**. As discussões foram mediadas pela autora desta dissertação, a qual elaborou previamente, questões abertas (semiestruturadas), originadas da entrevista com especialista, para estímulo ao debate, estas etapas são detalhadas na seção 4.2 Avaliação do Modelo na Perspectiva dos Alunos.

A partir dos relatos extraídos neste encontro foi possível estruturar um questionário (APÊNDICE B) objetivo e acessível com o propósito de mensurar a qualidade da experiência proporcionada pelo projeto e suas consequências sob o ponto de vista dos principais atores deste projeto: os alunos. Este, é composto de 16 (dezesseis) questões fechadas, com alternativas dicotômicas (apenas “sim” ou “não”, com exceção da questão 3, que conta com 3 opções “dupla”, “trio” e sozinho).

Ao final desta etapa, os processos dentro das escolas, foram finalizados e deu-se início à análise e inferência dos dados gerados pelo questionário, que também serão apresentados na seção 4.2 deste trabalho, denominada: Avaliação do Modelo na Perspectiva dos Alunos.

E, simultaneamente a esta fase da pesquisa, criou-se um caderno com todos os textos produzidos pelos alunos, e as fotografias associadas, para disponibilizar aos professores, que compunham um tipo de banca, para analisar os textos produzidos, efetuar pequenas correções gramaticais e de sintaxe, bem como assegurar a coerência e veracidade das informações, a fim de conectar os textos referentes as mesmas fotografias, contemplando o conceito de comunidades de prática, para futuramente, fazendo uso de uma aplicação *web*, serem disponibilizadas na *internet*, oportunizando uma *wiki*¹¹.

¹¹ Segundo Coutinho e Bottentuit Junior (2007): A expressão *wiki* significa, nas ilhas havaianas, “super-rápido” e este nome tem relação com a velocidade com que páginas de texto são criadas e atualizadas usando a tecnologia *wiki*. É comum que os *wikis* sejam

3.3ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, em relação aos objetivos nucleares 1 e 2, procedeu-se da seguinte forma:

Objetivo nuclear 1: **Desenvolver e aplicar um modelo de integração de professores e alunos de escolas da Rede Básica de Educação para seleção de informações e construção dinâmica do conhecimento referente ao Patrimônio Histórico Cultural da região de Araranguá.** Para tanto, os alunos dispõem do acesso à aplicação *web* Memórias Digitais de Araranguá, com o acervo digitalizado, já mencionada anteriormente, em projeto denominado Memórias Digitais (ALMEIDA; CANDIDO, 2016), sob a orientação do Professor Dr. Robson Rodrigues Lemos. Usando como inspiração inicial, a metodologia de Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (BRASIL, 1999), dos pressupostos da gestão social e outros construtos correlatos, apresentados nos capítulos de Fundamentação Teórica e Metodologia.

A análise dos dados para o alcance do objetivo nuclear 1 envolveu o contato direto no campo, com os alunos das duas escolas, no momento da aplicação do modelo, o qual foi adaptado do Manual do IPHAN (BRASIL, 1999) e baseado em construtos oriundos de levantamento bibliográfico e documental. Portanto, a análise é puramente qualitativa.

Objetivo nuclear 2: **Analisar a experiência dos alunos quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da *internet*.**

A análise dos dados para o alcance do objetivo nuclear 2, por envolver a utilização da técnica de grupo foco em um primeiro momento, exigiu a análise das discussões feitas a esse menor grupo de alunos para elaboração das questões, a serem aplicadas para avaliação da sua experiência quanto à interação com o acervo, via ferramentas da *internet*. E ainda, no estudo de campo, a aplicação do questionário em maior escala, requereu o uso de planilha de cálculo para tabulação e análise dos dados, com a apresentação de percentuais, tabelas e gráficos, configurando a classificação de método misto (CRESWELL, 2007) da pesquisa.

3.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 162): “delimitar é estabelecer limites para a investigação”, ou seja, onde a pesquisa será feita e aplicada.

Assim, como primeiro ponto para o delineamento da pesquisa foi realizada a definição dos objetivos, usados como norteadores, para delimitar e delinear a busca pelo seu alcance.

Aqui, aplicou-se o modelo em duas escolas, não se tendo a pretensão de alcançar o universo de escolas da rede básica de Araranguá e região. Os motivos para este recorte estão relacionados à dificuldade de acesso, o qual foi somente obtido pelo estabelecimento de parceria com a professora de Geografia, que atua na rede de ensino dos municípios de Araranguá e Balneário Arroio do Silva, também aluna do mestrado, do PPGTIC. Sendo possível a aplicação do modelo em duas escolas, uma em cada município. Contudo, isso não inviabiliza os resultados obtidos, pois se trata de uma pesquisa qualitativa, em que se buscou maior profundidade da investigação, com os alunos das escolas envolvidas. Futuramente, a aplicação pode ser ampliada, a partir dos achados, lições aprendidas e oportunidades de melhoria, identificados nesta primeira experiência.

Essa delimitação, referente ao número de observações, ao se considerar o universo de alunos dos municípios de Araranguá e Balneário Arroio do Silva está relacionada ao fato de ser um projeto voluntário. Ou seja, apesar de todas as crianças, das turmas (séries) planejadas terem sido convidadas a participar, pela inerente exigência do modelo, de ser um trabalho voluntário, não se tratando de uma atividade obrigatória, do período letivo das disciplinas envolvidas, muitos alunos não aderiram ao projeto. Contudo, um dos pressupostos da coprodução é justamente o interesse genuíno, a autonomia e assim, “ser voluntário” faz parte das entranhas do que se acredita ser o modelo proposto, tendo sido obedecido este princípio. Porém, vale destacar novamente, que não se trata de uma pesquisa, puramente quantitativa, em que a representatividade da amostra em relação ao universo seria uma condição.

Por fim, é importante ressaltar, que não se pretende aprofundar a discussão sobre o tema educação, no seu sentido específico, tendo em vista a complexidade do fenômeno educacional e que o programa não dispõe de conhecimento teórico para tal. O que se busca é apresentar conceitos que perpassam a Gestão Social, a Educação Patrimonial, a Abordagem Social da Aprendizagem, e as TICs, encontrados na

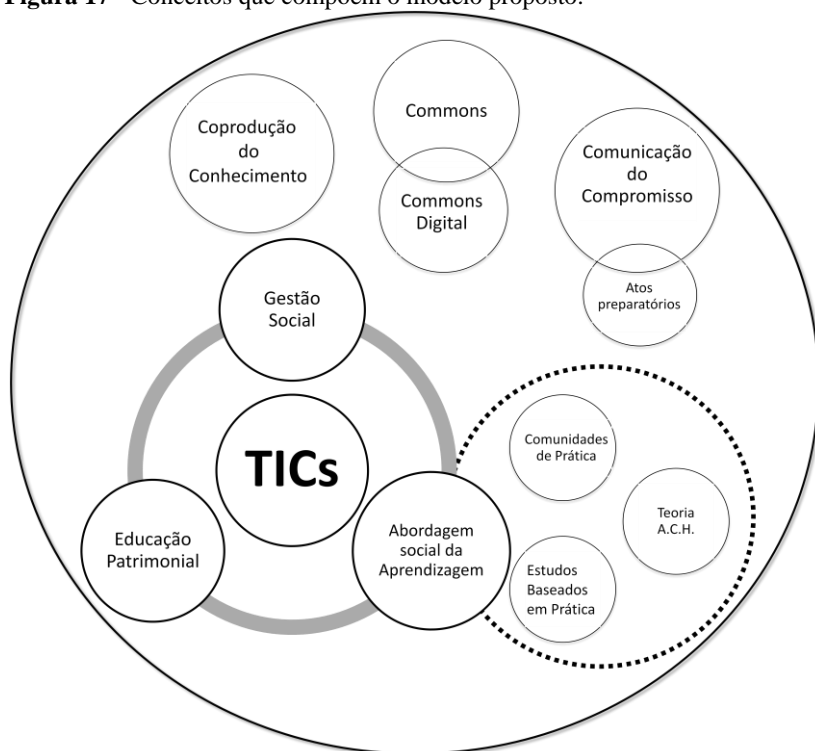
literatura, para adapta-los quanto ao objetivo do modelo e quanto à ementa das disciplinas. Os construtos citados neste trabalho embasam a construção e a aplicação – sob a mediação dos professores da rede básica de ensino, das disciplinas de história, geografia, filosofia, produção textual, português e artes – de um modelo que intenciona promover a valorização do patrimônio público cultural e, conseqüentemente, o resgate e a manutenção da identidade cultural individual e coletiva.

3.5 DESENVOLVIMENTO DO MODELO PARA INTEGRAÇÃO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Para a criação do modelo de integração ao patrimônio histórico cultural da região de Araranguá, proposto neste trabalho, foram adaptados e combinados diferentes conceitos, de diferentes áreas do conhecimento, a fim de se criar um método capaz de contribuir no processo de envolvimento e autonomia do indivíduo, na busca pela valorização, preservação e difusão do patrimônio público cultural.

Este modelo tem três pilares fundamentais, que são: a Educação Patrimonial, a Gestão Social e a Abordagem Social da Aprendizagem (que engloba Comunidades de Prática, estudos Baseados em Prática e Teoria da Aprendizagem Cultural e Histórica), e ainda, outros 3 (três) conceitos inspiradores, que aparecem na construção e aplicação do modelo: *Commons* (e *Commons* digitais), Coprodução do conhecimento e Comunicação do compromisso (onde são citados os atos preparatórios), como mostra a Figura 17.

Figura 17 - Conceitos que compõem o modelo proposto.

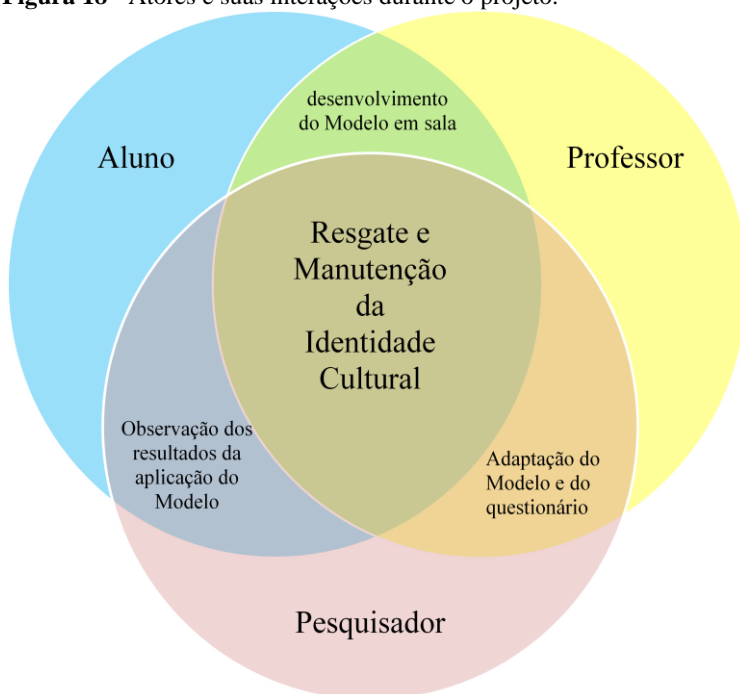


Fonte: Da autora.

Este modelo tem como objetivo direto, a construção colaborativa de legendas para o acervo histórico digital de Araranguá, e como objetivo complementar, promover o resgate e a manutenção da identidade cultural individual e coletiva, em diversos contextos, em que for inserido, não apenas na escola, cenário deste projeto, mas em qualquer ambiente em que as pessoas estejam dispostas a se apropriarem do conhecimento gerado, por meio desse patrimônio, e de se responsabilizarem em preservá-lo e difundi-lo, em colaboração.

Esta colaboração envolve diferentes atores (Figura 18) e cria uma onda de comprometimento e compromisso. Por este motivo a escola foi escolhida para ser a propulsora desta pesquisa.

Figura 18 - Atores e suas interações durante o projeto.



Fonte: Da autora.

Dentro da escola, a interação entre a pesquisadora, os professores e os alunos aconteceu em diferentes níveis. Como mostra a Figura 18, a relação entre aluno e professor aconteceu durante a aplicação do modelo, em que ambos foram responsáveis por criar um ambiente cooperativo, sendo possível compartilhar informações e construir o conhecimento, de forma colaborativa. Já, a relação entre os professores e a pesquisadora, além do momento da apresentação do modelo, foi determinante no momento da adaptação da metodologia para cada disciplina envolvida, bem como a adaptação do questionário para um vocabulário mais acessível para todos os alunos e, conseqüentemente, para obter maior qualidade na análise dos dados gerados. E por fim, a relação entre a pesquisadora e os alunos, que aconteceu, diretamente, no momento da aplicação da técnica de grupo foco e durante a aplicação do questionário, o que possibilitou, nos dois momentos, aos dois atores, a observação dos resultados da aplicação do modelo, a fim de refletir

quanto à experiência, e cada um inferir dentro da sua perspectiva: alunos puderam expressar a sua avaliação e a pesquisadora conhecer o Modelo pelo ponto de vista dos alunos. E assim, todas essas formas de interação, contribuem para o resgate e a manutenção da identidade cultural individual e coletiva, que tende a extrapolar esses atores e contágia, familiares, vizinhos e a comunidade em geral.

No início da pesquisa, o primeiro documento norteador para o desenvolvimento deste modelo foi o Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial (BRASIL, 2007), que tem como objetivo apresentar atividades que possam ser desenvolvidas com crianças, jovens e adultos, que frequentemente ou não, o ensino formal, para provocar neles uma atitude favorável para com os bens culturais, que fazem parte do nosso Patrimônio Cultural Brasileiro. Além dos dois outros documentos do IPHAN: Brasil (1999, 2014).

Este Manual (BRASIL, 2007) apresenta a metodologia de Educação Patrimonial, composta por quatro etapas, que são as seguintes, conforme a Quadro 6:

Quadro 6 - Etapas da metodologia de educação patrimonial.

Etapas	Descrição
1. Observação	Utilização de exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas, medições, jogos de adivinhação e descoberta (detetive), de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou tema observado.
2. Registro	Utilização de desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo.
3. Exploração	Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados.
4. Apropriação	Recriação do bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado.

Fonte: Brasil (2007)

Conforme este Manual, “Os resultados da aplicação desta metodologia desenvolvem atividades que levam os participantes à reflexão, descoberta e atitude favorável a respeito da importância e valorização do nosso Patrimônio Cultural (BRASIL, 2007, p. 5)”.

Em relação ao modelo proposto: Integração de Professores e Alunos do Ensino Básico ao Patrimônio Histórico e Cultural de Araranguá-SC e Região: uma Perspectiva quanto ao Resgate e a Manutenção da Identidade Cultural, esta metodologia foi adaptada da seguinte forma (Quadro 7):

Quadro 7 - Adaptação da metodologia de educação patrimonial para construção do modelo proposto.

Etapas	Em sala
1. Observação	Percepção do contexto, apresentado em sala de aula, nas disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Artes.
2. Registro	Utilização de um registro fotográfico (acervo digitalizado) objeto de pesquisa.
3. Exploração	Pesquisa para a construção da legenda: entrevistas, meios impressos e <i>internet</i> .
4. Apropriação	Entendimento da história e da relevância do patrimônio cultural, bem como auto reconhecimento. E construção da legenda das fotografias nas disciplinas de Produção Textual e Português.

Fonte: Da autora.

Para construir o ambiente facilitador do modelo, recorreu-se à Gestão Social, que como apresentado na seção 2.6 deste trabalho, busca proporcionar autonomia aos atores, que voluntariamente aderem ao projeto. Pois, pode ser definida como um processo dialógico e participativo de grupos, por meio da autonomia, autogestão, cooperativismo e protagonismo, facilitador de processos grupais e individuais, a fim de oportunizar ações coletivas, em prol de um objetivo comum (FISCHER, 2007).

Neste modelo, este conceito foi aplicado com vistas a criar grupos com um objetivo comum: criar uma legenda para algumas fotografias pertencentes ao acervo histórico de Araranguá, para influenciar à valorização deste patrimônio e ao auto reconhecimento da identidade cultural.

Como “pano de fundo” na criação deste contexto, os conceitos de *Commons* e *Commons* Digital, refletem no projeto, pois se referem a um recurso compartilhado por um grupo de pessoas, servindo a um pequeno grupo, a comunidade, ou ainda, pode se estender a níveis internacionais e globais.

Pois, por meio da compreensão de bem comum, fornecida por Hess e Ostrom (2007), entende-se como primordial: a equidade, a eficiência e a sustentabilidade. Estas características foram consideradas na elaboração e aplicação do projeto, a fim de garantir a igualdade na apropriação e contribuição ao acervo digital, uma vez que, todos os

alunos que aceitaram o convite de participar do projeto, tiveram o mesmo apoio e incentivo, bem como, futuramente, busca-se disponibilizar a produção textual de todos na *internet*, a fim de prestigiar seus esforços e dedicação; Buscou-se gerir os recursos disponíveis da forma mais eficiente possível, utilizando a infraestrutura das próprias escolas e a plataforma *web*, que dispõe do acervo; E, principalmente, o projeto visa não ser apenas uma ação isolada, mas sim, que transforme a percepção da importância deste acervo e da manutenção da identidade cultural, como consequências positivas e duradouras. Pois, como conclui Hess e Ostrom (2007), o conhecimento é um tipo de *commons*, pois não tem limite, pode ser motivado pelo interesse público, e o seu compartilhamento possibilita sua disseminação e enriquecimento.

Quanto ao *commons* digital, assim como o *commons*, busca promover a distribuição da riqueza social, especificamente, por meio das TICs, primando pelo seu uso coletivo. Ou seja, no projeto, por exemplo, o acervo histórico cultural, digitalizado e disponibilizado na *internet*, possibilita que todos, com conexão à *internet*, possam acessá-lo para fazer consultas e pesquisas, contribuir com a disponibilização de informações relevantes em uma espécie de *wiki*, ou ainda, motivar a doação física ou digital, de outros materiais.

Já as técnicas que embasam este modelo, foram recortadas da Coprodução do Conhecimento e da Abordagem Social da Aprendizagem, que define a aprendizagem enquanto processo atrelado a cultura e a política, baseada nas interações humanas nos seus comportamentos cotidianos, em que a construção da realidade acontece coletivamente. Pois, como alerta Freire (2007), ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão.

Nesta perspectiva aparecem os Estudos Baseados em Prática (EBP), Comunidades de prática e Teoria da Atividade Cultural e Histórica, cada qual, partilhando da mesma ideia de colaboração e coletividade, ao mesmo tempo, trazendo peculiaridades para esse contexto.

- Nos Estudos Baseados em Prática (EBP), o conhecimento é situado como um processo social, humano, material, estético, emotivo e ético. Significa também, que o conhecimento é construído a partir das práticas, em um processo que associa o *knowing* (conhecer) ao *doing* (fazer) (BISPO, 2013).
- Em Comunidades de prática, as comunidades surgem e crescem da interação entre competência e experiência pessoal num contexto de engajamento com uma prática comum. As práticas

sustentam as comunidades e os novos membros são admitidos num processo de legitimação periférica. As práticas são entendidas como estruturas (*habitus*) (BISPO, 2013).

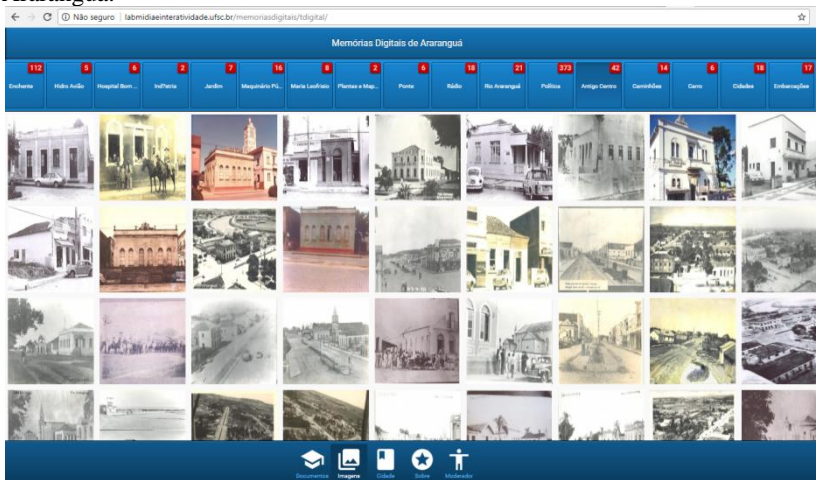
- Na abordagem da Teoria da Atividade Cultural e Histórica, as atividades são culturalmente situadas e mediadas pela linguagem e artefatos tecnológicos. As atividades são sempre desenvolvidas em comunidades e implicam em divisão do trabalho entre os membros. O trabalho orienta as práticas e as mudanças dessas (BISPO, 2013).

Ainda, se tratando de técnicas e práticas de aprendizagem, o conceito de Coprodução do Conhecimento propõe a produção conjunta de um conceito comum a fim de inferir significado de forma coletiva. Neste trabalho, esta ideia colaborou na construção de processos, que culminam na produção de novos saberes sobre a região, em que os alunos estão inseridos, de forma a se perceberem como cidadãos e incentivá-los a participar da vida pública, em busca da construção de uma sociedade inclusiva e plural. Este processo se deu, respeitando as premissas que contemplam uma atividade coprodutiva, já citados anteriormente: a participação ativa da população na produção dos serviços públicos: a partir da preservação e disseminação do patrimônio público cultural regional; a cooperação voluntária dos cidadãos: pois todos os professores e alunos são voluntários no projeto; e a produção de serviços públicos: por meio da criação de uma legenda, que contextualiza as fotografias do patrimônio digitalizado, oferecendo mais uma fonte de informações para a comunidade.

No centro deste modelo, as TICs são o canal de comunicação dos atores com o patrimônio público cultural digitalizado e são o alicerce de todas as etapas que originaram o projeto, bem como na construção, aplicação e avaliação do modelo proposto.

Inicialmente, as TICs estão presentes no momento da digitalização do acervo e, em seguida, no recurso de informação da *internet*, que atualmente hospeda esse acervo, o Memórias Digitais de Araranguá (ALMEIDA e CÂNDIDO, 2016), como mostra a Figura 19:

Figura 19 - Captura de tela da plataforma web Memórias Digitais de Araranguá.



Fonte: Da autora.

A consulta de professores e alunos às pastas com as fotos para a escolha daquelas a serem descritas e contextualizadas, como objeto do projeto, deu-se pelo *site* Memórias Digitais de Araranguá (ALMEIDA; CANDIDO, 2016). A pesquisa dos alunos, para a construção do texto, contou com entrevistas, com consultas em meio impresso, e na *internet*: em *sites* e documentos digitais disponíveis na *web*.

E ainda, futuramente, quanto à disponibilização da legenda produzida pelos alunos, após a construção de uma *wiki*, combinando os textos produzidos por diferentes grupos, referentes à mesma fotografia, o material produzido poderá ser disponibilizado em aplicação *web*, a fim de possibilitar uma melhor experiência ao visitante on-line, que atualmente não encontra nenhuma referência de contexto das fotografias, além da pasta a que pertencem.

Para tanto, uma das inspirações para a realização deste projeto, descrito nesta dissertação, foram os estudos de Joule e Bernard (2005) e Joule (2004) sobre a teoria do compromisso. Assim, neste projeto, que visa a integração de professores e alunos do Ensino Básico ao Patrimônio Histórico e Cultural de Araranguá e região, utilizou-se de procedimentos constantes no modelo proposto, com o objetivo de levá-los a coproduzir informações e conhecimentos referentes ao patrimônio histórico, para resgate da identidade cultural.

Inicialmente, para se fazer o resgate de alguns pontos dos estudos de Joule e Bernard (2005), Joule (2004) e relacioná-los aos pressupostos do modelo desenvolvido no projeto que buscou aplicar o modelo dentro das escolas: o (Re)Conhecendo Araranguá e o (Re)Conhecendo Balneário Arroio do Silva, é necessário apresentar, resumidamente, tais projetos.

A pesquisadora, autora desta dissertação, realizou a apresentação dos objetivos do modelo à professora de geografia da rede de ensino básico de Araranguá e Balneário Arroio do Silva – que convencida dos bons resultados pedagógicos que tal modelo poderia trazer, tornou-se parceira do projeto – e assim, posteriormente, apresentou-o aos professores, que foram convidados a contribuir, com a aplicação do modelo em sua disciplina.

Na sequência, os próprios professores que aderiram ao projeto, apresentaram aos alunos, a aplicação *web*, que disponibilizava o acervo histórico de Araranguá e região, em formato digital, com temáticas, classificadas em pastas, com arquivos, que continham fotografias de paisagens, monumentos, acontecimentos festivos (desfiles, discursos) bem como catástrofes (enchentes). Neste momento, surgiu a necessidade de nomear o projeto dentro das escolas, uma vez que, cada escola explorou a parte do acervo referente a sua cidade, especificamente. Na escola de Araranguá o projeto recebeu o nome de (Re)conhecendo Araranguá e na escola do Balneário Arroio do Silva: (Re)conhecendo Balneário Arroio do Silva. Estes nomes visam aludir a intenção de uma nova abordagem para a geração de conhecimento sobre a história e a cultura, é claro que, sob certa perspectiva, os alunos conhecem Araranguá e o Balneário Arroio do Silva, mas o projeto buscou um novo olhar, em que os alunos seriam os protagonistas das descobertas sobre estes lugares.

É assim, os professores convidaram os alunos a participarem de atividade voluntária, que resumidamente, envolvia a escolha da fotografia de maior interesse do aluno, para posterior pesquisa, com o objetivo de coproduzir uma redação, um texto, que se pretende disponibilizar para contextualizar a fotografia, que até então, não possui legenda ou maiores explicações de época, acontecimento e demais informações, fundamentais para seu entendimento, significado e atribuição de valor e importância (este texto pretende-se – futuramente - que seja publicado no aplicativo *web*, para descrever as fotografias ali constantes). A adesão a esta atividade, poderia acarretar em 1 (um) ponto na média do trimestre, na disciplina.

Nas entranhas deste modelo, há a intenção clara de levar os participantes a se envolverem, comprometerem-se com o levantamento de informações sobre a fotografia escolhida e, por conseguinte, sobre o patrimônio da cidade, o que leva ao desenvolvimento de sentimentos de identidade, valorização do patrimônio público e enfim, respeito. E ainda, o passo a passo do modelo induz ao levantamento de informações em fontes como: conversa com familiares, entrevistas com vizinhos e cidadãos mais antigos, na busca por confirmar/averiguar as diferentes versões sobre um mesmo fato ou mesmo, nuances que se perdem no decorrer do tempo.

Ou seja, há uma provável e bem-vinda “contaminação” da comunidade, que acaba por ser envolvida, o que foi demonstrado no aumento das visitas ao museu, gerando sentimentos de forte emoção, ao relembrar seus antepassados e situações passadas, de pertencimento e, por fim, de compromisso com a conservação e respeito ao patrimônio histórico e cultural.

O modelo apresentado nesta dissertação, trata do “(Re)Conhecimento do patrimônio” e usa da mudança social, tendo como uma de suas abordagens a teoria do compromisso, objeto da psicologia social. Com inspiração em Joule e Bernard (2005), que buscaram eficácia para promover os comportamentos de cidadania desejados (participação eleitoral, proteção do meio-ambiente e economia de energia), utilizando-se da “comunicação do compromisso”, apoiando-se sobre os atos preparatórios e os atos de comprometimento, que se busca obter das pessoas envolvidas.

Por exemplo, Joule (2004) realizou uma pesquisa em 11 (onze) escolas francesas com o objetivo de promover comportamentos eco cidadãos, junto a alunos de nove e dez anos, envolvendo 700 (setecentas) famílias e 28 (vinte e oito) professores. Os alunos foram levados a realizar 04 (quatro) atos preparatórios, ao longo de algumas semanas.

Efetuar uma observação na escola a fim de anotar “o que estava bem” e “o que não estava bem” em matéria de economia de energia e de proteção do ambiente;

Efetuar uma observação em casa, em que cada aluno deveria registrar os hábitos familiares, que poderiam ser modificados, sem grande esforço;

Preencher, com a ajuda dos seus pais (com o objetivo de também, comprometê-los também), um questionário sobre o tema de economia de energia em casa;

Colocar um adesivo, na geladeira de casa, em favor da promoção do meio-ambiente.

No final do ano letivo, cada criança e, em seguida, cada família foram convidadas a se comprometer, por escrito (os compromissos assumidos por escrito podem ter efeitos a longo prazo (GIRANDOLA e ROUSSIAU, 2003), a modificar um de seus hábitos (eventualmente dois), conforme detalham os autores (Joule e BERNARD, 2005, p. 30):

[...] para as crianças: tomar banho de ducha ao invés de banheira; para os pais: não usar o carro para fazer curtos trajetos ou desligar o *stand by* do televisor. Estes compromissos se concretizaram pela assinatura de dois “contratos”: aquele do aluno, que a criança assinava sozinha; e aquele da família, que o aluno e seus pais deveriam assinar conjuntamente.

O ano letivo findava com uma exposição, para apresentar às famílias a produção realizada pelos alunos (cartazes, filmes, fotografias), durante o ano, em prol da proteção do meio-ambiente e do controle de energia. Na exposição, um diploma de “Controle da Energia”, assinado pelo presidente da Região, pelo Inspetor da Academia e pelo Professor, e entregue às famílias.

A exemplo do que aconteceu nos comportamentos de cidadania desejados por Joule (2004) – alunos de várias turmas tomaram a iniciativa de enviar ao prefeito cartas solicitando, por exemplo, a instalação de “temporizadores” nas lâmpadas dos corredores, a melhoria da segurança para o acesso dos pedestres à escola, ações que permitiram exercitar a cidadania e assim, os alunos puderam se apropriar dos valores cidadãos desejados – os alunos envolvidos no projeto (Re)Conhecendo Araranguá e (Re)Conhecendo Balneário Arroio do Silva puderam extrapolar suas ações à comunidade, envolvendo os cidadãos na coprodução do conhecimento e do significado do patrimônio histórico cultural digitalizado da cidade, até então, inexistente nas fotos relatadas pelos alunos, demonstrando que a coprodução pode ser implementada com metodologias adequadas para o envolvimento dos cidadãos e seu conseqüente comprometimento.

Contudo, percebe-se que, o envolvimento com assinaturas de termos de compromisso por escrito e uma disseminação tão abrangente, ao ser comparada com os experimentos de Joule (2004), não foram

objeto deste projeto, apresentando-se como possibilidades futuras, já que, pretende-se continuar a aplicação e maturação do modelo, junto às escolas participantes bem como pela adesão de novas escolas.

Então, a inspiração nos estudos de Joule e Bernard (2005) e Joule (2004) se limita, principalmente a dois pontos, nesta fase do projeto:

1. O envolvimento dos pais e comunidade, dessa adesão em maior grau, do que somente o ambiente escolar;
2. A adoção de alguns “atos preparatórios”, a exemplo do que estes autores fizeram, podendo ser comparadas às 4 (quatro) etapas da educação patrimonial (BRASIL, 1999, 2007), utilizadas neste projeto – **Observação**, avançando gradativamente, para atos preparatórios de maior compromisso, que requer o **Registro** do patrimônio em análise pelo aluno, gerando questionamentos que devem ser pesquisados para serem respondidos, o que leva à **Exploração** (Qual a cor, a forma e a textura? Quem o fez? Para que fim? Quem o usou? Como foi ou é usado? – Dentre outras questões). E, finalmente, a **Apropriação**, que seria a recriação do bem cultural, através de releitura do mesmo, levando os participantes à reflexão, descoberta e atitude favorável quanto à importância e valorização do Patrimônio Histórico e Cultural.

Enfim, estes “atos preparatórios” e todos os demais construtos apresentados aqui, foram intencionalmente previstos, para maior envolvimento entre os participantes, e maior alcance do projeto.

Figura 20 - Farol do Morro dos Conventos.



Fonte: Acervo Digitalizado do Arquivo Histórico do Município de Araranguá

Capítulo 4

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os projetos “(Re)Conhecendo Araranguá” e “(Re)Conhecendo Balneário Arroio do Silva”, desenvolvidos por meio desta pesquisa e contando com o projeto de extensão “Promovendo a Integração de Professores e Alunos de Escolas de Educação Básica da Rede Pública ao Patrimônio Histórico Digital do Município de Araranguá”, desenvolvido pelos pesquisadores do LABeGIS (Laboratório de Gestão, Inovação e Sustentabilidade) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, fundamentam-se na elaboração e aplicação de um modelo baseado em diferentes questões temáticas, aplicados – por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) – no ambiente escolar, a fim de, com base nos pressupostos da Gestão Social, da Educação Patrimonial e da Abordagem Social da Aprendizagem, despertar o interesse e, conseqüentemente, o respeito ao patrimônio histórico cultural do município de Araranguá e do Balneário Arroio do Silva.

O acervo do Arquivo Histórico do Município de Araranguá está digitalizado e disponível na plataforma *web* Memórias Digitais de Araranguá (ALMEIDA; CÂNDIDO, 2016). Além de o projeto ser aplicado na cidade de Araranguá, também teve aderência no município vizinho, de Balneário Arroio do Silva. Isto foi possível, pelo fato de o Balneário ter apenas 22 (vinte e dois) anos de emancipação de Araranguá (lei nº 10.05, de 29/12/1995¹²), tendo esses municípios muito em comum, em termos de história, cultura e, por conseguinte, o Arquivo de Araranguá possui grande acervo referente ao Balneário.

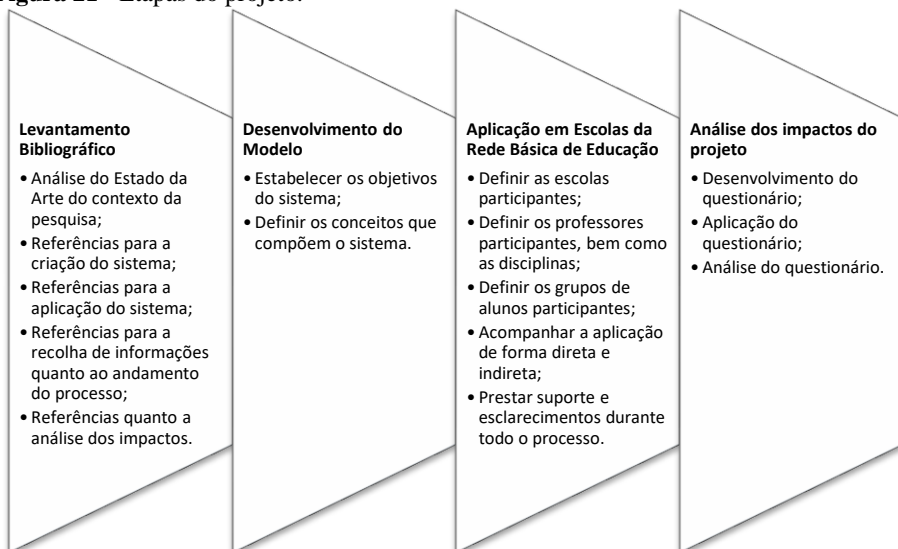
O projeto aconteceu em 4 (quatro) fases.

1. Primeiramente buscou-se, por meio do levantamento bibliográfico, compreender o estado da arte do objeto de pesquisa, definir as referências que baseiam o modelo desenvolvido, para a criação de método de recolha e análise de dados.
2. No segundo momento, foram estabelecidos os objetivos e os conceitos que combinados e adaptados, compõem o modelo proposto, para em seguida, iniciar a fase de aplicação. Para aplicar o modelo, foram contatadas duas escolas da rede básica de Educação, uma em Araranguá e outra no Balneário Arroio do Silva.

¹² Balneário Arroio do Silva (2014).

3. Após a definição das escolas, definiram-se as disciplinas, os professores e os alunos voluntários no projeto. Durante a aplicação, a pesquisadora acompanhou o projeto de forma direta e indireta e se manteve disponível para prestar suporte aos professores, que reportavam as suas próprias dúvidas e as, dos alunos, como mostra a Figura 21.

Figura 21 - Etapas do projeto.



Fonte: Da autora.

4. Por fim, ocorreu a etapa de análise dos impactos do projeto por meio do desenvolvimento e aplicação do questionário, originado da entrevista com especialista e do grupo foco, que culminou na apreciação do modelo quanto à experiência vivida, sob a perspectiva dos alunos.

A seção a seguir, tratará da terceira etapa do projeto, a aplicação do modelo dentro das escolas.

4.1 APLICAÇÃO DO MODELO PARA INTEGRAÇÃO AO PRATRIMÔNIO HISTÓRICO

No início de março de 2017, todos os mais de 80 (oitenta) professores de uma escola da rede básica de educação, no município de

Araranguá, foram convidados a participar do projeto “(Re)Conhecendo Araranguá”, no que diz respeito à aplicação do modelo desenvolvido. Em junho de 2017 foi a vez do Balneário Arroio do Silva receber o projeto, “(Re)conhecendo Balneário Arroio do Silva”.

1. Em um primeiro momento, em ambas as escolas, foram fornecidas informações aos professores referentes ao projeto, como: sua origem em pesquisa desenvolvida na UFSC, o seu formato que visa à educação patrimonial por meio do acesso a uma aplicação *web* (site), em que está disponível todo o acervo fotográfico do Arquivo Histórico do Município de Araranguá, pertencente ao Departamento de Cultura da Municipalidade, disponibilizado em outro projeto da Universidade sob o nome de “Digitalização do Acervo do Arquivo Histórico do Município De Araranguá”, e a relevância da participação dos professores para o desenvolvimento do mesmo.
2. Em um segundo momento, os professores interessados e que tinham a possibilidade de incorporar este tópico na ementa de sua disciplina, foram convidados a conhecer o projeto, detalhadamente. Para estes, foi apresentado o **objetivo:** Selecionar informações por meio de pesquisa, oral, bibliográfica, dentre outras fontes, do arquivo histórico cultural digital do município de Araranguá (<http://labmidiaeinteratividade.ufsc.br/memoriasdigitais/tdigital/>) e enviá-las aos professores em um formulário (Apêndice A) on-line (<https://goo.gl/forms/3TzMROEBsXo7bbC02>) para, posteriormente, serem disponibilizadas no *site* Memórias Digitais de Araranguá. Por conseguinte, também foram destacados os **objetivos específicos:**
 - Conhecer a história do município;
 - Valorizar o arquivo histórico;
 - Perceber as transformações do espaço geográfico local;
 - Reconhecer as relações sociais;
 - Identificar-se como ser social e agente histórico;
3. No terceiro momento, alunos e professores acessaram o site, que hospeda uma cópia digital do acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Araranguá, que apresenta as fotografias agrupadas por pastas de mesmo assunto, tal como se encontram no Arquivo do Centro Cultural. Os professores escolheram qual pasta gostariam de trabalhar, de acordo com

o assunto abordado em aula, para que se mantenha uma estrutura lógica da disciplina, para que o projeto seja uma continuação do que cada disciplina e série trabalham e não, apenas mais um projeto estanque da disciplina, o que dificultaria a assimilação do conhecimento gerado ali. Dessa forma, o professor tem o papel fundamental de mediador da interação entre: alunos, ferramentas de TIC e as informações inerentes ao momento da disciplina (ementa), como mostra a Figura 22:

Figura 22 - O papel de mediador do professor no projeto.



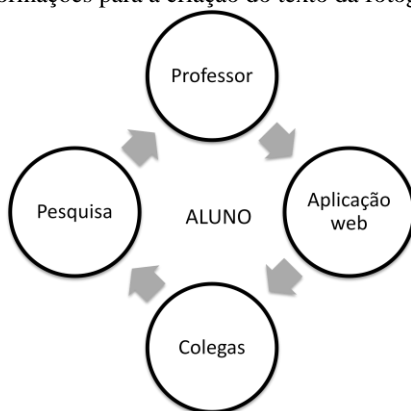
Fonte: Da autora.

4. Após esta etapa, os alunos, individualmente, em duplas ou trios, teriam autonomia para escolher uma ou duas fotografias, que seriam seu objeto de pesquisa. Ou seja, para cada fotografia escolhida deveria ser desenvolvido um texto, que explicasse o que a fotografia estava retratando, seguindo uma adaptação dos passos descritos pelo material de Educação Patrimonial do IPHAN. Os meios de recolha dessas informações poderiam ser pesquisa em bibliotecas, no próprio Arquivo Histórico da cidade, na *internet* e ainda, através de entrevista à familiares, vizinhos e amigos, que tivessem algum conhecimento sobre a cidade. A criação dessa legenda envolveu um novo processo de cooperação

entre o aluno, o professor, a plataforma web, os colegas de grupo e de turma, e a pesquisa em si. Este processo se repetiu diversas vezes, até ser considerado finalizado (Figura 23).

A fonte dessas informações deveria ser apresentada juntamente com o texto produzido. Já que, uma banca de professores é responsável pela avaliação da veracidade das informações levantadas, bem como a confiabilidade das fontes utilizadas pelos alunos.

Figura 23 - Interações do aluno, no processo de pesquisa e recolha de Informações para a criação do texto da fotografia.



Fonte: Da autora.

A fim de facilitar o entendimento dos alunos e professores envolvidos, o passo a passo do projeto foi publicado no *site* de uma das escolas e compartilhado na página da mesma, no *Facebook* (Figura 24), onde os alunos têm fácil acesso, mesmo fora do horário letivo.

Figura 24 - Captura de tela referente à publicação do projeto na página da escola no Facebook.



Fonte: Imagem da *internet*.

5. Por último, a produção dos alunos foi apresentada em uma pequena exposição no corredor das duas escolas, onde toda a comunidade pode prestigiar o trabalho dos alunos e professores. E, posteriormente, já com os textos ratificados pela banca de professores, os mesmos poderão ser disponibilizados na *internet* a fim de proporcionar mais informações sobre as fotos digitalizadas.

Como ações constantes destas fases da aplicação, para a instrumentalização das ações do projeto, a professora, parceira do projeto, conduziu um grupo de mais de 11 (onze) professores, que aderiram à iniciativa, composto por: 4 (quatro) professores de Geografia (incluindo a referida professora), responsáveis pelas turmas de sexto, oitavo e segundo ano - na primeira escola e oitavo e nono ano - na

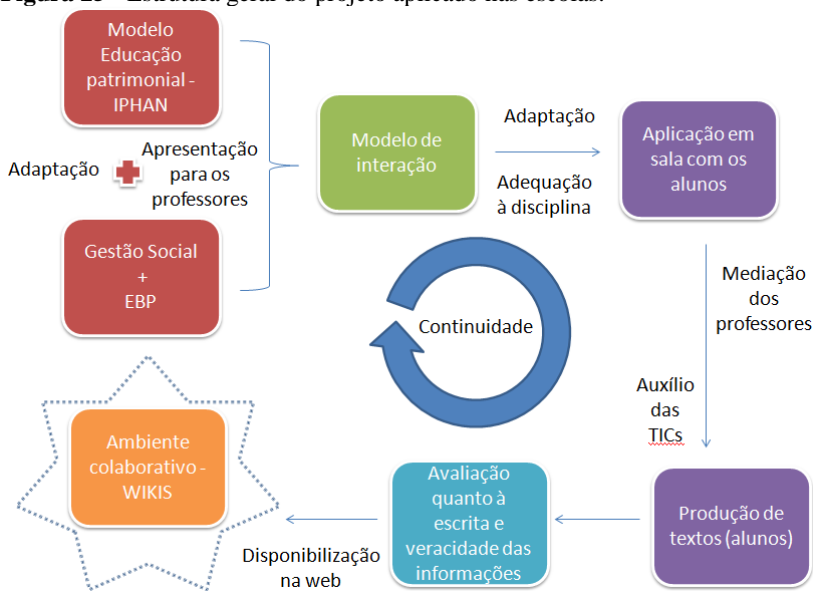
segunda escola; 3 (três) professores de História, responsáveis pelo sétimo e primeiro ano - na primeira escola e oitavo e nono ano - na segunda escola; 1 (um) professor de Filosofia, responsável pelas turmas de nono ano - na primeira escola, 2 (dois) professores de Artes - um em cada escola - envolvidos com todas as turmas; 1 (um) professor de Produção Textual, que deu suporte pra todas as turmas - da primeira escola; e 1 (uma) professora de Português, que deu suporte para todas as turmas - da segunda escola. Esta divisão se deu para facilitar a definição das pastas por ano; porém, todos os professores contribuíram com todas as turmas, em seus períodos de aula.

Os professores de Geografia abordaram questões espaciais e de reconhecimento das transformações causadas pelo ser humano, nas paisagens, ao longo do tempo. Enquanto que, os professores de História abordaram, além das transformações espaciais da paisagem, a questão histórica de origem da região, bem como seus desdobramentos ao longo do tempo. O foco do professor de Filosofia foi trazer a discussão sobre pertencimento e o entendimento do sujeito, enquanto originador ativo da história do meio em que está inserido.

Já, as professoras de Artes trataram de questões técnicas de composição das fotografias, como ângulo, luz e objeto de destaque. E o professor de Produção Textual e a professora de Português se dedicaram às questões técnicas quanto à busca de dados e informações, bem como a construção do texto a ser disponibilizado na *internet* futuramente, como um dos resultados do projeto, a partir do tipo de produção textual do gênero legenda.

Esta estrutura geral do projeto, aplicado nas escolas, é apresentada na Figura 25, a seguir:

Figura 25 - Estrutura geral do projeto aplicado nas escolas.



Fonte: Da autora.

Então, considerando os conteúdos trabalhados nas disciplinas envolvidas e a faixa etária de cada turma, cada professor escolheu as pastas, que gostaria de trabalhar, por exemplo: em Geografia, no sexto ano, estuda-se as mudanças do espaço geográfico; então, as pastas escolhidas foram: o coreto, o jardim, o antigo centro e a biblioteca, por se tratarem de fotos de mais fácil acesso, mais simples para obtenção de informações, considerando que, os alunos do sexto ano têm em torno de 10 anos. Pois, por exemplo, as mudanças do coreto da cidade, à medida que os anos foram passando são facilmente observadas, uma vez que, em seu lugar, agora existe uma biblioteca pública, que dispõe da mesma estrutura; porém, foi reformada.

E assim, os alunos do sétimo ano tiveram como foco construções, demolições, o hidroavião e o campo de aviação; os alunos do oitavo, as enchentes, pontes e casas; e as turmas de nono ano, as embarcações, o rio Araranguá e o campo. Os primeiros anos ficaram com as pastas referentes ao Hospital Bom Pastor, concursos e monumentos; as turmas de segundo ano, com os eventos de sete de setembro, as igrejas e eventos em geral, como mostram os Quadros 8 e 9, a seguir.

Quadro 8 - Estrutura da organização das disciplinas e pastas do acervo digital por série na primeira escola.

Turmas	Disciplinas	Pastas para escolha de fotos
6º ano	Geografia, Artes e Produção Textual	Coreto, Jardim, Antigo Centro, Biblioteca.
7º ano	História, Artes e Produção Textual	Construções, Demolições, Hidro Avião, Campo Da Aviação.
8º ano	Geografia, Artes e Produção Textual	Enchentes, Pontes, Casas.
9º ano	Filosofia, Artes e Produção Textual	Embarcações, Rio Araranguá; Campo.
1º ano	História, Artes e Produção Textual	Hospital Bom Pastor, Concursos, Monumentos.
2º ano	Geografia, Artes e Produção Textual.	Eventos de 7 De Setembro; Igrejas, Eventos.

Fonte: Da autora.

Quadro 9 - Estrutura da organização das disciplinas e pastas do acervo digital por série na segunda escola.

Turmas	Disciplinas	Pasta para escolha de fotos
8º ano	Geografia, Artes e Português	Balneário
9º ano	História, Arte e Português	Balneário

Fonte: Da autora.

Com base nesta distribuição, a professora, parceira do projeto, passou de sala em sala apresentando o projeto, explicando aos alunos qual a tarefa e como fazê-la, por meio da metodologia do IPHAN adaptada para cada assunto, mas seguindo as quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais: observação, registro, exploração e apropriação.

Após a apresentação do projeto ao grupo de professores e a divisão das pastas de cada disciplina, os professores apresentaram o projeto aos alunos, que foram convidados a participar. A participação não era obrigatória, no entanto, como incentivo, a escola concordou em atribuir 1 ponto à nota final do trimestre do aluno, que participasse e concluísse o projeto.

Na primeira escola, foram convidados 491 (quatrocentos e noventa e um) alunos de 16 (dezesseis) turmas. 137 (Cento e trinta e sete) aceitaram participar do projeto, divididos em 65 (sessenta e cinco) grupos; no entanto, no decorrer do processo, 1 (um) aluno desistiu,

dentre alguns motivos pessoais, a justificativa foi a falta de estrutura para dar continuidade ao trabalho além do horário de aula. Ao final, 136 (cento e trinta e seis) alunos entregaram o resultado completo solicitado. Ou seja, o texto e as fontes que utilizaram, gerou um número de 49 (quarenta e nove) fotos utilizadas na pesquisa, uma vez que, diferentes grupos poderiam escolher a mesma foto, para que ao final fosse criado um único texto, a partir da colaboração destes grupos.

Na segunda escola, foram convidados 45 (quarenta e cinco) alunos, de 7 (sete) turmas, 25 (vinte e cinco) aceitaram participar e ao final do projeto, 9 (nove) fotos diferentes receberam a legenda.

É importante lembrar que, todos os alunos, das turmas dos professores que aceitaram colaborar com o projeto, foram convidados. Sendo assim, o número de alunos convidados é relativo à quantidade de professores envolvidos em cada escola. Na primeira escola foram oito (8) professores, e na segunda, 4 (quatro) professores.

Quanto aos prazos, no período decorrido entre 13 a 27 de fevereiro de 2017, deu-se a primeira etapa na primeira escola: a apresentação e explicação do projeto aos alunos e o convite à participação. Pelo fato do feriado de carnaval acontecer neste período, o início da etapa de pesquisa dos alunos, começou com uma semana de atraso, o que resultou em uma semana de atraso em todas as outras etapas; porém, esse fato não prejudicou o projeto, em nenhum aspecto. Então, de 07 a 31 de março se deu, na primeira escola, a etapa de escolha das fotografias na aplicação *web*, levantamento de informações e construção do texto.

Na segunda escola, o período de apresentação do projeto, aos professores, ocorreu ao final do primeiro trimestre, no mês de maio, e foi muito mais rápido, pois a professora, a parceira do projeto, que leciona nas duas escolas, foi quem apresentou, primeiramente, o projeto na segunda escola, o que facilitou muito esta etapa do projeto, além de ter menos professores e alunos envolvidos. O período de levantamento das informações e submissão dos textos no questionário on-line (Apêndice A) ocorreu durante o mês de junho até dia 03 de julho de 2017 (Quadro 10).

Quadro 10 - Cronograma das etapas do projeto dentro das escolas em 2017.

Etapas do projeto	Escola 1	Escola 2
Apresentação do projeto	De 13 a 27 de fevereiro	De 23 a 30 de maio
Formulário para submissão das legendas	De 7 a 31 de março	De 26 junho a 3 de julho
Exposição interna	Dia 05 de abril	Dia 05 de julho
Aplicação do questionário de avaliação do projeto	De 21 a 28 de novembro (Quadros 5 e 6)	

Fonte: Da autora.

Dúvidas surgiram, no decorrer do desenvolvimento da tarefa, e os professores responsáveis de cada disciplina e, principalmente, a professora, parceira do projeto, dedicaram, em praticamente todas as aulas, tempo para sanar as dúvidas e questionar os alunos sobre o andamento do trabalho; além de, em muitos momentos, os alunos recorrerem às redes sociais para sanar dúvidas, mediados pela referida professora. Dúvidas como: “Professora, pode ser tal foto?”, “Professora, essa legenda tá adequada?”, “Professora, eu não sei onde pesquisar.”, “Professora, estou com dificuldade de encontrar o conteúdo sobre essa foto, posso trocar?” Neste caso, o aluno ou o grupo de alunos teve a possibilidade de, efetivamente, trocar de fotografia, pois, de fato, algumas imagens tinham pouca ou nenhuma informação disponível, dada a qualidade da fotografia, como fungos, partes rasgadas, que dificultaram a visualização. Algumas dúvidas recorrentes eram discutidas entres os professores, a fim de melhorar a explicação para auxiliar, da melhor forma possível, os alunos.

Uma das dificuldades encontradas pelos professores, foi alinhar o projeto ao conteúdo específico, trabalhado em aula, mesmo que o início do projeto tenha coincidido com o início do período letivo, justamente pelo fato de os assuntos ligados à cidade serem desenvolvidos nesta época, o foco principal foi mostrar a importância da existência e o acesso ao acervo do Centro Cultural de Araranguá, de conhecer e compreender a história do município e de valorizar todos os aparelhos e patrimônio cultural, existentes na cidade. E ainda, perceber as transformações que o município passou, através das relações sociais e por diferentes motivações, que os alunos puderam perceber, pois muitos identificaram a história de suas famílias nas fotografias e em suas pesquisas. Por exemplo, o caso de uma aluna que comentou que, em uma das fotos do centro da cidade, aparecia um estabelecimento comercial, que antigamente, pertencia ao seu bisavô. Essa situação despertou o sentimento de pertencimento, pois ela, e tantos outros alunos, que puderam identificar alguma instalação, pessoa ou evento

familiar, perceberam que fazem parte de um capítulo, que conta a história da cidade e da região, como um todo.

Com relação à interação com a plataforma, os professores foram apresentados ao *site* e ficaram bastante curiosos com o funcionamento do mesmo. Surgiram algumas dúvidas como: “Onde o texto produzido pelos alunos ficaria disponível?”. Porém no geral, não houve muitas questões a serem resolvidas, exceto por algumas incongruências da plataforma, como o carregamento lento das imagens, em alguns momentos, bem como a função de rolagem das pastas das fotografias, pois como o *front end* da aplicação, desenvolvido inicialmente, para ser utilizado em uma tela sensível ao toque, o manuseio desta função com o *mouse* não é muito intuitivo, causando certa estranheza, no primeiro contato.

Já, quanto aos alunos, foi observada maior dificuldade entre os alunos mais novos, de sexto e sétimo ano, na navegação do *site*¹³, a demora na resposta aos comandos solicitados e, principalmente, quanto ao endereço eletrônico, que é muito extenso e pouco intuitivo.

Com relação à busca de informações, foi percebida maior dificuldade entre os alunos mais novos e, principalmente, entre os do nono ano, que reclamaram da falta de informações disponíveis sobre os seus assuntos: Embarcações, Rio Araranguá; Campo, que foi resolvida de duas formas: ou era sugerida a troca de fonte, que os alunos estavam utilizando, por exemplo, caso apenas tivesse feito pesquisa pela *internet*, era sugerido que fosse ao Centro Cultural da cidade, solicitar informações aos servidores historiadores, entrevistar familiares e vizinhos, mais antigos da região; ou ainda, sugeria-se a troca da fotografia, optando por outra imagem com mais elementos identificáveis, mais informações retratadas, o que aumentaria a possibilidade de encontrar informações pertinentes.

Ao final da etapa de recolha de informações e produção do texto, os professores puderam observar o entusiasmo dos alunos, que a todo momento comentavam sobre as suas fotos, sobre as mudanças que puderam observar na cidade e sobre a emoção que observaram em alguns parentes mais velhos, ao comentarem diferentes momentos da história de Araranguá. Alguns alunos, que não conheciam o Centro Cultural, visitaram-no, acompanhados de seus familiares, em busca de informações, o que gerou curiosidade sobre o prédio do Museu e sobre o

¹³ *Site* onde está disponibilizado todo o acervo da municipalidade digitalizado: <http://labmidiainteratividade.ufsc.br/memoriasdigitais/digital/>

Arquivo Histórico. Alguns pais entraram em contato com a escola, buscando detalhes sobre o projeto, ou ainda, preocupados se a carga horária dos demais conteúdos do ano letivo conseguiria ser trabalhada devido a realização destas atividades, mas ao serem informados da dinâmica do projeto e da atenção dos professores para com toda a ementa da disciplina, elogiaram a iniciativa.

De modo geral, uma observação relevante quanto à participação dos professores, refere-se a volumosa carga horária, de 40 a 50 horas-aula por semana, a que os professores estão submetidos, pois a maioria, com exceção de uma professora, trabalha em mais uma ou ainda, duas escolas. Assim, questões que demandavam mais tempo, como reuniões para discussão do andamento das atividades, não foram realizadas; contudo, a professora – parceira do projeto – conseguiu suprir as necessidades de alunos e professores. A dificuldade na execução e desenvolvimento de tais iniciativas, demonstra que, a escola nos moldes tradicionais, ainda carece de oportunizar iniciativas de coprodução de conteúdo com base nas TICs. Contudo, a análise crítica deste aspecto não é foco desta dissertação.

Ao final do prazo limite (31 de março de 2017 - na primeira escola e 03 de julho de 2017 - na segunda escola), os alunos enviaram, através do formulário (Apêndice A) on-line, 107 (cento e sete) respostas, sendo 85 (oitenta e cinco) da primeira escola e 22 (vinte e duas) da segunda. No entanto, algumas respostas estavam duplicadas ou se tratavam de “envio teste” feito por alunos e professores a fim de garantir o funcionamento do formulário, sendo assim, ao total, foram 89 (oitenta e nove) respostas válidas, (sendo 68 da primeira escola e 21 da segunda).

O formulário criado para esta etapa do projeto buscou coletar a maior quantidade de informações possível, a fim de garantir o reconhecimento dos alunos voluntários e a identificação da fotografia trabalhada para que no momento da divulgação dos textos produzidos, fosse possível garantir a correspondência entre o aluno, o texto, e a fotografia respectivos. Deste modo, o formulário (Apêndice A) é composto por 9 (nove) campos de preenchimento obrigatório e 1 (um) de preenchimento opcional, a saber: data, nome do(s) aluno(s), turma, pasta a qual a fotografia pertence, identificação da fotografia (número da fotografia), tipo(s) de fonte(s) utilizada(s), a descrição da fonte (em caso de entrevista, inserir o nome do entrevistado; Em caso de busca na *internet* inserir o site utilizado; E em caso de livros ou outros materiais impressos inserir o título e o autor.), espaço para inserir o texto

produzido, e um espaço extra para inserir mais informações, caso não fosse suficiente.

O preenchimento deste formulário se deu, a princípio, fora da escola, no entanto, alunos que tiveram dificuldade ou não possuíam acesso a um computador com *internet*, puderam utilizar os equipamentos da escola, auxiliados por professores.

Em 5 de abril de 2017, na semana de aniversário da cidade de Araranguá (03 de abril), aconteceu a primeira exposição (Figura 26), na primeira escola, com as imagens e as legendas produzidas pelos alunos, no pátio interno.

Figura 26 - Exposição (Re)conhecendo Araranguá.



Fonte: Da autora.

E, em 5 de julho, aconteceu a segunda exposição, no corredor interno da segunda escola, como mostra a Figura 27.

Figura 27 - (Re)conhecendo Balneário Arroio do Silva.



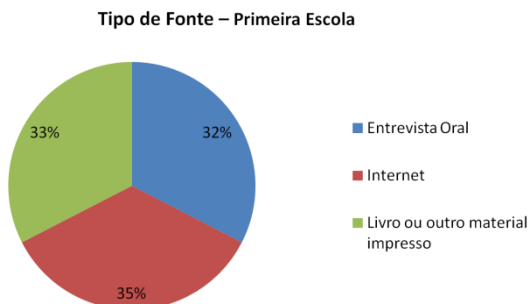
Fonte: Da autora.

Em ambos os momentos, os alunos se mostravam muito orgulhosos de sua produção, convidando colegas, professores e familiares a conhecer a sua contribuição e comentando sobre a experiência de forma bastante entusiasmada.

No que se refere aos resultados do formulário desta etapa, os textos produzidos foram estruturados em um caderno único, composto pela legenda e a imagem relacionada (Apêndice C), a fim de facilitar a avaliação, por parte dos professores. E outras informações, passíveis de análise, como: o tipo de fonte utilizada pelos alunos e a distribuição dos voluntários, por turma e série, podem contribuir no reconhecimento deste cenário.

Em uma análise inicial, é possível verificar, as diferentes fontes de pesquisa, utilizadas pelos alunos da primeira escola, para buscar informações adicionais sobre tais fotos, aconteceram de forma equilibrada, tendo a *internet* e a entrevista oral o mesmo percentual, seguido do livro e material impresso, como mostra a Figura 28:

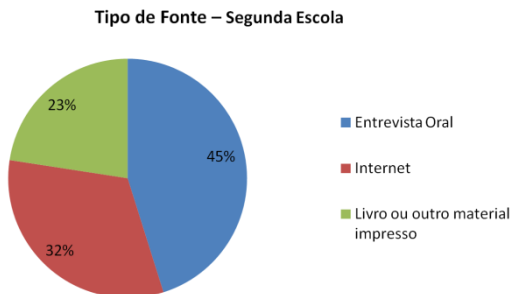
Figura 28 - Tipo de fonte de pesquisa escolhida pelos alunos da primeira escola.



Fonte: Dados da pesquisa.

Já, na segunda escola, a entrevista oral foi a principal fonte de dados, seguida pela pesquisa na *internet* e por último, em livros ou outros materiais impressos, como é possível verificar na Figura 29:

Figura 29 - Tipo de fonte de pesquisa escolhida pelos alunos da segunda escola.



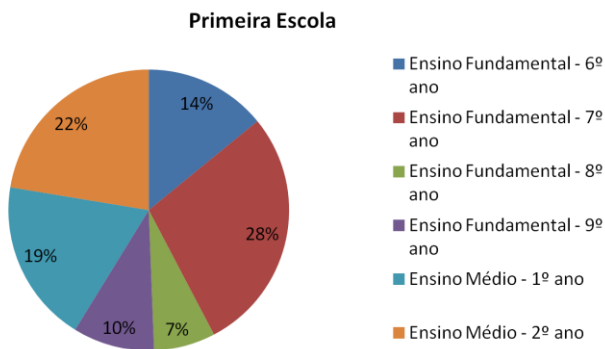
Fonte: Dados da pesquisa.

Sendo assim, é possível relacionar este resultado com a efetivação da interação dos alunos aos demais atores da comunidade escolar, como os vizinhos dos alunos, que foram os principais colaboradores na segunda escola, neste processo de recolha de dados e informações. Percebe-se que se extrapolou a sala de aula para o engajamento com toda a comunidade, divulgação possibilitada pelo envolvimento de diversas pessoas, acessadas pelos alunos, para entrevistas. Pois, como bem lembra Tolentino (2016), é fundamental se considerar os usos sociais do tecido urbano e os significados atribuídos pelos sujeitos sociais aos bens culturais para que este seja entendido em

toda a sua complexidade, e uma das formas de se primar por isto, é buscando as informações por meio da comunidade, principalmente, em entrevistas ou em livros produzidos na região. Dito isso, cabe ressaltar que, dentre as ferramentas da *internet* utilizadas pelos alunos (Apêndice F), estão aplicativos de mensagens instantâneas, como o *Whatsapp*, utilizados para viabilizar entrevistas.

E ainda, quanto às turmas envolvidas, de 6º ano do ensino fundamental até o 2º do ensino médio, cabe ressaltar um maior envolvimento das turmas de 7º ano do ensino fundamental, na primeira escola (Figura 30).

Figura 30 - Índice de participação por turma referente à primeira escola.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na segunda escola, o 9º ano do ensino fundamental (Figura 31) teve maior participação, superando os 90%.

Figura 31 - Índice de participação por turma referente à segunda escola.



Fonte: Dados da pesquisa.

E finalmente, os textos produzidos pelos alunos foram submetidos à banca de professores, que avalia quanto a sua veracidade e coesão para, posteriormente, poderem ser disponibilizados no *site* e na exposição, que acontece na escola de Araranguá, durante a semana literária, no mês de setembro, em que, além da exibição dos resultados obtidos pelos alunos, foram apresentados autores regionais para toda a comunidade escolar. Na escola do Balneário Arroio do Silva, as crianças produziram uma exposição, colando os textos produzidos, junto às fotos que representam em um cartaz, produzido por eles, e afixado no corredor da escola.

4.2 AVALIAÇÃO DO MODELO NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

Ao final da aplicação do modelo na primeira escola, a autora desta dissertação e sua professora orientadora planejaram três etapas, dispondo de três técnicas diferentes para atender o segundo objetivo nuclear deste trabalho, qual seja: **Analisar a experiência do aluno quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da internet**. A primeira etapa trata de uma entrevista com especialista (WELLER; ZARDO, 2013). Neste caso, a especialista foi professora de geografia (parceira do projeto) tendo sido a entrevista, conduzida de forma flexível, por um roteiro pré-definido com vistas a elaborar um segundo roteiro, a ser utilizado na segunda etapa: o Grupo Foco (OLIVEIRA; FREITAS, 1998).

Esta segunda técnica teve como alvo, um grupo de alunos que participaram do projeto e teve como objetivo determinar as categorias a

serem investigadas no seguinte e último passo: o questionário, que, por fim, é composto por 16 (dezesesseis) questões fechadas, e é direcionado a todos os alunos voluntários do projeto.

Com vistas a uma melhor compreensão destas técnicas, apresenta-se a próxima seção.

4.2.1 Entrevista com Especialista

A entrevista com especialista se trata de uma técnica bastante utilizada nas pesquisas em contexto educacional e pode ser usada de forma central, quando o próprio especialista é o objeto da pesquisa, ou representa um grupo importante, com aspectos relativos ao contexto, ou secundária, quando assume um caráter exploratório, em que o objetivo é obter informações adicionais sobre o campo, de acordo com o objetivo da pesquisa (MEUSER; NAGEL, 1991).

Uma importante decisão, que envolve esta abordagem é a definição do especialista. Existem dois tipos de especialistas, a saber: aquele que de alguma forma contribuiu para a pesquisa, ou seja, é responsável pela sua concepção, implementação ou controle em alguma medida relevante; ou aquele que ocupa cargo que dispõe de acesso privilegiado a informações sobre grupos, conselhos administrativos ou processos de decisão (WELLER; ZARDO, 2013).

No entanto, a entrevista com especialista configura uma fonte de informações, que deve ser atrelada a outras, como por exemplo, entrevistas narrativas ou grupos focais, como é o caso desta.

Neste trabalho, a especialista entrevistada, é a professora de geografia (parceira do projeto), não somente dispunha de informações, como foi agente fundamental na aplicação, adaptação e suporte do modelo proposto. Quanto à importância desta métrica, a entrevista tem cunho central na pesquisa, pelo fato de se tratar desta especialista, representando os demais professores e alunos voluntários do projeto, de forma a contribuir não apenas com informações de conteúdo, mas também, sobre aspectos relativos ao contexto, como, as adaptações ocorridas durante o projeto e demais tomadas de decisão, ocorridas em sala de aula.

A entrevista aconteceu em 12/04/2017 e teve a duração de cerca de 30 (trinta) minutos, tendo sido gravada. Foi conduzida a partir de um roteiro com questões pré-estabelecidas; porém, de forma flexível, sendo oportunizado ao entrevistado, a liberdade de abordar outros temas. O roteiro foi composto por seis itens, a saber:

- 1 - Narrativa do processo:** Como foi o passo a passo do projeto em sala de aula e depois do horário de aula? (Buscar maior detalhamento possível);
- 2 - Datas e horários:** Qual o período em que o processo todo se deu? Em quais dias da semana e horários (Em sala? Em qual disciplina? Em casa?)?
- 3 - Dificuldades:** Quais as maiores dificuldades e fraquezas do projeto como um todo?
 - 3.1 - Interação com a plataforma e demais ferramentas de TIC:** Houve dificuldade? Já conheciam? Mostram para mais pessoas?
 - 3.2 - Disponibilidade e acesso na busca das informações:** Como foi procurar pelas informações? Tinha bastante ou pouca informação disponível? Onde foi mais fácil achar essas informações? Já conheciam as cenas retratadas nas fotografias?
 - 3.3 - Infraestrutura:** Algum ponto forte ou fraco que mereça ser mencionado com relação à infraestrutura, seja na escola em outro ambiente que o aluno utilizou para cumprir as etapas do projeto?
- 4 - Pontos positivos e negativos:** Quais os pontos positivos no projeto como um todo? E os negativos?
- 5 - Interesse e interação dos alunos e entre os alunos:** Como aconteceu a participação dos alunos? Ao se interessarem pelo projeto e aceitarem participar, como foi a sua interação entre as diferentes etapas do projeto? Houve engajamento de outros atores além dos colegas e professores, como os pais e vizinhos?
- 6 - Demais observações** sobre o andamento do projeto ou do projeto em si: O que mais podemos comentar sobre o projeto?
Por fim, o áudio da entrevista foi gravado e, posteriormente, transcrito (Apêndice D), a fim de contribuir na construção do roteiro da técnica seguinte: o Grupo Foco.

4.2.2 Grupo Foco

A fim de compreender como um evento, uma experiência, uma ideia ou uma aplicação é percebido pelas pessoas envolvidas, surge – no campo da sociologia – o método denominado *focus group* ou grupo focal ou ainda, grupo foco, como será tratado neste trabalho.

Segundo Kotler (2000), o grupo foco é uma técnica de pesquisa qualitativa, cuja aplicação também é muito útil, em áreas como Gestão, Marketing, Decisão e Sistemas de Informação, dentre outras.

Este método busca, por meio da interação de pessoas em grupo, uma manifestação espontânea, quanto a sua concepção por meio da vivência (OLIVEIRA; FREITAS, 1998), que, segundo as autoras:

[...] caracteriza-se por um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo, cujas reuniões apresentam características definidas quanto a proposta, tamanho, composição e procedimentos de condução. Os participantes influenciam uns aos outros pelas respostas às ideias e colocações durante a discussão, estimulados por comentários ou questões fornecidas pelo moderador (pesquisador ou outra pessoa) (OLIVEIRA; FREITAS, 1998, p. 1).

Krueger (1994) considera, como características fundamentais, dentre outras, a homogeneidade dos participantes quanto aos aspectos de interesse da pesquisa, a geração de dados, e o direcionamento da discussão, em tópicos determinados, pelo propósito da pesquisa.

Esta técnica busca dar orientação e referencial à investigação, produzir hipóteses, baseadas na perspectiva do grupo, avaliar diferentes situações de pesquisa, prover interpretações de resultados oriundos de outras pesquisas, bem como servir de base para o desenvolvimento de planos de entrevistas e questionários, como é o caso deste trabalho (OLIVEIRA; FREITAS, 1998).

A partir dos resultados obtidos na etapa descrita, na seção anterior (a entrevista com especialista), construiu-se um roteiro para um grupo foco de 10 (dez) alunos, representantes de quase todas as séries envolvidas (exceto o 2º ano do ensino médio), os quais foram convidados a participar de uma entrevista semiestruturada.

Pois, de acordo com Oliveira e Freitas (1998), o tamanho do grupo deve proporcionar oportunidade de manifestação de todos os integrantes, fornecendo diversidade aos dados gerados. Desta forma, o tamanho sugerido, fica entre seis e dez pessoas.

Então, na entrevista de grupo foco, que ocorreu em 29/06/2017, teve início às 11h:06min, com duração de cerca de 1 hora, e como suporte para registro de informações foram tomadas notas e o áudio da sessão foi gravado, e transcrito após a entrevista (Apêndice E).

Com base no roteiro criado, a partir da entrevista com especialista, composta por 5 (cinco) itens, buscou-se identificar quais parâmetros seriam possíveis abordar, na análise do modelo proposto, por meio de uma conversa entre os alunos e a pesquisadora (moderadora), os itens são:

1. Narrativa do processo:

- Como vocês conheceram o projeto?
- Onde vocês pesquisavam (na escola, em casa, no museu...)?
- Qual fonte você utilizou como meio para obter informações para a construção da legenda?
- Houve colaboração entre o seu grupo (ou dupla)?
- Houve colaboração entre a turma? (dentro da turma ou entre turmas)
- Houve colaboração/interação com o professor da disciplina?

2. Dificuldades

- Encontrar as informações. (Foi fácil ou difícil)
- Mexer no *site*. (Foi fácil ou difícil)
- Os professores ajudaram ou não?

3. Pontos positivos

- Vocês conheceram lugares/pessoas/eventos da cidade que não conheciam?
- Reconheceram-se ou reconheceram alguém nas fotos?
- Ficaram com vontade de conhecer o Museu da cidade? De ver mais fotos? De ir aos lugares que apareciam nas fotos?
- Gostaram de conhecer a história da cidade?
- Aprenderam alguma coisa nova com o projeto?
- O que vocês acharam do projeto (acharam divertido ou não)?

4. Uso de Tecnologia

- A tecnologia (computacional) está presente no seu dia a dia?
- Gostam de usar que tipo de tecnologia?
- Em que momento?
- Para quê?

5. Demais observações

- Gostariam de participar de novo?
- Para quem vocês falaram do projeto? O que essas pessoas falaram?

Por fim, foram definidas quatro dimensões estruturantes, denominados neste trabalho, de categorias, para agrupar as perguntas elaboradas, com base na literatura, para um questionário de aplicação a um maior número de alunos, com o propósito de que a vivência no projeto pudesse ser, finalmente, conhecida e descrita, são elas:

- Categoria **A**: A caracterização da experiência vivenciada, quanto à interação e colaboração, na produção da legenda da fotografia;
- Categoria **B**: A promoção de reflexão em torno do resgate e manutenção da identidade cultural, por meio da aplicação *web* e demais recursos de TIC utilizados durante todo o projeto;
- Categoria **C**: A percepção do envolvimento da comunidade escolar, promovido pelos alunos, através da experiência proposta;
- Categoria **D**: Familiaridade dos alunos com as ferramentas e recursos de TIC.

Estas discussões foram de grande valia para se chegar ao instrumento de coleta de dados final: o questionário.

4.2.3 Questionário

O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), caracteriza-se: “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

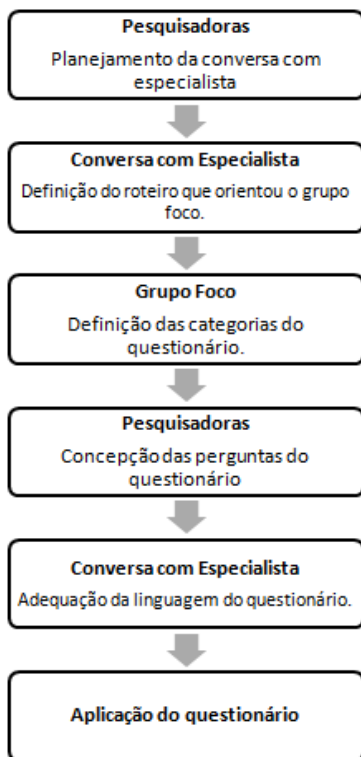
Assim, com base nas categorias oriundas do grupo foco foi possível construir o primeiro formato do questionário. No entanto, no que se refere à formulação das questões, Gil (1999, p. 132), destaca que:

- a) as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
- b) deve-se levar em consideração o sistema de preferência do interrogado, bem como o seu nível de informação;
- c) a pergunta deve possibilitar uma única interpretação;
- d) a pergunta não deve sugerir respostas;
- e) as perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez.

Para tanto, considerando a grande variedade entre a faixa etária dos alunos voluntários, de 11 a 18 anos, preocupou-se com a abordagem e a linguagem empregada, de forma que fosse acessível e interessante a todos. Para tanto, duas professoras, que participaram da aplicação do projeto, a professora Josi Zanette do Canto e a professora Alessandra

Ferreira, foram convidadas a contribuir com a adequação dessa linguagem, como mostra a Figura 32.

Figura 32 - Etapas de construção do questionário.



Fonte: Da autora.

Ao final do ano letivo de 2017, todos os alunos, vale destacar novamente – que participaram voluntariamente do projeto – foram convidados, agora, para finalizar sua participação no projeto, respondendo ao questionário desenvolvido (Apêndice B), com a finalidade de perceber a qualidade da experiência vivenciada.

Considerando o fato de que os voluntários deste projeto e por tanto, o público alvo desta pesquisa, são alunos de ensino básico, em sua grande maioria, menores de idade, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE (Apêndice C), em uma cópia, assinada pela pesquisadora (autora desta dissertação), ficou com

os responsáveis da criança ou adolescente, e outra cópia, assinada pelo responsável, ficou com a pesquisadora para fins de resguardo legal.

Para cada escola participante foi disponibilizado um *link*, para acesso a um questionário *on-line*, constituído por 16 (dezesseis) perguntas fechadas, com duas e, por vezes, três opções disponíveis, em que o aluno poderia assinalar somente uma opção.

No corpo do instrumento, as questões foram divididas por categoria, ainda que isto não seja explicitado, a fim de manter uma linha de pensamento, e evitar confundir os alunos, mudando de assunto bruscamente, o que poderia interferir na naturalidade e na fluidez das respostas.

É relevante salientar três importantes elementos considerados na composição do questionário: (a) Fidedignidade. Buscou-se proporcionar um ambiente receptivo para que o aluno se sentisse à vontade em responder de forma imparcial e verdadeira. (b) Validade. Os dados recolhidos são necessários à pesquisa uma vez que contemplam o segundo objetivo nuclear da mesma. (c) Operatividade. Vocabulário acessível e significado claro, considerando a amplitude da faixa etária dos alunos participantes (KOTLER, 2000).

O questionário (Apêndice B), foi disponibilizado pelo *GoogleForms*, no período de 21 a 28 de novembro de 2017. A aplicação do questionário se deu na escola, sob a supervisão e orientação da autora deste trabalho, da seguinte maneira:

Primeiro, os professores apresentaram a pesquisadora e anunciaram que a sua presença na escola se referia a aplicação de um questionário sobre o projeto das fotografias (Re)conhecendo Araranguá ou (Re)conhecendo Balneário Arroio do Silva) e que, todos alunos que participaram, estavam convidados a respondê-lo. Um a um os alunos eram conduzidos da sala de aula até outra sala reservada, com um computador ou *smartphone* com acesso a *internet*, na qual o questionário já estava disponível.

As instruções eram simples: “Bom dia (ou Boa tarde)! Lembra do projeto das fotografias históricas? Tu podes responder este questionário? Leva em torno de 5 minutos. O questionário é anônimo e é composto por 16 (dezesseis) perguntas de ‘sim’ ou ‘não’. Leia todas as questões e assinala apenas uma opção por questão. Qualquer dúvida pode me perguntar, se quiser desistir fique à vontade”. Todos os alunos presentes, nos dias em que o questionário foi aplicado, prontificaram-se a responder.

Durante a aplicação, a pesquisadora ficava um pouco afastada do computador, de forma a dar privacidade ao aluno. Alguns alunos foram

rápidos (cerca de 3 minutos) e não fizeram comentários. Outros fizeram questão de contar suas experiências pessoais, como um aluno que comentou que pegou uma foto da pasta “Antigo Centro”, onde aparecia uma estátua. Foi para casa e quando começou a pesquisar, pediu ajuda para sua mãe, que emocionada, explicou que seu avô foi o artista responsável pela feitura daquela escultura. Outros relatos foram deveras emocionantes, como por exemplo, uma professora, ao ver as fotografias para conhecer o *site*, que hospeda o acervo digitalizado, antes de apresentar aos alunos, reconheceu a casa da sua família, que foi destruída por uma das maiores enchentes da região, antes mesmo dela nascer. Contou que ninguém da sua família tinha fotos da casa, mas que de tanto ouvir a história, sobre aquela época, pode reconhecer e mostrar pra outros familiares, que confirmaram a suposição.

Como já mencionado, todas as perguntas são fechadas, uma vez que, o mesmo questionário tem como público, desde alunos do 6º ano do ensino fundamental, até alunos do 2º ano do ensino médio. Todas as respostas são dicotômicas: “sim” ou “não”, exceto a questão dois: “Houve colaboração entre o seu trio ou dupla?”, na qual o respondente poderia optar pelas alternativas: “sim”, “não” e “fiz a atividade sozinho (a)”. Esta pergunta foi estruturada de tal forma, por dois motivos: primeiramente, por orientação das professoras, que contribuíram com a pesquisa, durante todo o desenvolvimento do projeto, que sugeriram que manter somente “sim” ou “não”, acabaria por confundir os alunos das séries iniciais, que optaram em fazer as atividades, sozinhos. E segundo, porque implicaria na análise de dados, uma vez que respondendo negativamente a esta questão, o que se entenderia é que não houve cooperação entre a dupla ou o trio, significando que, o objetivo de direcionar os alunos à colaboração, não teria sido atingido plenamente.

No entanto, deixando claro que, houve alunos que fizeram a atividade individualmente, teríamos uma métrica clara se, de fato, aconteceu colaboração entre as duplas e os trios, ou não, e ainda, quantos alunos trabalharam de forma individual. O que, neste último caso, não seria incoerente com o objetivo de direcionar o projeto à coprodução, uma vez que uma mesma foto poderia ser escolhida por mais de um grupo ou aluno, possibilitando a construção de *wikis*, a fim de gerar um texto único, mais completo, para disponibilização futura na *web*.

As perguntas, suas categorias e o tipo de impacto, que se buscou mensurar. Estão no Quadro 11:

Quadro 11 - Categorias e as perguntas que compõem o questionário.

Categoria	Impactos	Perguntas
<p>CATEGORIA A: A caracterização da experiência vivenciada, quanto à interação e colaboração, na produção da legenda da fotografia.</p>	Internos.	<p>1. Você conversou com outras pessoas para conseguir informações para escrever a legenda?</p> <p>2. Houve colaboração entre o seu trio ou dupla?</p> <p>3. Algum colega da sua turma, além do seu grupo, ajudou você a realizar a sua atividade?</p> <p>4. Os professores da escola ajudaram a realizar a atividade?</p>
<p>CATEGORIA B: A promoção de reflexão em torno do resgate e manutenção da identidade cultural, por meio da aplicação <i>web</i> e demais recursos de TIC utilizados durante todo o projeto.</p>	Internos.	<p>5. Você aprendeu coisas novas sobre a cidade?</p> <p>6. Você percebeu diferenças entre as imagens do passado e as atuais?</p> <p>7. Você reconheceu algum lugar (ou pessoa ou evento) retratado nas fotos?</p> <p>8. Você teve vontade de visitar algum lugar ou participar de algum evento representado nas fotos?</p>
<p>CATEGORIA C: A percepção do envolvimento da comunidade escolar promovido pelos alunos através da experiência proposta.</p>	Internos e externos.	<p>9. Você mostrou o <i>site</i> para alguém, além dos colegas, que também participaram do projeto?</p> <p>10. Você já conhecia as fotografias?</p> <p>11. Você visitou o museu durante ou depois de participar do projeto?</p> <p>12. Você gostaria de participar de novo do projeto?</p>
<p>CATEGORIA D: Familiaridade dos alunos com as ferramentas e recursos de TIC.</p>	Internos.	<p>13. Você gosta de usar tecnologias* (como <i>smartphone</i>, <i>tablet</i>, computador, <i>clashow</i>) no seu dia-a-dia?</p> <p>14. Você costuma usar essas tecnologias dentro da escola?</p> <p>15. Você utiliza essas tecnologias para estudar?</p> <p>16. Essas tecnologias ajudaram você no desenvolvimento do projeto?</p>

Fonte: Da autora.

4.3 RESULTADOS

Cada escola recebeu um *link* de um questionário diferente, mas composto pelas mesmas perguntas, a fim de que fosse possível perceber a vivência dos alunos por escola, e analisar se houve alguma discrepância entre os dois ambientes, considerando que uma escola é de ensino privado da cidade de Araranguá e a outra, de ensino público, do Balneário Arroio do Silva.

Os dados demonstraram muita semelhança entre as duas escolas. Em ambas, 100 % dos alunos puderam perceber as diferenças de paisagem entre as fotografias antigas e o que se pode ver, atualmente. Todos os alunos demonstraram bastante familiaridade e interesse na utilização das TICs no seu cotidiano. E a maior diferença, deu-se na questão referente à utilização de tecnologias computacionais, dentro do ambiente escolar, em que os gráficos se inverteram, proporcionalmente, entre as escolas, como é possível observar no decorrer desta seção.

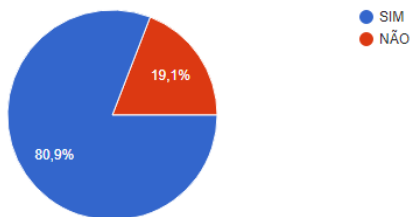
A seguir, apresentar-se-á a análise dos resultados, por escola. Destaca-se que, o primeiro gráfico – em cada questão – é referente à escola de Araranguá, seguido pelo gráfico, que representa a escola de Balneário Arroio do Silva.

Na primeira questão, buscou-se perceber a experiência e o engajamento dos alunos voluntários, quanto ao envolvimento de outros atores, além da escola.

Figura 33 - Fontes de consulta utilizadas para redigir legenda da imagem na primeira escola

1. Você conversou com outras pessoas para conseguir informações para escrever a legenda?

68 respostas

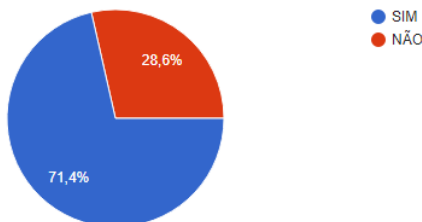


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 34 - Fontes de consulta utilizadas para redigir legenda da imagem na primeira escola.

1. Você conversou com outras pessoas para conseguir informações para escrever a legenda?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

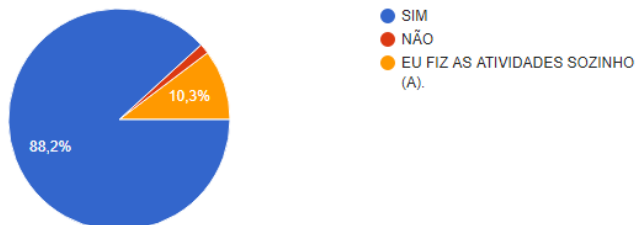
Nas duas escolas, grande parte dos alunos buscou auxílio em entrevista junto a pessoas da família, vizinhos, ou ainda, servidores do museu de Araranguá. E ainda, outras formas de auxílio foram relatadas, como, por exemplo, a mãe do aluno, que ajudou a fazer a pesquisa em livros; a família, que levou o aluno para o encontro com o entrevistado; ou ainda, que colaborou no momento da pesquisa na *internet*, trazendo o conceito de participação (TENÓRIO e ROZENBERG, 1997) oriunda das relações sociais dos alunos. O resultado apresentado nas Figuras 33 e 34 demonstra que, o projeto incentivou a interação de outros atores da esfera pública neste processo, os quais contribuíram na experiência de fazer a pesquisa e, conseqüentemente, aprender mais sobre a história.

Na questão 2 (dois), buscou-se perceber a interação entre as duplas ou os trios, escolhidos pelos próprios alunos, por conta de afinidades entre eles, a fim de facilitar a dinâmica de encontros fora da escola. Nas Figuras 35 e 36, é possível conhecer como as atividades foram executadas: em duplas, em trios ou, individualmente, uma vez que, os alunos eram livres para decidir.

Figura 35 - Colaboração dos alunos da primeira escola na atividade.

2. Houve colaboração entre o seu trio ou dupla?

68 respostas

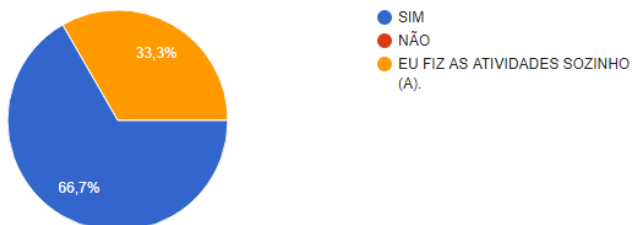


Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 36 - Colaboração dos alunos da segunda escola na atividade.

2. Houve colaboração entre o seu trio ou dupla?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Na primeira escola, apenas 10,3% dos alunos optou por fazer, as atividades, sozinho. No entanto, somente nesta escola, não houve colaboração em algum momento, mesmo que isso represente apenas 1,5% das respostas.

Na segunda escola, mais de um terço da turma fez as atividades sozinho. Uma das justificativas é que os alunos desta escola não possuíam atividades em contra turno, diferentemente da primeira escola, o que oportunizaria um novo momento de encontro entre eles, facilitando a colaboração, fora do horário de aula. Porém, vale ressaltar que, apesar desta limitação, nesta escola, não houve relato de falta de colaboração.

E ainda, nos dois ambientes, o conceito de colaboração, tanto da Gestão Social (TENÓRIO, 2007), no sentido da organização dos grupo

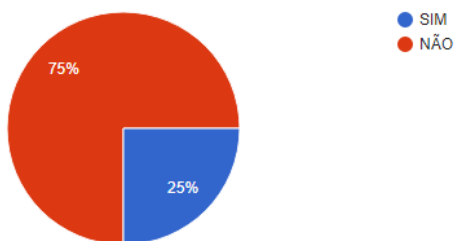
e duplas, quanto da construção do texto, que vem ao encontro do que se buscou, por meio das diferentes abordagens sociais da aprendizagem (BROWN e DUGUID, 1991) puderam ser explorados e vivenciados pelos alunos.

A fim de conhecer a interação entre os alunos da turma, independentemente de duplas ou de trios, a questão 3 (três), representada nas figuras 37 e 38, indaga se houve colaboração entre os alunos para além de seus grupos.

Figura 37 - Colaboração dos alunos da primeira escola na atividade, além da dupla ou trio.

3. Algum colega da sua turma, além do seu grupo, ajudou você a realizar a sua atividade?

68 respostas

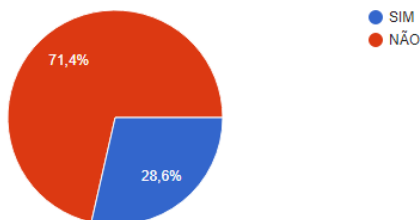


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 38 - Colaboração dos alunos da segunda escola na atividade, além da dupla ou trio.

3. Algum colega da sua turma, além do seu grupo, ajudou você a realizar a sua atividade?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 37, na primeira escola, é possível perceber que uma pequena parcela dos alunos colaborou com outros grupos, além dos seus próprios. É importante ressaltar, que não se fomentou nenhum tipo de competição entre os alunos, todos que participaram do projeto, receberam a nota simbólica e se pretende disponibilizar suas produções textuais, no *site*, futuramente. No entanto, observou-se que, os grupos acabaram se fechando entre eles e colaborando muito pouco entre a turma como um todo. Um dos motivos, pode estar atrelado ao fato de as atividades de pesquisa acontecerem fora da escola, o que dificulta a interação dos alunos no processo de produção das legendas.

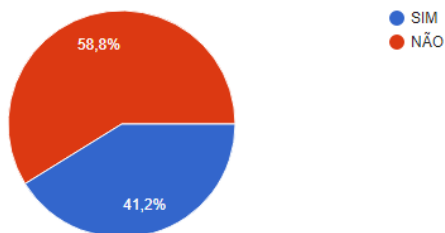
Acredita-se que, a autonomia que os alunos dispuseram em participar, voluntariamente, e escolher a foto, dentro da pasta definida pelo professor, contribuiu na geração de engajamento, pela experiência de participação direta, em especial, no âmbito de comunidades de prática (WENGER, 2000), provocando-os a mobilizar outros colegas, além do seu grupo, e contribuir também, com outros grupos, na coprodução do conhecimento (DE MATTIA e ZAPPELLINI, 2014).

Na questão 4 (quatro), ainda em relação à experiência vivenciada, quanto à interação e colaboração, na produção da legenda da fotografia, outro ator é introduzido no instrumento de pesquisa, o professor. Aqui, busca-se perceber a interação entre alunos e professores na colaboração direta dos professores, na construção da legenda da fotografia escolhida (Figuras 39 e 40).

Figura 39 - Colaboração dos professores da primeira escola para legenda da imagem.

4. Os professores da escola ajudaram a realizar a atividade?

68 respostas

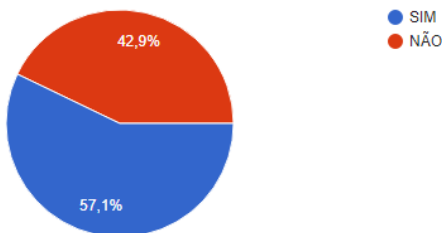


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 40 - Colaboração dos professores da segunda escola para legenda da imagem.

4. Os professores da escola ajudaram a realizar a atividade?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Em ambas as escolas, a maioria dos alunos buscou auxílio dos professores durante o processo de pesquisa e estruturação do texto. Houve dúvidas técnicas quanto à estrutura da plataforma *web*, e sobre a construção da legenda em si. Alguns professores relataram terem esclarecido dúvidas sobre a produção textual, de alguns alunos, pela *internet* e, durante as aulas. No período do projeto, em alguns momentos, foi necessário utilizar alguns minutos para sanar dúvidas quanto ao acesso ao *site* e a redação do texto.

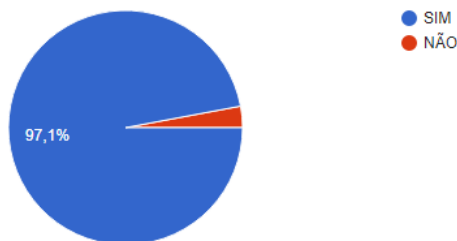
A interação dos professores aconteceu em diferentes situações, inclusive, enquanto aprendizes (SCHOMMER e FRANÇA Filho, 2008), uma vez que o diálogo entre esses dois atores, proporcionou o compartilhamento de informações dos dois lados, gerando conhecimentos e significados, com um senso de propósito coletivo (KIMBLE e HILDRETH, 2004). E ainda, foi fundamental durante a aplicação do modelo, pois, as atividades devem ser, em todo o processo, associadas e contextualizadas quanto ao espaço, e em concordância com a ementa da disciplina, entendendo que tudo que se aprende é resultado das condições em que foi aprendido e, em que é manifestado (BROWN e DUGUID, 1991).

A questão 5 (cinco), inicia a segunda etapa do questionário. Neste momento, a análise se refere à categoria que mensura a promoção de reflexão em torno do resgate e manutenção da identidade cultural, por meio da aplicação *web* e demais recursos de TIC, utilizados durante todo o projeto (Figuras 41 e 42).

Figura 41 - Aprendizado sobre a cidade, na primeira escola.

5. Você aprendeu coisas novas sobre a cidade?

68 respostas

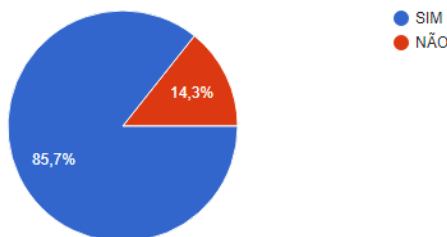


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 42 - Aprendizado sobre a cidade, na segunda escola.

5. Você aprendeu coisas novas sobre a cidade?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas Figuras 41 e 42, pode-se considerar que – o objetivo do projeto referente ao aprendizado de algo novo sobre a cidade, por meio das fotografias digitalizadas – foi atingido nas duas escolas. Uma vez que, mais de 90% dos alunos da primeira escola e mais de 80% da segunda, afirmaram ter aprendido algo novo sobre sua cidade.

Ou seja, parece que a autonomia do aluno na escolha da fotografia a ser trabalhada por ele, envolveu-o, despertando o interesse em pesquisar outras fontes – conforme já previa a metodologia adotada neste projeto. E ainda, a coprodução do conhecimento, com base na fotografia disponibilizada na aplicação *web*, nas demais fontes que ele poderia consultar (*internet*, professores, família, moradores antigos da região), trouxe um espaço de protagonismo para este sujeito, tornando-o

ativo na busca pelo conhecimento e aprendizado. Afinal, essa coprodução para construção do texto, referente à fotografia escolhida, torna possível apreender novas informações e conhecimentos sobre a cidade e, conseqüentemente, maior valorização e respeito ao patrimônio público.

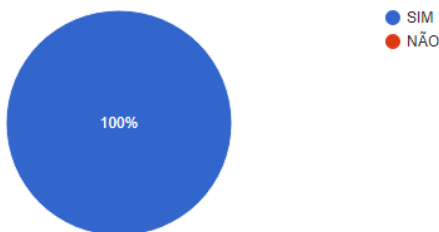
E ainda, segundo os pressupostos da abordagem social Easterby-Smith e Araujo (2001); Lave e Wenger (1991), a aprendizagem acontece por meio da prática social, neste caso, durante a busca por diferentes fontes de informação, que é parte fundamental no processo de construção da realidade, atrelada, inerentemente, à cultura e à política.

Outra informação importante, que corrobora com a intenção do modelo, e ratifica a sua importância, está expressa na questão 6 (seis).

Figura 43 - Diferenças entre as imagens do passado e atuais observadas pelos alunos da primeira escola.

6. Você percebeu diferenças entre as imagens do passado e as atuais?

68 respostas

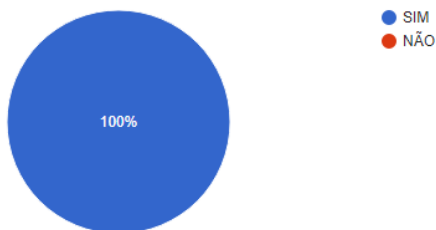


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 44 - Diferenças entre as imagens do passado e atuais observadas pelos alunos da segunda escola.

6. Você percebeu diferenças entre as imagens do passado e as atuais?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as Figuras 43 e 44, todos os alunos puderam perceber as mudanças do espaço geográfico, dos eventos típicos ou das pessoas retratadas nas fotografias. Por meio do direcionamento que os professores, essencialmente as professoras de história e geografia, ofereceram aos alunos, eles puderam perceber as mudanças decorrentes pelo tempo.

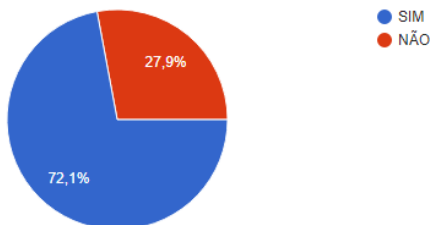
Com base nas fotografias é possível perceber as cidades em diferentes momentos, e isso foi capaz de instigar alunos, familiares e comunidade como um todo, a conhecer mais sobre a região. E assim, valorizar seu patrimônio cultural e histórico, gerando sentimentos de estima, reconhecimento e recuperação da identidade. Já previstos na construção do modelo e seus “atos preparatórios” (JOULE, 2004) e do que pressupõe a metodologia do IPHAN (BRASIL, 1999, 2007, 2014), ambos utilizados como fonte de inspiração para o modelo desenvolvido neste projeto.

Outra importante abordagem, referente à identidade cultural e ao “sentimento de pertencimento”, está expressa na questão 7 (sete).

Figura 45 - Reconhecimento do cenário apresentado, pelos alunos da primeira escola.

7. Você reconheceu algum lugar (ou pessoa ou evento) retratado nas fotos?

68 respostas

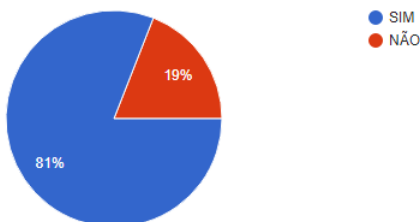


Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 46 - Reconhecimento do cenário apresentado, alunos da segunda escola.

7. Você reconheceu algum lugar (ou pessoa ou evento) retratado nas fotos?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Tanto na primeira escola, com mais de 70%, como na segunda, com mais de 80%, os alunos revelaram ter reconhecido algum lugar, pessoa ou evento, representado nas fotografias, como apresentado nas Figuras 45 e 46. Este resultado permite afirmar que, de certa forma, os alunos se reconhecem nesse acervo, e podem se entender como agentes ativos da história, uma vez que visitam, participam ou mantêm algum tipo de relação com os cenários ali retratados. Quanto às respostas negativas desta questão, é importante salientar que, principalmente, em Balneário Arroio do Silva, cidade da segunda escola, muitos alunos são nascidos em outros lugares do Estado ou ainda, em outros Estados,

principalmente, o Rio Grande do Sul. Por esse motivo, é possível que estes alunos ainda não conheçam a paisagem retratada na fotografia.

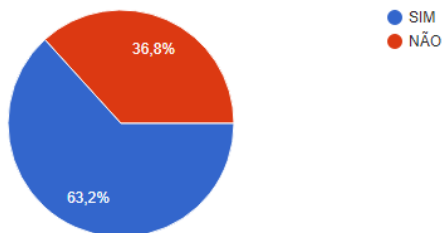
Neste processo, das quatro etapas da Educação Patrimonial sucessivas de percepção, análise e interpretação das expressões culturais (BRASIL, 1999), o modelo conduziu os alunos a perceberem as modificações do espaço, trabalhadas em consonância com as disciplinas de geografia e história, que apresentaram discussões sobre as tais mudanças e os contextos históricos relacionados.

A questão 8 (oito) é a última da segunda etapa do questionário. Nela, buscou-se perceber se foi possível motivar os alunos a interagir com os espaços representados nas fotografias, uma vez que um dos objetivos do modelo é incentivar a valorização do patrimônio e, conseqüentemente, o reconhecimento e a apreciação dos espaços e cerimônias públicas e assim, pertencentes ao patrimônio público, à população.

Figura 47 - Interesse, relatado pelos alunos da primeira escola, em visitar locais representados nas fotos.

8. Você teve vontade de visitar algum lugar ou participar de algum evento representado nas fotos?

68 respostas

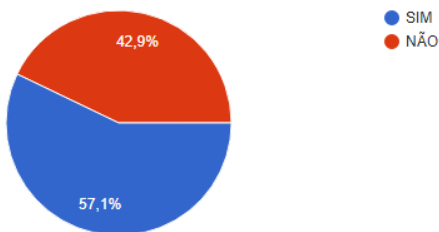


Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 48 - Interesse, relatado pelos alunos da segunda escola, em visitar locais representados nas fotos.

8. Você teve vontade de visitar algum lugar ou participar de algum evento representado nas fotos?

21 respostas



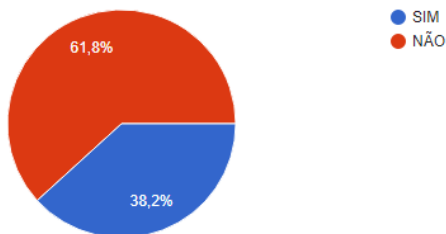
Fonte: Dados da pesquisa.

Como é possível analisar nas Figuras 47 e 48, entre 50% e 60% dos alunos foram instigados a conhecer e visitar os contextos apresentados nas fotografias, o que, sem dúvida, contribui para a manutenção e o resgate da identidade cultural individual e coletiva, almejada pelo modelo aplicado. Pois, o envolvimento acontece, a partir da autonomia e da geração de significado, coletivamente (FREIRE, 2007). A partir da mediação dos professores, orientando os alunos quanto, principalmente, à observação cautelosa do que se estuda (BRASIL, 1999), o que se deseja alcançar é a imersão neste contexto, seja na linguagem de uma época, nas festas de uma região ou nas suas paisagens, para despertar esse interesse em participar (TENÓRIO, 2007).

A começar na questão 9 (nove), as quatro questões seguintes, dizem respeito à percepção do envolvimento da comunidade escolar, promovido pelos alunos, através da experiência proposta. Por meio desta pergunta, buscou-se compreender se foi possível cativar outros atores, externos à escola, como familiares e amigos.

Figura 49 - Engajamento de outros atores, pelos alunos da primeira escola.
9. Você mostrou o site para alguém, além dos colegas que também participaram do projeto?

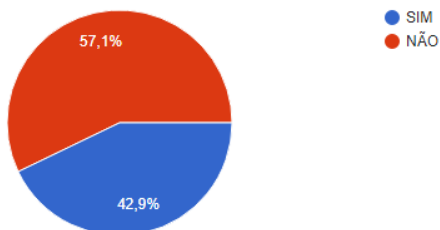
68 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 50 - Engajamento de outros atores, pelos alunos da segunda escola.
9. Você mostrou o site para alguém, além dos colegas que também participaram do projeto?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas Figuras 49 e 50, percebe-se que, cerca de 40% dos alunos mostrou o *site* para alguém, além dos colegas, que também participaram do projeto e das pessoas, que auxiliaram no processo de pesquisa e produção da legenda. Ainda que, não se tenha alcançado um percentual que represente a maioria, este resultado é bastante satisfatório e indica que, o objetivo de envolver outras pessoas, para além da escola, foi atingido.

Percebe-se que, houve uma provável e bem-vinda “contaminação” da comunidade, que acaba por ser envolvida, ao contribuir na construção do texto, relembrando de seus antepassados e situações passadas, conduzindo ao compromisso com a conservação e

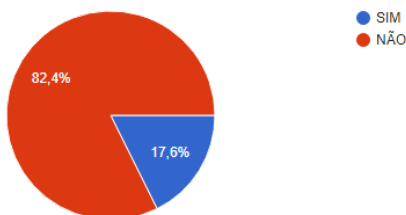
respeito ao patrimônio histórico e cultural (JOULE e BERNARD, 2005). Este possível engajamento gerado, pôde contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, uma vez que, para Vygotsky (1998, 2000), as interações com as pessoas do mundo da criança e com as ferramentas, que a cultura oferece para promover o pensamento, são fundamentais na construção do saber.

Na questão 10 (dez), buscou-se compreender qual o nível de conhecimento que os alunos, enquanto cidadãos de Araranguá e do Balneário Arroio do Silva, tinham sobre o acervo. Uma vez que, partiu-se do pressuposto de que a população não tinha conhecimento sobre esse material histórico. Como os alunos são o público alvo deste trabalho, através do *feedback* deste grupo, buscou-se verificar se tal pressuposto era verdadeiro (Figuras 51 e 52).

Figura 51 - Conhecimento prévio dos alunos da primeira escola em relação às fotografias.

10. Você já conhecia as fotografias?

68 respostas

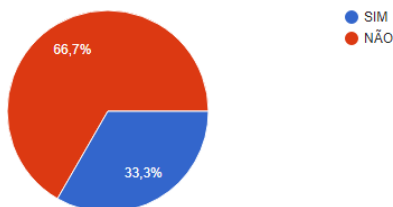


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 52 - Conhecimento prévio dos alunos da segunda escola em relação às fotografias.

10. Você já conhecia as fotografias?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

É possível observar, por meio das figuras 51 e 52, que mais de 80%, na primeira escola, e mais de 65%, na segunda, de fato, nunca tinham acessado as fotografias, tanto virtualmente, como em visita ao Arquivo Histórico.

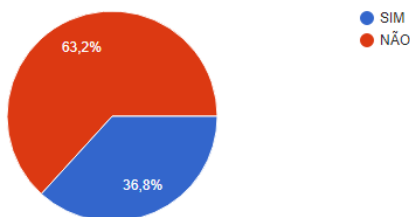
Conhecer o patrimônio histórico-cultural é fundamental para a construção da identidade individual e coletiva. Para Castells (1999) estas identidades geram benefícios para as pessoas, e não são estáticas, nem finitas, e surgem de uma perspectiva intimamente ligada ao contexto histórico, em que está inserida; neste caso, a escola, ambiente que oportuniza um entendimento mais rico e abrangente. Sendo assim, é possível concluir que, o projeto pode proporcionar essa descoberta, contando com a mediação dos professores envolvidos e com o suporte das Tecnologias da Informação e Comunicação, o que deixou o processo, muito consistente e proveitoso.

Posto que, o projeto surgiu com a intenção de incentivar a visita ao museu, não somente dos alunos como de toda comunidade, na qual ele convive, a pergunta 11 (onze) pretendeu verificar se foi possível alcançar este objetivo.

Figura 53 - Conhecimento prévio dos alunos da primeira escola em relação ao museu de Araranguá.

11. Você visitou o museu durante ou depois de participar do projeto?

68 respostas

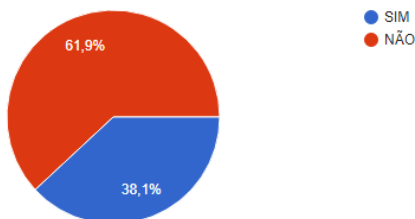


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 54 - Conhecimento prévio dos alunos da segunda escola em relação ao museu de Araranguá.

11. Você visitou o museu durante ou depois de participar do projeto?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as Figuras 53 e 54, na segunda escola, a professora de história pode organizar e conduzir os alunos à uma visita ao museu de Araranguá, pois, esta escola se localiza no Balneário Arroio do Silva, e não, em Araranguá, cidade onde fica o Museu e o Arquivo histórico. A distância é mais uma dificuldade para estes alunos. Por este motivo, a professora levou cerca de 30 alunos, participantes ou não do projeto, para esta visita. Na primeira escola, todos os alunos que visitaram o museu, o fizeram por conta própria, acompanhados dos pais ou responsáveis.

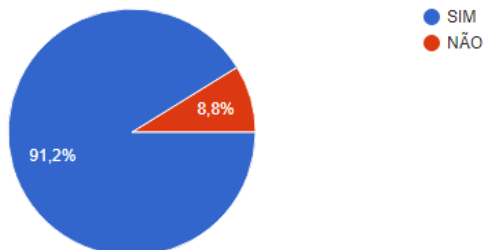
Sendo assim, os percentuais apresentados nas Figuras 53 e 54, apesar de relativamente baixos, demonstram que, houve um envolvimento, de diferentes sujeitos, dentro e fora da escola, com o intuito de interagir com o museu e o Centro Cultural Máxima Astrogilda de Souza, como um todo, construindo mais uma prática enriquecedora baseada em ação e reflexão (SCHOMMER e FRANÇA Filho, 2008). E como afirma Cameron *apud* Santiago (2007) é essencial que o bem cultural concreto esteja em evidência, afinal, sem este, a representação virtual perderia seu significado, referencial, diminuindo sua aura.

A questão 12 (doze) busca perceber o desejo dos alunos em participar, novamente, do projeto, uma vez que uma das suas características principais é embasada em Wenger (2003), o engajamento mútuo, em que é despertada a vontade de se aprofundar, em um domínio de conhecimento.

Figura 55 - Interesse por parte dos alunos da primeira escola em participar novamente do projeto.

12. Você gostaria de participar de novo do projeto?

68 respostas

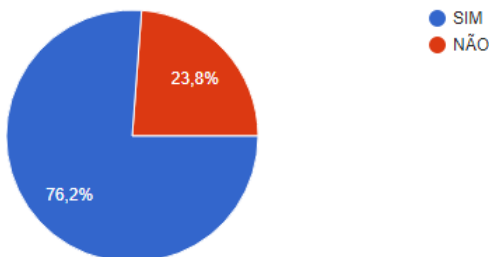


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 56 - Interesse por parte dos alunos da segunda escola em participar novamente do projeto.

12. Você gostaria de participar de novo do projeto?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme as Figuras 55 e 56, a grande maioria dos alunos, nas duas escolas, afirmou que participaria do projeto novamente, o que confirma que o projeto surtiu impacto positivo, internamente, nestas escolas. E assim, como pode ser observado em análise anterior, a família, vizinhos e outros sujeitos foram envolvidos e atingidos pelas ações do projeto, o que demonstra potencial de continuidade do mesmo, em anos subsequentes, com a utilização do modelo proposto nesta dissertação.

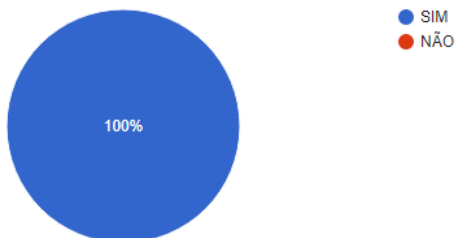
Um dos pressupostos da Gestão Social se refere à consciência sobre atos, em que a participação consciente envolve a compreensão sobre o processo, que se está vivenciando, do contrário, é restrita (TENÓRIO e ROZENBERG, 1997) e, ainda, para (CASTELLS, 1999, p. 28), a transformação social na era da informação, deve ser garantida através da matéria-prima, fornecida pela história, geografia, língua e ambiente. Com isso, a partir dos resultados positivos desta questão, acredita-se que o envolvimento e protagonismo dos alunos, permitiu que estivessem de fato, engajamento com o projeto ao ponto de estimar voltar a trabalhar com o modelo em outra oportunidade.

A partir da questão 13 (treze), procurou-se abordar aspectos quanto à familiaridade dos alunos com as ferramentas e recursos de TIC, em especial, as tecnologias computacionais, que se constituíram em uma ponte ou uma barreira para este grupo, alunos de 6º ano do ensino fundamental até o 2º ano do ensino médio, no seu cotidiano e, conseqüentemente, durante o projeto.

Figura 57 - Gosto dos alunos da primeira escola, em utilizar tecnologias no dia a dia.

13. Você gosta de usar tecnologias* (como smartphone, tablet, computador, datashow) no seu dia-a-dia?

68 respostas

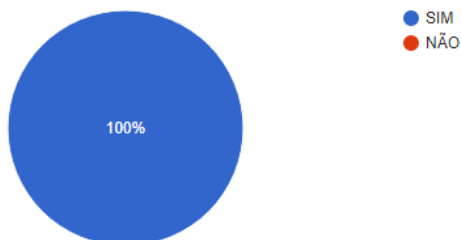


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 58 - Gosto dos alunos da segunda escola, em utilizar tecnologias no dia a dia.

13. Você gosta de usar tecnologias* (como smartphone, tablet, computador, datashow) no seu dia-a-dia?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

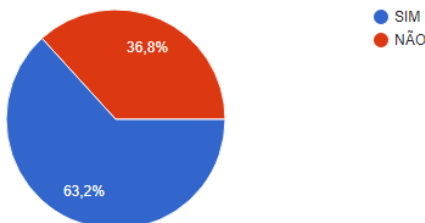
Considerando as Figuras 57 e 58, não há dúvidas que os alunos, participantes voluntários deste projeto, têm interesse em utilizar as TICs, bem como diferentes recursos de informação a *Internet*, em diferentes momentos da sua vida. Os resultados desta questão e a constatação dos professores, permite considerar que, *smartphones* e outros dispositivos, utilizados durante o projeto, foram manipulados com certa familiaridade e domínio, já que todos os alunos expressaram gosto pelas tecnologias citadas. Sendo assim, o nível de experiência do usuário (NIELSEN, 1990), permite que as TICs sejam, de fato, uma ponte neste projeto e não, uma barreira.

Corroborando o auxílio deste entendimento, a questão 14, que busca compreender se existe ou não, a utilização dessas tecnologias dentro do ambiente escolar, embasada na compreensão de Blackler, Crump e McDonald (2003), em que as atividades que surgem em comunidades, são mediadas cultural, linguística e tecnologicamente, e quando orientadas a um objeto, podem contribuir para a aprendizagem.

Figura 59 - Uso das tecnologias referente à primeira escola.

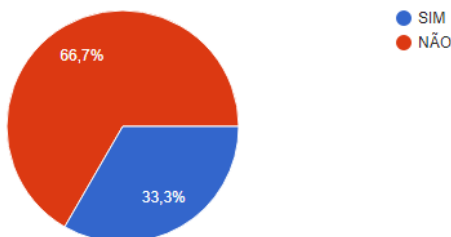
14. Você costuma usar essas tecnologias dentro da escola?

68 respostas

**Fonte:** Dados da Pesquisa.**Figura 60** - Uso das tecnologias referente à segunda escola.

14. Você costuma usar essas tecnologias dentro da escola?

21 respostas

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Conforme as Figuras 59 e 60, o resultado da questão 14 é inversamente proporcional entre as duas escolas. Na primeira escola, mais de 60% dos alunos utiliza as tecnologias descritas, na questão 13, que aborda o uso das TICs, dentro da escola, demonstrando que, grande parte dos alunos, possui (e leva para a escola), dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* e as salas de aula têm um computador de utilização do professor e um projetor (*datashow*).

Na segunda escola, a parcela de alunos que possui e leva para a escola, esses dispositivos móveis é menor, e os computadores da escola ficam em um laboratório de informática, que não é utilizado com muita frequência, pois foi extinta a função do professor de informática, o que acaba por centralizar mais esta atribuição, exclusivamente, ao professor de sala de aula que não possui, necessariamente, esta habilidade.

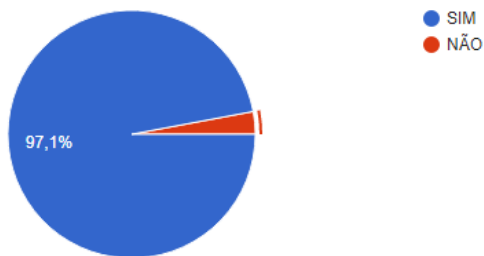
Contudo, é evidente interação destes alunos com as TICs em ambiente escolar.

Já, na questão 15 (quinze), buscou-se investigar o uso dessas tecnologias aplicadas aos estudos, o que não acontece apenas dentro da escola.

Figura 61 - Uso das tecnologias para estudar na primeira escola.

15. Você utiliza essas tecnologias para estudar?

68 respostas

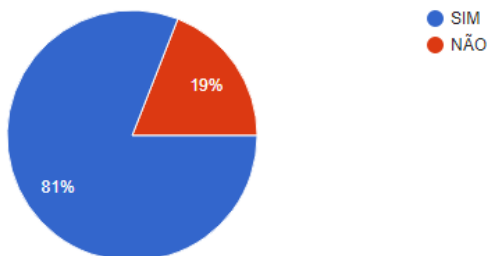


Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 62 - Uso das tecnologias para estudar na segunda escola.

15. Você utiliza essas tecnologias para estudar?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as Figuras 61 e 62, as duas escolas entraram em concordância, mais uma vez. Pode-se afirmar que, essas tecnologias são utilizadas, em diferentes contextos, bem como para contribuir nos processos de aprendizagem, por uma expressiva maioria dos alunos voluntários. Este resultado corrobora com Sayao (2010), quando afirma

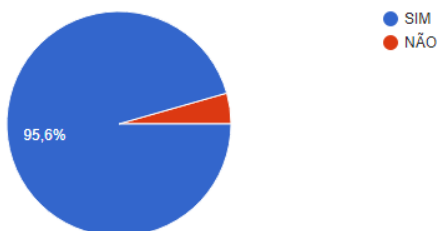
que a revolução digital é um forte componente, no entendimento de alunos, na criação, comunicação e preservação do conhecimento gerado, que, atualmente, conta com ferramentas de TIC cotidianamente.

E por fim, a questão 16 (dezesesseis) busca analisar a contribuição das tecnologias, durante o projeto, sob a perspectiva dos alunos participantes.

Figura 63 - Tecnologias como suporte no desenvolvimento do projeto na primeira escola.

16. Essas tecnologias ajudaram você no desenvolvimento do projeto?

68 respostas

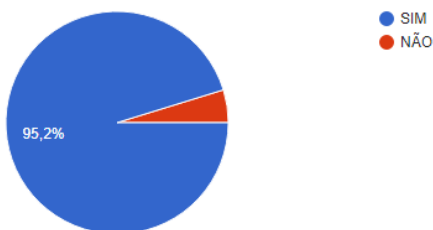


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 64 - Tecnologias como suporte do projeto segunda escola.

16. Essas tecnologias ajudaram você no desenvolvimento do projeto?

21 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Em conformidade com a Figura 63 e 64, os alunos perceberam as tecnologias citadas, como alicerces durante o projeto como um todo. Pois, esta questão buscou englobar, tanto o momento de conhecer as fotografias, como o momento da pesquisa e da recolha de dados para a construção da legenda, e ainda, o momento das submissões de suas

produções (em formulário *on-line*) e nesse questionário, que encerrou a aplicação do projeto (também *on-line*).

Sendo assim, as Tecnologias da Informação e Comunicação utilizadas pelos alunos, foram capazes de apresentar um desempenho satisfatório, eficaz e eficiente (NIELSEN, 1990), a ponto de cumprirem seu papel de meio facilitador.

Quanto às categorias do questionário, na Tabela 1 é possível analisar as respostas da categoria A.

Tabela 1 - Respostas da Categoria A do questionário.

	Questão	%SIM	%NÃO	Impacto
Categoria A	1	76,1	23,8	Positivo
	2	77,45	0,75 (21,8 sozinho)	Positivo
	3	26,8	73,2	Negativo
	4	49,15	50,85	Negativo

Fonte: Da autora.

Nas questões: “3. Algum colega da sua turma, além do seu grupo, ajudou você a realizar a sua atividade?” e “4. Os professores da escola ajudaram a realizar a atividade?” o resultado foi negativo, ou seja, a maioria dos alunos discordou das perguntas, com destaque, para a questão 3 (três) que apresentou maior discordância, ultrapassando os 73% na soma dos resultados duas escolas. No entanto as duas primeiras questões que compõem a categoria A: “1. Você conversou com outras pessoas para conseguir informações para escrever a legenda?” e “2. Houve colaboração entre o seu trio ou dupla?” apresentam mais de 75% de concordância, caracterizando de forma positiva o impacto da categoria. Cabe ressaltar que a questão 2 (dois) é a única que possui uma terceira opção, que se refere aos alunos que optaram em fazer as atividades sozinhos, e por este motivo, não são considerados nas estatísticas desta questão que visa perceber a interação entre a dupla ou o trio.

Na Tabela 2 são apresentadas as respostas da categoria B.

Tabela 2 - Respostas da Categoria B do questionário.

	Questão	% SIM	% NÃO	Impacto
Categoria B	5	91,4	8,6	Positivo
	6	100	0	Positivo
	7	76,55	23,45	Positivo
	8	60,15	39,85	Positivo

Fonte: Da autora.

Nesta categoria todas as questões tiveram impacto positivo, inclusive, na questão “6. Você percebeu diferenças entre as imagens do passado e as atuais?” todos os alunos respondentes responderam positivamente, conferindo a categoria B um impacto positivo.

Na Tabela 3 são consideradas as respostas referentes a categoria C.

Tabela 3 - Respostas da Categoria C do questionário.

	Questão	% SIM	% NÃO	Impacto
Categoria C	9	40,55	59,45	Negativo
	10 *	25,45	74,55	Positivo
	11	37,45	62,55	Negativo
	12	83,7	16,3	Positivo

Fonte: Da autora.

Nas questões “11. Você visitou o museu durante ou depois de participar do projeto?” e “9. Você mostrou o site para alguém, além dos colegas, que também participaram do projeto?”, como já discutido anteriormente, apesar de representar um impacto negativo, pelo fato de uma maioria dos alunos não terem visitado o museu ou mostrado as fotos a outras pessoas, ainda assim, representa um ponto favorável do modelo, uma vez que parte dos alunos pode visitar o museu e mostrar as fotos a outras pessoas para além dos voluntários do projeto.

Já na questão “10. Você já conhecia as fotografias?”, o percentual da resposta “não” é superior ao “sim”, o que confere ao modelo um papel de canal de comunicação entre o acervo, em seu formato digital, e os alunos voluntários, e por isso, caracteriza como um impacto positivo na categoria.

Na Tabela 4 são consideradas as respostas que denotam a categoria D.

Tabela 4 - Respostas da Categoria D do questionário.

	Questão	% SIM	% NÃO	Impacto
Categoria D	13	100	0	Positivo
	14	48,25	51,75	Negativo
	15	89,05	10,95	Positivo
	16	95,4	4,6	Positivo

Fonte: Da autora.

Aqui, apenas a questão “14. Você costuma usar essas tecnologias dentro da escola?” apresenta um percentual que demonstra um impacto negativo. Esta condição pode ser entendida como uma maior dificuldade de consumo destas tecnologias (como *smartphone*, *tablet*, computador, *datashow*) na segunda escola e como consequência da lei estadual nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008 (SANTA CATARINA, 2008), que proíbe o uso de telefone celular nas salas de aula das escolas públicas e privadas no Estado de Santa Catarina.

E por fim, na Tabela 5, são apresentados os resultados das 4 (quatro) categorias que compõem o questionário.

Tabela 5 - Resultados de todas as categorias que compõem o questionário.

Categoria	Respostas Positivas	Respostas Negativas	Impacto Geral
A	57,37	37,15	Positivo
B	82,02	17,97	Positivo
C	59,06	40,93	Positivo
D	83,17	16,82	Positivo

Fonte: Da autora.

Na tabela 5, são considerados os impactos de todas as questões do questionário, por categoria, que apresenta resultado positivo de modo geral.

Cabe ressaltar o caso da questão 2 (dois), da categoria A, citado anteriormente na Tabela 1, em que os alunos que produziram o trabalho de forma individual representam 5,48% das respostas desta categoria. E ainda, referente à questão 10 (dez), da categoria C, as respostas assinaladas como “não” são consideradas como respostas positivas, e as respostas “sim” são consideradas negativas nesta análise, como já citado previamente, na Tabela 3.

Figura 65 - Antigo Centro de Araranguá.



Fonte: Acervo Digitalizado do Arquivo Histórico do Município de Araranguá.

Capítulo 5

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de vislumbrar a continuação do projeto de digitalização do acervo do arquivo histórico do município de Araranguá, por meio do desenvolvimento e efetiva aplicação do modelo desenvolvido, permite afirmar que a preocupação e o envolvimento da universidade, juntamente com a comunidade, por intermédio da escola, podem e devem ser um motor propulsor da valorização, da disseminação e da preservação do patrimônio público cultural, que conta a história da cidade e de toda a região.

Com os resultados obtidos, considera-se que os objetivos nucleares desta dissertação foram atendidos, quais sejam:

– Com base no modelo de Educação Patrimonial do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dos pressupostos da gestão social e outros constructos correlatos: **Desenvolver e aplicar um modelo de integração de professores e alunos de escolas da Rede Básica de Educação para seleção de informações e construção dinâmica do conhecimento referente ao Patrimônio Histórico Cultural da região de Araranguá.** Para tanto, utilizou-se do recurso de informação na *internet*, a plataforma *web*: Memórias Digitais de Araranguá, já mencionada anteriormente, que, cabe ressaltar, cumpriu o papel de plataforma de hospedagem do acervo digitalizado; porém, o modelo não é intrinsecamente dependente dela. Ou seja, este modelo pode ser aplicado, a partir de qualquer recurso de informação na *internet*, que permita o acesso ao patrimônio em questão

Pois, como foi apresentado neste trabalho, com base em diferentes construtos dispostos na literatura, a partir da combinação e adaptação de conceitos de distintos contextos, e contando com a mediação dos professores envolvidos e a participação dos alunos voluntários, o modelo de interação pôde ser elaborado e aplicado em duas escolas da região de Araranguá, que apesar de pertencerem a municípios diferentes, possuem uma mesma origem e, por isso, compartilham do mesmo acervo histórico cultural.

– E a partir do uso da tecnologia para acesso ao acervo histórico, vislumbrou-se mais um objetivo nuclear: **Analisar a experiência do aluno quanto à interação com o acervo histórico por meio de ferramentas da *internet*.** Pretendeu assim, compreender, sob o ponto de vista dos usuários (alunos), os impactos desse acesso na identificação e reconhecimento de si, de seus antepassados, demais personagens e fatos, no contexto cultural e histórico do município.

Esta análise se deu por intermédio de questionário elaborado sob as técnicas de entrevista com especialista e de grupo foco, em que, por meio de 16 questões fechadas, foi possível analisar a qualidade do projeto sob quatro categorias: “**A caracterização** da experiência vivenciada, quanto à interação e colaboração, na produção da legenda da fotografia.”; “**A promoção de reflexão** em torno do resgate e manutenção da identidade cultural, por meio da aplicação *web* e demais recursos de TIC, utilizados durante todo o projeto.”; “**A percepção** do envolvimento da comunidade escolar, promovido pelos alunos, através da experiência proposta.”; e “**Familiaridade** dos alunos com as ferramentas e recursos de TIC.” A partir do qual foi possível inferir a relevância do projeto, sob o ponto de vista dos principais atores: os alunos voluntários.

As Tecnologias da Informação e Comunicação se fizeram presentes em todas as etapas do projeto. Desde a digitalização, a disponibilização do acervo digitalizado em recurso de informação na *internet*, a busca pelos alunos, na *web* por informações sobre as fotografias digitalizadas, bem como a divulgação de todo o trabalho produzido, tiveram o suporte destas ferramentas, que se bem utilizadas, podem ser importantes aliadas à preservação e difusão do patrimônio público histórico e cultural.

Em relação ao alcance dos objetivos específicos, ocorreu da seguinte forma:

Observou-se, com base nos resultados da aplicação do questionário e com os relatos de alunos e professores, que participaram do projeto que – A promoção de uma maior disseminação dos arquivos e artefatos do Museu, facilitando o acesso de visitantes e visitantes em potencial ao conteúdo, foi possível por meio das ferramentas de *internet* utilizadas durante todo o projeto, bem como, o envolvimento dos alunos e professores, que agiram como vetores dessa demanda, em consequência do projeto de digitalização do acervo do Arquivo Histórico do município de Aranguá, desenvolvido, anteriormente, uma vez que mais de 70% dos alunos puderam conhecer as fotografias do acervo do Arquivo Histórico, através do *site*.

– Para que fosse possível promover atividades de ensino em História e Geografia em escolas da rede pública e privada do município de Aranguá e Balneário Arroio do Silva, a fim de proporcionar o resgate da identidade cultural regional, por meio do patrimônio digitalizado, o envolvimento de professores, a exemplo da professora Josi Zanette do Canto e da professora Alessandra Ferreira, que compreenderam e sustentaram o projeto dentro das duas escolas - foi

fundamental, bem como o apoio dos diretores das escolas envolvidas, que oficializaram o desenvolvimento do projeto, no plano de aulas das mesmas.

– A viabilização da autonomia e o empoderamento do indivíduo como agente ativo para preservação e resgate do patrimônio público cultural local se deu, através da contextualização oferecida pelos professores, a partir das discussões geradas em sala de aula, orientadas pelo modelo, onde os alunos puderam se perceber, não somente como participantes e integrantes da história e das alterações do espaço, como causadores e motivadores dessas mudanças. Pois, como ressalta Yanow (2000) são nas práticas sociais dos indivíduos, enquanto coletivo, que se oportunizam a aprendizagem individual. E assim, puderam se entender como responsáveis pela proteção e difusão do patrimônio público cultural da região.

– O objetivo de desenvolver o Modelo de Integração, com base nos construtos aplicados em diferentes contextos, provenientes da pesquisa na literatura, pôde ser alcançado em virtude de pesquisa e colaboração entre o laboratório – onde a pesquisa teve continuidade – o LABeGIS, e as professoras da rede básica de ensino, das escolas envolvidas, que cooperaram e colaboraram no aperfeiçoamento do modelo até a finalização da sua aplicação, que contempla também, o objetivo de – Aplicar, juntamente com os professores (colaboradores do projeto), o Modelo proposto, em escolas da rede básica de educação, do Município de Araranguá e Balneário Arroio do Silva;

– A recolha de dados, que culmina em um diagnóstico dos resultados do projeto, sob a ótica dos alunos participantes, com base em métricas e ferramentas apropriadas, foi alcançada devido ao questionário, desenvolvido sob os preceitos das técnicas de entrevista com especialista e de grupo foco, aplicado aos alunos voluntários, onde foi possível produzir análises e inferências, que possibilitaram um diagnóstico positivo quanto à qualidade da experiência proporcionada, à promoção da reflexão sobre o patrimônio cultural, bem como, a percepção do envolvimento gerado pelo modelo e a familiaridade dos alunos com as TICs. Da mesma forma, essas técnicas, também propiciaram – Analisar a qualidade da experiência proporcionada pela aplicação do modelo em sala de aula, sob a perspectiva dos alunos.

Por meio deste trabalho, buscou-se apresentar o projeto, que incluiu diferentes atores da comunidade escolar, como os alunos e professores da rede básica de ensino, os funcionários do Centro Cultural de Araranguá, composto pelo Museu da cidade e pelo Arquivo Histórico, além dos pesquisadores, apoiados pelas Tecnologias da

Informação e Comunicação, no objetivo final de provocar e impulsionar a conscientização da importância, do acervo histórico-cultural público da cidade.

A concepção do modelo de interação, proposto neste trabalho, deu-se mediante a investigação teórica, que perpassa por diferentes construtos, relacionados à gestão, patrimônio cultural, didática, autonomia, cooperação, coprodução, práticas e ferramentas, capazes de amparar sua comunicação e interação. A combinação e adaptação destes construtos, de diferentes contextos, possibilitou a criação de práticas instrutivas, resultantes de estratégias definidas para direcionar tanto o professor, quanto o aluno, à discussão da relevância do patrimônio público cultural, a partir do seu conhecimento e valorização de forma colaborativa. Esta colaboração envolve diferentes atores, de dentro e fora da escola, e cria uma onda de comprometimento, que contribui na preservação e difusão deste acervo e assim, possibilita o resgate e a manutenção da identidade cultural.

Constatou-se que, as ações deste modelo, aplicadas no decorrer do projeto, foram disseminadas para a comunidade, pois pressupõe a participação e o envolvimento dos familiares dos alunos e ainda, de pesquisas em fontes, além das convencionais (livros e *internet*), em que os alunos interagiram com vizinhos, entrevistaram cidadãos idosos, em busca da história embutida naquela fotografia, do contexto, dos fatos e personagens, o que fez com que o modelo proposto nesta dissertação fosse, realmente integrador, de professores e alunos ao patrimônio histórico e cultural. Ao total, entre as duas escolas, doze (12) professores colaboraram na aplicação do modelo, aderindo-o à sua disciplina e prestando suporte por todo o período do projeto, e cento e sessenta e um (161) alunos voluntários, concluíram a construção da legenda da foto.

Por fim, o modelo se configura como uma alternativa participativa, autônoma e construtiva, que com base na coprodução do conhecimento – entre cidadãos, gestores públicos e pesquisadores da universidade, tornou-se uma alternativa efetiva para o resgate e a manutenção da identidade cultural de Araranguá e Balneário Arroio do Silva, por meio do acesso ao patrimônio digitalizado.

Como oportunidade para trabalhos futuros, está a continuação da aplicação e maturação do modelo, junto às escolas participantes bem como, pela adesão de novas escolas de toda região do vale do Araranguá, ou ainda, de outras instituições interessadas em preservar e difundir o patrimônio histórico-cultural. Assim, quanto ao modelo em si, a sua maturação envolverá uma adesão, em maior grau, futuramente, o

que exigirá o planejamento de novos “atos preparatórios” (JOULE, 2004), para alcançar, por exemplo, a adesão via assinaturas de termos de compromisso “por escrito”, caso seja escolhida esta estratégia de abordagem.

Objetivamente, em relação a possíveis implementações futuras, está a possibilidade de publicação de todos os textos redigidos pelos alunos, na *internet*, o que permitiria contextualizar a fotografia digitalizada, que até então, não possui legenda ou maiores explicações referentes à época, acontecimento e demais informações, essenciais para seu entendimento, significado e atribuição de importância, fundamentais para a preservação do patrimônio histórico e cultural.

Para o alcance deste último objetivo, faz-se necessário analisar o impacto do modelo quanto ao acesso ao acervo histórico cultural do Arquivo Histórico do Município de Araranguá, através da disponibilização *online* das informações com base em comunidades de prática, fazendo uso de uma aplicação *web*. Para tanto, tem-se como atores, os alunos e os professores de escolas da rede básica dos municípios de Araranguá e de Balneário Arroio do Silva.

Enfim, a integração dos professores e alunos junto ao patrimônio histórico e cultural de Araranguá foi notória. Nesse sentido:

[...] considerando a etimologia da palavra patrimônio, ligada à ideia de herança, é possível afirmar que – o projeto, em todas as suas fases [...] empregou o propósito de facilitar o acesso e incentivar o respeito e a valorização, ao legado desta cidade tão rica culturalmente e, ao mesmo tempo, tão desatenta a sua importância (VELOSO, TRIERWEILLER e ESTEVES, 2017, p. 13).

Enfim, verificou-se que a metodologia – arcabouço do modelo aplicado – convida, envolve, comunica e instiga os sujeitos à construção e reconstrução de sua identidade. A base é sua localidade e não, apenas o que lhe é dado como patrimônio, o que já está legitimado. O (re)conhecimento se dá pela construção, observação e apropriação do patrimônio, que leva ao fazer parte, à integração dos participantes desta experiência.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Betina. **O patrimônio de Florianópolis: trajetória da gestão para sua preservação.** Florianópolis, 2001. Mestrado em Geografia. UFSC. 218p.

ALFORD, John. **Why do public-sector clients coproduce? Toward a contingency theory.** *Administration & Society*, v. 34, n. 1, p. 32-56, 2002. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0095399702034001004>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

ALMEIDA, Juliano Oliveira de; CÂNDIDO, Rafael. **Memórias Digitais De Araranguá: Desenvolvimento De Uma Aplicação Multimídia Para Web Do Museu Histórico De Araranguá.** 2016. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Tecnologias da Informação e Comunicação, Campus Araranguá, Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/165335/TCC-JULIANO-RAFAEL-TIC-2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

ALTHOFF, Fátima Regina. **POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO CATARINENSE: A Gestão do Patrimônio Urbano de Joinville.** 2008. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ANTONELLO, Claudia Simone; GODOY, Arilda Schmidt. **Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional.** *RAE*, v. 49, n. 3, p. 266-281, 2009.

ARELLANO, Miguel Angel. **Preservação de documentos digitais.** *Ci. Inf.*, Brasília, v. 33, n. 2, maio/ago. 2004. pp. 15-27. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000200002>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BALNEÁRIO ARROIO DO SILVA. Prefeitura do Município de Balneário Arroio do Silva. (Org.). **História**. 2014. Disponível em: <<http://www.arroiosilva.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/32794>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

BENKLER, Yochai. Coase's penguin, or, Linux and 'The Nature of the Firm'. **The Yale Law Journal**, 112(3), 369-446. 2002. Disponível em: <<http://www.benkler.org/CoasesPenguin.PDF>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BENKLER, Yochai. **The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom**. Yale University Press. 2006.

BLACKLER, Frank; CRUMP, Norman; MCDONALD, Seonaidh. Organizing Processes in Complex Activity Networks. **Organization**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.277-300, maio 2000. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/135050840072005>.

BISPO, Marcelo. Estudos Baseados em Prática: Conceitos, História e Perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 2, n. 1, p.13-33, jan. 2013. Quadrimestral.

BOLLIER, David. **The growth of the commons paradigm. Understanding knowledge as a commons**, p. 27, 2007. Disponível em: <<http://dlc.dlib.indiana.edu/dlc/bitstream/handle/10535/4975/GrowthofCommonsParadigm.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. Decreto nº 335. Dá nova redação ao anexo I do Decreto nº 99.602, de 13 de outubro de 1990, que aprova a Estrutura Regimental do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural – IBPC. 11 de novembro de 1991. Brasília/DF: 1991.

BRASIL. Decreto nº. 2.807. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e Funções Gratificadas do

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e dá outras providências. 21 de outubro de 1998. Brasília/DF, 1998.

BRASIL. Evelina Grunberg. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial**. 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_ManualAtividadesPraticas_m.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Ministério da Cultura. **Educação Patrimonial: Histórico, conceito e processos**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BRASIL. Lei nº. 8.029. Dispõe sobre a extinção e dissolução de entidades da administração Pública Federal, e dá outras providências. 12 de abril de 1990. Brasília/DF: 1990.

BRASIL. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan (Org.). **Guia básico da educação patrimonial**. 1999. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2018.

BRASIL. Medida Provisória nº 610. Dispõe sobre alteração na Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, na Lei nº 8.876, de 2 maio de 1994, e dá outras providências. 08 de setembro de 1994(1). Brasília/DF: 1994.

BROWN, John Seely; DUGUID, Paul. **Organizational learning and communities-of-practice: toward a unified view of working, learning and innovating**. Organization Science, 2(1):40-57, 1991.

CABRAL, Maria Luísa. **Microfilmagem, hoje ainda**. XII Assembleia Geral do ABINIA. Lisboa, 2001. pp.173-197.

CÂMARA CONSTITUINTE (Município). Constituição (1880). Lei Orgânica, de 03 de abril de 1990. **Lei Orgânica do Município de Araranguá**. Araranguá, SC, 2009. Disponível em:

<<https://leismunicipais.com.br/a1/lei-organica-ararangua-sc>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CAMILLO, Juliano; MATTOS, Cristiano. Educação Em Ciências E A Teoria Da Atividade Cultural-Histórica: Contribuições Para A Reflexão Sobre Tensões Na Prática Educativa. **Ensaio**, Belo Horizonte, v. 1, n. 16, p.211-230, jan. 2014.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Patrimônio digital e informação: política, cultura e diversidade. Encontros Bibli: **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S.l.], v. 12, n. 23, dez. 2007. pp. 152-170. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n23p152/401> >. Acesso em: 15 jan. 2018.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: jan. 2018.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **História e Fotos - Araranguá**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ararangua/historico>>. Acesso em: jan. 2018.

CÉZAR, Jairo. **Imigrantes europeus no grande Araranguá - A “saga” expansionista**. 2011. Disponível em: <<http://morrodosconventos-jairo.blogspot.com.br/2011/06/imigrantes-europeus-no-grande-ararangua.html>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006.

CHUVA, Márcia. O ofício do historiador: sobre ética e patrimônio cultural. In: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Anais da I Oficina de Pesquisa: a pesquisa histórica no IPHAN. Rio de Janeiro: IPHAN, Copedoc, 2008.

CISCO (Comp.). **The Zettabyte Era: Trends and Analysis**. 2017.

Disponível em:

<<https://www.cisco.com/c/en/us/solutions/collateral/service-provider/visual-networking-index-vni/vni-hyperconnectivity-wp.html>>.

Acesso em: 15 jan. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). **Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital – Preservar para Garantir o Acesso**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <

http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/Carta_preservacao.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CRESWELL, John W.. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p. Tradução de: Luciana de Oliveira da Rocha.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 476 p.

DE MATTIA, C., ZAPPELLINI, M.B. **Ética e coprodução de serviços públicos: uma fundamentação a partir de Habermas**. Cadernos EBAPE. BR, v. 12, n. 3, 2014. Disponível em: <http://www.tre-rs.gov.br/arquivos/MATTIA_EticaServPublico.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DENHARDT, Robert B. **Teorias da Administração Pública**. Trad. Francisco G. Heidmann. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

DEPARTAMENTO DE CULTURA. **Museu Histórico de Araranguá**. Disponível em:

<<http://culturaarangua.blogspot.com.br/p/museu-historico-de-ararangua.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DIAS, C. **Usabilidade na Web: criando portas mais acessíveis**. Rio de Janeiro: Alta Book, 2003.

DIAS, Welbia Carla. **Boletim SPHAN/próMemória**. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

DNIT. **Mapa do Brasil**: Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes - DNIT. Disponível em: <<http://www.dnit.gov.br/mapas-multimodais/mapas-multimodais>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DODEBEI, Vera. **Patrimônio e memória digital**. [S. l. : s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4759/4250>> . Acesso em: 15 jan. 2018.

DUARTE, Newton. **A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação**. Perspectiva, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 279-301, jul./dez. 2002.

EASTERBY-SMITH, Mark e ARAUJO, Luis. **Aprendizagem organizacional**: oportunidades e debates atuais. In: EASTERBY-SMITH, Mark; BURGOYNE, John; ARAUJO, Luis. (orgs.) Aprendizagem organizacional e organizações de aprendizagem: desenvolvimento na teoria e na prática. São Paulo: Atlas, 2001. p. 15-38.

ELKJAER, Bente. **Em busca de uma teoria de aprendizagem social**. In: EASTERBY-SMITH, Mark; BURGOYNE, John; ARAUJO, Luis. (Coord.). Aprendizagem organizacional e organização de aprendizagem: desenvolvimento na teoria e na prática. São Paulo: Atlas, 2001. p. 100-115.

FISCHER, Tânia. **O futuro da gestão**. In: HSM Management. São Paulo: HSM, v.10, n. 64, set./out.2007. Disponível em: http://liegs.cariri.ufc.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=131&Itemid=58>. Acesso em: 24 jan. 2018.

FLEURY, Sonia. Reforma del Estado. **RAP** Rio de Janeiro 35(5): 7-78, Set/Out. 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Referências culturais**: bases para novas políticas de patrimônio. In INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Políticas sociais: acompanhamento e análise. Nº 02, 2001. p. 111-120.

FRANÇA Filho, Genauto Carvalho de. Definindo gestão social. In: SILVA Júnior, Jeová Torres (Org.). **Gestão Social**: Práticas em Debate, Teorias em Construção. 2008. Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social - Universidade Federal do Ceará/Campus Cariri. Disponível em: <http://gestaosocial.paginas.ufsc.br/files/2011/07/Livro-1-ColeçãoEnapegsV1_GestãoSocialPraticasDebatesTeoriasConstrução.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FUNART, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. (Ciências Sociais Passo-a-Passo).

FCC - Fundação Catarinense de Cultura (Santa Catarina). **Regimento Interno da Fundação Catarinense de Cultura**. Florianópolis, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; POSSAMAI, Zita Rosane. Educação Patrimonial: percursos, concepções e apropriações. **Mouseion**, Canoas, v. 8, n. 19, p.13-26, dez. 2014. Quadrimestral.

GIRANDOLA, F.; ROUSSIAU, N. L'engagement comme source de modifications à long terme. **Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale**, 57, 83-101, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

HARDIN, Garrett. **The tragedy of the commons**. *Science*, 162(3859), 1243-1248. 1968. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/140407/mod_resource/content/1/Garrett%20Hardin%201968.pdf>. Acesso em: 15 jan 2018.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. Harvard. 2009.

HESS, Charlotte. Mapping the new commons. Presented at “Governing Shared Resources: Connecting Local Experience to Global Challenges;” the 12th Biennial Conference of the International Association for the Study of the Commons, University of Gloucestershire, Cheltenham, England, July 14-18, 2008. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=1356835>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

HESS, Charlotte, OSTROM, Elinor. Introduction: An Overview of the Knowledge Commons. *Understanding Knowledge as a Commons. From Theory to Practice* (Cambridge MA: The MIT Press). 355. 2007. Disponível em: <https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/content/9780262083577_sch_0001.pdf >. Acesso em: 15 jan. 2018.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geysa Dongley. **O Ensino de História e seu Currículo – Teoria e Método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

IBGE. **Cidades: Araranguá**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420140&search=santa-catarina|ararangua>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

IPHAN. Estrutura e Organograma. 1997. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/214>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

INNARELLI, Humberto. **Os dez mandamentos da preservação digital**. In: SANTOS, V. B.; INNARELLI, H.; SOUSA, T. R. B. *Arquivística: temas contemporâneos*. Brasília: SENAC, 2007.

JOULE, Robert Vincent; BERNARD, Françoise. Por uma Nova Abordagem de Mudança Social: A Comunicação do Compromisso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan-Abr 2005, Vol. 21 n. 1, pp. 027-032.

JOULE, Robert Vincent. Des intentions aux actes citoyens. **Cerveau & Psycho**, 7, 12-17, 2004.

KIMBLE, Chris; HILDRETH, Paul M. **Communities of Practice: Going One Step Too Far?** In: ASSOCIATION INFORMATION AND MANAGEMENT (AIM), 9th, May 2004, Evry (France). Proceedings 9ème colloque de l'AIM, 2004. Disponível em: <<http://www.aim2004.int-evry.fr/~pdf/~Aim04~Kimble~Hildreth.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

KLEIN JR, Vitor Hugo, SALM, José Francisco, HEIDEMANN, Francisco G., MENEGASSO, Maria Ester. **Participação e coprodução em política habitacional: estudo de um programa de construção de moradias em SC**. *Revista de Administração Pública-RAP*, v. 46, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v46n1/v46n1a03.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**: a edição do novo milênio. 10. ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2000. p. 764.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. 11a reimpressão. New York: Cambridge University Press, 1991.

LLOYD, William Forster. **Two Lectures on the Checks to Population** (Oxford Univ. Press, Oxford, England, 1833), reprinted (in part) in *Population, Evolution, and Birth Control*, G. Hardin. Ed. (Freeman, San Francisco, 1964), p. 37.

MADISON, Michael J., STRANDBURG, Katherine J., FRISCHMANN, Brett M., **Knowledge Commons**. Forthcoming, *Research Handbook on the Economics of Intellectual Property Law* (Vol. II – Analytical Methods). U. of Pittsburgh Legal Studies Research

Paper No. 2016-28. Disponível em:

<https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2841456>.

Acesso em: 10 jan. 2018.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937)**. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. In: (Ed.). Fundamentos de metodologia científica: Atlas, 2010.

MARINHO, Teresinha. **Notícia Biográfica**. In: Rodrigo e seus Tempos, Coletânea de Textos sobre artes e letras. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

MEC. Portaria nº. 230. Regimento Interno do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 26 de março de 1976. Brasília/DF: 1976.

MEUSER, Michael; NAGEL, Ulrike. ExpertInneninterviews – vielfach erprobt, wenig bedacht. In: GARZ, Detlef; KRAIMER, Klaus. **Qualitative-empirische sozialforschung**. Konzepte, methoden, analysen. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1991. p. 441-471.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993

NICOLINI, David; GHERARDI, Silvia; YANOW, Dvora. **Knowing in organizations: a practice-based approach**. New York: M. E. Sharpe, 2003.

NIELSEN, Jakob. **Evaluating Hypertext Usability**. In D. H. Jonassen e H. Mandl. ed., Designing Hypermedia for Learning. Berlin: Springer-Verlag, 1990. p. 147-168.

OLIVEIRA, Míriam; FREITAS, Henrique M. R. de. Focus Group - Pesquisa Qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu

planejamento. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 3, n. 33, p.83-91, jul. 1998.

OSTROM, Elinor. **Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action**, Cambridge: Cambridge University Press, 1990. Disponível em:

<<http://go.galegroup.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA14388461&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=00384038&p=AONE&sw=w&authCount=1&isAnonymousEntry=true>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

PACHECO, Roberto Carlos dos Santos, **Coprodução em Ciência, Tecnologia e Inovação: fundamentos e visões**. In book:

Interdisciplinaridade: Universidade e Inovação Social e Tecnológica, 1ª Ed., Cap: 1, CRV Editora, pp.21-62. 2016. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/307977522_Coproducao_em_Ciencia_Tecnologia_e_Inovacao_fundamentos_e_visoes?amp%3BenrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMwNzk3NzUyMjtBUzo0MDUxNDExNzQ5MzE0NjdAMTQ3MzYwNDU5MTg4Ng%3D%3D&%3Bel=1_x_3&%3B_esc=publicationCoverPdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

PESTOFF, Victor. **Co-production and third sector social services in Europe**. New public governance, the third sector and co-production, p. 13-34, 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Patrimônio e história da educação: aproximações e possibilidades de pesquisa**. História da Educação, Porto Alegre, v. 16, n. 36, p.110-120, jan. 2012. Quadrimestral.

PPGTIC. **Sobre o PPGTIC: Programa de Pós Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação**. Disponível em: <<http://ppgtic.ufsc.br/sobre-o-ppgtic/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

REFEITURA DE ARARANGUÁ (Município). Decreto nº 601, de 1995. **Aprova o Estatuto da Fundação Cultural de Araranguá**. Araranguá, SC, 1995. Disponível em: <

<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/a/aranangua/decreto/1995/61/601/dec reto-n-601-1995-aprova-o-estatuto-da-fundacao-cultural-de-aranangua?q=patrim%F4nio%20cultural>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PREFEITURA DE ARARANGUÁ (Município). Lei nº 1507, de 1994. **Cria a Fundação Cultural de Araranguá e dá Outras Providências.** Araranguá, SC, 1994. Disponível em: <
<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/a/aranangua/lei-ordinaria/1994/151/1507/lei-ordinaria-n-1507-1994-cria-a-fundacao-cultural-de-ararangua-e-da-outras-providencias?q=FUNDA%C7%C3O%20CULTURAL%20DE%20ARARANGU%C1>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PREFEITURA DE ARARANGUÁ (Município). Decreto nº 11, de 06 de março de 1987. **Visa Estabelecer A Organização Administrativa da Prefeitura Municipal de Araranguá e dá Outras Providências.** Araranguá, SC, 06 mar. 1987. Disponível em:
 <<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/a/aranangua/decreto/1987/2/11/decreto-n-11-1987-visa-estabelecer-a-organizacao-administrativa-da-prefeitura-municipal-de-ararangua-e-da-outras-providencias?q=patrim%F4nio%20cultural>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PREFEITURA DE ARARANGUÁ. **História.** 2017. Disponível em:
 <<http://www.ararangua.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/5338>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Fundação Nacional Pró-Memória. In: _____. (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

RHEINGOLD, Howard. **Smart Mobs, The Next Social Revolution: Transforming Cultures and Communities in the Age of Instant Access.** Cambridge, MA: Perseus Books. 2002.

ROBERTS, J. Limits to Communities of Practice. **Journal of Management Studies**, v. 43, n. 3, p. 623-639, 2006.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 2009.

SANTA CATARINA (Estado). Lei nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008. **Dispõe Sobre A Proibição do Uso de Telefone Celular nas Escolas Estaduais do Estado de Santa Catarina**.. Florianópolis, SC, Disponível em: <http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2008/14363_2008_lei.html>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTA CATARINA. Liliane Janine Nizzola. Iphan. **IPHAN em Santa Catarina**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/341>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTA CATARINA. Marcondes Marchetti. Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. **Conselho Estadual de Cultura – SC**. 2017. Disponível em: < <http://www.sol.sc.gov.br/index.php/conselho-estadual-de-cultura> > . Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTIAGO, Rodrigo Peronti. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais** São Carlos: 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2007. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-10022008-144940/pt-br.php> >. Acesso em: 15 jan. 2018.

SCHOMMER, Paula Chies; FRANÇA Filho, Genauto Carvalho de. Gestão social e aprendizagem em comunidades de prática: interações conceituais e possíveis decorrências em processos de formação. In: SILVA Júnior, Jeová Torres (Org.). **Gestão Social: Práticas em Debate, Teorias em Construção**. 2008. Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social - Universidade Federal do Ceará/Campus Cariri. Disponível em: <http://gestaosocial.paginas.ufsc.br/files/2011/07/Livro-1-ColeçãoEnapegsV1_GestãoSocialPraticasDebatesTeoriasConstrução.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA. **Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil: uma trajetória**. Brasília: SPHAN/Pró-Memória, 1980. (Publicações da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 31).

SHETH, Jagdish N. **Comportamento do cliente: indo além do comportamento do consumidor**. São Paulo: Atlas, 2001.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC, Florianópolis, 4a. edição, 2005.

SUL-SC. **Município de Araranguá**. Disponível em: <<http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/ararangua.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

TAPSCOTT, Don e WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics: How mass collaboration changes everything**. New York, NY: Portfolio, 2008. Disponível em: <<http://www.labee.ufsc.br/~luis/egcec/livros/globaliz/Wikinomics.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. (Re)visitando o conceito de gestão social. In: SILVA Júnior, Jeová Torres (Org.). **Gestão Social: Práticas em Debate, Teorias em Construção**. 2008a. Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social - Universidade Federal do Ceará/Campus Cariri. Disponível em: <http://gestaosocial.paginas.ufsc.br/files/2011/07/Livro-1-ColeçãoEnapegsV1_GestãoSocialPraticasDebatesTeoriasConstrução.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. (Org.). **Gestão social: metodologia e casos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

TENÓRIO, Fernando Guilherme ; ROZEMBERG, Jacob E. “Gestão pública e cidadania: metodologias participativas em ação”. In: **Revista de Administração Pública Rio de Janeiro**: EBAP/FGV, v.31, n.4, pp. 101-125, jul./ago./1997.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Um Espectro Ronda o Terceiro Setor, o Espectro do Mercado**. Rio de Janeiro: Ijuí, 2008b.

TOLENTINO, Átila. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. **Educação Patrimonial Políticas, Relações de Poder e Ações Afirmativas**. João Pessoa, nov. 2016. Educação Patrimonial, Caderno 5, p. 39-48. Disponível em: <<http://casadopatrimoniojp.com/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**: Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972.. 1972. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001333/133369por.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

UNESCO. **Manifesto para a Preservação Digital**: proposta submetida pela comissão nacional da UNESCO dos países baixos, apresentada à Conferência Geral da UNESCO e aprovada para inclusão no Programa para 2002-2003. Disponível em: <http://www.bnportugal.pt/agenda/ecpa/manifesto_unesco.html> Acesso em: 19 jan. 2018.

UNESCO. **Convenção Para A Salvaguarda Do Patrimônio Cultural Imaterial**: Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage, Paris, 17 October 2003. 2006. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

UNESCO. **Recomendações para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular**: Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 16 de novembro de 1989. 1989. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/RecomendacaoParis1989.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

VALLE JÚNIOR, Eduardo Alves. **Sistemas de informação multimídia na preservação de acervos permanentes**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) – Departamento de Ciência da Computação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <

<https://www.dcc.ufmg.br/pos/cursos/defesas/64M.PDF> >. Acesso em: 15 jan. 2018.

VELOSO, Gabrielli Ciasca. **Avaliação da Interface de Interação para a Aplicação Multimídia do Totem Digital do Museu Histórico de Araranguá**. 2016. 137 f. TCC (Graduação) - Curso de Tecnologias da Informação e Comunicação, Campus Araranguá, Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2016. Cap. 1. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/133758>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

VELOSO, Gabrielli Ciasca et al. Digitalização Do Acervo Do Arquivo Histórico Do Município De Araranguá - Sc. In: Encontro Internacional Sobre Gestão Empresarial E Meio Ambiente, 18., 2016, São Paulo.

Digitalização Do Acervo Do Arquivo Histórico Do Município De Araranguá - Sc. São Paulo: Engema, 2016. p. 119 - 127. Disponível em:

<http://engemausp.submissao.com.br/18/anais/resumo.php?cod_trabalho=119>. Acesso em: 10 jan. 2018.

VELOSO, Gabrielli Ciasca; TRIERWEILLER, Andréa Cristina; ESTEVES, Paulo César Leite. As TICs como suporte ao patrimônio público cultural: Projeto de Digitalização do Acervo do Arquivo Histórico do Município de Araranguá-SC. **Rdbci: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.25-38, 25 set. 2017. Universidade Estadual de Campinas.

<http://dx.doi.org/10.20396/rdbci.v16i1.8648773>.

VERSCHUERE, Bram, BRANDSEN, Taco, PESTOFF, Victor. **Co-production: The State of the Art in Research and the Future Agenda**. *Voluntas*, 23(4):1083, 2012.DOI 10.1007/s11266-012-9307-8. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11266-012-9307-8>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista Narrativa Com Especialistas: Aportes Metodológicos E Exemplificação. **Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 40, n. 22, p.131-143, jul. 2013.

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems. In: NICOLINI, David; GHERARDI, Silvia; et al. (Eds.). **Knowing in Organizing: A Practice-Based Approach**. New York: M.E. Sharper, 2003.

WOOLLEY, Anita Williams, et al. Evidence for a collective intelligence factor in the performance of human groups. **Science**, 330(6004), 686-688. 2010. Disponível em: <<http://www.sciencemag.org/cgi/pmidlookup?view=long&pmid=20929725>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

YANOW, Dvora. **Seeing organizational learning: a ‘cultural’ view**. Organization articles. V. 7 (2): 247-68. 2000.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Formulário disponibilizado aos alunos voluntários do projeto pra enviar as legendas construídas.

(Re)conhecendo o Balneário Arroio do Silva: Um passeio digital pelas suas memórias.

Esta ficha técnica deve ser preenchida com os dados pessoais do aluno, com a identificação da fotografia em questão, o texto produzido pelos alunos e o tipo de fonte utilizada, que descrevem a história por trás da fotografia.

Este formulário pode ser enviado mais de uma vez.

***Obrigatório**

Data *

___/___/___

Qual o nome do(s) aluno(s)? *

Sua resposta

Qual a turma? *

Qual a pasta da fotografia? *

Qual o número da fotografia? *

Sua resposta

Qual tipo de fonte de pesquisa foi utilizada? Você pode escolher mais de uma opção. *

- Entrevista
- Livros ou outros materiais impressos
- Internet

Insira aqui a descrição da fonte. Em caso de entrevista, insira o nome do entrevistado; Em caso de busca na internet insira o site utilizado; E em caso de livros ou outros materiais impressos insira o título e o autor. *

Sua resposta

An empty text input field with a light gray background. On the right side, there are three vertically stacked buttons: a small upward-pointing triangle, a square, and a downward-pointing triangle. On the left side, there are three buttons: a left-pointing triangle, a square, and a right-pointing triangle.

Insira aqui o texto produzido: *

Sua resposta

An empty text input field with a light gray background. On the right side, there are three vertically stacked buttons: a small upward-pointing triangle, a square, and a downward-pointing triangle. On the left side, there are three buttons: a left-pointing triangle, a square, and a right-pointing triangle.

Se precisar de mais espaço, pode utilizar este aqui:

Sua resposta

An empty text input field with a light gray background. On the right side, there are three vertically stacked buttons: a small upward-pointing triangle, a square, and a downward-pointing triangle. On the left side, there are three buttons: a left-pointing triangle, a square, and a right-pointing triangle.

Fim. Obrigada pela participação!

APÊNDICE B – Questionário direcionado aos alunos voluntários

Este questionário está disponível em:

<<https://goo.gl/forms/fGKhCaP1aQxBahLP2>>

Questionário do projeto (Re) conhecendo Araranguá – via plataforma web Memórias Digitais de Araranguá.

Este questionário tem como objetivo caracterizar a experiência dos alunos das escolas de educação básica de Araranguá, que participaram do projeto (Re) conhecendo Araranguá – via plataforma web Memórias Digitais de Araranguá.

A participação, assim como no projeto, é opcional. Foram convidados todos os alunos que participaram do projeto. E todas as respostas são anônimas. Qualquer dúvida você pode procurar a Professora Josi ou falar com a Gabrielli.

Obrigada pela participação.

***Obrigatório**

1. Você conversou com outras pessoas para conseguir informações para escrever a legenda? *

- SIM
- NÃO

2. Houve colaboração entre o seu trio ou dupla? *

- SIM
- NÃO
- EU FIZ AS ATIVIDADES SOZINHO (A).

3. Algum colega da sua turma, além do seu grupo, ajudou você a realizar a sua atividade? *

- SIM
- NÃO

4. Os professores da escola ajudaram a realizar a atividade? *

- SIM
- NÃO

5. Você aprendeu coisas novas sobre a cidade? *

- SIM
- NÃO

6. Você percebeu diferenças entre as imagens do passado e as atuais? *

- SIM
- NÃO

7. Você reconheceu algum lugar (ou pessoa ou evento) retratado nas fotos? *
- SIM
 - NÃO
8. Você teve vontade de visitar algum lugar ou participar de algum evento representado nas fotos? *
- SIM
 - NÃO
9. Você mostrou o site para alguém, além dos colegas que também participaram do projeto? *
- SIM
 - NÃO
10. Você já conhecia as fotografias? *
- SIM
 - NÃO
11. Você visitou o museu durante ou depois de participar do projeto? *
- SIM
 - NÃO
12. Você gostaria de participar de novo do projeto? *
- SIM
 - NÃO
13. Você gosta de usar tecnologias* (como smartphone, tablet, computador, datashow) no seu dia-a-dia? *
- SIM
 - NÃO
14. Você costuma usar essas tecnologias dentro da escola? *
- SIM
 - NÃO
15. Você utiliza essas tecnologias para estudar? *
- SIM
 - NÃO
16. Essas tecnologias ajudaram você no desenvolvimento do projeto? *
- SIM
 - NÃO

Fim. Obrigada pela participação!

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos de convidar a criança ou adolescente sob sua responsabilidade para participar da pesquisa **“PROMOVENDO A INTEGRAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DE ESCOLAS DA REDE BÁSICA DE EDUCAÇÃO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DIGITAL”**, para a qual a criança ou adolescente sob sua responsabilidade foi escolhido por preencher os critérios de inclusão do estudo. Sua participação não é obrigatória e a criança ou adolescente sob sua responsabilidade também poderá desistir de participar a qualquer momento e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O objetivo desse estudo será: Avaliar, por meio de questionário, a experiência em participar do projeto (Re)conhecendo Araranguá ou (Re)conhecendo o Balneário Arroio do Silva, quanto à vivência, colaboração e cooperação e inclusão digital entre os alunos participantes. Antes de iniciar o estudo, todos os participantes receberão uma explicação detalhada de todas as etapas da aplicação do questionário. Nesse momento, você e a criança ou adolescente sob sua responsabilidade podem tirar todas as suas dúvidas em relação ao projeto.

A criança ou adolescente sob sua responsabilidade será selecionado (a), para a pesquisa e sua participação se dará de forma anônima, por meio de respostas a um questionário composto por 16 perguntas com respostas dicotômicas, ou seja, apenas “sim” ou “não”, referentes à sua participação no projeto que teve como objetivo por meio da orientação de professores da escola, conduzir os alunos em uma pesquisa

para levantar informações sobre o acervo digital pertencente ao Arquivo Histórico do Centro Cultural da cidade de Araranguá e posteriormente, criar uma legenda que identifique a fotografia escolhida para que este texto seja disponibilizado no site <http://labmidiaeinteratividade.ufsc.br/memoriasdigitais/tdigital/>.

Quanto aos riscos do estudo, são inexistentes, uma vez que o aluno será convidado a responder um breve questionário, dentro da escola e poderá desistir a qualquer momento, não expondo o participante a qualquer situação prejudicial.

O benefício desta colaboração se dará por meio da contribuição voluntária para pesquisa voltada ao resgate e manutenção da identidade cultural, individual e coletiva da sua cidade. Além disso, esse estudo visa beneficiar profissionais da educação e da área da cultura comprometidos com ações relacionadas à educação patrimonial e gestão social, uma vez que buscará respostas que contribuirão para o melhor desenvolvimento, planejamento e avaliações de iniciativas voltadas ao resgate e valorização do patrimônio público cultural.

As informações obtidas através dessa pesquisa poderão ser divulgadas em encontros científicos como congressos, ou em revistas científicas, mas não possibilitarão a identificação da criança ou adolescente sob sua responsabilidade. Desta forma garantimos o sigilo sobre sua participação. Os resultados do questionário serão confidenciais e só poderão ser tornados públicos com a sua permissão. Além disso, a análise dos resultados não é feita em termos de desempenho individual de cada participante e sim da média de todos os participantes, reforçando o caráter confidencial dos dados da pesquisa. É garantido que não haverá ônus aos participantes, bem como também, no caso de eventuais gastos ou eventuais danos decorrentes da pesquisa os participantes serão indenizados e ou ressarcidos pela participação da criança ou adolescente sob sua responsabilidade nas atividades previstas na pesquisa.

Os riscos associados a essa pesquisa são praticamente inexistentes uma vez que os participantes serão brevemente informados sobre todas as etapas para responder ao questionário e poderão desistir a qualquer momento.

Aspecto legal: Caso haja o consentimento do responsável pela criança ou adolescente participante, o termo de consentimento será impresso em duas vias,

ambas serão assinadas por um responsável legal da criança ou adolescente e pela pesquisadora responsável pela pesquisa, uma via será fornecida ao responsável da criança ou adolescente participante e a outra ficará com a pesquisadora responsável. Este termo foi elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde – Brasília – DF. Qualquer dúvida, ou se sentir necessidade, o voluntário ou seu responsável poderá entrar em contato com a Universidade Federal de Santa Catarina – Rua: Pedro João Pereira, 150, CEP 88905-120, Bairro Mato Alto, Araranguá – SC ou diretamente com a pesquisadora pelo celular: (48) 999822792 ou E-mail: velosogabrielli@gmail.com.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o e-mail da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu _____ (nome do responsável pelo participante e número de documento de identidade) confirmo que a pesquisadora principal explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação da criança ou adolescente sob a minha responsabilidade. As alternativas para a participação do (a) aluno (a) também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para a criança ou adolescente sob a minha responsabilidade participar como voluntário desta pesquisa.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios vinculados a participação na pesquisa e concordo em permitir a participação da criança ou adolescente sob a minha responsabilidade.

Nome do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____

Nome do participante: _____

Araranguá, de _____ de 2017.

Responsável: Gabrielli Ciasca Veloso

Universidade Federal de Santa Catarina – Rua: Pedro João Pereira, 150, CEP
88905-120, Bairro Mato Alto, Araranguá – SC / Celular: (48) 999822792

E-mail: velosogabrielli@gmail.com

APENDICE D – Transcrição da Entrevista com Especialista

1 - Narrativa do processo (passo-a-passo de como o processo todo se deu em sala, com maior detalhamento possível);

Bom, na verdade, o trabalho ele foi desenvolvido em grupo, mas eu acabei liderando este grupo.

Por quê? Eu passei em todas as salas do sexto aos segundos anos apresentando o projeto, o passo-a-passo do que deveria ser feito, apresentando o site onde as fotos estão, né?! Mostrando qual era o objetivo dele e explicando que as disciplinas de história, geografia, filosofia, artes e produção textual estariam envolvidas neste projeto e passei para cada uma das turmas quem era o professor responsável. Porque a gente organizou assim: os sextos anos ficam com o professor de geografia no caso, eu a L, os sétimos anos ficaram com a professora A de história, as três turmas de oitavos anos ficaram com o professor B de geografia, as três turmas de nonos anos ficaram com o professor C de filosofia, as três turmas de primeiro ano ficaram com o professor E de história e as duas turmas de segundo ano ficaram com o professor de geografia.

Bom, mas nesse primeiro contato, né?!, inicial que a gente teve, nós mostramos para os alunos qual era o site direitinho e a gente explicou pra eles de uma forma adaptada do roteiro que o IPHAN disponibilizou, como que deveria ser, que eles deveriam escolher, no caso observar uma das fotos e a partir dali buscar um registro dessa fotografia, a gente não conseguiu passar passo a passo todas aquelas questões que o IPHAN sugere que a gente faça lá que tá no manual das atividades de práticas de educação patrimonial. A gente não conseguiu passar passo a passo aquela forma de abordagem ali pra eles analisarem as imagens. Por quê? Pelo tempo, né? Infelizmente a gente tem uma demanda de tempo pra aulas e os conteúdos a serem trabalhados em sala muito grande, então a gente não conseguiu, de certa forma esmiuçar, né, detalhar exatamente, aquela metodologia ali citada pelo IPHAN, mas a gente acabou utilizando principalmente, aqueles dois passos principais ali, que era a observação e o registro. Os alunos então individualmente, em duplas ou em trio, poderiam... a gente falou isso pros alunos nessa primeira apresentação, que eles poderiam trabalhar individualmente, em duplas ou em trio e eles deveriam fazer essa observação de qual foto eles iriam fazer a pesquisa.

Então, complementando ainda a primeira pergunta. Teve uma outra questão, a gente não deixou muito aberto, nós dividimos, sugerimos que os alunos dos sextos anos que fossem com um grupo de imagens, só um pouquinho que já vou passar qual é que agora eu esqueci, pera aí.

Nós sugerimos então que as fotos, elas fossem escolhidas de acordo com uma, com uma...

De acordo com a organização que nós fizemos, o que que a gente fez? A gente considerou os conteúdos trabalhados nas disciplinas envolvidas, por exemplo, geografia no sexto ano trabalha as mudanças do espaço geográfico, então a gente pegou a pasta sobre o coreto, o jardim, o antigo centro e a biblioteca que eram fotos de mais fácil acesso, mais simples de os alunos conseguirem as informações sobre aquelas fotos, considerando que os alunos de sexto ano têm entorno de 10 anos. Então a gente pegou essas fotos porque nós acreditávamos que seriam as mais fáceis pra conseguir as informações e porque eram as que ficavam ainda mais evidentes as mudanças que aconteceram no espaço geográfico Araranguense. Porque se você for hoje no centro de Araranguá você vai perceber com maior facilidade as diferenças de atualmente pra quando era o centro onde tinha o coreto antigamente, e assim, a gente fez com os sétimos anos que ficaram com construções, demolições, o hidroavião e o campo de aviação; os oitavos as enchentes, as pontes e as casas; nonos anos as embarcações, o rio araranguá e o campo. Primeiros anos ficaram com o hospital bom pastor, concursos e monumentos e os segundos anos os eventos de sete de setembro, as igrejas e os eventos em gerais. Essa foi a maneira como a gente distribuiu, eu passei de sala em sala apresentando o projeto, explicando mais ou menos como que era a metodologia do IPHAN, mas a gente acabou adaptando, lembrando que eu não consegui passar passo à passo de todas aquelas sugestões que eles deram, mas a gente fez dessa forma, dentro das etapas sugeridas no manual.

2 - Datas e horários (qual o período em que o processo todo se deu. E quais dias da semana e horários das disciplinas envolvidas);

Bom, então, quanto as datas e horários. A gente começou o projeto, teve um pouquinho de adaptação nas datas, ele começou no dia 13 de fevereiro na escola e foi até o dia 27 de fevereiro a primeira etapa. Qual foi a primeira etapa? Passar, então, em todas as salas apresentando, como a gente teve o período de carnaval ali no meio, ficou meio complicado, mas aí foi até o final de fevereiro pra gente apresentar o

projeto pra todo mundo. A gente deixou claro que, eu digo a gente porque foi um acordo feito entre nós professores, mas fui eu a porta voz inicial. Nós deixamos claro como seria a avaliação, que os alunos precisavam criar essa legenda. Essa legenda, as professoras de produção textual, auxiliaram na produção dessa legenda e na escrita dessa legenda, então a gente deixou claro que era importante que essa legenda estivesse de acordo com a foto, que só conseguiria ganhar um ponto (na média) em cada uma das disciplinas todos os alunos que alcançassem o objetivo que era criar uma legenda adequada a imagem pré-selecionada, a foto que eles selecionaram.

Muito bem, então nesse primeiro momento aconteceu isso, porém os alunos, eles puderam participar até a última semana de março, até dia 31 de março, então eles ficaram do dia 13 de fevereiro que foi uma segunda-feira até o dia 31 de março que foi uma sexta-feira.

Então assim, o quê aconteceu? O primeiro encontro foi comigo, eu dei essa explanação geral, depois, durante as semanas à medida que foram acontecendo as aulas com os professores responsáveis por cada turma, os professores foram tirando as dúvidas, todas essas dúvidas foram tiradas durante o período da aula que acontecia de manhã.

Gabi, quanto ao horário não vou ter ele agora certinho assim, mas eu vou poder te dizer tipo assim, que por exemplo que eu trabalhei com os alunos dos sextos anos nas segundas, nas terças e nas sextas. Só que não foi um negócio assim: ó eu tirei a primeira aula para explicar pra todo mundo, só que à medida que as pessoas começaram a fazer, que os alunos começaram a fazer as pesquisas, as dúvidas foram surgindo. Então em praticamente todas as aulas a gente retomava aquele conteúdo, conversava sobre aquele conteúdo, claro que isso não foi uma realidade em todas as turmas, né?!

Sextos e sétimos anos, eles começaram desde o início com dúvidas, desde lá do meio de fevereiro até final, alí pertinho do dia 31 de março, toda semana surgia uma dúvida, então a gente tentava solucionar. Essas dúvidas, elas vieram, chegavam à mim pela sala de aula, dúvida do quê? Por exemplo: Professora, pode ser tal foto? Sim; Professora, essa legenda tá adequada? Sim ou não; Professora, estou com dificuldade de encontrar o conteúdo sobre essa foto, posso trocar? Professora, eu não sei onde pesquisar... Por mais que a gente já tinha instruído no início, surgiram estas dúvidas.

Aí muitas dúvidas chegaram para os professores em sala, por exemplo, quando tinha... O nono ano tinha aula com o professor C que era responsável por eles, o professor de filosofia. Então eles tiravam as dúvidas com o C, aí vou te passar depois o quadro de horários pra ti ter

uma ideia mais ou menos de como foi o horário das aulas com cada professor, tá? Mas, muitas vezes essas dúvidas foram levadas à coordenação da escola, então às vezes a coordenadora passava pra mim: L, eles estão com dificuldade em determinada foto, né?

Mas vale a gente também salientar uma questão aqui, Gabi: a gente trabalhou o projeto paralelamente a outros conteúdos, então surgiram sim muitas dúvidas, né? A gente mostrou a importância dele, de tá entendendo a história do município, a gente salientou todas aquelas questões de conhecer a história do nosso município, de valorizar esse arquivo que existe, né? De ter acesso a isso. E, perceber essas transformações que nosso município passou, entender também as relações sociais, isso foi muito bacana porque muitos alunos identificaram a história da sua família nas fotos, né?

Tipo uma aluna comentou que uma das fotos de um... do centro da cidade era de um, antigamente, era do bisavô dela, então percebeu essas relações sociais do município, nas famílias, então foi uma coisa bem complexa de certa forma e eles perceberam principalmente que eles faziam parte daquela história, isso que foi o mais bacana. Mas então assim, cada professor tirava as dúvidas durante o seu horário de aula, muitas vezes eles recorreram a algumas redes sociais como Facebook e WhatsApp, eu tive algumas perguntas que foram feitas pra mim através da rede social, tá bom?

3 - Dificuldades (dificuldades e fraquezas do projeto como um todo, do ponto de vista do professor e de relatos de terceiros);

3.1 - Interação com a plataforma (por parte dos professores, se houve interação dos professores com a plataforma. E na interação dos alunos com a plataforma);

Com relação à interação com a plataforma. Então, os professores, a gente num primeiro momento, eu apresentei a plataforma pra eles, então todos eles ficaram curiosos, acharam o máximo, na verdade a gente apresentou a plataforma Memórias Digitais pra todos os professores da escola, né? São mais de 80 professores, a gente não apresentou só pro grupo de professores das ciências humanas e a gente deixou aberto para aquele professor que quisesse participar, mas por fim a gente viu que ficaria mais dentro da área das humanas mesmo, então fechou naquele grupo de disciplinas que eu já te passei, tá? Mas todos eles interagiram bem, mas ficaram com algumas dúvidas por exemplo “Onde é que essa legenda ficaria disponível?” Daí tive que explicar que tinha que ir lá e clicar em informação e que apareceria uma caixa de

texto e que essas informações, essa legenda que os alunos estariam produzindo poderia ser inserida ali, né? Mais ou menos isso.

Com relação a interação com a plataforma, dos alunos, assim, a gente notou maior dificuldade com os alunos mais novos, ali, sexto e sétimo surgiu muita dúvida, por exemplo eu fiquei responsável pelas três turmas de sextos anos; então, toda semana um aluno em uma turma me perguntava. Então, segunda, terça e quinta que eram os dias que eu dava aula no Colégio, eu precisava parar o meu... parar o meu conteúdo e mostrar pros alunos. Uma outra coisa que facilitou, é que a gente colocou o passo à passo do conteúdo no site da escola e foi compartilhado no facebook da escola, então isso deu uma facilitada na questão do acesso à plataforma, porque o endereço não era fácil de digitar então a maior dificuldade mesmo foi de você acessar, conseguir encontrar a plataforma. Depois que acessava a plataforma, depois de sanada essa dificuldade, aí a gente notou entre os mais novos a dificuldade de encontrar a foto, de qual escolher, da usabilidade mesmo do site, né?! As vezes demorava pra carregar, então isso foi algumas das reclamações que a gente teve.

3.2 - Dificuldades na busca das informações (houve relato de dificuldade nesta etapa, por parte dos alunos?);

Dificuldade na busca das informações? Sim. Houve muitos relatos de dificuldades nesta etapa por parte dos alunos, de novo com as turmas mais novas, sextos, sétimos, oitavos e inclusive nonos, estas turmas foram as que mais reclamaram que não tinha informação. Ali na escola entre o grupo de educadores a gente chegou mais ou menos a um consenso porque são alunos que, assim, são mais dependentes, então eles precisam da ajuda do pai e da mãe que na verdade era um dos objetivos propostos pelo projeto, ter essa interação da família e tal. Então eles tiveram um pouco de dificuldades sim em conseguir conteúdos, os pais, os tios, os avós conseguiam ajudar porque um conhecia o outro que trabalhava na casa da cultura, outro conhecia pessoas mais antigas do município. Então mesmo com essas dificuldades a gente teve um caso só, de um aluno que pediu para trocar de foto porque realmente não tinha encontrado nada, a gente teve essa dificuldade de encontrar as informações sobre aquela foto, mas no sentido de não achar bibliografia. Daí a gente lembrou das orientações do IPHAN que poderia ser fontes orais e tudo mais.

3.3 - Infraestrutura (algum ponto forte ou fraco que mereça ser mencionado com relação a infraestrutura oportunizada aos alunos, seja na escola ou noutro ambiente que o aluno utilizou);

Sobre a questão da infraestrutura, na verdade eu não diria nem que seria a infraestrutura, agora eu não sei como tu vai colocar isso tá, mas eu como coordenadora lá na escola, eu percebi o quê? Inicialmente alguns professores adoraram a ideia, acharam muito bacana, mas quando partia, principalmente professores que ficaram com o ensino médio. O professor do primeiro ano de história e o professor de geografia do segundo ano, quando partia pra eles pararem a aula e tirar dúvidas, os próprios professores ainda tinham dúvidas de como usar a plataforma, então eu senti que poderia ter um pouco mais de interação com a plataforma, ter um envolvimento maior com o projeto, na verdade é essa a questão. Então muitas vezes eu ficando responsável lá pelos sextos anos, tinha que sair do sexto ano ou durante o recreio, tirar alguma dúvida de alunos das outras turmas.

4 - Pontos positivos (pontos positivos no projeto como um todo. Desde pontos observados pelo professor, como comentários de terceiros);

Sobre os pontos positivos: Assim, eu fiquei muito feliz, o diretor da instituição é uma pessoa muito reservada, participa bem ativamente da comunidade escolar porque ele é muito requisitado, os pais procuram ele sempre porque é uma escola que tem mais de 1000 alunos, é uma escola que tem mais de 50 anos de história no nosso município, ela é muito bem vista e os pais são sempre muito presentes. Muitos pais procuraram o diretor da escola pra elogiar o projeto, então o projeto teve muitos elogios, eles acharam muito bacana o fato de os alunos estarem indo atrás da história do município, os alunos estarem acessando esse acervo histórico que eles nem imaginavam que existia.

Segundo ponto que eu achei muito bacana de terceiros que é o seguinte: no colégio no período noturno funciona um polo de uma universidade à distância. Então assim, muitos dos educadores da universidade, dos tutores e professores da universidade e os alunos dos cursos de graduação, pararam nessas duas últimas semanas que as fotos antigas estão expostas já com algumas legendas, algumas fotos já estão expostas devido a semana de comemoração de aniversário do município, estes alunos da universidade pararam muitas vezes pra ler as legendas, houve relatos de tutores que não conheciam o projeto, não faziam parte do projeto, mas comentaram com outras pessoas na escola que acharam

o máximo, que queriam saber quem tinha feito e ao ficar sabendo que foram os alunos que estavam desenvolvendo, acharam muito bacana.

Agora assim, quanto ao ponto positivo com relação à aprendizagem em si, agora falando especificamente de geografia dos sextos anos que foram as turmas que eu mais tive contato. Eles ficavam, as três turmas de sextos anos, eles ficaram continuamente... que eles vinham falar da foto que tinham procurado, da foto que tinham pesquisado, eles ficavam extremamente entusiasmados de perceber a mudança, de como as coisas tinham mudado ou ainda quando abríamos uma foto na sala durante as explicações e tal: “Ah pessoal, esse lugar, o que vocês acham que é esse lugar agora?” e a gente comparava com atualmente e eles achavam o máximo, muitos comentaram que queria muito que o coreto voltasse por exemplo e teve uma outra questão: a gente teve reclamações sim de pais que achavam que esse trabalho deveria ser desenvolvido só durante as aulas, mas a gente deixou bem claro que a intenção aqui era a investigação, no caso instigar o aluno a buscar, essa era bem a intenção mesmo, não era o professor dar nada pronto, era o aluno buscar e produzir, então a gente teve algumas reclamações quanto a isso, mas o bacana é que o aluno conseguiu. Muitos tiveram dificuldades e superaram essa dificuldade para conseguir a informação.

Assim, eu acho que um ponto negativo, não foi nem do projeto em si, foi a falta de interação entre os professores da escola envolvidos. Como a gente tem uma demanda de carga horária muito grande, uma necessidade de trabalhar muito, o professor ele precisa trabalhar 40 - 50h e a maioria dos professores, na verdade com exceção de uma professora que trabalhou no projeto, os outros todos trabalham em duas ou três escolas. Então nós tínhamos pouco tempo para sentar e organizar, então o que faltou, uma falha nossa foi isso, foi tentar trabalhar mais juntos. Eu senti assim, que alguns professores estavam no projeto, mas não estavam a fundo, não sei se deu pra ti entender... Não participaram ativamente como deveriam, poderiam ter se dedicado mais, mas não por falta de vontade porque acharam o máximo, se empolgaram tudo e deram continuidade, foi dado continuidade no projeto, as vezes tinha uma falha... principalmente esses dois professores do ensino médio que ficaram um pouquinho à par, deixaram um pouquinho aquém daquilo que era necessário, mas enfim, os alunos conseguiram participar, a gente sanou as dúvidas na medida do que foi possível, por aí.

Uma outra questão que eu queria salientar é que ali sobre a infraestrutura, eu tive dois casos de alunos do sexto ano, esses eu vi de

perto assim, que não tinham acesso à *internet* em casa. Então essas duas crianças, elas inclusive... elas têm uma realidade social bem diferente da grande maioria dos alunos lá da escola, eles tiveram bastante dificuldade então de acessar esse conteúdo, de ter acesso à plataforma, mas ainda assim foram à biblioteca da escola, conseguiram resolver esse problema, não foi assim um empecilho. Uma conseguiu resolver o problema e a outra optou em não fazer. Esse foi um probleminha assim que a gente percebeu.

Mas, no geral Gabi, eu gostaria de agradecer. Eu fiquei muito feliz de participar, eu achei muito legal e assim, professores da educação infantil, do fundamental, professores do terceiro ano vieram me procurar. Lá na escola a gente tem o hábito de fazer uma reuniãozinha todo dia antes de começar a aula e a gente teve vários elogios, assim. Uma pessoa que foi da direção de cultura do município de Araranguá muitas vezes ele é muito envolvido na cultura da região, na cultura do município, ele achou o máximo esse projeto, ele até declarou que tem interesse de ter um conhecimento maior, né. Então acho que foi uma oportunidade muito legal e eu espero que ano que vem a gente possa continuar contribuindo, assim. Selecionar outras fotos, porque a gente teve mais ou menos 80 respostas, né? Que eu achei que foi um bom número. E, eu espero, que no ano que vem a gente consiga... a gente consiga selecionar outras pastas, outras fotos pra continuar fazendo esse projeto que foi muito bacana.

APENDICE E – Transcrição do Grupo Foco

Professora J: e ela é a responsável pelo projeto das Memórias Digitais lembram disso? Então assim ó, eu só auxiliei ela pra trazer aqui pra escola e a gente aplicar. Ela vai fazer umas perguntinhas pra vocês, bem básicas e aí responde quem quiser, tá? Eles são dos 6º, 7º, 8º, 9º e 1º eu só não cozequi do 2º, mas acho que tá bom, né?! Muito obrigada, tá gente, se vocês não se sentirem a vontade pra responder podem voltar pra sala, não é obrigatório. A gente só quer...

Gabrielli - Bom gente, como ela falou, meu nome é Gabrielli, sou estudante da ufsc, do mestrado. e aí?! A gente fez aquele projeto das fotografias, né?! Que vocês participaram.

Alunos – eu te amo! Tu me deu um ponto na média eu tava precisando

Gabrielli - Sério?! Valeu a pena. Daí a ideia foi assim.

Alunos - Pode fazer todos os trimestres, né?! É, falta dois anos pra eu terminar o colégio.

Gabrielli - É?! Que ótimo! Vocês gostaram também?

Daí assim, lá em 2011 a gente digitalizou grande parte daquele acervo aqui de Araranguá. Vocês já conheciam? Já tinham ido lá?

Alunos - (alguns manifestaram que sim com a cabeça ou outros que não)

Gabrielli - Alguém foi durante o processo lá? Não?!

Alunos - (alguns manifestaram que sim com a cabeça ou outros que não)

Gabrielli - Daí a gente digitalizou e aí depois a gente criou um site. Aí depois desse site a gente pensou, “Tá e aí? As pessoas vão acessar isso? Como é que a gente vai ver?” Aí o que a gente pensou, começa pela escola, aí na escola o pessoal vai ter acesso, vai participar, vai criar, né?! Bom, primeiro eu queria perguntar pra vocês, como é que foi, como é que o professor mostrou pra vocês? Foi a professora J que mostrou? Foi o professor de cada disciplina ou foi só a professora J?

Alunos - Foi a professora J

Gabrielli - E aí como foi que os outros professores ajudaram?

Aluna1 - Eu, inicialmente eu peguei, eu e mais duas meninas, a gente se reuniu. Ela conhecia, eu peguei a imagem do relógio do sol colorida que tinha a inauguração, uma menina que foi comigo conhecia o cara que fez, ajudou a fazer o relógio do sol, o Alexandre e ela entrou em contato com ele. Como eu sou muito amiga da M que dá aula de história pro

ensino fundamental, eu entrei em contato com ela também pra ver se ela podia dar uma ajuda, ver se tava bom ou não. Ela também me ajudou nisso, viu que tava bom. Conversei com o Dani também, nosso professor de história, ele falou que tava bem bom e que dava pra ser aprovado, que era mais ou menos aquele caminho que a gente tava fazendo. A T na nossa sala deu uma aula de produção de texto sobre como a gente colocar as ordens certinho, tipo “á, noturno” e enfim, foi dando as coordenadas certinho. Então eu me reuni com a M, com o D e com a T, foram eles que me auxiliaram a fazer isso.

Pesquisei alguma, tive algumas pesquisas pelo site do IFSC, eles também tinham um projeto sobre isso e conversei com esse cara que deu a informação maior, que falou “eu tinha reconhecido somente o Mota(ex prefeito de araranguá)” pesquisei o nome do prefeito na época, acho que foi em torno de 92 e 94, vi quem era, mas no momento no Google não tinha foto de quem era, daí até meus familiares me ajudaram e daí o Alexandre ajudou a gente a falar certinho quem eram as pessoas e falou mais informações, contou um pouco da história, um pouco do que ele fez e falou que mais informações ele estaria à disposição pra ajudar a gente.

Gabrielli - Nossa, muito legal. Então fui tu e mais dois colegas?

Aluna1 - Mais duas meninas.

Gabrielli - Alguém mais usou entrevista? Foi conversar com alguém pra buscar?

Aluno(a)2 - Inaudível

Gabrielli - A que legal, vocês foram na rua perguntar, mas perguntando pra quem tava passando ou pra quem era do hotel?

Aluno(a)2 - Não, a gente foi ali no Plaza, daí tinha um senhor que daí nos ajudou (inaudível).

Gabrielli - E tu fez como? Individual, em dupla ou em trio?

Aluno(a)2 – em dupla

Gabrielli - Alguém mais usou a entrevista?

Aluno3 – eu fui falar com o nosso professor do ano passado, que era o I, pra ele ajudar a fazer o trabalho, com ele e com a professora de produção textual (inaudível) daí eles me ajudaram e eu consegui fazer tudo certinho.

Gabrielli - E tu fez sozinho ou em dupla?

Aluno3 - Fiz sozinho.

Gabrielli - O que mais vocês usaram? Alguém procurou na internet?

Aluno4 - Eu procurei em um livro que tinha lá em casa.

Gabrielli - Livro daqui?

Aluno4 - E tava a mesma imagem no livro.

Gabrielli - Sério? Que legal! E aí já tinha uma legenda?

Aluno4 - Não tinha legenda. Eu formei a legenda.

Gabrielli - Olha só a contribuição, que legal, né?!

Aluno4 – também tive ajuda desse cara que a aluna2 falou e a Minha mãe me ajudou, é professora de artes aqui do colégio.

Gabrielli - A, tua mãe é a professora de artes? Entre a turma assim, só tu fez sozinho? Alguém mais fez sozinho?

Aluno5 - Não, eu também.

Gabrielli - Fizeram sozinhos. Vocês colaboraram com a turma? A turma ajudou ou cada um pegou o seu, foi pra casa.

Aluno3 - A principio eu ia fazer com um amigo, mas daí não dava pra ir lá em casa, daí eu fiz o meu e acho que ele não chegou a fazer o dele, já tinha dito pra ele que eu ia começar, pra ele me ajudar a fazer o trabalho, mas não deu muito certo.

Gabrielli - Aí vocês preferiram fazer cada um. E vocês?

Aluna6 - Eu ajudei o pessoal porque o nosso tema era do hospital bom pastor e do relógio do sol, então as imagens eram semelhantes a minha, outras eram preto e branco, outras eram a construção. Daí eu tinha que colocar a localização também, né?! Pra informar bem onde era. Então a gente meio que todo mundo se ajudou, assim, acho que só tu que pegou do bom pastor né (se referindo ao colega ao seu lado), o restante todo mundo se ajudou, porque era praticamente quase as mesmas coisas. Só tinha que botar “a, a imagem frontal, vertical” essas coisas assim.

Gabrielli - E a professora ajudou também ou não? Professor passou a informação e vocês se viraram? Vcs iam lá pedir ajuda?

Aluna6 - Não, tipo assim ó. A T chegou um dia na sala e falou assim “Ó, eu vou ajudar vocês quem vai fazer a pesquisa, com a legenda.” Ela pegou o slide e falou “Ó, a legenda de vocês precisa conter isso, isso e isso”, daí eu peguei e fui anotando as coisas que precisavam ter, daí eu falei com as meninas, um dia a tarde a gente se reuniu aqui, a gente

formou(?) e coincidiu qu era na quinta, e na quinta ela dá reforço, fui e mostrei pra ela “T, tu acha que assim tá bom? Tá faltando alguma coisa?”, ela falou assim “Não, tá faltando isso, tá bom isso.”. Daí foi isso, o Daniel só olhou e falou “Tá ok, tá bom pra uma legenda”, M falou a mesma falou a mesma coisa.

Gabrielli - Eles cobraram assim, instruindo vocês, mas vocês foram atrás de tudo?

Alunos – é!

Gabrielli - Dificuldades, o que vocês acharam mais difícil pra encontrar a legenda, Encontrar o que escrever?

Aluno7 - Aproximadamente a data, eu não botei certinho a data, coloquei “Á, entre essa data e essa data”.

Aluno3 - A minha foi a casa da nação, daí a minha mãe achou no livro a história, mas tipo, na internet, não tinha muita coisa.

Aluna8 – a gente procurou na internet, e a gente não achou, daí a gente perguntou pra mãe dela se ela se recordava de alguma parte da imagem, dai ela acabou ajudando bastante.

Gabrielli - Aí foi tua mãe quem ajudou mais. Vocês procuraram em livro também ou não?

Aluna8 - Não a gente procurou na internet e fez entrevista.

Aluno9 - Eu achei fácil, na minha turma, como já tinha um pessoal que já tinha feito o projeto tinha bastante que tinha feito projeto, bastante gente recordava ali, com bastante, a gente perguntava às vezes pros professores, né e bastante gente recordava, “a, porque eu ainda estudava, e não sei o que lá e tava em construção”. Então bastante gente afirmou que foi no ano de 1994.

Gabrielli - E era meio senso comum, assim.

Aluno9 - É.

Gabrielli - Todo mundo é aqui de araranguá?

Aluno10 - Não.

Gabrielli - Da onde tu é?

Aluna10 - Eu sou do maracajá.

Gabrielli - Tu mora aqui?

Aluna10 - Não, moro lá.

Gabrielli - E pra mexer no site, foi legal, foi tranquilo, foi difícil?

Aluna - Foi chato de digitar o link, porque é muita letra, é muito número e às vezes dava um errinho e aí tinha que fazer de novo

Aluna - (inaudível) A gente não tinha entendido a pergunta, daí a gente acaba pulando aquela pergunta, depois a gente chegou pra professora daí ela disse que aquela pergunta não dava pra gente responder.

Gabrielli - A do site ou a do formulário?

Aluna - Não, do formulário

Gabrielli - A é? daí vocês não conseguiram acessar?

Aluna - Eu fui tentar pelo celular e não consegui, aí a professora J mandou outro link pra gente usar e daí eu fiz o computador.

Gabrielli - Daí tu conseguiu?

Aluna? - É.

Aluno3 - A professora demorou a mandar o link pro nosso gmail, na sala, daí ela mandou um dia antes de acabar as inscrições, pelo menos eu recebi um dia antes.

Gabrielli - Aí ficou meio corrido?

Aluno3 - É, aí eu já fiz a inscrição no dia e escolhi a foto no dia.

Gabrielli - E os professores, acham que ajudaram?

Aluna - A Josi veio várias vezes na sala falando sobre o que a gente tinha que fazer.

Gabrielli - E elas tiravam as dúvidas de vocês? Dentro da sala, fora da sala... Ela disse que teve gente que procurou no facebook ela. Teve gente daqui?

Aluno - Eu só perguntei uma coisa, se era pra colocar entre o dia que começou a ser construído e o dia que finalizou. Daí ela falou que podia colocar as duas.

Gabrielli - E pontos positivos, vocês já conheciam os lugares e as fotos e as pessoas que vocês viram?

Aluna - Eu conhecia, o pessoal bem famoso, né?! Algumas pessoas tipo o Mota e o cara que a gente conversou com o, esse tal de Neri, que era o prefeito da época eu não conhecia quem era, mas...

Aluna - Eu não sabia, daí eu perguntei pros meus pais, eles me ajudaram.

Gabrielli - A então teus pais te ajudaram, teus pais são daqui?

Aluna - Não, são de Sombrio. A gente mora lá.

Gabrielli - Vocês se reconheceram nas fotografias? Tinha algum parente? Tinha alguém tipo um vizinho?

Aluno - Não.

Aluna - Não

Aluna - (inaudível) mais difícil.

Gabrielli - Do centro tinha gente, mas aí tu viste como tá hoje e viu nas fotos a diferença?

Aluna - É, daí a gente lembra “a, aqui antigamente era isso, daí agora é outra coisa e bem diferente”, nem parece...

Gabrielli - Vocês usam bastante tecnologia?

Alunos - Sim.

Gabrielli - Dentro e fora da escola?

Alunos - Sim.

Gabrielli - Mais ou menos que tipo, assim, que vocês usam?

Alunos – computador, datashow... slides dos trabalhos, daí a gente usa muito computador e o celular.

Gabrielli - E a internet, vocês usam mais pra que?

Aluno - Eu uso mais pra estudar.

Aluna – Estudar, conversar com as pessoas.

Gabrielli - Se comunicar também. Se divertir também, não?!

Alunos - Se divertir.

Gabrielli - Alguém aqui tem vídeo game? Joga um joguinho...

Alunos – sim...

Gabrielli - Vocês ficaram com vontade de conhecer o museu, vocês já conheciam? Todo mundo já conhecia o museu?

Alunos - Já.

Aluno – uma vez a gente foi lá.

Gabrielli - Com a escola vocês já tinham ido?

Aluno - aham.

Aluno – um amigo da minha mãe trabalhava lá, daí a gente foi lá pra conhecer.

Gabrielli - A, que legal. E depois que vocês fizeram o projeto, vocês já foram lá?

Aluno - Sim, fui na exposição do Genário Salvador. Pra ver a exposição que foi naquele dia, porque eu já tinha ido outras vezes, mas a exposição desse ano me interessou.

Gabrielli - Sim, é legal porque lá em baixo tu muda a exposição, né?! Tem vários tipos de exposições diferentes.

Gabrielli - O que foi legal de conhecer, o que foi chato de conhecer a história de Araranguá?

Aluno - (inaudível) ficar cada vez mais informado, é uma coisa que a gente adquire conhecimento e acaba pesquisando sobre a história de Araranguá, achei bem interessante.

Gabrielli - E vocês chegaram a comentar com alguém? Que estavam fazendo o projeto. Falaram com mãe, pai.

Aluna – sim...

Aluna – sim. Eles nos ajudaram. E perguntaram o que a gente tava fazendo, né

Gabrielli - Falou com amigos? Conversaram com os colegas, assim, quando tavam fazendo, pra pedir ajuda.

Aluna - sim. A gente perguntava “ah que parte tu ta”...

Aluno – eu não pedi ajuda pra ninguém.

Gabrielli - Vocês participariam de novo?

Alunos - Sim, (inaudível). “Aham!”

Gabrielli - Só por causa do um ponto ou porque foi legal?

Aluna - É interessante, mas o ponto ajuda.

Aluno - (inaudível) foi legal, a gente descobre várias coisas diferentes que não sabia sobre a nossa cidade. Tipo, um livro que a minha mãe pegou pra ler, tinha muitas coisas que eu não sabia sobre a cidade, tipo, não lembro se era uma estátua ou uma construção que foi construído por um vô meu.

Gabrielli - Sério?! Que legal!

Aluno- pai do meu pai.

Aluna - Eu acho muito interessante, porque foi como ele disse, né?! A gente acaba conhecendo coisa que a gente não faz nem ideia que existia, coisas que às vezes foram até demolidas, ou alguma coisa assim, sabe!?

mas eu acho bem interessante, é uma coisa bem positiva, quem tem interesse de correr atrás, quem geralmente gosta mais de história, de coisas assim, corre bem atrás pra ver como era há muitos anos, né.

Gabrielli - E vocês acham que a tecnologia ajudou?

Alunos – sim! Muito! Pra poder buscar o site...

Gabrielli - Pra vocês se comunicarem também?

Alunos – é...

Gabrielli - Vocês querem falar mais alguma coisa? Querem falar alguma coisa do projeto? Dar alguma sugestão, do que vocês acham que a gente podia fazer melhor?

Aluno - fazer de novo.

Gabrielli - Mas igualzinho?

Aluno - Mas é tudo igual

Aluno - A não, a gente pode fazer de outra cidade, qualquer coisa, bota sociologia no meio.

Gabrielli - Sociologia, tu gosta?

Aluno – Mais ou menos...

Aluno - Ah, é porque o I falou “ah, minha matéria não entrou” e não sei o que lá.

Gabrielli - Ah, ele ficou triste, o professor? Tá, então a sugestão seria botar mais gente ainda, mais professor, matemática...

Aluno - (inaudível) matemática, física...

Gabrielli - Como é que a gente podia colocar matemática?

Aluno - A gente (inaudível) calcula o ângulo, a gente bota seno, cosseno e tangente, a gente bota (inaudível), bota física, a gente bota um plano inclinado, bota uma caixa assim, a gente calcula o p_x e p_y , o ângulo p , e química a gente pode ir no laboratório pegar uns negócios lá...

Gabrielli - Então faltou a área de exatas?!

Aluno - Exatas.... A gente pode construir uma casa.

Gabrielli - Fazer uma maquete no que tem na foto.

Aluno - Seria legal.

Gabrielli - Ia ser legal?!

Aluno – ia ser legal, mas ia ser complicado

Gabrielli - Ia ser complicado.

Aluno - Acho que é muito interessante, tu principalmente que faz mestrado, tem o interesse em trabalhar com a história da cidade e envolver o pessoal do colégio no meio, que tem muita gente que não tem interesse e nunca vai saber se não pesquisar. E claro, um ponto na média acaba interessando todo mundo, mais além do interesse do um ponto na média as pessoas acabam descobrindo coisas que ninguém fazia ideia que existia.

Aluno - Tipo, a gente não conhecia quase nada.... a gente não conhecia quase nada da cidade e depois que a gente fez o trabalho a gente começou a conhecer

Gabrielli - Vocês já tinham falado da cidade antes? Em outra disciplina? No ano passado...

Aluno – não...

Aluno - Sexto ano eu acho, sétimo...

Gabrielli - Vocês do sexto ano estão vendo isso?

Aluno -É, algumas coisas... de alguns tempos atrás...

Aluno - Acho que entrava mais no... Araranguá não tava envolvido né, no negócio da farroupilha lá... Mas retrata mais o Rio grande do sul e isso, acho que é a parte que mais trabalha na história porque o restante não... a gente não vê muito aqui.

Gabrielli - E Araranguá é uma cidade muito antiga né? Então tem bastante história, tem bastante coisa pra ver.

Aluno 2 - Até eu ir lá ver no site eu vi que tinha aeroporto aqui, não sabia que tinha aeroporto aqui.

Gabrielli _ Tinha aeroporto aqui!

Aluno - Tinha lá no lagoão atrás do IFSC

Gabrielli - Aham!

Aluno 3 - Também o rio Araranguá tinha aeroporto.

Gabrielli - Tinha cinema, antes.

Aluno 3 - Tinha o cine Roxy, a minha foto seria o cine Roxy, só que daí deu uma complicação, aí não...

Gabrielli - Dai tu trocaste?

Aluno 3 - Daí peguei o banco meridional?

Gabrielli - O que era o banco meridional? Era a casa cultura...

Outro aluno 3 - Exatamente

Gabrielli - que era de outra pessoa

Outro aluno - peguei a casa cultura

Gabrielli - Tu pegou a casa cultura também?

Aluno – aham!

Gabrielli - Quê que tu pegou?

Outro aluno 2 - Eu? O lá da aviação.

Gabrielli - O campo da aviação? Aquela foto daquele avião enorme?

Outro aluno 2 - É.

Gabrielli - E tu, quê que tu pegaste?

Aluno? - essa também.

Gabrielli - Essa também?

Outro aluno 4 - Eu acho que peguei ou biblioteca e coreto, mas acho que foi a biblioteca.

Gabrielli - Mas a biblioteca pública agora é onde era o coreto né?! Que antes era aquele coreto legal que tinha um negócio em cima e agora é só a biblioteca a de baixo.

Gabrielli - Quê que vocês pegaram?

Outro Aluno –A gente pegou enche e antigo centro. (inaudível).

Gabrielli - A na sete de setembro.

Gabrielli - Vocês?

Aluno? - (inaudível) ilhas e uma que eu não lembro o nome...

Gabrielli - Ah, evento de 7 de setembro?

Aluno – é.

Gabrielli - Vocês?

Aluno? - Bom pastor.

Gabrielli - (inaudível)

Gabrielli - Então tá gente, muito obrigada por participar, a gente vai tentar fazer mais, de novo, bastante, que bom que vocês gostaram. Não se esqueçam de olhar o site quando vocês tiverem alguma pesquisa.

Grupo de alunos - (inaudível)

Gabrielli - Claro. Tem um monte de pasta ainda né.

Aluno – Tem um monte de pasta ainda pra fazer. Pode fazer até acabar.

Aluno - pode ser, mas também, acho que tem várias coisas que também dava pra dar uma olhada assim, da uma pesquisada sobre outras coisas, entendeu?! Também dava pra botar no teu projeto, acho que é muito interessante esses projetos (inaudível)

Gabrielli - E esse negócio de colocar as exatas, matemática, física, química. Achei legal!

Alunos - Claro. Óbvio.

Gabrielli - Então tá! Até mais!!! Obrigada!

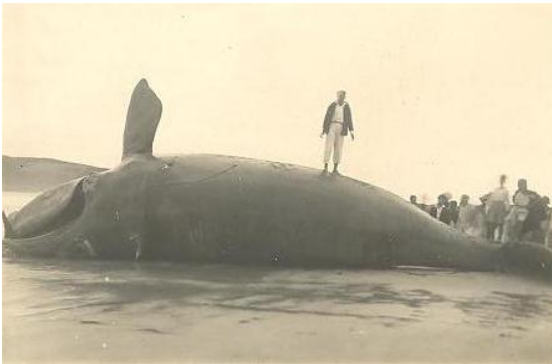
APÊNDICE F – Extrato do Caderno de Atividades do Projeto

Escola do Bal. Arroio do Silva
Total de Alunos participantes: 25
Grupos: 13
Total de fotografias trabalhadas: 9



Vitoria – Foto 50
Entrevistada: Ieda

Como podemos ver na foto esta acontecendo uma festa dos navegantes no ano de mais ou menos 1970 naquela época as pessoas consagravam mais a religião católica.



Bianca, Luiza ,Vitória . – Foto 2
Entrevistada: Sandra

Walter Victor , morador do Arroio do Silva veio contando que vira um monstro no Morro dos Conventos . Mandaram chamar o delegado e foram verificar a história. Na beira mar , avistaram o “monstro” .

Tratava-se de uma baleia morta que , segundo Walter , media 18 metros .Começou a vir gente de caminhão recolher a gordura do grande mamífero ,e também muitos curiosos .Depois de um tempo , o mau cheiro da carniça chegava no Arroio, levado pelo vento .

Sabrina - Foto 2

Fonte Jornaleco, e visita ao Museu de Araranguá

O vendedor de banana que vinha do Mouro para Arroio viu um monstro na beira do mar e levou essa notícia para o arroio quantos pescadores foram ver era uma baleia de 18 metros aproximadamente por falta de conhecimento ele alarmou Arroyo do monstro na beira do mar se tratava de uma baleia.



Daniel – Foto 47

Fonte: revista w3

Campeonato de surf a temporada de verão está repleta de atividades especiais. Entre as inúmeras atrações e opções de lazer, o esporte está também em evidência. Além dos campeonatos de futebol, futsal e de vôlei, o município recebe o Campeonato de Surf de Verão organizado pela Associação de Surf de Balneário Arroio do Silva (ASBAS) que tem o apoio da prefeitura.



Gustavo , Julia, Thalia – Foto 37

Entrevista: Alex e Andreza

A foto representa a imagem de uma Rodoviária que pertencia na época ao bairro de Balneário Arroio de Silva, no município de Araranguá, ali passava ônibus da empresa chamada união. Nesta rodoviária havia um banheiro publico e um bar, com o passar dos anos ela foi passando por varias transformações ali já também já foi uma barbearia, quem cuidava da limpeza deste ambiente era uma funcionaria publica de Araranguá moradora desse município, que se chama Barbara José, hoje já aposentada. A rua que passava em frente da rodoviária não era asfaltada ate 2000. Em 29 de dezembro de 1995 este bairro passou a ser um município emancipado aonde o primeiro prefeito assumir foi Jose Elio Borges (Juca).

Desde então começaram novas transformações em nosso município, através de gestões públicas o município construiu uma nova rodoviária e aonde estava a antiga rodoviária foram feitas muitas reformas e passou a ser um ponto de Apoio ao Turista e o Departamento de Esportes.



Lucas– foto 18

Fonte: Fonte: Vídeo Farol – Morro dos Conventos no Youtube

Inaugurado em 1953 o farol foi feito para a comercialização e exportação de arroz, feijão e soja O farol foi povoado por cavaleiros , que iam pegar o comércio no porto a famosa barra é situado no morro dos conventos.

Henrique,João, Matheus – foto 18

Fonte: Guasca tour

O Farol da Marinha de Araranguá fica no Morro dos Conventos e foi inaugurado em 1953. O farol possui 8 metros de foco em relação ao nível do mar. Ou 83 metros se for acrescida a altura do morro. O alcance luminoso é de 28 milhas marítimas. O farol imite informações aos navios por radar.



Leonardo, Ricarda, Victória Foto – 31
Entrevista Everaldo

Esse era o antigo terminal do Arroio que antes pertencia ao município de Araranguá comparado com o de hoje em dia esse antigo terminal era muito menor naquela época as pessoas não imaginavam que os municípios iriam se separar e nem se na antiga localização do terminal era bem localizada.



Cristian, Matheus e Eduardo– Foto 17
Fonte: <http://pescaplataforma.com.br/a-plataforma>

Em 15/09/1995 uma empresa de Construções Ltda decidiu construir um coquetel para 150 convidados ocorrido no Tênis Clube de Araranguá. Após a desmontagem e retirada da grua, o restaurante e administração foram erguidos, recebendo posteriormente os acabamentos e retoques finais. Nesta imagem podemos ver que a Plataforma ainda esta em desenvolvimento, e ainda não se tornou em a Plataforma de hoje em dia, pois ainda era de madeira. Ainda não avia pescadores no local como hoje.



Paula – Foto 03

Fonte: Revista W3 - Selos para comemorar 100 anos José Genaro Salvador

A foto foi tirada pelo fotógrafo José Genaro Salvador, foi o primeiro fotógrafo de Araranguá e região. Ele fotografou o primeiro avião a pousar em Araranguá que hoje é chamada de Balneário Arroio do Silva. Ele também relatou em suas fotos que tinha semanas que um homem pegava esse avião para ir até Porto Alegre RS, só para comprar uma gravata.

Colégio de Araranguá

Total de Alunos participantes: 136

Total de fotografias trabalhadas: 49

Grupos: 65



Pedro, Artur e Lucca – Pasta: Antigo Centro - Foto: 08

Fonte: Paróquia Nossa Senhora dos Homens livro do autor Eder Mattos
Foto da Casa Paroquial, inaugurada no ano de 1950.

O responsável na época era o Padre Tiago Coccolini. Porém entre a década de 80 e 90 foi alugada para estabelecimentos comerciais, tais como escritório de advocacia, farmácia e auto escola. e no local funcionou por muitos anos a lojinha de artigos religiosos do Sr. Vaninho, uma pessoa extremamente devota da nossa comunidade. após reforma, executada aos cuidados do Sr. Antonio Jose Arcari volta o local a ser exclusivamente Casa Paroquial tal como dias de hoje.

Marcela e Giovana – Pasta: Antigo Centro – Foto: 08
Fonte: Janieri

Por volta do ano de 1980 existia um escritório de advocacia, a farmácia Droga Rio e uma Auto Escola, onde hoje funciona a Casa Paroquial.



Maria, Isabel e Laura - Pasta: Antigo Centro Foto: 22
Fonte: <http://www.nsmhparouquia.com.br/a-parouquia?sa=padroeiro>

A Nossa padroeira, que fica na igreja matriz ao centro de Araranguá, chegou em 1872. Inicialmente a estátua, esculpida na Bahia, havia ficado em Laguna/SC durante meses, até que se decidisse um lugar definitivo. Ao chegar no então distrito, a imagem foi guardada em casas particulares até que a igreja nova, inaugurada em 1902

Flávia, Fernanda, Júlia - Pasta: Antigo Centro – Foto: 22
Fonte: A história de Araranguá

Esta imagem remete ao passado de nossa cidade. A imagem em questão trata-se de uma das principais avenidas de Araranguá, 7 de Setembro. Enquanto algumas cidades tinham um projeto acanhado em relação aos seus traços, a cidade de Araranguá encontrou na pessoa do engenheiro Antônio Lopes de Mesquita bem melhor sorte. Dotado de excelente gosto estético, soube ele delinear em 1886 avenidas e ruas largas, simétricas e retilíneas, a tal ponto que, atualmente, graças a esse trabalho de engenharia estrutural, a cidade de Araranguá, com justo orgulho, pode denominar-se como a "cidade das avenidas". Obedecendo a visão ímpar do engenheiro Antônio Lopes de Mesquita, à municipalidade em todas as épocas, felizmente não se desviou do projeto original de 1886, e limitou-se apenas à ampliá-lo, com o propósito de promover a estética urbanística de Araranguá.



Gabrielly – Pasta: Biblioteca – Foto: 4

Fonte: Jornal da manhã, segunda-feira, 22 de julho de 1998.

BIBLIOTECA É ANTIGO ESPAÇO CULTURAL. A biblioteca foi criada pelo Prefeito Rui Stockler De Souza, que substituiu Caetano Lummertz, a biblioteca nasceu em 1941, mas somente em outubro de 1943 teve sua sede fixa, com a edificação do Coreto.



Victória – Pasta: Campo – Foto: 18

Fonte: Senhores que estavam conversando na praça(Desconhecido)

Vendem coisas de animais e lavoura, tinha cavalos, porcos. era um centro agropecuário.



Larissa – Pasta: Campo de Aviação – Foto: 02

Fonte: Uma historia diferente (o livro de Wladimir Luz)

O campo de aviação, como era mais conhecido, ficava a uns 300 metros da raia. Quando terminou a inauguração, ao levantarem vôo, 2 caíram, mas não morreu ninguém. Já imedios de 1945, a TABA iniciou a linha Rio-Porto Alegre com uma escala em araranguá, aterrissando em nosso rio.



Luiza – Pasta: Campo de Aviação – Foto: 3

Fonte:http://ararangua.ifsc.edu.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1203&Itemid=143

A atual área do IFSC – câmpus Araranguá, constituiu-se no passado em um campo de aviação que recebia, entre as décadas de 1950 e 1960, os vôos regulares da VARIG, então uma das mais importantes operadoras do País. Ainda que de estrutura limitada e com características de campo de aviação, o espaço era a porta de entrada de turistas de diversas regiões, que vinham conhecer as novidades do famoso complexo turístico Morro dos Conventos. Também utilizavam o aeroporto autoridades, empresários e estudantes que se deslocavam para estudar das duas capitais do Sul.

Com o tempo, sem investimentos em sua estrutura em confronto com as exigências por mais segurança, além de medidas restritivas de incentivo por parte do Governo Federal, a partir do início da década de 1960 o aeroporto diminuiu sua operação, até ser desativado para vôos comerciais. Ainda assim, pelas próximas décadas, seria utilizado para decolagem, pouso e guarda de pequenas aeronaves de proprietários locais, além de servir de base de treinamento de paraquedistas.

Eduardo – Pasta: Campo de Aviação – Foto: 3

Fonte:http://ararangua.ifsc.edu.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1203&Itemid=143

A atual área do IFSC – Campus Araranguá, formou - se em um Campo De Aviação, onde era realizado os vôos regulares da VARIG, uma das mais importantes operadoras do país. Mas com o tempo, com a falta de investimentos em suas estruturas, o aeroporto foi diminuindo, até que foi desativado para vôos comerciais. O aeroporto de Araranguá foi

construído em 1936, mas foi só a partir da década de 1950 que o campo de aviação começou a funcionar.

João – Pasta: Campo de Aviação – Foto: 3

Fonte: Entrevista pelo Whatsapp

Essa fotografia foi tirada na década de 1950 e 1960, que hoje esta localizado o prédio do IFSC. O aeroporto também era utilizado por autoridades, empresários e estudantes que se deslocavam para estudar das duas capitais do Sul. A partir do início da década de 1960 o aeroporto diminuiu sua operação, até ser desativada para vôos comerciais.

Amanda, Laura e Yasmim – Pasta: Campo de Aviação – Foto: 3

Fonte: Nereu Bertoncini

A foto em destaque foi tirada em Araranguá SC, no final dos anos 50. O local da foto era o campo de aviação, onde nos dias de hoje encontra-se localizados o IFSC, UFSC, UPA e um trecho da avenida XV de novembro.

Maria e Isabella – Pasta: Campo de Aviação – Foto: 3

Fonte: IFSC

Câmpus Araranguá, constitui-se no passado em um campo de aviação entre as décadas de 1950 e 1960, os vôos regulares da VARIG então uma das mais importantes operadoras do país.

Gustavo – Pasta: Campo de Aviação – Foto: 3

Fonte: *Internet*.

A atual área do IFSC, *campus* de Araranguá, constituiu-se no passado, em um campo de aviação que recebia, entre as décadas de 1950 e 1960 os voos regulares da VARIG, turistas vinham conhecer o complexo turístico Morro dos Conventos

ANEXO A – Plano de Aula Escola Municipal de Educação Básica do Balneário Arroio do Silva/SC

<p>Projeto (Re) Conhecendo Balneário Arroio do Silva</p> <p>PESQUISADORA: Gabrielli Ciasca Veloso PROFESSORES: A; F; G e J TURMAS: Ensino fundamental II (8º e 9º anos)</p>
<p>Período: II trimestre de 2017</p>
<p>Disciplinas: Artes; Geografia; História; Língua Portuguesa.</p>
<p>Tema: Memórias digitais de Araranguá</p>
<p>Objetivo geral: Pesquisar informações por meio de pesquisa, oral, bibliográfica, entre outras, do arquivo histórico cultural digital do município de Araranguá e disponibiliza-las on-line (http://labmidiaeinteratividade.ufsc.br/memoriasdigitais/tdigital/) .</p>
<p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a história do município; • Valorizar o arquivo histórico; • Perceber as transformações do espaço geográfico local; • Utilizar a fotografia como instrumento de registro histórico; • Trabalhar a cultura local; • Reconhecer as relações sociais; • Identificar-se como ser social e agente histórico;
<p>JUSTIFICATIVA:</p> <p>Ao desenvolvermos o conhecimento de sua própria história, possibilitaremos aos alunos um sentimento de pertencimento. Isso será possível pois favorecerá, compreender sua origem e de seu território, compreender a formação do meio em vive e ainda as transformações sociais das paisagens da região ao qual está inserido. Desta forma, valorizará a história de seu município, possibilitando a sua identificação com agente histórico transformante do ambiente em que vive.</p> <p>Procedimentos metodológicos/orientação didática:</p> <p>ETAPA I: Apresentação do projeto aos alunos (cronograma, atividades a serem desenvolvidas, metodologia do IPHAN, avaliação,</p>

etc.), distribuição das pastas de imagens de acordo com o ano dos alunos;

ETAPA II: Período destinado à pesquisa de campo e inserção do conteúdo na página do projeto;

ETAPA III: Aplicação de um questionário, desenvolvido pela pesquisadora, com o objetivo de analisar o impacto do projeto nos alunos e nos professores participantes;

ETAPA IV: Avaliação por parte das professoras e/ou banca avaliadora¹⁴ do trabalho desenvolvido pelos alunos;

ETAPA V: Exposição das fotos e legendas produzidos pelos alunos, apresentação a comunidade escolar dos resultados.

Estratégias/Recursos:

A partir de uma proposta metodológica explicitada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro) que envolve quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais (a saber: observação, registro, exploração e apropriação), o projeto será direcionado pelos professores em sala de aula, de modo a conduzir os alunos a buscar informações relevantes e fidedignas para compor o campo de “informações” disponível nas fotos digitalizadas que atualmente encontram-se em um site desenvolvido por alunos de graduação da UFSC – ARA.

O aluno deverá preencher os itens de uma ficha técnica desenvolvida pelos professores, a fim de estabelecer um padrão das informações recolhidas, bem como sua veracidade, coerência e concisão. Os recursos necessários para este projeto são os computadores disponíveis na escola e internet.

Cada professor, em sua disciplina terá acesso a esta ficha e avaliará de acordo com os critérios sugeridos pelo IPHAN para então dispor de uma nota para os alunos participantes.

Ao final do processo de inserção das informações no site, alunos e professores serão convidados a responder um questionário que busca evidenciar a importância e a relevância do projeto desenvolvido.

Por fim, será realizado um evento de exposição dos resultados alcançados pelos alunos, na escola. Este evento busca congratular os

¹⁴

Grupo de pessoas da cidade que possam contribuir com seus conhecimentos sobre a história do município, para definição de “banca”.

<p>alunos participantes, e envolver a comunidade escolar como um todo, a fim de gerar uma onda de interesse no patrimônio público cultural do município e conseqüentemente seu interesse em conhecer a sua história e visitar o museu.</p>
<p>Avaliação: O aluno participante que atingir os objetivos propostos terá direito a 1,0 (um) ponto na média do II trimestre nas disciplinas participantes do projeto.</p>
<p>Período: II trimestre de 2017</p>
<p>Disciplinas: Artes; Geografia; História; Língua Portuguesa.</p>
<p>Tema: Memórias digitais de Araranguá</p>
<p>Objetivo geral: Pesquisar informações por meio de pesquisa, oral, bibliográfica, entre outras, do arquivo histórico cultural digital do município de Araranguá e disponibiliza-las on-line (http://labmidiaeinteratividade.ufsc.br/memoriasdigitais/tdigital/).</p>
<p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a história do município; • Valorizar o arquivo histórico; • Perceber as transformações do espaço geográfico local; • Utilizar a fotografia como instrumento de registro histórico; • Trabalhar a cultura local; • Reconhecer as relações sociais; • Identificar-se como ser social e agente histórico.
<p>JUSTIFICATIVA: Ao desenvolvermos o conhecimento de sua própria história, possibilitaremos aos alunos um sentimento de pertencimento. Isso será possível pois favorecerá, compreender sua origem e de seu território, compreender a formação do meio em vive e ainda as transformações sociais das paisagens da região ao qual está inserido. Desta forma, valorizará a história de seu município, possibilitando a sua identificação com agente histórico transformante do ambiente em que vive.</p> <p>Procedimentos metodológicos/orientação didática:</p>

ETAPA I: Apresentação do projeto aos alunos (cronograma, atividades a serem desenvolvidas, metodologia do IPHAN, avaliação, etc.), distribuição das pastas de imagens de acordo com o ano dos alunos;

ETAPA II: Período destinado à pesquisa de campo e inserção do conteúdo na página do projeto;

ETAPA III: Aplicação de um questionário, desenvolvido pela pesquisadora, com o objetivo de analisar o impacto do projeto nos alunos e nos professores participantes;

ETAPA IV: Avaliação por parte das professoras e/ou banca avaliadora¹⁵ do trabalho desenvolvido pelos alunos;

ETAPA V: Exposição das fotos e legendas produzidos pelos alunos, apresentação a comunidade escolar dos resultados.

Estratégias/Recursos:

A partir de uma proposta metodológica explicitada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro) que envolve quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais (a saber: observação, registro, exploração e apropriação), o projeto será direcionado pelos professores em sala de aula, de modo a conduzir os alunos a buscar informações relevantes e fidedignas para compor o campo de “informações” disponível nas fotos digitalizadas que atualmente encontram-se em um site desenvolvido por alunos de graduação da UFSC – ARA.

O aluno deverá preencher os itens de uma ficha técnica desenvolvida pelos professores, a fim de estabelecer um padrão das informações recolhidas, bem como sua veracidade, coerência e concisão. Os recursos necessários para este projeto são os computadores disponíveis na escola e internet.

Cada professor, em sua disciplina terá acesso a esta ficha e avaliará de acordo com os critérios sugeridos pelo IPHAN para então dispor de uma nota para os alunos participantes.

Ao final do processo de inserção das informações no site, alunos e professores serão convidados a responder um questionário que busca evidenciar a importância e a relevância do projeto desenvolvido.

Por fim, será realizado um evento de exposição dos resultados

¹⁵ Grupo de pessoas da cidade que possam contribuir com seus conhecimentos sobre a história do município, para definição de “banca”.

alcançados pelos alunos, na escola. Este evento busca congratular os alunos participantes, e envolver a comunidade escolar como um todo, a fim de gerar uma onda de interesse no patrimônio público cultural do município e conseqüentemente seu interesse em conhecer a sua história e visitar o museu.

Avaliação:

O aluno participante que atingir os objetivos propostos terá direito a 1,0 (um) ponto na média do II trimestre nas disciplinas participantes do projeto.

ANEXO B – Plano de Aula do Colégio de Araranguá/SC

<p>Projeto (Re) Conhecendo Araranguá Plano de Trabalho nas Escolas</p> <p>PESQUISADORA: Gabrielli Ciasca Veloso PROFESSORES DA REDE DE EDUCAÇÃO BÁSICA: A; C; D; B; E; G; J; M; T. TURMAS: Ensino fundamental II (6º ao 9º anos) Ensino médio (1º e 2ºanos)</p>
<p>Período: I trimestre de 2017 (de 13/02 a 03/05), uma vez que esse assunto é abordado no início do período letivo.</p>
<p>Disciplinas: Artes; Filosofia; Geografia; História; Produção Textual.</p>
<p>Tema: Memórias digitais de Araranguá</p>
<p>Objetivo geral: Selecionar informações por meio de pesquisa, oral, bibliográfica, entre outras, do arquivo histórico cultural digital do município de Araranguá e disponibiliza-las on-line (http://labmidiaeinteratividade.ufsc.br/memoriasdigitais/tdigital/) .</p>
<p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Conhecer a história do município;• Valorizar o arquivo histórico;• Perceber as transformações do espaço geográfico local;• Reconhecer as relações sociais;• Identificar-se como ser social e agente histórico;

Procedimentos metodológicos/orientação didática:

(13 a 27 de fevereiro): Apresentação do projeto aos alunos (cronograma, atividades a serem desenvolvidas, avaliação, etc.), inscrição dos alunos interessados via blog <https://geonasaladeaula.wordpress.com/>, distribuição das pastas de imagens de acordo com o ano dos alunos;

(27/02 a 27/03) Período destinado à pesquisa de campo e inserção do conteúdo na página do projeto;

(27/03 a 31/03) Aplicação de um questionário, desenvolvido pela pesquisadora, com o objetivo de analisar o impacto do projeto nos alunos e nos professores participantes;

(28/03 a 28/04) Avaliação por parte das professoras e/ou banca avaliadora¹⁶ do trabalho desenvolvido pelos alunos;

(03/05) Noite de apresentação a comunidade escolar dos resultados (Ou, se possível, diminuir o prazo para acontecer na semana do município).

Estratégias/Recursos:

A partir de uma proposta metodológica explicitada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro) que envolve quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais (a saber: observação, registro, exploração e apropriação), o projeto será direcionado pelos professores em sala de aula, de modo a conduzir os alunos a buscar informações relevantes e fidedignas para compor o campo de “informações” disponível nas fotos digitalizadas que atualmente encontram-se em um site desenvolvido por alunos de graduação da UFSC – ARA.

O aluno deverá preencher os itens de uma ficha técnica desenvolvida pela pesquisadora, a fim de estabelecer um padrão das informações recolhidas, bem como sua veracidade, coerência e

¹⁶ Sugestões de nomes de pessoas da cidade que possam contribuir, para definição de “banca”.

concisão. Os recursos necessários para este projeto são os computadores disponíveis na escola e internet.

Cada professor de cada disciplina terá acesso a esta ficha e avaliará de acordo com os critérios sugeridos pelo IPHAN para então dispor de uma nota para os alunos participantes.

Ao final do processo de inserção das informações no site, alunos e professores serão convidados a responder um questionário que busca evidenciar a importância e a relevância do projeto desenvolvido.

Por fim, será realizado um evento de exposição dos resultados alcançados pelos alunos, na escola. Este evento busca congratular os alunos participantes, e envolver a comunidade escolar como um todo, a fim de gerar uma onda de interesse no patrimônio público cultural do município e conseqüentemente seu interesse em conhecer a sua história e visitar o museu.

Avaliação:

O aluno participante que atingir os objetivos propostos terá direito a 1,0 (um) ponto na média do I trimestre nas disciplinas participantes do projeto.

ANEXO C – Regimento Interno da III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá – SC

REGIMENTO INTERNO DA III CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA DE ARARANGUÁ - SC

CAPÍTULO I - Da Promoção, Sede, Data e Local

Art. 1º A III Conferência Municipal de Cultura, promovida pela Prefeitura Municipal do município de Araranguá – SC, por meio do Departamento de Cultura, com a participação ampla da sociedade civil e poderes constituídos, acontecerá no dia 07 de abril do corrente ano, das 8h às 17h, no Auditório Plínio W. Linhares anexo ao Center Shopping Araranguá, situado na Av. Sete de Setembro, nº 705, Araranguá.

CAPÍTULO II - Dos Objetivos

Art. 2º A III Conferência Municipal de Cultura terá os seguintes objetivos:

- I - propor estratégias de aprimoramento da articulação e cooperação institucional entre os entes federativos e destes com a sociedade civil, povos e comunidades tradicionais que dinamizam os sistemas de participação e controle social na gestão das políticas públicas de cultura para implementação e consolidação dos Sistemas Nacionais, Estaduais, Municipais e Setoriais de Cultura, envolvendo os respectivos componentes;
- II - avaliar a execução das Metas e resultados do Plano Municipal de Cultura a partir dos dados da II Conferência de Cultura de Araranguá.
- III - debater experiências da implementação do Plano Municipal de Cultura e socializar metodologias e conhecimentos;
- IV - propor estratégias para o reconhecimento e o fortalecimento da cultura como um dos fatores determinantes do desenvolvimento sustentável;
- V - promover o debate, intercâmbio e compartilhamento de conhecimentos, linguagens e práticas, valorizando o fomento, a formação, a criação, a divulgação

e preservação da diversidade das expressões e o pluralismo das opiniões nos grupos de trabalho;

VI - propor estratégias para proporcionar aos fazedores de cultura o acesso aos meios de produção, assim como propor estratégias para universalizar o acesso dos brasileiros à produção e à fruição dos bens, serviços e espaços culturais;

VII - revisar, discutir e propor ações a partir das cinco diretrizes e prioridades elencadas na II Conferência Municipal de Cultura de Araranguá, sendo elas:

- a) organizar e sistematizar a Gestão Pública da Cultura no município;
 - b) promover ações que resultem na preservação do patrimônio cultural material e imaterial do município;
 - c) criar mecanismos de fomento ao desenvolvimento artístico-cultural;
 - d) promover ações de integração entre economia, cultura e turismo buscando consolidar produtos culturais gerando, assim, renda e desenvolvimento;
 - e) sistematizar mecanismos de divulgação, comunicação e fruição da cultura local;
- VIII - Eleger os membros do Conselho Municipal de Política Cultural do município de Araranguá.

CAPÍTULO III - Do Temário

Art. 3º O tema geral da III Conferência Municipal de Cultura será "Arte, Cultura e Desenvolvimento".

Parágrafo único. Os eixos a serem trabalhados estão dispostos na II conferência e servirão como parâmetro e referência para o aprimoramento das diretrizes da política cultural estabelecida no Plano Municipal de Cultura do município de Araranguá.

Art. 4º O Sistema Nacional de Cultura, organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, institui um processo de gestão e promoção conjunta de políticas públicas de cultura, democráticas e

permanentes, pactuadas entre os entes da federação e a sociedade, tendo por objetivo promover o desenvolvimento – humano, social e econômico – com pleno exercício dos direitos culturais.

§ 1º O Sistema Nacional de Cultura fundamenta-se na Política Nacional de Cultura e nas suas diretrizes, estabelecidas no Plano Nacional de Cultura, e rege-se pelos seguintes princípios:

- I - diversidade das expressões culturais;
 - II - universalização do acesso aos bens e serviços culturais;
 - III - fomento à produção, difusão e circulação de conhecimento e bens culturais;
 - IV - cooperação entre os entes federados, os agentes públicos e privados atuantes na área cultural;
 - V - integração e interação na execução das políticas, programas, projetos e ações desenvolvidas;
 - VI - complementaridade nos papéis dos agentes culturais;
 - VII - transversalidade das políticas culturais;
 - VIII - autonomia dos entes federados e das instituições da sociedade civil;
 - IX - transparência e compartilhamento das informações;
 - X - democratização dos processos decisórios com participação e controle social;
 - XI - descentralização articulada e pactuada da gestão, dos recursos e das ações;
 - XII - ampliação progressiva dos recursos contidos nos orçamentos públicos para a cultura.
- § 2º Constitui a estrutura do Sistema Nacional de Cultura, nas respectivas esferas da federação:
- I - órgãos gestores da cultura;
 - II - conselhos de política cultural;

<p>III - conferências de cultura; IV - comissões intergestoras; V - planos de cultura; VI - sistemas de financiamento à cultura; VII - sistemas de informações e indicadores culturais; VIII - programas de formação na área da cultura; e IX - sistemas setoriais de cultura.</p>	<p>Art. 8º A Conferência Municipal de Cultura terá a seguinte organização:</p> <p>I - inscrição; II - credenciamento; III - sessão solene de abertura; IV - apresentações culturais; V - plenária de aprovação do regimento interno; VI - palestrantes (apresentação das diretrizes e prioridades); VII - encaminhamento dos Grupos de trabalho previamente credenciados; VIII - intervalo para almoço; IX - plenária por grupo de trabalho, para apreciação e definição coletiva das proposições; X - plenária geral para apreciação e aprovação coletiva das proposições; XI - eleição dos membros do Conselho Municipal de Políticas Culturais; XII - sessão solene de encerramento.</p>	<p>Art. 12 As deliberações da III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá têm caráter propositiva, contribuindo para o aprimoramento das diretrizes da política cultural do Município, que serão considerados pelo Conselho Municipal de Políticas Culturais para as deliberações pertinentes.</p>
<p>CAPÍTULO IV - Da Organização e Funcionamento</p> <p>Art. 5º Serão membros da III Conferência Municipal de Cultura do Município de Araranguá o público em geral e os membros do comitê organizador desde que previamente inscritos.</p> <p>§ 1º A participação na Conferência é facultada a qualquer pessoa interessada em debater questões relativas à política municipal de cultura e ao cotidiano cultural do município, de acordo com a metodologia proposta pelo comitê organizador da III Conferência.</p> <p>§ 2º Ao público em geral será permitido o acesso à sala de abertura, à palestra, aos painéis, atividades artísticas-culturais, bem como aos grupos de discussão e às atividades em plenária.</p> <p>§ 3º Terão acesso aos grupos de trabalho e plenária geral, para apreciação coletiva das propostas apresentadas todos que previamente tenham se inscrito nos grupos de trabalho. O representante de cada grupo será o membro do comitê que apresentará as propostas em plenária.</p> <p>Art. 6º A inscrição será submetida pelo formulário online disponível no site da prefeitura Municipal de Araranguá (até 18h do dia 06 de abril), ou no Centro Cultural Máxima Astróloga de Souza, localizada na Praça Hercílio Luz, 144 (até 18h do dia 06 de abril), ou no dia e local do evento, a partir das 8 horas.</p> <p>Art. 7º O credenciamento dar-se-á das 8h às 8h30min do dia 07 de Abril de 2018, no local do evento.</p>	<p>Art. 13 A III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá será administrada por um comitê intermunicipal organizador indicado pelo Departamento de Cultura e por sua representante legal.</p>	<p>CAPÍTULO V - Da Coordenação Executiva ou Organizadora</p> <p>Art. 13 A III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá será administrada por um comitê intermunicipal organizador indicado pelo Departamento de Cultura e por sua representante legal.</p>
<p>CAPÍTULO VI - Das Disposições Gerais e Transitórias</p> <p>Art. 14 Terão direito ao certificado de participação os inscritos que tenham frequentado pelo menos 80% (oitenta por cento) das sessões da III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá.</p> <p>Art. 15 Será considerado descredenciado o inscrito que passar seu crachá para terceiros.</p> <p>Art. 16 A apresentação de moções só será aceita por escrito e submetida à aprovação da plenária.</p> <p>Art. 17 A III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá será validada em plenária e apresentada ao gestor público, através de ofício relatando as suas conclusões e deliberações.</p> <p>Art. 18 Os nomes dos Conselheiros eleitos serão encaminhados ao gestor municipal para a elaboração do decreto de nomeação dos mesmos.</p> <p>Art. 19 Os casos omissos, não previstos neste regimento, serão resolvidos pelo comitê organizador da III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá.</p> <p>Araranguá, 01 de março de 2018.</p>	<p>Art. 9º As apreciação das proposições ocorrerão durante a plenária geral da Conferência.</p> <p>§ 1º As propostas que sofrerem destaques nas plenárias terão assegurado o direito a uma intervenção a favor e uma contrária com duração de 3 (três) minutos.</p> <p>§ 2º Serão acatados os recursos encaminhados à mesa, por escrito, e aprovados pela plenária.</p> <p>Art. 10 Os grupos de trabalho têm por finalidade a discussão das diretrizes e prioridades específicas apresentadas na III Conferência e o encaminhamento de propostas para apresentação em plenária.</p> <p>Art. 11 Na plenária geral serão aprovadas as propostas que obtiverem maioria simples (50%+1) dos participantes presentes.</p>	<p>Art. 12 As deliberações da III Conferência Municipal de Cultura de Araranguá têm caráter propositiva, contribuindo para o aprimoramento das diretrizes da política cultural do Município, que serão considerados pelo Conselho Municipal de Políticas Culturais para as deliberações pertinentes.</p>